3 1761 07149317 5

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/descripotopo00azev

DESCRIPÇÃO

TOPOGRAPHICA, E HISTORICA

DE

VILLA NOVA DE GAYA.

DESCRIPÇÃO TOPOGRAPHICA

DE

VILLA NOVA DE GAYA

E DA

Festividade, que em acção de graças pela restauração de Portugal se celebrou na Igreja matriz em 11 de dezembro de 1808

POR

João Antonio Monteiro d'Azevedo,
Cidadão da Cidade do Porto, e cavalleiro da Ordem de S. Thiago

---

ACCRESCENTADA COM MUITOS ADDITAMENTOS, E NOTICIAS INTERESSANTES SOBRE A SUA HISTORIA

POR

Manoel Rodrigues dos Santos,
Condecorado com a medalha das campanhas da liberdade algarismo 3, e natural da mesma Villa.

1.ª Edição – Porto – 1861

AGORA MAIS ACCRESCENTADA COM A

Noticia d'algum dos mais importantes acontecimentos do seculo presente, que supposto respeitam ao Universo inteiro, e a toda a Nação Portugueza, tambem Villa Nova de Gaya teve parte n'elles, como alli se verá: e conclue com o magnifico poemetto do nosso insigne e talentoso Visconde d'Almeida Garrett, no qual este eximio poeta canta em verso rimado a legenda popular do sitio e castello de Gaya, que é tambem um e o derradeiro dos attributos heraldicos, de que se compõem o glorioso brazão d'armas d'esta Villa.

2.ª Edição pelo A. da precedente

PORTO
IMPRENSA REAL
DE PEREIRA DA SILVA
43, Praça de Santa Thereza, 45
1881

LIBRARY
UNIVERSITY OF TORONTO
DP
802
V583A94
1881

Tirar do esquecimento acções grandes, e leval-as ao conhecimento do publico por meio da historia é uma virtude.

Aos Snrs. Drs. Francisco Ferreira da Cunha, e Alcino Ferreira da Cunha

---

Ex.mos Snrs.:

Á mingoa d'outros recursos, com que se podesse affirmar no futuro a ideia da minha passada existencia, eu conheci sempre, que o meu coração era dominado por um sentimento, a que o senso commum dá o nome d'amor patrio, e cujas aspirações tendiam ao engrandecimento, e bom conceito da terra, que me vio nascer.

Em harmonia pois com aquelle sentimento escrevi, e publiquei a Historia de Villa Nova de Gaya, que refere o mais importante da sua vida até o dia 1.º de Janeiro de 1861.

Grandes cousas porém se tem passado desde aquella epocha até hoje; e que tornam o seculo presente muito notavel para a apreciação das idades futuras.

N'estes termos determinei-me a ampliar aquella n'uma 2.ª edição, descrevendo d'entre ellas os acontecimentos mais transcendentes, e de mais elevado alcance, com que se honra a nossa idade: e supposto elles comprehendem o Universo inteiro, e toda a nação portugueza, tambem Villa Nova de Gaya teve parte n'elles, como alli se verá.

Para a publicação d'este trabalho tive a vantagem de ser grandemente coadjuvado por V. Ex.as, que muito illustram esta terra, porque d'ella procederam; e eu para mostrar tambem, que conheço, que é a gratidão a virtude mais nobre do coração humano; rogo com todo o respeito a V. Ex.as, que se dignem conceder me a honra de acceitar a sua dedicação para credito e bom acolhimento da mesma: e na certeza de tão elevada mercê me considero.

De V. Ex.as

Servo o mais attencioso e obrigado.

Villa Nova de Gaya
20 de Junho de 1881.

Manoel Rodrigues dos Santos.

AOS VILLANOVENSES

PARA SERVIR DE INTRODUCÇÃO.

Sendo, meus caros e muito illustres patricios, esta muito nobre, e sempre distincta Villa uma das mais notaveis de Portugal, e a quem sobejam os mais justos e plausiveis motivos de aspirar ás honras, e cathegoria de cidade, podendo até competir com muitas do Reino, ás quaes ella leva em tudo nma vantagem muito superior; pois que se vê aqui, e se encontra a nobreza dos edificios, o fausto dos seus moradores; o genio activo e laborioso, que os caracterisa; a pompa luzida, e magnifica das suas funcções; o commercio que exercem, a industria n'uma escala amplissima; uma população assaz numerosa, e que ministra ao thesouro largos recursos, no que respeita ás rendas publicas: accrescendo a estas circumstancias, que já por si só eram sufficientes para constituirem grande esta Villa, outras, que merecem nada menos que aquellas, ser do mesmo modo contempladas, como são: o ser esta Villa a capital do rico e populoso concelho de Gaya; o riquissimo deposito dos generosos vinhos do Douro,

cujo valor sobe a muitos milhões de cruzados; um ponto militar de 1.ª ordem, já por que tem em si a famosa fortaleza da Serra do Pilar, collocada como uma sentinella sempre vigilante á segurança da cidade do Porto, caso provado; já porque a mesma Villa está na posse antiga e immemorial de prestar em seus lares hospitaleiro descanço aos corpos militares no seu transito — excedendo toda a expressão os sacrificios desta especie, porque tem passado os seus habitantes: demais d'isso porque foi sempre o berço de homens muito illustres em sciencia e dignidade, e bem assim de outros muitos assaz recommendaveis por seus feitos d'armas: e tambem pela sua historica, e antiquissima fundação; pela soberana cathegoria de seu fundador; e ainda mais porque tomou uma parte, por ventura a mais importante na ultima lucta, que trouce a este paiz o systema representativo, e restaurou os antigos foros da Nação Portugueza; ainda mesmo sem fallar nas epocas anteriores, em que esta Villa e o povo della se distinguiu sempre por seu valor, e patriotismo, como se mostra, na falta d'outros escriptos, dos documentos officiaes daquelles tempos. Sendo, digo, Villa Nova de Gaya tão benemerita, e tão distincta por tantos titulos de nobreza, e por todos aquelles motivos, que venho de innumerar, os quaes por certo a caracterisam grande e muito illustre; assim como por outros mais que deixo de referir; Villa Nova de Gaya ainda até hoje não achou uma penna que descrevesse circumstanciada e devidamente tanta

dignidade e tanta gloria! Temos, sim, poucos escriptos que se referem a algum facto, ou a alguma funcção especial, porque estas costumam ser aqui tão sumptuosas, e tão magnificas, que dão sempre na vista dos homens intelligentes. Tambem temos a obra de João Antonio Monteiro d'Azevedo, natural da cidade do Porto, intitulada — *Descripção Topographica de Villa Nova de Gaya* — e impressa no anno de 1813, a qual supposto tem por objecto principal dar noticia da funcção que se celebrou na matriz de Santa Marinha por motivo da restauração do Reino depois da occupação franceza, relatou tambem, mas muito succintamente, o que fôra outr'ora Villa Nova de Gaya, e o caracter dos seus habitantes.

Esta falta porém que eu sinto, e que todos conhecem, não a posso eu remediar. Supposto sobejem em mim os desejos de o fazer, porque desta obra resultaria bastante gloria ao seu author pela dignidade do objecto, é comtudo muito obvia a razão porque o não faço; e esta é nada menos que a deficiencia dos conhecimentos precisos para desempenhar cabalmente uma empreza, que as minhas forças não podem superar. Porém desejando eu, não obstante isso tributar uma homenagem, ainda que breve, ao amor da minha patria, que muito préso, sempre farei por ella algum serviço; e terei summo prazer em que este sirva ao menos por imperfeito, de estimular os brios de uma penna habil, que emendando os meus erros, mas com a indulgencia que mereço pela ingenuidade da minha confissão

levante um padrão de gloria a esta terra abençoada, que afóra outros muitos motivos de nobreza, com que se honra, tem sido o berço de filhos muito illustres.

Sim, meus estimaveis patricios, eu desejaria muito fruir a gloria de ser o historiador dos nobres feitos com que tendes illustrado a patria; mas privado dessa honra pelas razões dadas, limito-me a lançar mão da obra de João Antonio Monteiro d'Azevedo, e reproduzil-a aqui, não confusamente como está escripta, mas devidamente capitulada. E para que se não diga que eu pertendo roubar a gloria alheia, isto é, que quero fazer meu o que é de outrem, declaro formalmente que eu não escrevo uma historia nova desta Villa, mas sim que faço uma ampliação, ou additamento á descripção que aquelle escreveu; porque isto mesmo é mais facil, como diz Lourenço Gracian no seu Tractado de Conceitos — *Facil es adelantar lo começado; arduo el inventar, y despues de tanto cerca de insuperable: aunque no todo lo que se prosigue se adelanta.* — E então proseguindo n'estes termos, adiantarei o começado, dando conta do que elle deixou de referir, e ampliando o referido.

Cumpre notar aqui, que desde 1813 até 32 esta Villa permaneceu no *statu quo* daquella descripção; mas desde então até hoje ella tem recebido muitas e grandes alterações, e farei dellas a referencia competente: e bem assim dos ultimos memoraveis acontecimentos, que tendo mudado a face a toda a ordem social do nosso

paiz. tambem affectaram grandemente esta Villa, que tomou n'ellas uma parte muito importante.

Ampliei esta obra com muitas noticias curiosas, e assaz importantes, como vereis da sua leitura; e todas ellas tem relação com esta Villa.

Tambem expuz a biographia de muitos dos nossos mais distinctos patricios, que se tem illustrado com os seus nobres feitos e relevantes serviços. E se na exibição destes não fiz sobresahir o seu merito transcendente tão circumstanciadamente, e com aquella nitidez que exige um assumpto de tão alto preço, peço que me desculpem; porque o meu maior empenho e principal objecto, foi fazer conhecer que de todas as virtudes com que elles se recommendam na sociedade, é o amor patrio a mais saliente.

Foi juntamente enriquecida com a descripção da magestosa e sumptuosissima funcção, que se celebrou aqui no dia 3 de Maio de 1739, tributada em reverente obsequio e respeitosa homenagem á preciosissima Imagem do Senhor Jesus, que temos a felicidade de possuir n'esta Villa por nosso patrono e advogado, e por cuja medeação temos alcançado tantas vezes da Misericordia Divina os mais assignalados beneficios; devendo notar-se n'este caso a extrema devoção com que os nossos Antepassados cuidavam do culto religioso desta sagrada Imagem. Legou-nos esta noticia o illm.° D. João Theotonio d'Almeida, neto do conde das Galveias, que foi um modêlo de virtudes em todos os estados da sociedade — foi um cidadão honrado, um sol-

dado valente, e um ecclesiastico exemplar e perfeito.

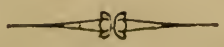
Agora offerece-se-me noticiar-vos, que na necessidade de escolher um patrono que ampare com o seu bom nome, e recommende a minha obra, logo me determinei a eleger o nosso muito illustre e muito distincto patricio o Emminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa — este insigne varão, que é a honra e gloria desta Villa; e que no governo das differentes diocezes que tem tido a ventura de possuir tão benemerito e virtuoso Prelado, assim como nas altas e muito honrosas dignidades com que tem illustrado a patria, tem feito notar e admirar a rectissima intenção, a summa prudencia, e a judiciosa resolução com que tem introduzido muitos melhoramentos, e emprehendido reformas salutares em prol da Religião e bem do Estado, algumas das quaes se tem adoptado depois, como medidas geraes para o explendor de toda a Igreja Lusitana, da qual hoje felizmente é elle o chefe. Ora, tendo attenção a estes poderosos motivos, espero que bemdireis todos a minha escolha.

Sinto porém, que este meu trabalho seja tão diminuto, e por essa razão menos digno da protecção de tão illustre personagem; no entretanto suavisa-me a idêa de que, se elle é diminuto, é só pelo que respeita ao offerente; porque em quanto ao objecto, é sobremaneira grande, pois tracta nada menos que da sua mesma patria. Por isso estou certo que se dignará acolhel-o com aquella benignidade e

amor patrio que tanto adorna e innobrece o seu coração.

Em conclusão tenho a dizer-vos, que aquelle ultimo e nobre sentimento — o amor patrio, anima tambem o meu coração, e me leva a confessar-vos que

«Sempre a minha terra amei e a minha gente».



A SUA EMMINENCIA

O Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa.

EMMINENTISSIMO SENHOR:

A falta que temos de um escripto que recolhendo os successos historicos da nossa patria, leve noticia d'elles á posteridade, mórmente desde 1813, pois que até alli teve cuidado de os recolher João Antonio Monteiro d'Azevedo, natural da cidade do Porto, despertou em mim o desejo de emprehender esta obra; mas conhecendo eu depois que ella era muito superior ás minhas debeis forças, resolvi reproduzir aquillo mesmo que elle já disse; porque são hoje rarissimos os exemplares d'aquella obra, e addicionar-lhe o mais que tem sobrevindo com o volver dos tempos.

Muitos porém, que me conhecem, appellidarão ainda de temeraria a minha ouzadia, (no que eu tambem concordo), mas esses mesmos tem de relevar-me por muitas razões: — 1.ª,

porque me leva a tanto o amor patrio : — 2.ª, porque confio muito na benevolencia publica, confessando eu a minha deficiencia : — e 3.ª finalmente, porque hão-de respeitar o Nome Illustre de Vossa Emminencia, que eu tenho a muito distincta honra de associar a esta obra.

Sim, Emminentissimo Senhor, desde o instante em que eu tive aquelle pensamento, tive tambem este de escolher a Vossa Emminencia por meu patrono ; e dedicando eu a Vossa Emminencia este pequeno serviço, não faço mais que tributar-lhe uma breve mas muito sincera homenagem do amor que sempre consagrei á Pessoa de Vossa Emminencia, assim como dos respeitos, que tenho pelas suas eminentes virtudes, e profundo saber : pois é bem certo, e Vossa Emminencia não ignora, que a prova mais evidente

do amor são as dadivas — *probatio dilectionis exhibitio est operis.*

Assim, tendo eu a certeza de que Vossa Emminencia se dignou prestar a sua valiosa protecção a esta pequena obra, que é comtudo grande no seu objecto, eu desde logo fico seguro, não só de que ella está a coberto dos tiros da calumnia, mas tambem de que eu estou bem recompensado com a honra que me resulta de beijar o Anel Pastoral e assignar-me com o mais profundo respeito

De V. Em.cia

Patricio e servo o mais humilde,

Manoel Rodrigues dos Santos.

A SUA ALTEZA REAL

O Principe Regente Nosso Senhor.

SENHOR :

Um Vassallo, o mais abjecto de Vossa Alteza Real, mas que a nenhum outro reconhece vantagem na fidelidade e amor aos seus Soberanos, toma a liberdade de ir deste modo não só curvar-se ante o Regio Throno, mas de offerecer a Vossa Alteza Real esta futil producção do seu engenho, como uma devida homenagem, tributada á soberania, e como um signal de adhesão, que a Vossa Alteza Real consagra. Digne-se pois Vossa Alteza Real acolher benignamente um escripto, que ainda que ignobil pelo volume, e muito mais pelo seu author, merece a protecção de Vossa Alteza Real, tanto pela dignidade do seu objecto, como pelo enthusiasmo que me inflamma de offerecel-o a V. A. Real.

Se o meu opusculo, Senhor, conseguir tamanha dita, tornar-se-ha collossal a minha justa vaidade: e se V. A. Real se dignar de lêr

ou todo ou parte d'elle, bemdirei sempre o feliz momento em que eu projectei compol-o; pois que me grangeou a ventura não só de entreter por alguns minutos o illustre espirito de Vossa Alteza Real, mas de fazer publicos alguns factos que não deixam de interessal-a, e maiormente as duas cartas regias, com que em 13 de Maio do corrente anno (dia faustissimo para os Lusitanos, e especialmente para os fieis Portuenses) se dignou honrar V. A. R. o Clero e Camara da cidade do Porto, e que pelo sublime objecto que as motivou, farão não só uma gloriosa epoca nos fastos da mesma cidade, mas tornarão cara cada vez mais a suave memoria de V. A. Real.

Queira pois o Ente Supremo que os meus votos se realisem, e principalmente os que eu indico na ultima pagina deste opusculo. Se succeder assim, como espero, terei ainda o doce

prazer, não só de vêr a V. A. Real no ditoso solo em que nascêra, mas de vêr extincta com sua Augusta Presença a cruel saudade que nos devora, e cobertos de gala uns corações que até ahi arrastavam o mais pezado lucto. Assim o disponha quanto antes o Todo-Poderoso, e faça prolongar pelos annos de Nestor a preciosa existencia de V. A Real para gloria da Lusa monarchia, felicidade de todos os Portuguezes, e completa satisfação deste, que pelo mais sagrado de todos os deveres, protesta ser sempre

De V. Alteza Real

Vassallo o mais submisso e mais leal,

João Antonio Monteiro d'Azevedo.

*

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Imprimindo-se pela primeira vez a Descripção de Villa Nova, pouco antes de ser occupada por Soult, cuja epoca e a da sua restauração mereciam em seus annaes um lugar distincto, tendo-se na mesma Descripção apontado alguns factos, que ou por se tornarem ao depois duvidosos, ou por soffrerem alterações sensiveis, tinham necessidade de ser retocados; accrescendo além d'isto muitas noticias de novo, que tanto por sua raridade, como por lhe serem relativas, deviam de justiça addiccionar-se-lhe: estes graves motivos, e o estar quasi gasta a primeira edição, me estimularam o desejo de fazel-a reimprimir. Notando porém, que para se inserirem no texto estes additamentos, além de tornal-o muito mais diffuso, seria preciso refundil-o de todo; esta reflexão me obrigou a suppril-os com umas notas, mediante as quaes sem alterar em cousa alguma o mesmo texto, preenchesse completamente o meu designio.

Para que esta nova edição ficasse mais

pulchra, tomei o expediente de mandal-a imprimir a Londres. Apesar porém desta resolução, não correspondeu o effeito ás minhas esperanças, tanto pelas faltas typographicas, de que ella abunda, como por não chegarem a tempo de imprimir-se varios retoques que posteriormente enviára. Estes fataes accidentes comtudo, ainda que proprios a impacientar-me, não eram todavia assaz poderosos para me obrigarem a outra edição. Aportando porém do Rio de Janeiro as duas Cartas Regias, que para testemunho indelevel da fidelidade dos Portuenses, dirigira o Principe Regente Nosso Senhor ao Clero estes gloriosos e honorificos padrões, (de que tambem participa Villa Nova de Gaya por formar uma parte da mesma cidade) de tal sorte me enlevaram, apenas os vi, que sem olhar para o custo de uma nova edição, e tendo só em vista a gloria da minha patria, me decidi a imprimil-a pela 3.ª vez, não tanto para corrigir a edição de Londres, como para publicar as mesmas Cartas Regias (1) e armar deste modo os meus concidadãos contra todos os ataques da maledicencia e da calumnia, bem que já assaz tibias e impotentes, depois que o venerando accordão da alçada, proferido em 27 de Fevereiro de 1810, os justificou da maneira a mais brilhante, declarando ás presentes e futuras gerações: « que nos ditos tumultos e lastimosas atrocidades (palavras formaes do accordão) não

(1) Cumpre aqui advertir, que quando se projectou a edição, ainda a Illm.ª Camara não havia feito imprimir a memoravel Carta Regia.

tiveram parte os honrados moradores desta cidade, que tanto se distinguiram por qualidades, caracter, rasgos patrioticos, e acções generosas, com que se prestaram, até em serviço pessoal, em defesa da causa publica, e dos direitos do Soberano; mas sim um bando de facinorosos, abjectos e malevolos da ultima plebe pela maior parte de fóra da cidade, inimigos da ordem e da tranquilidade publica, que procuraram confundir e subverter. » Sentença impressa da Alçada. pag. 9.

Eis-aqui pois o principal incentivo que me moveu a uma edição, aliás desnecessaria; pois a não ser o zelo patriotico de eternizar com o prelo as ditas Cartas Regias, ou melhor diria, uns monumentos os mais expressivos, tanto dos serviços dos Portuenses para com o seu Principe, como da paternal gratidão d'este em reconhecel-os: de nenhum modo me abalançaria a uma 3.ª edição, depois de ter ainda em ser, ou quasi intacta a 2.ª Supposto pois o plano, que para ella tenho adoptado, bem como as correcções e noticias que de novo lhe addicionei, creio poder com razão lisongear-me de que ficará esta Descripção agora mais completa, Villa Nova de Gaya mais acreditada, a luz da verdade sem as nevoas, que a eclypsavam, e o publico emfim muito melhor servido. (1)

(1) Bastam só os Mappas e noticias Commerciaes que ao diante vão apontadas, e as memorandas Cartas Regias, transcriptas na antepenultima Nota, para tornarem este opusculo assaz interessante: que será, ajuntando-se-lhe todas as outras!

DESCRIPÇÃO TOPOGRAPHICA

DE

VILLA NOVA DE GAYA

E DA

SOLEMNISSIMA FESTIVIDADE EM ACÇÃO DE GRAÇAS
PELA GLORIOSA

RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL.

CAPITULO I.

Da situação e limites de Villa Nova de Gaya; qnem foi o seu fundador e em que anno : e em additamento as causas que motivaram a substituição da Ponte do rio Douro; e outras noticias historicas.

Uma solemnidade tão pomposa e brilhante, como digna do objecto augusto, que a motivou, vai ser o nobre assumpto desta tosca, mas fiel relação. Antes porem que lhe dê principio, descreverei circumstanciadamente o sitio em que a mesma funcção se celebrou, tanto para satisfação daquelles a quem a distancia prohibe visital-o, como porque das descripções que delle se tem feito, nenhuma concorda com o seu estado actual.

Na altura de 41 gr. e 10 m. de latitude boreal, 9 gr. e 58 m. de longitude sobre a margem meridional do rio Douro, e bem defronte da cidade do Porto, com a qual se communica por uma ponte de barcas, se vê situada Villa Nova de Gaya, que teve por fundador ao Senhor Rei D. Affonso 3.º pelos annos de 1255.

ADDITAMENTO.

Esta Ponte de barcas, que só teve de duração 36 annos, tendo começado no de 1806, foi por muitas vezes mais ou menos destruida pelas innundações, que quasi todos os annos costumam sobrevir ao rio na estação do inverno, e em alguns por mais de uma vez, quando se não tirava logo no principio do crescimento das aguas, e o grande pezo dellas, on a sua nimia corrente excediam a força dos duplicados e grossos cabos, que preventivamente se lhe applicavam nessas occasiões. Esta circumstancia, bem como a falta de passagem prompta e segura durante o periodo das innundações deram motivo a que ella fosse declarada insufficiente e substituida pela actual ponte pensil, collocada alli no anno de 1842.

Foi sim, fundador desta Villa, que é situada na provincia do Douro, o Senhor Rei D. Affonso 3.º Conde de Bolonha que lhe deu o nome de Villa Nova, para a distinguir da Villa Velha ou Gaya a Velha, que lhe fica proxima. Além de ser o seu fundador, deu-lhe tambem carta de foral, enriquecendo-a com muitos pri-

vilegios e isempções, e aos seus habitantes; pois tinha esta Villa em muita estimação e apreço: e mandou que se fizesse n'ella a descarga e despacho de todas as mercadorias e fazendas que entrassem pela barra, ou viessem de cima do Douro, para cujo fim poz aqui officiaes seus: e tudo isto para auferir os rendimentos que d'ahi provinham ao Bispo e Cabido da Cidade do Porto, com o qual contendia por causa da jurisdicção temporal, que o Bispo então fruia, porque tinha o senhorio da Cidade em virtude d'antigas doações, como se deixa vêr do catalogo dos Bispos do Porto — Parte 2.ª pag. 58 e 65.

El-Rei D. Diniz, appellidado o Lavrador, confirmou depois em 1288 o foral, que seu Pai D. Affonso 3.º havia dado a esta Villa, e a ampliou, e erigiu tambem em cathegoria de Municipio. Foi ultimamente confirmado por El-Rei D Manoel.

Depois de uma alternativa de successos, já prosperos, já adversos, cujo detalhe demandaria um maior volume, passou com todo o Reino de Portugal para o intruso governo do usurpador da Europa pelo fatal decreto do 1.º de Fevereiro de 1808, e ultimamente para o do seu desejado e legitimo Soberano no faustissimo dia 18 de Junho do mesmo anno. (1)

(1) Succumbiu de novo ao jugo francez no infausto dia 29 de Março de 1809; mas logo no dia 12 do seguinte Maio, foi com a Cidade do Porto gloriosamente restaurada pelo exercito anglo-lusitano ás

Limitada ao Norte pelo soberbo Douro, e ao nascente, sul e poente pelos amenos montes de Quebrantões, Choupello e Gaya (2) ella

ordens do Duque da Victoria, o famoso lord Wellington. O espolio que do Porto e Villa Nova extrahiram os francezes em numerario, joias, alfaias preciosas e em todo o genero de mercadorias, é incalculavel: uns o sobem a vinte milhões de cruzados, outros a quarenta, e alguns ainda a mais; sem fallar no que elles dilaceraram, e destruiram, ou incendiaram, como por exemplo porcellanas, moveis, bibliothecas, etc. etc. Que barbaridade! Foi porém cousa notavel, que apenas no nosso turvo horisonte despertou o clarão da liberdade, dissiparam-se logo todas as sombras, e á mais horrorosa borrasca succedeu a maior serenidade. Baste para prova que no decurso de mez e meio, que os francezes occuparam o Porto, entraram n'elles só tres vasos, e estes ao engano; e em outro igual periodo, quero dizer, desde 25 de Junho, em que entrou um comboy inglez, até 10 d'Agosto inclusivé, entraram 156, que fizeram resurgir o commercio e abandancia. Esta mesma prosperidade renascente se fez logo sentir em todos os mais ramos: sendo então o immortal Jorge 3.º, e depois seu Augusto Filho o Principe Regente do Reino Unido os gloriosos instrumentos de que a Providencia se serviu para completar a grande obra da nossa independencia. Oh! Soberanos incomparaveis e verdadeiros Numes Tutelares nossos! a minha alma extasiada ao notar vossas emprezas, vos admira, vos bemdiz, e vivamente penetrada de vossos beneficios preclaros vos tributa um holocausto, de vós sómente digno, publicando sem cessar, *que se livres respiramos, a vós é que o devemos.*

(2) Attribuem-se a este Monte algumas antigualhas, que com razão merecem ser notadas: 1.ª que sobre elle fundaram os Romanos o antigo castello de Cale — 2.ª que n'elle fôra martyrisada Santa Liberata, ou Wilgefort, uma das nove Santas Irmãs gemeas — 3.ª o rapto da Princeza Zahara, por El-Rei Ramiro 2.º de Leão, no anno de 932. Pelo que toca á pri-

se dilata por um pequeno valle, que sendo ha um seculo sufficiente para abrangel-a, foi depois obrigado em razão dos seus progressos a

meira, não padece duvida ser Cale do tempo dos Romanos, como se prova do itenerario de Antonino na via militar, que de Lisboa sahia para Braga, a qual segundo o padre Argote, Castro e outros, era do modo seguinte:

Nome antigo	Nome novo	Pés geometricos
Jerabrica	Alemquer	30$
Scalabim	Santarem	32$
Cellium	Crice	32$
Conimbrica	Condeixa a Velha	34$
Eminium	Agueda	40$
Talabrica	Aveiro	10$
Langobrica	Feira	18$
Cale	Gaya	13$
Brachara	Braga	35$

Da palavra Cale junta á de Portus se derivou depois o glorioso nome de Portugal, e o castello de que ainda ha vestigios, foi no tempo do Snr. D. João 1.º arrazado pelos Portuenses, escandalisados das depredações que a sua guarnição fazia.

ADDITAMENTO.

Foram agora totalmente apagados os vestigios deste antiquissimo castello. Depois que D. Pedro, Duque de Bragança, tendo desembarcado com o Exercito Libertador nas praias do Mindello, em 8 de Julho de 1832, e entrado na Cidade do Porto no dia 9 do mesmo, para o fim de collocar no Throno sua Filha a Senhora D. Maria 2.ª, conheceu que tinha de luctar com uma resistencia forte da parte das tropas de seu Irmão D. Miguel, as quaes elle tinha erradamente supposto que

permittir, que ella ultrapassasse aquellas barreiras naturaes, e se estendesse ao nascente até o Mosteiro da Serra, ao poente até o sitio

se lhe uniriam, logo que chegasse a Portugal, cuidou sem demora em fazer levantar uma linha de fortificação á Cidade do Porto, para se refugiar n'ella, e esperar alli a sorte das armas; porque achava n'aquella Cidade as melhores e mais favoraveis disposições, o amor e dedicação dos seus habitantes, e abundancia de todos os recursos, necessarios ao seu projecto de revindicar pela força os direitos que seu Irmão lhe havia usurpado. Por quanto D. Miguel recusando o consorcio com sua Sobrinha, pactuado no contracto de Vienna d'Austria, em virtude do qual tinha regressado do seu exilio em 22 de Fevereiro de 1828 com o titulo de Logar-Tenente e Regente do Reino, que D. Pedro lhe conferira pelo decreto de 3 de Julho de 1827, se fizera acclamar Rei, e occupava n'essa qualidade o throno de Portugal, a que o elevaram os Tres Estados do Reino — Clero, Nobreza e Povo — convocados por elle em côrtes na Cidade de Lisboa, nas quaes decidiram pelo seu acto de 25 de Julho de 1828 em favor delle a questão da successão ao Reino por morte de seu pai D. João 6.°, fundando-se para isso no direito publico portuguez, estatuido nas côrtes de Lamego de 1143, e nas de Lisboa de 1641.

Porém como este governo se fizesse depois muito odioso pelos seus actos tyrannicos e sanguinarios, tão contraditorios com as idéas do seculo presente, com o seuso commum, e com o actual systema governamental da Europa, indispoz de tal modo contra elle toda a Nação Portugueza, que esta de bom grado se uniu á causa de D. Pedro, a quem anciosamente esperava, para se libertar d'aquelle jugo, e só desejava a melhor opportunidade, em que podesse dar uma demonstração publica dos seus sentimentos.

Assim, tractou-se logo de dar principio ao plano de fortificações; e para esse fim foram escolhidas em Villa Nova do Gaya as duas eminencias mais salientes de Gaya e Serra do Pilar, como pontos capitaes

do Cavaco, e ao sul até o Senhor do Padrão, distante da praia quasi meia legoa.

para a defeza da Cidade do lado do sul. Para logo se começaram em ambas os referidos trabalhos, que continuaram com grande actividade na Serra do Pilar; que foi reputada — ponto militar de primeira ordem, ao contrario no castello de Gaya, o qual, conhecendo-se depois, que era roto, ou flanqueavel, foi abandonado, e arrazadas todas as obras alli começadas — ficando-lhe só o nome de Castello, que nunca perdeu; porque este não lhe vinha do facto presente, mas de outros succedidos em éras muito remotas. No decurso deste memoravel cerco, que as tropas de D. Miguel pozeram á Cidade do Porto, e que tendo começado no dia 8 de Setembro de 1832, só foi levantado em 18 d' Agosto de 1833, como ellas recebessem gravissimo damno das baterias da Serra, cuidaram em fazer um reducto no dito Castello com o duplicado fim de neutralizar os effeitos deste baluarte, e ao mesmo tempo atacar a Cidade por aquelle lado, e de um ponto mais immediato. Conhecido o projecto, tractou-se logo de fazer callar aquelle reducto, o que se conseguiu, assestando baterias do lado Meridional da Cidade, e nos pontos mais proximos e fronteiros do mesmo reducto; e estes foram o Paço do Bispo, o largo das Virtudes e o alto da Victoria. Com effeito, estas dirigiram sobre o castello um fogo tão vivo, e aturado, que produziu alli a mais cruel matança, a ponto de lhes ser necessario sortear cada dia os artilheiros, de que se compunha a sua guarnição, que d'outro modo recusavam prestar-se a tal serviço: até que por fim cançados já de tanto estrago de gente e munições, e desenganados tambem, que debalde esperavam o supposto resultado, abandonaram aquelle ponto completamente.

Depois da guerra, reconstruiram-se alli as casas, que ella destruiu; e edificaram-se outras: e o campo em que se tinham dado casos pró e contra a Cidade do Porto, e aonde existira aquelle celebre e antigo Castello, mais antigo que ella, foi finalmente vendido e reduzido á cultura.

Este campo é hoje propriedade do Illm.º José Pinto da Costa, natural d'esta Villa, seu terceiro possuidor.

Emquanto á 2.ª antigualha, ainda não se tendo por apocripho aquelle maravilhoso parto, creio que o martyrio da Santa, no dito sitio, merece tanto credito, como o que dá o padre Papebroquio a certa reliquia singular, que em seu tempo se mostrava na cathedral d'Antuerpia, e de que o leitor póde ver o nome (que calo por modestia) no diccionario dos homens illustres da edição de 1804 — verbo *Papebroquius.* Pelo que respeita á 3.ª finalmente julgo-a da mesma tempera, que a 2.ª, apesar de a referirem A. A. graves, e com mais extensão, que nenhum, a nossa celebre portuense D. Bernarda Ferreira de Lacerda, no seu poema da Espanha Libertada. T. 1.º Cant. 6.º

CAPITULO II.

Das freguezias de Villa Nova de Gaya, dos seus Conventos e casas de oração.

Supposto este augmento ou extensão actual ella se divide hoje em duas grandes freguezias, a saber: a Igreja Matriz, de que logo fallarei, e a de S. Christovão de Mafamude, que posto que fundada em sitio rural, deve reputar-se como um arrabalde de Villa Nova por ter hoje arruados quasi todos os seus freguezes. Além das ditas parochias ha tambem quatro grandes conventos, um hospicio, tres Igrejas ou ermidas notaveis, e desoito menores.

Os conventos segundo as suas antiguidades são: o de Corpus Christi, de Religiosas Dominicas, fundado no anno de 1345, aonde entre Religiosas, Seculares e Creadas, habitaram já mais de 300 pessoas; o Mosteiro da Serra, de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, fundado no anno de 1538, e que é um dos notaveis, não só da sua congregação mas de todo o Reino (1); o de Santo Antonio de Valle de Piedade, fundado em 1569, e reedificado depois com grande magnificencia, no qual residem mais de 50 Religiosos e é casa capitular da provincia da Soledade; a Congregação de Nossa Senhora da Conceição d'Oliveira, sita na freguezia do mesmo nome, que confina pelo nascente com o de S. Christovão, e foi fundada para clerigos Congregados no anno de 1679 (2) e finalmente o hospicio do Senhor d'Alem de religiosos Carmelitas calçados, fundado em 1739, e situado perto do Douro em um logar fresco e frondoso.

(1) D. Nicolau de Santa Maria, chronista dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, tractando deste mosteiro, refere delle uma particularidade notavel, e é: que pertencendo o seu terreno ao Morgado de Quebrantões, se valeram os conegos do Senhor D. João 3.º, o qual a instancias delles dirigira ao Morgado uma carta de empenho, para que elle quizesse consentir, como consentiu, na dita fundação. Tanto era o apreço que fazia das Ordens Religiosas este piedoso Monarcha.

Diz mais, que neste mesmo sitio houvera antigamente um mosteiro de conegos da mesma Ordem; do qual se não vê hoje o menor vestigio.

(2) A Congregação d'Oliveira do Douro, que

As ditas tres Igrejas ou Capellas mais notaveis são: a do Senhor do Padrão, que por sua extensão e capacidade tem servido de parochia no impedimento da de S. Christovão; a do Senhor d'Além, que tem o Santissimo Sacramento, e cuja fundação é mui anterior á do Hospicio, a que está annexa; e a do Bom Jesus de Gaya, que é uma especie de semi-parochia do logar do mesmo nome por ter o Santissimo Sacramento, e um Sacerdote encarregado de exercer as funcções de parocho, quando a necessidade insta. Entre as capellas, ou ermidas menores fazem-se notaveis a de Nossa Senhora da Piedade, por sua situação e ornato; a do Senhor do Calvario, por sua belleza; a de S. Roque por achar-se n'ella a veneravel Ordem 3.ª de Nosso Padre S. Francisco; e as de Nossa Senhora do Castello, e de S. Marcos por sua antiguidade. (3)

consta de 18 ou 20 padres, e dista de Villa Nova cousa de meia legua, é unica no seu genero em todo o Universo. O seu instituto além de todos os actos proprios de uma communidade regular, consiste em prover as necessidades dos Clerigos do bispado do Porto, que por falta de meios, ou por alguma impossibilidade phisica vivem despresivelmente, com menoscabo do seu caracter. Veja-se o beneficiado Castro no seu Mappa de Portugal T. 2.º, cap. 3.º

(3) Nesta ultima capella, que hoje se acha em ruinas, esteve por Ermitão no seculo 17.º o veneravel Carlos de S. Marcos, grande personagem de França, que se havia desenganado do mundo depois de ser general das galés de Malta e sobrinho do Grão Mestre da mesma religião. Assim o affirma o padre mestre Soledade, na 5.ª parte da Historia Serafica, Livro 14 Cap. 21, *per totum.*

*

ADDITAMENTO

A freguezia de S Christovão de Mafamude não é hoje arrabalde de Villa Nova de Gaya; mas sim é a continuação da Villa e mais propriamente a mesma Villa; porque os predios e casas que por toda a extensão della se veem edificados no gosto urbano, e mais elegante, estão tão bem arruados, e unidos em continuação até os extremos da freguezia, que Villa Nova de Gaya já hoje não conhece os seus antigos limites, e só aquelles que demarcam as suas mesmas freguezias: e isto pela mesma razão, que milita a respeito da Cidade do Porto, a qual tendo ultrapassado os muros que outr'ora a circumscreveram, tomou com o andar dos tempos as gigantescas proporções que hoje apresenta.

Quanto aos conventos..... Ah! treme a penna ao referir o seu estado actual! o coração se enche de dôr ao contemplar o quadro lastimoso, que elles hoje appresentam!..... Dos que Villa Nova de Gaya possuia, hoje infelizmente só existe um! A guerra de 1832, que trouxe ao throno de Portugal a Senhora D. Maria 2.ª, e a sua dynastia, trouxe tambem a extincção das Ordens Religiosas pelo decreto de 28 de Maio de 1834, e com esta, como consequencias da guerra, a destruição de uma grande parte das suas casas, as quaes em numero de 472 de um e outro sexo, que havia no Reino, eram quasi outros tantos preciosos monumentos de architectura, e de gloriosas recordações; e cujas

immensas riquezas de todo o genero, que podiam remediar muito, bem pouco aproveitaram á nação, e serviram só para saciar a sêde de alguns ambiciosos... Destas casas, umas foram convertidas em repartições publicas, e no estabelecimento de diversas industrias; outras, reduzidas a casas de habitação particular, algumas em ruinas; e o resto finalmente entregue ao alvião para abertura de ruas. Assim se estrangulou de repente a obra de tantos seculos, para a qual Reis e Povos trabalharam com tanto zelo e amor da Religião; em que se via um padrão levantado á nossa gloria, e um monumento indelevel da sua piedade!

O unico convento que resta, como já disse, é o das Donas de Corpus Christi, situado em frente do estaleiro desta Villa, proximo ao rio, e cuja casa se vê edificada em fórma d'amphitheatro, isto é, com mirantes sobranceiros uns aos outros, ao que deu causa a grande cheia de 1625, para assim ficar livre d'outros assaltos, como aquelle que quasi cobriu o convento. Tem hoje só doze Religiosas, mas filhas do convento só seis. as outras foram d'outros conventos e institutos. Não obstante ser limitadissimo este numero, aquellas senhoras vivem muito parcamente com grandes privações e quasi do proprio tratalho; porque depois que foram abolidos os dizimos pelo decreto de 30 de Julho de 1832, o seu principal rendimento consistia nos alugueres dos armazens do seu convento; mas em razão da livre armazenagem dos vinhos na Cidade do Porto, e Villa Nova de Gaya alguns estão vazios

e o resto alugado por diminuto preço, o que torna cada vez mais escassos os meios da sua subsistencia. N'esta casa tambem residem algumas senhoras seculares, o que é permittido, mediante as licenças do Prelado, e a quantia de 121$000 reis que cada uma destas é obrigada a dar de entrada para o cofre do convento.

Dos conventos abandonados o primeiro é o da Serra do Pilar, dedicado a Santo Agostinho. Este convento é chamado da Serra, por estar collocado no sitio mais alto de Villa Nova de Gaya; e tambem se chama do Pilar, da invocação com que é venerada na Igreja deste convento a Santissima Virgem, a quem se fez sempre e ainda hoje, uma festividade solemne no dia 15 d'Agosto, e juntamente grande arraial, e feira de sementes e apeirias de lavoura. Differem os AA. na era da sua fundação, porque alguns a dão tambem no anno de 1540, e no de 42 foi habitado pelos primeiros conegos, que vieram para elle do Mosteiro de Grijó, ao qual esteve annexo até 1566, em cujo anno o Papa Pio 5.º o separou da jurisdicção daquelle Mosteiro. A sua Igreja tem a fórma circular, assim como o claustro; e aquella é notavel pelo seu zimborio, que é um rico primor da arte, e serviu agora para ser tambem um dos attributos heraldicos mais salientes, de que se compõe o Brazão d'Armas, com que foi ultimamente decorada Villa Nova de Gaya; como se verá em logar competente desta obra. Toda a fabrica, tanto da Igreja como do convento era magnifica, e de bom gosto, e a sua cerca grande-

mente extensa, e muito rica em rendimento e recreios. Vinha antigamente desta Igreja, na noite de sexta feira de Lazaro, a Sagrada Imagem do Senhor dos Passos, em um andor para a Igreja de Santa Marinha, como aconteceu até o anno de 1826; e no domingo seguinte sahia de tarde em solemne procissão, seguindo pelos Passos da rua de Baixo, da rua Direita, de S. Roque, da Fervença e do Calvario, e se recolhia outra vez na sua Igreja da Serra, aonde havia depois um devotissimo sermão. Desde aquelle anno não houve mais aquella procissão; e até se demoliram os Passos, que eram edificados de pedra de cantaria, e n'aquelle dia se ornavam com muito aceio. N'esta ordem era inviolavel a clausura, sendo absolutamente prohibida ás mulheres a sua entrada segundo o preceito da sua regra, o qual S. Theotonio, 1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra, cumpriu em todo o rigor com a Rainha D. Maphalda, mulher de D. Affonso Henriques, á qual não permittiu a entrada dentro do seu Mosteiro nem por meio de rogos, nem por ameaças. Depois da guerra de 1832, que destruiu este magestoso convento, a Igreja foi interiormente reparada á custa dos habitantes desta Villa, que se prestaram com donativos para esta obra, porque tem muita dedicação por esta casa; e foi tambem restituida ao Culto e entregue aos piedosos cuidados de uma Irmandade, que alli se erigiu de novo com a denominação de Real Irmandade de Nossa Senhora do Pilar da Gloria, da qual foi juiza perpetua Sua Magestade a Rainha a Senhora D.

Maria 2.ª, e depois d'ella o é a Pessoa Reinante; com certas prerogativas que constam do seu estatuto, para as pessoas que se inscreverem como irmãos. Esta Irmandade já mereceu as lembranças de um bemfeitor, de Oliveira de Azemeis, que a dotou com um legado em seu testamento.

Este convento, sendo, como foram todos os outros, abandonado pelos seus proprietarios por occasião da entrada de D. Pedro, a cujo governo recusaram adherir, foi occupado no dia 10 de Julho pelas tropas constitucionaes, que no fim da tarde d'esse mesmo dia atravessaram o rio para esta Villa, e vieram nas lanchas dos seus transportes e navios de guerra, e alguns barcos, porque as authoridades da Cidade do Porto, quando retiraram, mandaram tirar algumas barcas da ponte, afim de lhe inutilisar o transito, e dar-lhes assim mais largo tempo á fuga. Logo depois trataram de levantar n'este convento uma fortaleza para servir pela sua eminente posição de baluarte de defeza á Cidade do Porto, e cujos fins ella preencheu completamente debaixo do commando em chefe do brigadeiro Torres, mais ao diante Barão do Pico do Celeiro. Já nos primeiros dias houve a lamentar a perda d'alguns academicos, que foram victimas de uma explosão, que fez abater a abobeda da bella sachristia deste convento, aonde elles se occupavam a encher granadas. Na causa popular é justo, que cada qual defenda o seu *terrão*; e assim aconteceu a esta Villa, aonde para guarnecer e defender este ponto, que foi

da maior importancia no memoravel cerco de 1832, se organisou um batalhão de voluntarios Villanovenses que corriam á porfia a alistar-se, como tinha succedido nos tempos passados, para a defesa de uma causa, que esposavam de bom grado, e foram designados entre os demais batalhões, que se alistavam no Porto, com o titulo de 3 º batalhão movel com fardamento d'azul ferrete, avivado na gola, e canhão d'azul celeste. Estes bravos tomaram com effeito conta daquelle baluarte, cuja defesa foi confiada ao seu valor e patriotismo, commandados pelo major Fontoura. Ainda as obras de fortificação não estavam completas, e já no dia 8 de Setembro, donde data o referido cerco, tiveram os Villanovenses de repellir o primeiro ataque á Serra do Pilar, que foi repetido no dia 9 pelas tropas de D. Miguel; e logo no principio se portaram com tanto denodo e pericia militar, que deram de seus serviços as melhores esperanças. Não ficou só n'este; mas foram-se seguindo depois outros muitos assaltos; porque a guerra descarregou sobre aquelle ponto todo o peso de seu braço duro, e destruidor; porém estes valentes supportaram a sua força com uma firmeza nunca vista; obraram, alli acções de valor e proezas taes, que excedem a toda a expressão: a sua valentia nunca afrouxou no meio dos mais duros trabalhos e excessivas privações, que se tornavam duplicadamente maiores por se darem em um recintho tão limitado, e em vista dos quaes D. Pedro, admirando tanta bravura os appellidou depois — Polacos da Serra. — Nos

repetidos ataques que as tropas de D. Miguel deram á Serra do Pilar com mui fortes e numerosas columnas, e não só de dia mas até de noite acharam alli sempre a mesma opposição e vigilancia da parte da sua guarnição, que muitas vezes tentaram surprehender, mas debalde. Nos fastos gloriosos desta Villa deve ficar registada mais que todas, e com indeleveis caracteres a grande e memoravel batalha do dia 14 d'Outubro de 1832, sobre os campos da Serra do Pilar; que foi notavel pelas seis acções dadas seguidamente em um só dia, e precedidas de um bombardeamento atroz, que fez terrivelmente horroroso o dia 13 do mesmo, e no qual noite e dia sem cessar as bocas da morte vomitaram fogo sobre ella! Foi então, foi nesse dia sinistro, que os mais valentes chefes do campo inimigo, dando exemplo aos soldados, e marchando na sua frente, chegaram a pôr a mão nas trincheiras; porém pagaram com a vida a sua ousadia; Ah!... mas ai que pena! de cá, de lá são Lusos todos!! e os Villanovenses, auxiliados em tão grande conflicto por uma força de linha defenderam aquelle baluarte, como se defende a propria casa!... estava alli o Grande Nome deste Povo; estava alli toda a segurança da Cidade, e desta causa, que elles presavam mais que a vida! Villa Nova de Gaya viu tambem nesse dia morrer alguns dos seus mais mimosos e queridos filhos, os quaes dando a vida pela patria, morreram como heroes no campo da honra; e os que sobreviveram, colhendo alfim os louros da victoria, mostraram mais uma

vez ao mundo inteiro — que ainda que sejam meros industriaes no tempo de paz, tambem sabem ser guerreiros quando ha mister pugnar pelos seus foros, e são compellidos a entrar nas lides de Marte.

No fim de tudo aquella magnifica casa ficou um montão de ruinas, e não havia alli um palmo de terra, que se julgasse seguro! A mesma Igreja, que se poderia dizer a toda a prova, por ser defendida pela espessura de seus paredões bem construidos, tambem foi invadida por uma granada, que rompeu aquelle valente zimborio, que parecia querer zombar de tudo o que similhasse força humana! e foi na occasião em que a guarnição passava ali um ligeiro somno; mas não houve felizmente a lamentar algum sinistro.

Para descrever finalmente tão gloriosas acções e serviços tão relevantes, assim como todos os successos e particularidades, que se deram n'este recintho, seria necessario um grosso volume, e além disso para historiar tão grande empreza é muito insignificante a minha penna; mas virá depois outra, e virão muitas, que o façam dignamente, e como é devido a tão assignalados Varões, que tudo ali sacrificaram, e sellaram o seu Renome, que tão disputado foi, e tão renhido, com o nobre exemplo de Martim de Freitas — Só entregaram a chave nas mãos de quem a tinham recebido. —

Ainda até hoje se conserva a circumvallação e trincheiras deste baluarte, e tudo permanece no estado em que ficou depois da guerra

— entregue á vigilancia de um governador militar e uma guarnição, mas sem artilheria, porque esta, bem como todas as munições de guerra se recolheram nos arsenaes de Lisboa depois da revolução do Minho.

Agora segue-se dizer o que era o Convento de Santo Antonio de Valle de Piedade, e como elle acabou. Este Convento, situado na margem do rio Douro, e ao poente de Villa Nova de Gaya era habitado por mais de quarenta Religiosos, além dos leigos e donatos; estes eram os creados para o serviço braçal do Convento, e dentro ou fóra da clausura trajavam uma roupeta de saragoça, da qual tambem era feito o habito dos capitulares; os leigos eram professos, como os frades, só não tinham ordens sacras, usavam o mesmo habito que estes, e se occupavam em serviços graves e mais decentes: quanto aos frades, esses cuidavam do exercicio do seu ministerio, e em todos os actos delle se prestavam ao povo de muito bôa vontade, porque d'ahi lhes provinha todo o seu interesse. Sustentavam-se dos rendimentos da sua sacristia — missas, sermões, enterros, etc. e principalmente das esmolas que pediam diariamente e colhiam em dinheiro, fructos e objectos de toda a especie; pois todos tinham, e ainda hoje, muita devoção com Santo Antonio, e por isso ainda que *Mendicantes* como elles se chamavam, passavam lautamente, notando que o prato mais mimoso da sua mesa, e com que obsequiavam muitos seus amigos e bemfeitores, era a *Orelheira de porco*, de que ajuntavam uma quantidade muito

grande nos seus peditorios da aldêa: ora tudo isto sem gravar o Estado nem os povos com extorsões involuntarias. Da pescaria colhiam elles bôa renda, que lhes era ministrada com muita satisfação — nenhuma companha de pescadores de Valbom queria passar do districto do Convento para baixo, sem que o padre porteiro, ou algum outro lhe benzesse de cá a sua rede, e quando vinham, não passavam tambem sem dar ao Convento o melhor peixe que traziam, como offerta ao Santo, de quem tinham implorado o soccorro. Estas oblatas, que aproveitavam e não custavam, estão na conta dos *dizimos* — os lavradores em outro tempo davam de melhor vontade dez alqueires de milho, que valem por exemplo 4$800, do que pagam hoje dous tostões de congrua, ou 1$200 de decima; é certo que o segredo de muitas coisas consiste no meio de as praticar; e eis-ahi o que se chama a sciencia governativa.

O Convento não era grande, nem de bôa fabrica e bastante velho; porém a Igreja, o claustro e sacristia, eram obra muito rica: a Igreja virada ao nascente, e para a qual se subia por uma extensa e magnifica escadaria, dividida em lanços, via-se collocada em um ponto tão elevado, que a sua mesma eminencia lhe fazia realçar notavelmente a formosura do seu magestoso prospecto; não tinha torre; mas os sinos estavam collocados em um campanario sobre a portaria junto á Igreja, o qual se não via do lado de fóra, e eram de um som muito agradavel e afinado. A cerca era pobre em ren-

dimentos. mas muito abundante em recreios — jardins, bosques, passeios, fontes, lagos, etc.; mas o que mais sobresahia n'ella, e que muito attrahia as vistas e a attenção dos visitantes, eram as muitas figuras em vulto, que se viam em toda ella; umas collocadas em galerias, outras mettidas em grutas de differentes dimensões, e algumas tambem isoladas, e todas representavam factos da Escriptura Sagrada; assim como os actos mais salientes da vida de seus Patriarchas Santo Antonio e S. Francisco, e de muitos daquelles Varões que nos primeiros seculos da Igreja auctorisaram com a palavra e com a austeridade de seus costumes, e até sellaram com o proprio sangue a Santidade do Dogma Catholico.

Este Convento foi tambem abandonado; mas como offerecia bom quartel, e estava muito proximo do rio, as tropas de D. Miguel tinham n'elle um piquete forte, e de quando em quando faziam d'aqui fogo de fuzil para a banda d'além. A fome, a que o apertado cerco levou a Cidade do Porto, obrigava a procurar os generos alimenticios atravez das maiores difficuldades. Foi no dia 17 de Dezembro de 1832 que uma columna de voluntarios e tropa de linha atravessou o rio para fazer uma sortida a Valle de Piedade com tenções de levar algum vinho dos armazens desta Villa para dentro da Cidade; e como fossem carregados por maior força do que suppunhão achar ali, largaram precipitadamente, deitando-se a nado os que não poderam entrar nos barcos; mas antes de retirar,

atearam o fogo á Igreja, e Convento, e foi tudo devorado pelas chammas! consequencias d'aquelle fanatismo destruidor, com que costuma assignalar-se a primeira épocha das commoçoens civis... Mas póde muito bem ser, que a mão incendiaria recebesse n'aquelle mesmo instante o castigo devido ao seu attentado: Altos Juizos de Deos!.. porque alguns dos que se deitaram a nado, para se salvar forão agarrar-se ás correntes dos Brigues da Marinha Ingleza, que estavão fundeados naquelle mesmo sitio, e o Commandante com inaudita deshumanidade mandou largar as correntes, e aquelles desgraçados se afogaram! que barbaridade! sim; mas não admira, que em 17 de Dezembro de 1832 se portassem assim aquelles mesmos, que em 16 de Janeiro de 1829 tinhão estorvado a tiro de canhão, que os Emigrados entrassem na Ilha Terceira — terra Portugueza! Não admira, he verdade, o caso era identico. E são estes mesmos os que tem pugnado tanto pela emancipação dos Pretos, e ajudado aos Mouros! Ah! mas he que estes egoistas nem servem a Christo, nem a Mafoma; servem só ao seu interesse, ainda que elle consista na acção mais indigna:

Depois da guerra os restos d'aquella propriedade forão comprados ao Estado pelo Exm.º Antonio José de Castro Silva, Negociante da Praça do Porto, que tomou depois o titulo de Visconde de Valle de Piedade, e tem agora aqui a sua residencia, sem vestigios, nem forma alguma do que foi.

O 4.º Convento he o de Nossa Senhora da Conceição d'Oliveira, sito na freguezia d'Oliveira do Douro do Concelho de Gaya. A appresentação do Parocho, e os dizimos desta freguezia pertenceram até 1832 a uma Dignidade da Sé do Porto, que tem o titulo de Arcediago de Oliveira, e cuja Cadeira tem andado na Familia de Wan-Zeller, mas hoje só desfructa uma quinta que tem na mesma freguezia, e pertence á dita Cadeira. Em quanto ao Convento, como estava muito distante do theatro da guerra, não foi occupado por nenhum dos belligerantes, e por isso mesmo não soffreu detrimento. Foi comprado depois pelo Exm.º Marcelino Maximo d'Azevedo e Mello, que tomou tambem o titulo de Visconde d'Oliveira do Douro, e tinha ali a sua residencia: depois do seu fallecimento ficou pertencendo á Viuva, que he uma Senhora, natural de Villa Nova de Gaya, herdando tambem seu Filho mais velho o Pareato, com que seu Pay muito se honrava. Ha na cerca deste Convento excellentes recreios de bosques, guarnecidos de bancos, e grandes mezas, aonde, com permissão dos proprietarios, que sempre concedem, varias familias da Cidade, assim Portuguezas, como estrangeiras costumão no tempo de Verão ir fazer seos jantares, e grandes funcçoens, e gozar ali a frescura, e o delicioso do sitio, que na verdade he bello, e muito aprazivel pelos repuchos, fontes, e cascatas, que o aformozeão; e não menos pelo trinado gorgeio dos mimosos passarinhos, que em cardumes o povoão, e tornão encantador: de tal sorte

que todos o deixão com saudade, depois que ao cahir da tarde o dourado sol muito a custo tem devassado atravez das densas folhas da floresta os dôces folgares d'aquelle dia festivo ; e a noite se vem aproximando para encobrir o espesso fumo que em ondas começa então a subir do cimo das choupanas, ficando d'ahi a pouco tudo envolvido no seu negro manto, com que invejosa, e sem dó nos rouba aos olhos toda a natureza.

O Hospicio do Senhor d'Além foi sim augmentado, e occupado pelos Carmelitas Calçados no dia 5 de Março de 1739 ; mas já ha muitos annos existia ali uma Capella com tal ou qual casa, que tinha sido fundada em 1140, e consagrada a Jesus Christo Crucificado, cuja Imagem se venera alli com a invocação do Senhor d'Além ; tendo-se achado n'aquelle mesmo logar no anno antecedente, isto he, no de 39 a Preciosa Imagem, que com o mesmo titulo se acha collocada no altar collateral da Sé do Porto do lado direito junto ao altar do Santissimo. Os Frades deste Hospicio, que era muito pequeno, e muito pobre, e cujo superior tinha o titulo de *Presidente*, prestavão-se muito no confissionario, e erão muito respeitados pelos habitantes desta Villa, que os favorecião com avultadas esmolas, e hião no tempo de Verão fazer ali suas merendas, e gozar o sitio, que he então muito agradavel, e delicioso pelo arvoredo, e fontes, que tem, e lhe communicão muita frescura, sendo tambem nessas occasioens muito obsequiados por elles. Está situado ao Nascente da Villa, e muito

proximo do rio, e no tempo das cheias a agoa entra na Capella até grande altura. A Capella ainda se conserva em veneração, e tem a sua festividade annual com grande ajuntamento de povo no ultimo Domingo do mez de Agosto na forma do antigo costume.

Este Hospicio tambem foi vendido, e augmentado depois pelo novo proprietario para ser applicado a certa industria; mas a circunstancia de ser muito sombrio torna-o improprio para alguns mesteres: não obstante isso acha-se estabelecida nelle uma fabrica.

Creio ter satisfeito pelo que respeita á noticia, que tinha a dar dos Conventos de Villa Nova de Gaya — do que fôrão até o meado do anno de 1832; dos successos e vicissitudes, porque passaram durante o Cèrco da Cidade do Porto, e a occupação desta Villa pelas tropas de D. Miguel; e tambem do fim, e applicação, que tiverão depois da extincção das Ordens Religiosas. Resta agora para concluir a materia deste capitulo dizer alguma coisa relativamente ás suas Capellas publicas e particulares; e he o que se segue:

Começando pela ultima que he a Capella do Senhor do Padrão, sabe-se, que he assim chamada por uma Imagem de pedra, muito antiga, que se venera ali, e representa a Jesus Christo Crucificado, e he situada na freguezia de S. Christovão de Mafamude. Esta Capella pela sua grandeza, situação, e mais circunstancias bem podia servir para uma Igreja Parochial, o que não deixaria de ser muito conveniente em razão

da extensão da freguezia, e a collocação da Capella, que está bem distante da Matriz em sitio lindo, muito agradavel, e de grande povoado á frente da estrada, que conduz a Lisboa, do lado do Nascente, e virada ao Poente. Consta por tradição de pays a filhos d'aquelle logar = que esta Capella fôra edificada para ser a Igreja de um Convento, que se projectava fundar n'aquelle sitio; mas não se sabe, de que Ordem Religiosa, nem quando; que por circunstancias então occorrentes se desistíra da obra, ficando comtudo a Igreja. = Venera-se nella a dita Imagem do Senhor do Padrão, que foi achada em um silvado, proximo d'ali; e tambem se venera Santo Ovidio, Advogado dos ouvidos, que foi transferido para ali da sua Capella, muito antiga, que tinha defronte da casa, que he hoje do Illm.º Manoel Joaquim Pereira Valente, e que havia sido de Christovão Guerner; mas esta Capella, que tinha um portico, ou alpendre á entrada, já não existe; porque o dito Christovão Guerner pretextando, que ella lhe tirava a vista do mar ás suas janellas, a fez demolir: porém este insensato, dando a vista ás janellas, a tirou aos seus olhos, porque cegou! Ai d'aquelle que se atreve a tocar nas cousas sagradas para fins profanos, como fez Balthazar, Rey de Babylonia; e do mesmo modo que este, recebeu aquelle o castigo prompto, e visivel do seu attentado! A principal romaria desta Capella he no 1.º Domingo do mez de Setembro em honra do mesmo Santo Ovidio, a cuja funcção concorre immenso povo, assim da Cidade,

como das aldêas, que leva ao Santo muita telha offertada, a que chamão, corrupto vocabulo, *furtada*: nesse dia vão alli a vender para mais de sessenta carros de melancias, se o anno he abundante deste fructo. Além desta funcção, que he a maior, ha outras menores em differentes dias do anno; e este mesmo sitio se chama — *o logar de Santo Ovidio* — tanto pelo Santo, que alli se venera, como pela grande funcção, que se lhe faz, notando porém, que o arraial nunca mudou para junto da Capella do Senhor do Padrão, mas continuou sempre a fazer-se no sitio da antiga.

Em quanto á Capella do Senhor d'Além já se disse no § 12, quanto baste, para designar os respeitos, que merece pela sua mui remota antiguidade.

Segue se a Capella de Gaya, que tem o titulo de — Igreja do Bom Jezus de Gaya, — e serve de Parochia d'aquelle districto, annexa á freguezia de Santa Marinha, ou como um Curato desta: he tambem antiquissima, ignorando-se comtudo o anno da sua fundação. Ha nesta Igreja uma Devotissima Imagem do Senhor Jezus, que antigamente sahia tambem em procissão no Domingo seguinte ao outro, em que tinha sahido a procissão das Cruzes de Santa Marinha. A esta Imagem pertencia uma Vara dos Almotacés, que se nomeavão segundo o antigo regimen para a administração economica do Concelho de Gaya, dos quaes um era eleito d'entre os lavradores do Concelho, e o outro sahia por direito antiquissimo do povo do districto de Gaya; e este Al-

motacél tinha obrigação de dar para o culto desta Imagem uma peça em ouro, que valia n'aquelle tempo 6:400 reis, e esta se chamava a *Vara do Senhor*, a qual não obstante aquelle onus pecuniario era muito pretendida, e até com empenhos. Tambem ha nesta Igreja uma antiquissima Irmandade das Almas, a qual tem uma prerogativa, que nenhuma outra gosa; e he o privilegio, e faculdade de entrar de Cruz alçada na Cidade do Porto a buscar os seus Irmãos defuntos a casas particulares; ou dentro de qualquer dos Hospitaes das Ordens 3.as, ou da Mizericordia, e acompanhal-os a sepultar no Cemiterio publico, ou particulares da mesma Cidade, podendo até entrar de Cruz alçada na Sé Cathedral; cujos actos tem praticado por um sem numero de vezes. Todas estas preeminencias lhe são devidas, ou competem de direito em attenção á sua prioridade, tanto pelo que respeita á povoação de Gaya, que he muito anterior á Cidade do Porto, como á mesma Igreja.

Ahi ficão descriptas as tres Igrejas, ou Ermidas notaveis, apontadas neste capitulo: tractarei agora das menores, das quaes já algumas não existem; porque o tempo voraz, e a guerra destruidora, que fazem effectiva a contingencia de todos os seres creados, á qual estão sujeitos por uma lei suprema, e inevitavel do Creador, são os dous poderosos agentes, que tem feito desapparecer desta Villa algumas Capellas, que datavão a sua existencia desde tempos muitissimo remotos.

A Capella de S. Marcos, que se contava

pela mais antiga, cuja fundação se perde na escuridão dos seculos, e era situada perto do Castello de Gaya do lado do Norte, virada ao Poente, e collocada ao longo do caminho, que segue da Igreja ao mesmo Castello, foi gasta pelo tempo; e os restos forão ainda ha pouco tapados por um muro, e juntos á casa, a que estava proxima pelo lado do Sul, e Nascente, e pertence a Antonio de Freitas Faria Salgado. A Capella de S. Marcos, que consta por tradição «fôra a primeira Sé» gozava o direito de um Voto, em virtude do qual o Illm.° Cabido da Sé do Porto era obrigado a vir no dia do Santo a 25 d'Abril á mesma Capella incensar, e practicar outros actos religiosos; cujo costume foi interrompido por motivo de uma cheia, que impediu a passagem do rio, e continuou depois a fazer-se o mesmo ceremonial da banda d'além no sitio das Virtudes, que fica fronteiro á Capella: porém desde 1832 não se practicou mais esse acto de veneração — o tempo tem o poder de modificar tudo; e ainda mesmo as melhores practicas, e os costumes mais santos, ou mais regulares...

A Capella de Nossa Senhora do Castello, que tambem era situada perto do mesmo, mas do lado do Sul, virada ao Nascente, fazendo frente para o caminho, que seguia ao longo della pelo lado do Norte, e era mais pequena que a de S. Marcos, teve a mesma sorte que esta, e ainda ha pouco foi igualmente tapada, e incorporada no predio, a que estava junta pela banda do Sul, e Poente, e he hoje propriedade Ingleza.

Ambas estas Capellas fôrão de muita veneração, e esta teve Ermitão com casa, e rendimentos proprios.

A Capella de Nossa Senhora da Piedade, chamada «do Castello» para se destinguir da Senhora da Piedade d'Areia, sita junto ao Castello de Gaya, pelo lado do Norte, ou mais propriamente unida ao mesmo Castello, e virada ao Poente, a qual era grande, de boa fabrica, e com uma especie de portico, ou columnata á entrada, foi demolida totalmente para dar mais latitude ao *reducto*, que as tropas de D. Miguel levantaram alli na occasião da guerra!

A Capella do Senhor do Calvario, que tinha uma Preciosissima Imagem do Senhor dos Passos, sita na Calçada da Serra, e perto do Convento, tambem ficou arruinada pela guerra.

Ha porém a Capella de S. Lourenço Martyr, collocada ao pé do sobredito Castello de Gaya pelo lado do Sul, e virada ao Poente, cuja fundação, consta, ser feita ha mais de 400 annos, e por ordem de certo Pontifice, para cuja obra mandára Legados seus não só aqui mas tambem a outras partes do Orbe Christão aonde mandára edificar outras mais, e todas consagradas ao mesmo Santo, e em satisfação de um Voto, que lhe fizera por causa de uma grande peste, que assolava n'aquelle tempo a Cidade de Roma. Esta Capella era pequena; mas foi reparada dos estragos da guerra, e accrescentada em 1836 á custa do povo de Gaya, e outros bemfeitores. Collocaram-se nesta Capella as

sagradas Imagens, que pertencião á outra de Nossa Senhora da Piedade do Castello.

Ha a Capella de Nossa Senhora da Piedade, chamada d'Areia, para se distinguir da Senhora da Piedade do Castello, sita no Caes d'Areia de Villa Nova de Gaya, o qual hoje se denomina Praia, na conformidade do Edital do Governo Civil do Districto do Porto, datado de 20 d'Abril de 1860, que modificou as inscripçoens d'algumas ruas, e praças, e ordenou uma numeração nova, e outras providencias a tal respeito. Esta Capella he grande, e de muito boa fabrica; está elevada á altura de 12 palmos acima do nivel da Praia, para evitar, que á agoa entre nella na maior parte das innundaçoens, vista a proximidade, em que está do rio, subindo-se para ella por uma escada exterior de duas entradas — Nascente, e Poente. Teve antigamente — dous altares, mas agora tem só um. A casa contigua, que antes de ser do possuidor actual, foi do capitão João José Pinto, desta Villa, tinha por um antigo abuso, a que chamarião *direito*, mas muito improprio, e indecente, a sua cosinha sobre a Sacristia desta Capella; e como estivessem muito arruinadas tanto a Sacristia, como a cosinha, combinaram os devotos da Capella com o actual possuidor, que he o Illm.º João de Sousa Dias, Negociante, morador nas Hortas — agora Rua do Almada da Cidade do Porto, para que este removesse de sobre a Sacristia a sua cosinha, a fim de se poder compôr aquella.e ao mesmo tempo extirpar aquelle antigo escandalo, tão offensivo do logar sagra-

do, no que elle de muito bôa vontade concordou; e seja-lhe este facto de muito louvor, não sendo merecedor de igual o dito capitão, seu tio, o qual mandou uma occasião abrir subrepticiamente uma porta na parede divisoria, que lhe dava entrada para o côro da Capella, *fazendo-a sua por este innocente modo*; o que elle porém não gosou, porque meu Pay, que era então o Juiz Eleito da freguezia, o obrigou a tapar, e repôr tudo no estado anterior á innovação, logo que este facto chegou ao seu conhecimento. Agora em virtude d'aquelle louvavel accôrdo foi composta, e reformada em o mez de Setembro de 1859 á custa do povo desta Villa por meio de uma subscripção, promovida pelo Illm.º Albino José Pereira Soares, natural d'aqui, que muito se interessa pela conservação, e decencia desta Capella, assim como pelo culto da Sagrada Imagem, que nella se venera, e tem a sua festividade no Domingo seguinte á funcção das Cruzes de Santa Marinha, sendo feita a deste anno de 60 com muita pompa e aceio.

Ha mais a Capella de S. Roque, sita na Rua Direita, e collocada de Norte a Sul, correndo a rua ao longo della pelo lado do Poente; mas consta, que mudará de collocação em rasão do alargamento da dita rua, em cuja obra se trabalha já ha alguns annos, mas tem hido morosa em consequencia dos poucos recursos do Municipio. He muito bôa Capella, espaçosa, e está tractada com muita decencia: já ha muitos annos não tem a Ordem 3.ª de S. Francisco.

Tambem ha a Capella de S. Bartholomeu,

Apostolo, que pertence á quinta do Cavaco, e he propriedade do Revm.º José Joaquim Gomes Ferreira, Mestre Eschola da Collegiada de Cedofeita. Esta Capella gosa o previlegio de ser — izempta da jurisdicção Parochial — Está muito decente, e bem tractada ; e no dia do seu Orago 24 d'Agosto, ou no Domingo proximo seguinte tem a sua festividade com arraial.

Ha mais a Capella do Terreirinho ; he pequena, e collocada dentro de um pateo, não á frente da rua, he particular, mas patente ao povo no acto da Missa. Pertence este predio a uma familia Ingleza, e he sito na rua do Sacramento.

Ha outra Capella particular, que se chama *do Choupello* ; tem um frontespicio muito elegante. e he propriedade dos herdeiros de Pedro Leite de Mello, assim como o grande predio, a que está junta com a quinta, e armazeos contiguos. Tudo isto foi mandado edificar no anno de 1760 por José d'Azevedo, que foi o sogro d'aquelle, e tinha sido antes do estabelecimento da Companhia dos Vinhos um simples official de Tanueiro ; porém tendo especulado n'aquelle tempo na compra de Vinhos com a protecção de um Brazileiro, seu compadre, foi nella tão feliz, que no anno seguinte com os lucros, que tinha colhido, e a continuação da mesma protecção, ou mais augmentada, tornou com anticipação ao Douro, e fez uma compra tão avultada dos melhores Vinhos, que quando os Inglezes forão para comprar, acharam tudo o que era bom, vendido a José d'Azevedo, de Villa Nova ; e voltaram para baixo admirados deste homem,

que não conhecião, e no qual se fallava por todo o Douro! Hindo depois procural-o, julgavão achar algum *banqueiro*, mas mais admirados ficaram, quando em vez d'aquelle, o encontraram um simples lavrista de Tanueiro; com o qual começaram a tractar a compra dos ditos Vinhos, de que lhe resultaram tão grandes interesses, que se fez riquissimo (no conceito d'aquelles tempos) a ponto de casar depois sua filha com um Fidalgo, que por aquella razão, que já então dominava (quanto mais agora, que o *tempo he dinheiro*!) não desdenhou aliar-se com o burguez, que vinha de ser inda ha pouco um simples artista; e isto no tempo, em que aquelles se lembravão ainda das leis romanescas apoiadas pelas ideias do seculo, que tinhão levantado uma barreira insuperavel entre o *Patricio*, e o *Plebeu* — dessas leis absurdas, que infelizmente ainda enchem o vacuo da nossa Legislação, como aquella que rege o Mandato, fazendo-o gratuito, mesmo no caso da confissão do devedor!! como os nossos Juizes tem julgado com offensa de todos os principios d'equidade e boa razão, e até do Preceito Evangelico — Dignus est mercenarius mercede sua. —

Na Freguezia de Santa Marinha ha mais algumas Capellas publicas, muito notaveis pela sua extensão, e collocação no centro de grandes povoações; e são as seguintes:

A Capella do Senhor da Vera Cruz, sita no logar do Candal, e virada ao Nascente, foi edificada no anno de 1610; he muito grande esta Capella, e de summa vantagem pelo muito

povo, que ha neste logar; está muito decente, e bem ornada; e o seu adro, cercado de muro alto serve de cemiterio para as pessoas, que querem ser alli sepultadas. Este logar do Candal he alto, bem arejado, e muito saudavel; he tambem enriquecido, e bem aformoseado com muito bellos edificios, sendo os melhores delles habitados por familias Inglezas, que para vivenda preferem a proximidade do campo ao interior da Cidade.

A Capella de Santa Barbora, sita no logar de Coimbroens, virada ao Norte, e edificada no anno de 1732 tambem he grande e decente: tanto esta Capella, como a do Candal tem seu portico á entrada. Ha neste logar o fabríco das *Panellas de barro*, que he privativo deste povo: antigamente era grande, e muito lucrativo; mas tem diminuido consideravelmente, desde que começou a introduzir-se o uso das Panellas de ferro.

Ha mais neste ultimo logar a Capella do Senhor de Mathozinhos; he pequena, e antiga, mas foi reformada em o anno de 1839. Os povos destes logares são muito dados a funcçoens nas suas Capellas.

Ha agora mais outra Capella, que se inaugurou no antigo Oratorio das Alminhas do Escuro ao cimo da rua das Costeiras no limite da Barreira. A sua primeira Festa, e abertura como Capella foi na 2.ª feira 15 d'Agosto de 1859 com Missa solemne, e sermão: houve na vespora illuminação, muito fogo, e grande arraial, bem como no dia da festa. Antes d'abertura e para

esse fim teve logar o competente processo, e as licenças do estyllo do Exm.º Prelado Diocesano, para se poder constituir aquelle Oratorio em Capella publica, e celebrar Missa; o que foi deligenciado pelo Illm.º José Fernandes dos Reis, e outros visinhos, e muito coadjuvado pelo Parocho actual, o Illm.º e Revm.º José Alves Pereira da Fonseca, Conego Honorario da Sé do Porto, Pregador Regio, e Cavalleiro das Ordens de Christo, e Conceição, o qual foi Officiante, e tambem o Orador nesta Festividade. Este Oratorio foi muito pequeno antigamente; depois foi augmentado em 1849; e agora aquelles mesmos visinhos projectão accrescental-o mais até ficar uma Capella regular; o que he de immensa vantagem para o povo d'aquelles districtos, que já tem alli Missa todos os Domingos e dias Santos, a qual até agora lhes ficava muito distante em toda a circumferencia do logar.

Tanto na freguezia de Santa Marinha, como na de S. Christovão de Mafamude, ha mais algumas Capellas particulares, das quaes me abstenho de fazer aqui menção especial, por não involverem nenhuma circunstancia notavel, e digna de referir-se.

CAPITULO III.

Dos Estabelecimentos, e Escholas d'Instrucção publica: das Casas, e mais Propriedades.

Depois destes piedosos estabelecimentos seria injustiça omittir um, o mais digno talvez de ser lembrado pelos interesses reaes, que promove. Tal he um Seminario, aqui estabelecido para educação de Meninos, no qual pelo preço de 120$000 reis annuaes aprendem não só as primeiras letras, mas tambem a Lingoa Franceza, Latim, Musica, e Geographia; e são tractados por seus Directores com tal melindre, e desvello, que por isso o povoão Alumnos muito

conspicuos, em que se inclue o Primogenito dos Exm.os Viscondes de Balsemão. (1)

Pelo que respeita ás casas particulares, todas ellas principalmente as do centro são de 2, e de 3 sobrados, ordenadas segundo o gosto, e possibilidade dos seus habitantes. (2) O que dá porém a esta Povoação (contemplada externamente) uma apparencia grande e seductora, he a prodigiosa copia d'armazens que nella se tem edificado desde o estabelecimento da Illm.a Junta da Companhia, para nelles se recolherem os Vinhos do Douro, em quanto se não reembarcão. Entre estes armazens ha alguns tão vastos, que chegão a accommodar milhares de pipas, e a render por anno muitos mil cruzados.

(1) No presente mez d'Outubro de 1813 transferiu-se este Seminario, ou para fallar mais propriamente esta casa d'educação para o sitio do Carvalhido, aonde continúa a gosar uns creditos tão grandes, como bem merecidos. Attendendo porém á maior carestia de todos os viveres, paga hoje cada um dos sessenta Pensionistas nella existentes a quantia de trinta e oito moedas de ouro, ou de 158$400 reis metalicos além do que devem pagar aos Professores de *dança*, de *desenho*, etc.; porque a isto se não obriga o Padre Regente, e Director da Casa.

(2) Apesar dos estragos, que com a entrada dos Francezes soffreu o Porto, e Villa Nova em vidas, e fazendas; apezar das calamidades inherentes a uma guerra activa, diuturna, e assoladora e apezar em fim da nimia carestia, a que tem subido tanto os jornaes, como os materiaes, he todavia depois da expulsão dos mesmos Francezes, que no Porto, e Villa Nova se tem edificado, e continuão a edificar casas de 4, e 5 sobrados, e de um gosto, e magnificencia tal, como nunca viram, nem pensaram os nossos maiores!

ADDITAMENTO.

Já ha muitos annos não existe em Villa Nova de Gaya este Estabelecimento litterario, nem outro algum semilhante; ha só Escholas d'instrucção primaria para ambos os sexos, umas particulares, e outras publicas, ou subsidiadas pelo Governo; e assim todas as pessoas, que se applicão ás letras, vão frequentar na Cidade, como alumnos internos, ou externos. Até 1825 havia aqui duas Cadeiras de Latinidade, uma publica, outra particular; n'aquella regida pelo Illm.º Snr. Antonio Fernandes da Silva Gomes aprendi eu a Lingoa Latina, e Logica, por cujos obsequios lhe serei sempre grato. Este cavalheiro, que no longo periodo do seu Magisterio tem sido um cidadão prestante e muito benemerito, continúa a prestar os seus valiosos serviços, como Lente do Lyceu da Cidade do Porto, e tambem como Professor particular com grande aproveitamento dos seus discipulos, no que foi sempre incançavel, e muito zeloso.

Tractando agora das casas, e mais predios, que enchem a área de Villa Nova de Gaya, direi, que se foi objecto d'admiração o augmento da edificação de propriedades depois dos estragos, e calamidades de toda a especie, succedidas em Villa Nova de Gaya, e motivadas pela guerra Peninsular, como refere a Nota 2, póde sem hesitação, capitular-se agora, como prodigio, o novo e grandioso augmento, que ella tem recebido desde 1833 até hoje n'uma serie continuada de engran-

decimento, e belleza. Quem viu o estado de destruição, e ruina — tudo desmorunado, e rôto, a que Villa Nova de Gaya ficou reduzida por causa da guerra de 1832, e pela longa occupação, que soffreu, desse exercito de D. Miguel, que se apoderou della e a tractou da maneira mais hostil e atroz, como se elles fossem invasores estrangeiros, ou esta Villa uma terra rebelde, e conquistada, roubando, e destruindo, quanto acharam, e não só elles, mas tambem os seus adeptos, que tinhão entre o povo, os quaes conhecendo os sentimentos dos seus vizinhos, lhes buscavão de proposito, e com avidez os bens para saciar nelles a sua vingança; quem viu, digo, tudo isto, bem podia facilmente pensar, que Villa Nova de Gaya tinha desaparecido da superficie da terra, e para já mais tornaria a figurar no numero das grandes povoaçoens! Antes de começar o Cêrco, uma grande parte dos seus habitantes — uns por dedicação á causa, que ora se ventilava, outros por temer, e fugir a uma invazão, com que as tropas de D. Miguel ameaçavão de continuo esta Villa, e cujos perigos costumão sempre ser grandes, e muito funestos, abandonaram espontaneamente as suas casas, deixando as suas mobilias, e alfaias, e permaneceram refugiados na Cidade do Porto durante o Cêrco; e o resto, passado algum tempo, tambem foi mandado retirar d'aqui por ordem superior d'aquelle exercito, sendo comprehendida nesta ordem a mesma communidade Religiosa das Donas de Corpus Christi, que retirou igualmente para o interior do Concelho de Gaya, e de lá passou para o Convento

de Bairão, donde voltou para o seu, só depois que acabou a guerra. O largo espaço de onze mezes e dez dias, que durou o Cêrco, deu tempo bastante para toda a casta de maleficios, e a continuada má sorte das suas armas em todos os encontros, que tiverão com os sitiados, motivo permanente para atiçar a vingança, a qual chegaram por ultimo, e para cumulo de maldade a empregar na acção barbara, e só propria de selvagens, de lançar o fogo aos armazens de Vinhos no dia 16 d'Agosto de 1833, que reduziu a zero o valor de muitos milhoens de cruzados, em que estavão importantes! Sim; aquelles Vinhos, os mais generosos, que tinha este grande depozito, e que fazião o patrimonio de muitas familias, viram-se correr em torrentes para o rio, por largo espaço de tempo! Depois de consummado este grande, e ultimo acto de vandalismo, as tropas de D. Miguel começaram a retirar; e o Cêrco foi levantado em seguida no dia 18 d'Agosto de 1833 com grande alegria do povo.

Mas apezar de tudo isto, apezar de estragos, e calamidades de tanta magnitude, que bem se póde dizer, derão a morte n'aquella occasião a Villa Nova de Gaya; porque em verdade elles forão duplicadamente maiores, do que os que soffreu pelo mesmo motivo a Cidade do Porto, ella, permitta-se-me a allegoria, resuscitou; mas resuscitou mais bella, e louçãa, do que nunca foi! Eis a razão, porque eu disse no § antecedente: que este augmento d'agora bem se póde capitular como prodigio; pois desde logo se cuidou em reparar os estragos, que erão im-

mensos; em compôr, e alimpar as ruas, que estavão por toda a parte obstruidas com as barricadas, fossos, e trincheiras, que a tropa tinha levantado para a sua defeza; tudo estava alterado, e revolvido: só a Praia, que por todo aquelle tempo não havia sido pizada, permanecia no mesmo estado; e creou em toda a sua superficie — caso nunca visto — junco, e herva silvestre, que subiu á altura de quatro palmos! Os habitantes vierão achar as suas casas reduzidas totalmente ao estado de ruina, além de despojadas de todas as fazendas, moveis, e alfaias, de que ficaram cheias, e guarnecidas por causa da precipitada fuga: uma grande parte dellas abertas d'alto abaixo, sem portas nem janellas, e todas escavadas em busca de thesouros, e objectos de valor, com as paredes divisorias rompidas interiormente, e em grande extensão para lhes dar communicação e passagem de umas para as outras! Eis aqui como vierão achar os seus bens! Mas apezar deste estado tão triste e desanimador, em que estava tudo, tractaram de reformar com todo o cuidado as suas moradas, melhorando-as muito em architectura e ornato: e desde então em diante começaram a surgir por toda a Villa magnificas casas, e palacetes de muito bella perspectiva, e muito elegantes, que se edificaram de novo em grande numero, e no gosto moderno com luxo e grandeza — sirvão de exemplo entre outros muitos os palacetes dos Illm.os Antonio Joaquim Borges de Castro, e José d'Almeida Cardozo, ambos cazados com Senhoras, naturaes desta Villa; e em quanto a casas tem o primeiro logar pela sua

magnificencia e grandeza a do Exm.º Conselheiro Joaquim Vellozo da Cruz, e as dos Illm.os Joaquim Guilherme Barboza, Manoel Rodrigues d'Amorim, Francisco Ferreira da Silva Fragateiro — esta bem podia fruir as honras de um palacete, se tivesse uma faxada mais regular; a de seu Irmão João na Rua Direita, e outras muitas modernas, e mesmo antigas, como a casa do Terreirinho, a do Choupello, e todas as mais casas nobres, e grandes, em que abunda Villa Nova de Gaya.

Em quanto porém aos armazens, para cujo genero de propriedades he muito adquado o local desta Villa pela frialdade do seu Clima, pela immensa quantidade das suas agoas, e por outras muitas circunstancias, que lhe são privativas, e contribuem poderoza, e efficazmente para a boa qualificação dos Vinhos, e para que elles tenhão aqui um desfalque muito inferior ao que soffrem os que são armazenados em outra parte: sim; em quanto aos armazens era já grande o numero dos que havia, mas este augmentou muitissimo depois do anno de 1833 — todos os terrenos proprios para esta edificação, e em distancia do rio, que não demandasse grandes carretos, forão tirados á cultura, comprados, ou emprazados, e applicados a esta qualidade de predios, com summa vantagem dos senhorios, e empregando-se nelles avultadas sommas. A prosperidade do Commercio de Vinhos, que se seguiu ao Cêrco, e que durou alguns annos com interesses muito consideraveis para os seus gerentes, foi a causa deste augmento d'Armazens, que tam-

bem erão reclamados pelas abundantes colheitas, que havia felizmente nesses tempos, deste producto agricola; notando porém que se não podião armazenar em Villa Nova de Gaya senão Vinhos de 1.ª qualidade, ou de embarque para os portos do Norte, e estes chegaram então aqui ao numero de 80:000 pipas! o que fez subir o merecimento destes predios a um valor espantoso, e produzir um rendimento, que parecia incrivel; porém esta grande vantagem, de que gozava Villa Nova de Gaya, e que ao mesmo tempo fazia conservar o bom credito dos Vinhos, chamados do Porto pela pureza, com que erão aqui qualificados, foi infelizmente eclypsada pela indistincta armazenagem dos Vinhos superiores, que se permittiu desde 1844 tanto em Villa Nova de Gaya, como na Cidade do Porto. Os proprietarios d'armazens representaram logo, e muito energicamente ao Governo de Sua Magestade contra esta mal pensada providencia, mas poucas modificaçoens alcançaram; e os máos resultados, que ella devia produzir, começaram logo a sentir-se, e trouxeram mais tarde a ruina a este grande ramo do nosso Commercio, por ventura o maior, e o mais importante, que anima, e promove os interesses geraes delle, e de toda a Industria. Foi já para reprimir os abuzos, que alguns commerciantes, menos zelosos do bom credito dos nossos Vinhos, e mesmo da sua probidade, e verdadeiros interesses ouzaram practicar em outro tempo, adulterando a sua boa qualidade com a mistura d'outros inferiores, e até d'alguns ingredientes nocivos á saude, que o

sabio, e providentissimo Governo do Senhor D. José 1.º estabeleceu em 1756 a Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro, estatuindo entre outras muitas das disposiçoens do seu Regulamento, todo tendente ao melhoramento do Commercio de Vinhos, assim como aos interesses da lavoura, = que aquelles sendo de 1.ª qualidade, ou os mais superiores só se podessem armazenar em Villa Nova de Gaya = ; e aqui nenhuns outros de qualidade inferior, para que aquelles ficassem assim fóra do alcance de poderem ser alterados na sua boa qualidade e pureza ; e por meio destas saudaveis providencias se restabeleceu a boa reputação, de que d'antes gozavão, e o Commercio se viu prosperar d'ahi em diante consideravelmente. Estes máos commerciantes, ou mais propriamente *traficantes*, homens de má fé, e sem a probidade, que caracteriza o Negociante honrado, tornaram infelizmente a apparecer pela facilidade, que lhes proporcionou aquella liberdade d'armazenagem, e o pouco zêlo na fiscalisação ; e começaram a introduzir nos seus armazens vinhos inferiores, e misturas de pessimos, e perniciosos ingredientes, querendo *fazer do velho novo, e do novo velho*, para o pôr, dizião elles, no paladar dos consumidores; e isto com tanta impunidade, e cynismo, que levaram o rico Commercio de Vinhos a um estado deploravel, e a Praça do Porto quasi a uma banca rôta, com a ruina total dos seus proprios interesses !!

Competia porém ao Governo dar as providencias necessarias, e tomar as medidas, que jul-

gasse a proposito em caso tão momentoso, como fez aquell'outro em identicas circunstancias, para reprimir estes criminosos abusos, castigar os delinquentes, e evitar no futuro a sua repetição: mas já que não cura de objecto de tamanha transcendencia, praza aos Céos, que esses homens, desviando-se do errado caminho, que tem seguido, e que só conduz á sua ruina, e de todo o Paiz, cuidem com todo o desvello e consciencia em beneficiar os seus Vinhos com aquelles concertos, que as antigas practicas ensinão, em ordem a manter a sua boa reputação; fazer a exportação delles cada vez mais numerosa; não offender a saude publica; restabelecer, e conservar illeso o credito desta Praça, que foi sempre muito respeitavel, e respeitada em todas as Praças Commerciaes, não só da Europa, mas de todo o mundo — E se não

Vê-se, que a Camara Municipal da Cidade do Porto manda examinar amiudadas vezes pelos seus Zeladores em todas as entradas da Cidade, e mesmo nas praças respectivas a qualidade, e peso do Leite, para averiguar, se elle he puro, ou misturado com agoa. Ora quando se observa esta providencia, aliás muito louvavel, com o Leite, que he objecto de pouca monta, porque se não hade practicar o mesmo com o Vinho nos grandes e pequenos armazens? a razão he obvia — as leiteiras são umas mizeraveis; os Negociantes de Vinhos ricos, e poderosos... Agora pergunto eu: qual destas substancias deverá ser examinada mais escrupulosamente? qual dellas poderá conter maior quantidade de substancias

nocivas? qual dellas affectará mais de perto a saude publica, e os interesses geraes do Paiz? Porisso qual dellas reclamará mais serias, e energicas providencias?

CAPITULO IV.

Das Fontes, Ruas, e Praças de Villa Nova de Gaya; do rio Douro, que a banha; assim como das Quintas, que augmentão grandemente a sua belleza, e fazem o recreio, e utilidade dos seus habitantes.

Tem Villa Nova quantidade de Fontes de excellente agoa (1) e a visinhança da Cidade, e rio lhe subministra abundantemente, quanto he indispensavel ás differentes necessidades da vida. As suas Praças e Ruas, attenta a escacez

(1) Entre estas Fontes ha uma, a que pelos salutiferos effeitos se dá o titulo de *Fonte Santa*, cuja agoa o Dr. Antonio Francisco da Silva, Medico, que foi da Relação desta Cidade, assemelha á de Spá em um Tractado particular, que della imprimiu no anno de 1764 com o titulo de Exame Medico-Cirurgico.

do terreno, nem são amplas, nem extensas: basta porém para supprir por todas a chamada Rua Direita, que corre de Norte para o Sul, e o bellissimo Caes, que borda o rio Douro (2) do Nascente para o Poente — aquella porque principiando na mesma praia, continúa quasi sem interrupção por espaço de meia legoa até o alto do Senhor do Padrão; este porque dilatando-se

(2) Ao caudaloso rio Douro, que pelos patrioticos exforços da Illm.ª Junta da Companhia he hoje navegavel até Hespanha, e o principal vehiculo das provisoens para os nossos Exercitos, chamão todos os Geographos — *um dos mais celebres da Europa* — Mons. Lynk — *une belle riviere couverte de navires* —; João Franco Barreto, e os Padres Novaes, e Ferreira — *o maior rio da Espanha* —; e os Padres Rebello, Santa Maria, Cunha, e Resende — *superior ao Tejo.* — Citarei para prova algumas destas auctoridades.

Fr. Manoel Pereira de Novaes na sua Anachrysis Historial não só affirma ser o Douro o maior rio de Hespanha, mas que attendendo aos muitos rios, que nelle se introduzem, se costuma dizer em proverbio — *yo soy el Duero, que todas las agoas bebo.*

Fr. Manoel d'Oliveira Ferreira no Poema Epico, que imprimiu em obsequio do Bispo D. Fr. José Maria d'Evora, canta assim em louvor seu —

Maximus Hisperiæ juxta mea moenia rivus
Undarum Pater Oceani ditissima proles.
Durius it, roseis pellucidus undique ripis &c.

O Padre Agostinho Rebello no Capitulo 6.º da Descripção do Porto diz — que o curso do Douro he de 146 legoas (fallaria das de 25 ao gráo) que atravessava 3 Reinos, regando nelles 9 cidades, 22 villas, e um grande numero de logares; que nelle se pescão as melhores lampreias de Portugal, como tambem grandes solhas, saveis, ruballos, teinhas etc.; que he cor-

desde os Guindaes até á Fabrica do Cavaco(3) que he um terço de legoa, offerece aos habitantes um passeio dos mais deliciosos, que possão imaginar-se, já pela belleza, e igualdade do caminho, já pela frescura das perennes fontes, que o bordão, já finalmente pela vista variada, e encantadora, que delle se gosa (4)

tado por muitas pontes notaveis, e navegavel por trinta e tantas legoas, e que de resto se engolfão nelle tantos, e tão copioso rios, que o tornão o maior de Portugal, e superior ao Tejo.

Finalmente André de Resende no L.º 2.º das Antiguidades de Portugal a f 27 — *Durius*, diz, *claritate sua, et Scriptorum testimonio celebratissimus aquarum mole Tagum superat, nisi quod compressiore, et fere inter montes, alveo fluit, Tago per liberos, et planos campos ad ostentationem se dilatante. Hinc apud nos vice proverbii uzurpatur. Tagus tulit famam, sed Durius vihit aquas.*

(3) A Fabrica do Cavaco, e a da Rasa são de Louça, que chamão de pó de pedra, e ambas existem em Villa Nova de Gaya — a 1.ª na freguezia de Santa Marinha, e a 2.ª na de S. Christovão.

(4) Ao prazer, que inspira este passeio, não he inferior o que offerecem os muitos jardins, e quintas, que exornão Villa Nova, e as suas circumvisinhanças; sem fallar na grandiosa quinta dos Padres Cruzios, e na dos Capuchos, e Congregados d'Oliveira, são entre outras dignas de ver-se as de João Newel, das Devezas, da Pedra Salgada, do Sardão, do Bouçinha, e sobre todas a de Feaes, elegantemente descripta pelo Padre Rebello, e pertencente a D. Maria Izabel Van-Zeller, senhora bem conhecida pela sua philantropia e que desde 15 d'Agosto de 1805 até 30 de Setembro de 1813 tem em sua casa vaccinado gratuitamente 7:028 pessoas além das muitas, que vaccinára nos annos anteriores, das quaes não tinha feito assento. Este numero, ainda que excessivo, não tem proporção com o do ultimo semestre,

ADDITAMENTO.

Poucas Povoaçoens haverá, que sejão tão bem dotadas pela Natureza com tão copiosos, e excellentes mananciaes d'agoa, como he Villa Nova de Gaya. Além das Fontes publicas, que são muitas e que muitas mais poderião ser, attenta a abundancia d'agoas, que possue, póde affirmar-se, que cada armazem tem uma Fonte, e alguns duas e tres; sem fallar nas quintas,

que segundo me participa a mesma Senhora, foi o seguinte:

1813		Pessoas
Abril	Vaccinou	286
Maio		498
Junho		298
Julho		448
Agosto		404
Setembro		370
	Total dos 6 mezes	2:304

Aos creditos, que tem obtido esta Divina descoberta, e aos incessantes desvelos da dita Senhora em applical-a se deve o concurso, que se admira ás portas da sua quinta, o qual é tão crescido, principalmente nos domingos, que tem vaccinado em muitos delles para cima de 100 pessoas, e já em um só vaccinou 172. Que exuberante beneficencia!

jardins, e casas particulares, muitas das quaes gozão este grande beneficio, tão util, e necessario para todos os uzos da vida, assim como indispensavel aos variados mesteres da Industria, e á conservação e saude do povo. Passando porém a ennumeral-as com designação dos seus nomes, e collocações, direi: que a primeira Fonte de Villa Nova de Gaya he hoje a Fonte do Coelho, collocada proxima ao Rio, por baixo da nova estrada, que segue para o Nascente — desta Villa a Quebrantoens pela margem do Rio, e assim chamada do nome do seu auctor o Illm.º João Coelho d'Almeida, da Cidade do Porto, que tem promovido a obra d'abertura desta estrada, e outras mais em Villa Nova de Gaya, não com o pensamento de beneficiar esta Villa, mas com outro, de que depois fallarei. Seguindo d'ali para o Poente, encontrão-se as duas Fontes do Senhor d'Além, antigas, e copiosas; e mais adiante outra no alto dos Guindaes, mas esta de parte nenhuma se avista pela sua collocação, e só se presta a quem de proposito a procura. A' entrada da Rua Direita está a Fonte da Volta, levantada pela Camara Municipal em 1849 — a primeira, e por ora a unica, que se vê decorada com o Brazão d'Armas desta Villa e Concelho; he alta, e de bom frontispicio; mais abaixo no meio da Praia a Fonte deste mesmo nome; e continuando pela margem do rio encontrão-se mais a Fonte dos Burros, cuja agoa não he potavel, mas muito salutifera para os olhos; a Fonte da Fazendinha; a Fonte de Santo Antonio, e a Fonte da Magdalena — he esta a agoa mais

excellente, que tem Villa Nova de Gaya, clarissima, muito leve, e de tal modo saborosa, que algumas familias da Cidade mandão buscar esta agoa para objectos mais mimosos do serviço culinario; esta Fonte bem merece pela qualidade especial da sua agoa ser embellezada com um bom frontispicio, sobre cujo objecto eu tive já a honra de indicar á Exm.ª Camara deste Concelho o meio de fazer esta obra com muito pequena despeza, que vem a ser: collocar alli o frontispicio da Fonte de S. Christovão, que já não existe. Nesta linha ha em ultimo logar a Fonte de Valle d'Amores, collocada no sitio do Cavaco por baixo do Caes, de sorte que na posição he igual a ultima com a primeira na margem do rio. Subindo d'aqui pelo monte da Furada para o Sul, encontra-se na Furada de Cima a Fonte de Santarem com rio para lavar ao Poente do Candal. Neste logar do Candal vê-se a borbulhar jorros d'agoa por tres grossas bicas a Fonte de Ludosa, que foi levantada do abatimento em que jazia, e embellezada pela Camara Municipal em 1849, a qual tambem mandou fazer junto a ella um rio para lavar, muito commodo, e espaçoso; os muitos poços, que ha neste logar, supprem as necessidades do povo, e sem elles seria mais que insufficiente esta Fonte, ainda que copiosa, por ser collocada a um canto muito remoto deste logar, e este muito populoso. Ha mais abaixo a Fonte das Regadas, que tambem foi melhorada pela Camara Municipal, e he situada no logar, que lhe dá o nome, que tem. Segue-se

a Fonte de Ramiro, que mereceu tambem as mesmas honras, e beneficio pelos muitos, que presta ao povo n'aquelle logar — o nome desta Fonte he muito historico respeito ás coisas de Gaya, e tanto quanto he romantico aquelle de Valle d'Amores da ultima Fonte na margem do rio; cada uma destas Fontes he um livro.... e que saudades, que bellas recordaçoens não despertão em nossa alma aquelles dois nomes tão sympathicos, e de tanta gloria para esta Villa?!... Mais abaixo em um sitio pouco transitavel está a Fonte Nova, qu'inda hoje se apellida com a *novidade*, que teve ha immensos annos ! A' entrada da rua das Costeiras está a Fonte de Santo Antão. Mais além a Fonte da Maricas, sita em um recanto do logar das Azenhas — esta Fonte foi melhorada em 1840 pela Camara Municipal com um lindo frontispicio, e deu muito trabalho a levantar esta agoa, que corria muito funda; conserva-se em deposito, e só sahe, quando he puxada por um arame, que a faz subir. He na verdade muito notavel, que as Fontes de menos importancia pela sua collocação, como esta, que só se vê, procurando-a de proposito, e outras mais em iguaes situaçoens, são as que tem merecido mais o cuidado das Camaras Municipaes; entretanto que outras, situadas nos pontos mais frequentados, jazem em abandono! em fim os homens, e as coisas, tudo que fortuna... Ao pé da Matriz está a Fonte de Santa Marinha, feita no anno de 1804, e que tomou da Santa o nome pela visinhança, em que está da sua Igreja. Seguindo d'aqui para o Nascente

pela rua do Sacramento, que antigamente se chamava dos Assougues, porque só os havia então nesta rua, encontra-se a classica Fonte do Cabeçudo em linha com a Rua Direita — esta Fonte tem duas bicas; he muito antiga, e reformada com um bom frontispicio: ao lado della, mas separada, existe ainda uma tosca figura de pedra, que deu o nome a esta Fonte. Mais acima ha a Fonte de S. Roque — tambem he antiga, e se honra com o nome do Santo, que tem alli junto a sua Capella. Acima mais está a Fonte da Bandeira, que fica ao Nascente da rua em um sitio remoto — he digno de lastima vêr o estado de desprezo, e abandono, em que se acha esta Fonte com uma agoa tão preciosa como tem! He de rigorosa justiça, que a Camara mande collocar uma fonte na frente da Rua no barranco das pedreiras ao pé do antigo matadouro, para esta agoa: merecerá por esse beneficio mil louvores. No alto da Bandeira está a Fonte de S. Sebastião — he bem collocada, e tem um Santuario com o vulto do Santo, cujos devotos o illuminão todas as noites. Segue-se a Fonte dos Barreiros com rio para lavar — he muito antiga, mas nunca mereceu os cuidados da Camara para a embellezar; o que bem precisava, attenta a sua collocação — á frente da estrada principal do Reino, em sitio lindo, no meio de uma povoação immensa, e defronte do edificio da cadeia do concelho. Na Memoria, que tive a honra de offerecer á Exm.ª Camara relativamente á Fonte da Magdalena, tambem lhe notei a incompetencia, em que esta Fonte está em referencia ao ponto da

sua collocação; mas que ella podia, e devia ser melhorada, e embellezada com o bello e grandioso frontispicio da Fonte Santa, que já não existe, e cujo frontispicio está hoje como escondido em um buraco, sendo elle uma peça tão rica e tão magnifica, como he, exposto a ser roubado, e mutilado, como já foi em algumas partes, por exemplo as piramides, que o exornavão, e uma aguia, que coroava este bello prospecto; aquellas (dizem) achão-se actualmente na Bandeira em casa de João de Pinho, e a aguia estará provavelmente no mesmo logar. Em um canto remoto do logar da Raza ha uma Fonte *sem posse*, e cuja agoa por isso mesmo não he certa. Em Santo Ovidio ha outra Fonte insignificante. Adiante mais está outra Fonte, chamada o Chafariz dos Arrependidos ao Nascente da estrada, é muito bôa; e além nos limites da freguezia de S. Christovão está a Fonte de Lavorim, situada na mesma estrada, que conduz a Lisboa. Voltando para a Matriz de S. Christovão temos a Fonte de Trancozo no logar do mesmo nome — he um charco! Mais ao Norte está a Fonte das Pedras, tambem *sem posse*, no logar assim chamado, e junto á quinta, donde lhe vem a agoa, que nunca falta, em razão de serem do mesmo proprietario as casas proximas, cujos inquilinos elle quer beneficiar; e tudo foi mandado edificar no anno de 1825 por José Ribeiro de Castro, homem de negocio, e Major Commandante, que foi da Companhia dos Incendios da Cidade do Porto. Vindo para baixo encontra-se a Fonte do Castanheiro; e logo abaixo

acha-se em ultimo logar a Fonte da Fervença com um excellente rio para lavar; he antiquissima, muito abundante d'agoa, e agora muito melhorada, porque a Camara Municipal a mandou reformar no anno de 1835; e fez collocar nesta Fonte a Cruz, e os aciprestes, que ornavão a frente do Passo, que houve neste mesmo logar.

Eis aqui pois o que he Villa Nova de Gaya nesta parte tão importante do serviço e utilidade do povo, contando já 32 Fontes publicas, e ainda podia haver mais, se a Câmara possuisse maiores recursos, ou não estivesse, como está, já ha alguns annos, muito distrahida com a obra do alargamento da Rua Direita, que he muito grande, e despendiosa. Muitas casas particulares tambem tem agoa propria, como já disse; e o Convento das Religiosas além da muita agoa, que tem nas Fontes da sua casa, e cêrca, tem mais uma cisterna, que reune, e contém agoa sufficiente para todos os usos do seu serviço para tempo de seis mezes, e he potavel, e muito excellente. Desta agoa, como muitas vezes acontece, he que se servem agora, por se terem arruinado os canos, que conduzem a agoa para o Convento, sendo-lhes aquella de muito proveito por esta, e outras eventualidades, que podem sobrevir.

Em quanto ás Ruas, e Praças, posso affirmar, que desde que Villa Nova de Gaya se separou do Governo Municipal da Cidade do Porto, e se unio ao Concelho de Gaya, constituindo-se em cabeça deste Municipio, tem recebido, assim como todo o Concelho muitos melhoramentos materiaes;

e he da maior importancia, o que se está operando no alargamento da Rua Direita, cuja obra he de muita estimação para os seus habitantes, e de grandissimo valor, e utilidade publica, devida principalmente ao zelo patriotico, e assiduos cuidados do muito benemerito Villa-Novense o Exm.º Conselheiro Joaquim Vellozo da Cruz, actual Presidente de Camara, que tem sido incansavel na execução desta obra, a qual apesar de ser demasiadamente grande, tem conseguido fazel-a progredir sem gravame do povo, nem augmento de contribuiçoens, e só com os pequenos recursos do Municipio, e o auxilio de 1:000$000 de reis, que a diligencias suas obteve do Governo para esta obra pago pelo cofre d'Alfandega; supprindo tudo o mais o muito valimento e auctoridade de sua pessoa, com que tem sabido conciliar a todos, para que de bom grado, e sem questoens se prestem a tantos sacrificios. Além da referida obra, que he tambem embellezada com passeios lateraes no gosto urbano, todas as mais ruas da Villa tem recebido algum melhoramento, tanto no alinhamento dos predios, cortando do modo mais conciliador as tortuosidades, e defeitos antigos, e dando-lhes toda a amplitude, que permitte a estreitesa do logar para a commodidade do transito, e aformozeamento local, como no nivelamento das calçadas, abrindo tambem canos, aonde os não havia para o escoamento das agoas, e limpeza publica. Os antigos Senados da Camara erão pouco sollicitos de tudo o que respeita a obras publicas, principalmente fóra dos limites da Cidade: he certo po-

rém, que n'aquelles tempos elles dispunhão de recursos muitos diminutos, e desses mesmos a maior parte se despendia com as Festas publicas, e Religiosas, que a Camara era obrigada a fazer, e em grande numero; não obstante os povos erão então muito menos contribuidos, do que o são modernamente.

Depois de concluido o alargamento da Rua Direita desde a Volta até a Capella de S. Roque, projecta-se continual-o da Capella para cima, e para esse fim ha o plano de demolir a Capella, e collocal-a de novo de Poente e Nascente em frente com a mesma rua, como já disse no § 25 Cap. 2.º: esta obra, se se concluir, será o maior padrão de gloria para o seu auctor. Tambem será muito de louvar, que a Exm.ª Camara não perca a occasião, como infelizmente já acconteceu, de remover aquelles nojentos, e indecentes motivos de desformozeamento, e inconveniencia publica, que cobrem, e atravessão as ruas de Baixo (hoje chamada dos Marinheiros), e da Barroca — este pela ruina, em que se acha a casa respectiva, está em circunstancias favoraveis de se conseguir; aquelle porém tendo estado nas mesmas circunstancias, não se diligenciou, e agora será mais difficil de se conseguir: não obstante lavre-se um Termo nos livros da Camara, para que qualquer das futuras Administraçoens o faça, logo que se proporcione a occasião.

A Praia tambem foi aformozeada com um passeio ao longo della quasi desde a Volta até á Ponte, e guarnecido d'arvoredo, cuja obra foi promovida pelo Administrador da Ponte, que he

o mesmo auctor da 1.ª Fonte desta Villa —§ 1.º do Additamento a este Capitulo: e promoveu-a com o fim unico de encaminhar o povo para a Ponte, porque preferia atravessar o rio nos barcos, em rasão da grande distancia, em que ella fica, tanto da Rua Direita, como da Rua Nova de S. João, que he a entrada principal da Cidade pelo lado do Sul. Ora como esta obra não satisfizesse completamente ao fim, a que se propoz, porque o povo continuava a passar nos barcos, o dito Administrador concebeu o projecto de abrir uma estrada ao Nascente da Villa, seguindo dos Guindaes ao alto da Bandeira, para desde lá encaminhar o povo por esta nova via para a Ponte. Fez deste pensamento proposta ao Governo, o qual mandou consultar as Auctoridades sobre o caso; depois mandou tambem Engenheiros examinar a obra, e levantar as plantas. Desde logo começaram a declararar-se em opposição a esta obra todos aquelles que tinhão de soffrer expropriaçoens; e a mesma Camara, ou o seu digno Presidente, que era o da actual, como conhecesse, que a nova estrada vinha desviar do centro da Villa, isto he da Rua Direita a concurrencia do povo, e isto prejudicaria de futuro os seus habitantes, porque lhes diminuiria o commercio, e conseguintemente o valor das propriedades, expoz ao Governo — que nem era util, nem necessaria a dita estrada; porque se estava alargando já a Rua Direita, a qual dava depois passagem facil, e commoda a todo o povo, e transportes; e que além disso aquella obra não correspondia ao gasto excessivo, que deman-

dava. — O Administrador instou no sentido da sua proposta, ampliando «que na occasião das enchentes do rio não havia passagem ampla e enxuta para a Ponte; e que a estrada projectada tinha mais a vantagem de dar essa passagem, que era muito necessaria.» Depois de tudo isto, e de grandes delongas a proposta do Administrador da Ponte foi approvada, e mandada pôr em execução; porém o plano foi reconsiderado, e modificada a planta, porque em logar de hir pela Serra ao alto da Bandeira conforme o primeiro projecto, vai sim ao mesmo ponto, mas caminha ao longo da Rua Direita do lado do Nascente, e proxima a ella até á Fonte de S. Sebastião, que tem por isso de ser removida. Segundo consta, fez-se esta modificação, para diminuir o seu enorme custo, evitando algumas expropriaçoens, que tinhão de se fazer pelo primeiro plano, e erão de grande valor. Esta obra começou no 2.º semestre do anno de 1858.

He certo, que Villa Nova de Gaya além da Praia, que borda o rio Douro, não possue actualmente nenhuma praça, ou largo, mais ou menos espaçoso, que dê lustre e grandeza a esta Villa — he comtudo falta muito notavel! e esta mais se deixa vêr junto á sua Igreja de Santa Marinha, depois que o Adro della foi applicado ao Cemiterio. Na occasião das suas funcçoens, ou de funeral d'algum official militar sente-se mais aquella falta pela carencia de espaço para resguardo de carruagens, accommodação do povo, ou formatura de tropa: e neste caso a Exm.ª Camara depois de concluir a grande obra da Rua Direita, fará

um serviço muito importante a esta Villa, se comprar as casas velhas, que já são agora de muito pequeno valor, e que estão entre a casa do Terreirinho, e o Adro, da parte do Nascente, para mandar demolir, e fazer do terreno uma praça, que he muito necessaria n'aquelle sitio para os fins acima indicados. A Exm.ª Camara merecerá dos habitantes desta Villa os mais justos e devidos louvores, se depois desta obra fizer outra junto á mesma Igreja, que tem a vantagem de reunir o util com o agradavel; e vem a ser: comprar as quatro casas, que estão defronte da porta principal da Igreja até á Fonte de Santa Marinha para mandar demolir, e levantar neste terreno uma alameda, guarnecida, e fechada com um gradeamento de ferro — além do grande recreio, que vem a offerecer depois este bello sitio, e passeio, e que deve dar muita importancia a esta Villa, tem juntamente a vantagem de desassombrar mais, e ventilar melhor o Cemiterio. Talvez pareção grandes estas obras comparativamente com as forças do Municipio, mas de certo o não são, porque os muitos materiaes dos mesmos predios attenuão grandemente o custo da obra; e além disso, porque logo que a Exm.ª Camara lhes der principio, ha-de achar a coadjuvação dos habitantes desta Villa, que são essencialmente generosos, e tem muita dedicação, e amor patrio, como tantas vezes se tem mostrado. Não sirva tambem d'obstaculo á sua collocação, dizendo-se, que he central, e que não he vistosa — nestas circunstancias não he inferior ao Jardim de S. Lazaro, nem ao Passeio da

Praça de D. Pedro na Cidade do Porto, he só em quanto á sua extensão; porque aquelles nem são menos centraes, nem mais vistosos, do que a alameda, ou passeio de Santa Marinha: he mais um recreio, que gozará esta Villa, e que deve trazer-lhe igualmente muita importancia, e belleza.

Segundo o argumento deste Capitulo tenho a tractar agora do rio Douro, que banha tambem esta Villa, a qual sendo agora a penultima de todas as que limitão com elle, e que gozão os beneficios deste rico thesouro da natureza, he comtudo a primeira, e a mais notavel entre todas por todos os titulos, que abonão, e recommendão grandemente a sua nobreza. Nada direi porém do nascimento deste rio, do seu curso regular, da sua extensão, nem da sua importancia em relação a si mesmo; mas sómente d'aquella, que respeita ao Commercio e Marinha, com referencia ao estado e circunstancias da sua Barra; o que tem sido, e o que se espera, que venha a ser com a applicação dos melhoramentos, que felizmente já começaram. Tudo o mais já está sobejamente desenvolvido por escriptores muito habeis, e ao alcance de todos.

Quanto ao que tenciono expôr, direi — que os incalculaveis prejuizos de vidas, e de fazenda, provenientes dos repetidos naufragios, que desgraçadamente tem succedido na Barra deste rio por causa das muitas pedras, e recifes, que a obstruem, servem d'embaraço á sua entrada, e a tornão estreitissima, e muito perigosa, além

das sinuosidades, que apresenta este canal. nunca moveram os Governos passados a tractar do seu melhoramento com aquella decisão, e energia, que imperiosamente reclamava esta obra tão indispensavelmente necessaria para bem da humanidade, e interesses do Commercio. Lançaram-se, sim, contribuiçoens ao mesmo Commercio, e á Marinha com designação áquellas obras tão urgentes, mas apenas se trabalhava alli no sentido paliativo, e inefficaz; e o producto dellas se destrahia para applicaçoens estranhas, e por ventura de muito menor importancia. O desmazelo, e indifferença, com que os Governos tractaram sempre este objecto de tão alta monta, era já tão proverbial, que fazia acreditar facilmente, que esta malfadada, e perigoza Barra nunca chegaria a receber algum melhoramento importante, e definitivo. Todavia pela resolução regia de 21 d'Abril de 1828 se mandou crear proximo a ella um estabelecimento de Salva-Vidas, deferindo-se cathegoricamente á consulta, que a Junta da Companhia dos Vinhos fez subir n'aquelle mesmo anno á presença do Governo, propondo a sua creação, a qual lhe foi ordenada para fazer executar em harmonia com o plano, que tambem lhe foi approvado na sua integra, e que accompanhava aquella proposta. Seguiu-se a construcção do edificio, que foi munido de todas as dependencias, officinas, machinas, e apparelhos necessarios em ordem a preencher os fins da sua muito louvavel instituição; e logo no anno seguinte se fez sentir a utilidade deste estabelecimento na efficacia dos soccorros,

que prestou a algumas embarcaçoens, assim Portuguezas, como estrangeiras.

Veio o anno de 1832, e com elle o Governo Constitucional — este Governo tão promettedor dos melhoramentos materiaes do Paiz. Esperava-se delle a continuação, e actividade d'aquellas obras depois da guerra; mas apezar das repetidas instancias, que então se fizerão, e continuaram depois a fazer sobre este importante objecto, nada se ordenou para o augmento dellas, antes pelo contrario por uma inqualificavel imprudencia se mandou inutilisar o interessantissimo estabelecimento do — Salva-Vidas, e vender aquelle edificio !!! Nada mais se fez, que substituisse este asylo; e assim ficou a Barra do Porto novamente exposta a offerecer os antigos perigos da sua origem, sem haver ali um unico meio, com que se podesse valer aos desgraçados, que vinhão encontrar nella a sua desventura! Em fim, foi preciso vir o dia 29 de Março de 1852, esse dia sinistro, que já em 1809 havia sido fatal pela horrorosa castastrophe, accontecida sobre a Ponte deste rio, cujo alçapão com a mais reprehensivel imprudencia tinhão intempestivamente levantado, e impedio a passagem a muitos milhares de pessoas, que pretendião escapar da invasão Franceza, e ficaram alli afogados, ou esmagados pela pressão de uma multidão enormissima, que se agglomerou n'aquelle ponto! E outra vez a tornou a ser em 1852, cobrindo de luto a muitas familias, e a todos de consternação e de dôr pelo sempre lamentavel naufragio do Vapor *Porto*, que a bra-

veza do mar despedaçou n'aquelle dia sobre as pedras da Forcada, perecendo alli á vista de terra, e de immenso povo — parentes, e amigos todas as pessoas, que elle conduzia a seu bordo, sem poderem receber o mais pequeno soccorro, nem haver meio possivel de lho ministrar, depois da falta d'aquelle, apesar das mais vantajosas offertas, e até fortunas, que se poderam propor aos mais ousados!! Foi tal, e tão profunda a sensação, que causou no animo de todos este desastroso acontecimento, que toda a attenção publica se voltou a sollicitar os meios necessarios para evitar no futuro a repetição de tão deploraveis desastres.

Desde logo se creou uma Sociedade com o titulo de *Humanitaria* sob proposta do Exm.º Barão de Brown, que foi um distincto, e honrado Commerciante da Praça do Porto, e grande proprietario nesta Villa, o qual foi nomeado Presidente da mesma Sociedade, e esta com o fim principal, e philantropico, de acudir, e soccorrer aos naufragos, e depois deste grandioso acto de beneficencia estender em cazo secundario os seus generosos, e beneficos influxos a toda a parte, aonde gema a humanidade afflicta. Tractava-se igualmente de endereçar ao Governo uma representação muito energica no sentido das providencias, que o caso reclamava; quando se soube, que já não era necessario, porque aquelle despertando então, por effeito deste grande abalo, do lethargo, em que jazia, se viu tão vivamente compenetrado do mesmo pensamento, que não tardou em mandar proceder ao restabelecimento

da casa do Salva-Vidas, e dar principio aos trabalhos hydraulicos, que se julgassem necessarios para melhoramento da Barra. Em consequencia disso procedeu-se á nomeação de commissoens, para tomar a gerencia deste grande negocio; convidaram-se os homens da sciencia, para o estudar, e apresentar os competentes relatorios; e depois em Novembro de 1857 se deu começo a esta obra importantissima pelo quebramento das pedras da Barra por meio da explosão executada pelo nosso muito habil e distincto Machinista Francisco Antonio Gallo sob as ordens e direcção do emprezario inglez Mr. Fletcher, que empregou o 1.º anno oito mergulhadores, e no 2.º e 3.º quatro, munidos dos envoltorios, e apparelhos, que a sciencia, e practica tem descoberto, e aperfeiçoado modernamente para o fim deste importante serviço, que já tem dado bons resultados, porque já se acha mais franqueza na entrada da Barra pelo lado do Sul; e proseguindo-se com a mesma dedicação, e louvavel zelo nesta tão util, como necessaria empreza espera-se, que com o tempo se chegue a obter no rio Douro uma Barra nos termos de dar entrada segura, e izempta de perigos a todas as embarcaçoens em qualquer quadra de tempo, como ardentemente se deseja.

Finalmente em quanto as quintas, que exornão, e enriquecem as freguezias de Villa Nova de Gaya he demasiadamente grande o seu numero; e ainda mesmo as que se fazem mais dignas de particular menção, são tantas, que seria necessario larga escripta, se pertendesse descre-

ver individual, e circunstanciadamente este objecto. A magnificencia, e o bom gosto, que tanto caracterizão a épocha actual, não se tem limitado só ao aformozeamento dos predios urbanos, tem-se levado tambem ás quintas, e casas de campo, que se achão hoje em um gráo de recreio e de belleza tal, que se tornão de um preço excessivamente grande pelo muito, que tem custado — jardins, bosques, lagos, fontes, cascatas, pyramides, estufas, estatuas, etc., que tudo mostra pelo grande desenvolvimento, que tem recebido os progressos, e gráo de perfeição, a que tem chegado modernamente a Jardinagem, a Agricultura, e as Artes.

Todas as quintas em geral são bem ordenadas, e convenientemente repartidas, tanto no que pertence aos jardins, hortas, e pomares, como pelo que toca aos lavradios de pão, e vinho. Os jardins são mui vistosamente entrecortados por muitas ruas, que todas partem de um centro mais ou menos espaçosas em differentes direcçoens, e são tambem divididos em quadros feitos de murta, que mostrão lindas raphaellas, desenhadas com muita graça, e symetria, e tem geralmente n'aquelle centro bacias de pedra, primorosamente lavradas, das quaes se elevão ao ar n'um, ou mais fios, e a muita altura repuxos d'agoa perenne, e cristalina: são igualmente cheios de bellos arbustos, e trepadeiras, que formão arcos, e casas improvisadas, que offerecem a mais deliciosa sombra, e recreio; e tambem das mais vistosas e delicadas flores, que muito agradão, e deleitão os sentidos, assim

pela suavidade dos aromas, que exhalão, como pela variedade das suas formas e lindissimas côres, com que forão esmaltadas pelo Creador, que em tudo fez sentir o seu immenso poder, e sabedoria infinita. As hortas são dispostas das melhores, e mais mimosas plantas, cujas castas a horticultura tem apurado grandemente, e de que os seus proprietarios tirão muito interesse nos mercados desta Villa, e da Cidade do Porto; assim como das fructas, de que ha nos pomares grande quantidade de todas as qualidades, mas não são aqui tão saborosas, nem tão perfeitas, como em outras terras do Reino. Em quanto aos lavradios, estes produzem muito milho, centeio, algum trigo, e cevada; e os campos são guarnecidos d'algum arvoredo de carvalhos, e castanheiros, e principalmente de ramadas, sobre as quaes se dilatão extensas videiras, de que se colhe o Vinho Verde, assim chamado do *acre*, que tem estas qualidades d'uva, que se dão por aqui, e que ainda que sejão dôces na sua origem, degenerão depois sob este clima, em que vegetão: porém desde o anno de 1852 tem-se colhido muito pouco Vinho por causa do *Oidium*, que desgraçadamente mata o fructo depois de nascido.

Querendo exemplificar o que venho de referir, bastará lembrar em uma narração muito succinta as quintas dos Exm.os Baroneza de Brown, (esta quinta foi de João Nevel, em cujo tempo já era muito celebrada) e Alvaro Leite Pereira de Mello; vê-se nellas tudo, a que póde chegar neste genero a arte e o bom gosto, e offe-

recem uma variedade tão grande de recreios, que entretem, e deleitão, sem fatigar, aos mais curiosos entendedores.

A primeira destas quintas foi embellezada pelo seu proprietario Manoel de Clamouse Brown, e a segunda foi levada ao gráo, que hoje gosa, e que a torna muito recommendavel, por esse grande genio agricultor o Ex.mo Conselheiro Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal, natural desta Villa, durante o tempo que occupou esta quinta por espaço de quinze annos, ou mais. Este Cavalheiro estabeleceu depois na quinta, que possuio no logar da Lavandeira da freguezia de Oliveira do Douro deste Concelho uma quinta modèlo, subsidiada pelo Governo, aonde ensaiou, e ensinou os mais proficuos systemas d'Agricultura, applicando á terra os novos instrumentos que a sciencia tem aprefeiçoado para tornar os trabalhos agricolas menos pezados, e mais proveitosos ; e por estes meios elevou os rendimentos desta quinta a uma cifra muito avultada. Em quanto possuio esta quinta, patenteava-a ao publico no domingo seguinte ao dia 15 d'Agosto de cada anno ; porque em verdade ella tinha tanto que vêr, que gozar, e admirar, que attrahia povo immenso a visital-a. Mas o novo possuidor alterou-a completamente, e reduzio tudo a *grão*, que he a favorita de certos....

CAPITULO V.

Da Ponte do Rio Douro, que liga Villa Nova de Gaya com a Cidade do Porto; e da sua População.

Outro quadro não menos jucundo, e digno de attenção do observador he a celebre Ponte de barcas, que une ambas as margens do Douro, e que se patenteou pela primeira vez no dia 14 de Agosto de 1806. (1) Esta vistosa Ponte, unica no seu genero em Portugal, e que se compõem

(1) Calculão-se em mais de 400 as pessoas d'ambos os sexos, que fugindo aos horrores do fatal dia 29 de Março de 1809, pereceram aqui com o seu precioso mizeravelmente atropelladas, ou submergidas. Que pavoroza scena! que lamentavel catastrophe!

Na madrugada de 12 de Maio do dito anno de

de trinta e tres barcas, tendo perto de mil palmos de extensão, he talvez a obra mais util de quantas se tem feito no Porto, tanto pelo prazer do passeio, que ella inspira, e commodidade, que presta aos viajantes, como porque a exemplo da de Ruão (2) sóbe, e desce com as

1809 queimaram, os Francezes esta Ponte celebre para obstarem á passagem do Exercito Anglo-Luso, que a marchas forçadas caminhavão sobre elles, mas pela summa actividade do Grande Willington, e mediante os generosos soccorros dos Villa-Novenses se restabeeceu interinamente dentro de poucas horas. Assim o expressa o Diario de Lisboa n.° 15 do mesmo anno por estas palavras: "Devemos lembrar o grande patriotismo dos habitantes de Villa Nova, os quaes se prestaram a tudo quanto foi preciso para a passagem do nosso Exercito, apresentando em menos de 2 horas toda a madeira e taboado, que foi necessario:" não fallando nos viveres, com que á profia concorreram apezar da penuria, a que estavão reduzidos, como refere o Leal Portuguez n.° 12 do mesmo anno. Tracta-se actualmente de outra Ponte, que ficará muito melhor, e muito mais ampla, que a primeira.

ADDITAMENTO:

Aquelle General Inglez, que se chamava Arthur Ric Wellesley, era Lord, e Duque de Willington, e foi creado Duque da Victoria por El-Rei D. João 6.° em 17 de Dezembro de 1812 em attenção aos serviços, que prestou, como Commandante em chefe do Exercito Portuguez unido ao Inglez durante a campanha Peninsular: e a Cidade do Porto tambem lhe fez a honra de perpetuar a memoria d'quelle Feito appellidando com o nome de Wellesley a rua, por onde elle avançou sobre os Francezes. Este General morreo no dia 14 de Setembro de 1852, carregado de condecoraçoens, e honras de todas as Naçoens, e em provecta idade.

(2) Abbade La Croix no 1.° Titulo da sua Geographia Moderna parte 2.ª artigo 3.°

marés, abre-se, e fecha-se, para dar transito ás embarcaçoens maiores, e finalmente desmancha-se, e restabelece-se, quando as vicissitudes do rio o exigem. He incrivel o concurso do povo, que diariamente passa por esta Ponte, sobre tudo ás terças, e sabbados de cada semana. Basta dizer, que sendo os preços da passagem os mais commodos (3) e sendo isempta de paga a tropa, e pessoas, que vão a diligencias, assim mesmo regularmente fallando, rende por dia — 50$000 reis (4)

Esta excessiva frequencia prova assaz a grande população, a que tem chegado o Porto (5) e Villa Nova, que depois de ligadas pela dita

(3) Estes preços são:

Cada pessoa de pé	5	reis
Dita a cavallo	20	„
Carro de 1 junta de bois . . .	40	„
Tendo mais juntas a 20 reis de acrescimo por junta.		
Cadeirinha de mãos	60	„
Liteira	120	„
Sege	160	„
Dita de 4 rodas	200	„

Dita de mais parelhas a 40 reis de mais por parelha. Todos estes preços duplicão á noite, passados tres quartos d'hora depois de sol posto, e cessão de ser dobrados, outros tres quartos, d'hora antes delle nascer, o que se annuncia sempre ao toque de um sino.

(4) Assim succedeu nos primeiros annos, porque não se permittião nas proximidades da Ponte os barcos, a que chamão de passagem; hoje porém que cessou tal prohibição, he menor o tal concurso pela Ponte, por consequencia o seu rendimento.

(5) Em 1787 lhe attribuio o Padre Rebello 63:505 pessoas além dos hospedes, com os quaes preenchia o total de 74.089 almas. No almanack de Lisboa de 1789

Ponte. não são mais que um mesmo povo, dividido em duas partes pelo Douro á maneira de Londres com Southwarck, Sevilha com Triana, Praga com a pequena Praga etc. (6) Para fazer-se uma ideia do augmento, que ha um seculo, tem accrescido a Villa Nova, cumpre notar, que no anno de 1687 tinhão as ditas duas freguezias 676 fogos, e 2:662 almas de confissão (7); no anno de 1732 continhão — 3:526 pessoas (8), e no de 1787 — 2:250, e

se lhe dá 15:138 fogos, 39:370 homens, e 31:135 mulheres, que todos prefazião o numero de 70:505. Esta mesma população com pouca differença lhe arbitráram Murphi em 1790; o Doutor Lopes em 1792: Noel em 1802; Ayres em 1804; Pinkerton em 1806 e na 4.ª edição Fraceza de Guthrye em 1807 se lhe attribuem no Itenerario de Portugal 80:000 almas.

Presentemente ainda que com a entrada de Soult no Porto perecessem uns, e imigrassem outros, esta falta, quanto a mim, acha-se já resarcida, não só pela multidão de familias, que depois de estar a patria restaurada, se restituiram de novo a seus lares, mas pela muita gente da Extremadura, Beira, e até de Hespanha, que vendo suas terras devastadas por *Massena*, e *Marmont*, se refugiaram, e estabeleceram nesta Cidade.

(6) Não obstante ficar cada povoação em differente provincia, porque tambem das duas partes, em que o Rheno devide Basiléa, a maior fica da parte dos Suissos, e a menor da parte de Alemanha, sem que deixem de ser ambas uma só Cidade; e outro exemplo ainda mais tocante nos fornecem os logares de Pera, e de Galata, que sendo arabaldes de Constantinopla, esta fica na Europa, e aquella na Asia.

(7) Constituição do Bispado do Porto no cathalogo dos fogos, e almas de todo o Bispado.

(8) Lima, Geographia Historica Titulo 2.º pagina 478.

8:311 almas; (9) de maneira que no fim de 1 seculo contava Villa Nova (bem como o Porto) quasi tantas familias, como tinha de pessoas no principio delle. (10) Presentemente já este mesmo numero se tem accrescentado sem incluir a tropa estrangeira, que desde Dezembro de 1807 se tem nella aquartellado. (11)

Progressos taes, e tão rapidos mostrão bem a differença, que vai de um povo governado por Principes justos a outro, que só he flagellado pela impiedade, e tyrania; pois apezar do estado florescente, a que tinha chegado este lo-

(9) Rebello, Descripção Topographica do Porto Capitulo 3.° pagina 44.

(10) Se ás duas mencionadas freguezias aggregarmos as de Santa Eulalia d'Oliveira, e Santo André de Canidêlo que por visinharem com Villa Nova, aquella ao Nascente, esta ao Poente, e pela multidão de quintas, e casas de campo, de que ambas estão semeadas, devem reputar-se, como seus arrabaldes: nesse caso comprehenderá Villa Nova para cima de 3:000 fogos, e de 12:000 Almas.

Monr. Lynk no 1.° Tom. da viagem, que fez a Portugal em 1798, não só eleva a 20:000 o numero dos habitantes de Villa Nova, mas até chega a avançar, que he quasi tão grande, como o Porto mesmo. Não he muito porém, que este A. proferisse uma tal hyperbole, depois de dizer na mesma obra "que as torres, e Igrejas erão immensas; que as de Lisboa são todas de máo estilo, pequenas, e pobremente decoradas; que havia talvez mais negros n'aquella Côrte, do que em todas as cidades juntas da Europa: e finalmente a pagina 87 — que havia logares em França, em que as mulheres dizião Missa — *il ya desendroits ou les femines disent messe.*

(11) Durante a existencia dos Hespanhoes no Porto (aonde entraram em 13 de Dezembro de 1807)

gar, bastaram poucos annos de escravidão para suspender, e ainda postergar muitos annos de prosperidade.

ADDITAMENTO.

Já não existe desde o anno de 1842 aquella Ponte de barcas, como fica dito no § 1.º do Additamento ao capitulo 1.º; mas sim a actual Ponte Pensil, ou suspensa sobre o rio, obra magnifica, digna da maior attenção, e de muita belleza para a Cidade do Porto, e Villa Nova de Gaya. Esta Ponte não he collocada no sitio da antiga, mas sim mais ao Nascente, e nos pontos mais elevados das margens do rio — no sitio chamado do *Penedo* no lado Meridional, e no dos *Guindaes* no lado Septentrional, que forão escolhidos pela grande altura que tem, para poder dar por debaixo della passagem livre a todas as embarcações, que girão continuamente no serviço do rio, e que estavão sugeitas a naufragar sobre as amarras da Ponte de barcas, como acconteceu muitas vezes; e por de cima transito continuo, e permanente, ainda nas occasioens da maior enchente das agoas na estação do Inverno. He chamada Pensil, e tambem de Ferro; porque está suspensa de oito grossas correntes, feitas de fios d'arame de ferro, quei-

estiveram em Villa Nova aquartellados dous Batalhoens de Mayorca, e um de Balbastro,, e depois da sua retirada, aquartelaram-se nella successivamente varios corpos de Suissos, de Francezes, de Inglezes, e de Portuguezes.

mado, e coberto de uma espessa crusta de verniz, que o preserva da corrupção ; as quaes devididas 4 de cada lado passão por sobre quatro elegantes obliscos, ou columnas de granito, atravessando por uma abertura, que estas tem junto ao capitel, e estão collocadas nos dous extremos da Ponte, duas em cada um delles, e são tambem ligadas — 2 a 2 — na parte inferior do mesmo capitel por uns tirantes de ferro, sobre os quaes se vê a legenda : D. Maria 2.ª 1842. As ditas correntes, descendo do alto das columnas para baixo, são chumbadas com a maior solidez em rocha viva, e a uma grande profundidade do solo, com chumbadouros grandemente dentados, que agarrão por mui largo espaço a enormidade da rocha. Destas correntes pendem perpendicularmente outras da mesma especie, mas muito mais delegadas em numero de 211, sendo 108 da banda do Nascente, e 103 da banda do Poente, as quaes devididas com perfeita igualdade de espaços segurão pela extremidade inferior as vigas, sobre que assenta o pavimento da Ponte, que he construido de madeira. Estas correntes perpendiculares varião de comprimento na razão da curva, que as grossas correntes apresentão do centro para os extremos. As columnas tem a forma quadrangular ; vão diminuindo de diametro da baze para o capitel ; e são coroadas por um globo metalico, que assenta sobre um baixo pedestal da mesma especie em forma pyramidal, e tambem proporcionada , que faz realçar notavelmente a elegancia das columnas, e de toda esta obra grande,

e magestosa. A Ponte tem varandas, feitas tambem de madeira, e passeios lateraes para o transito da gente, afim de não ser incommodada pelos vehiculos, ou animaes, que passão por ella diariamente. No centro das duas columnas do lado da Cidade ha uma casa, cujo pavimento inferior serve de quartel para a guarda militar, que vigia pela policia, bôa ordem, e observancia do regulamento da Ponte; e no superior acha-se estabelecida uma especie de Salva-Vidas, que está permanentemente provido de uma maca, uma cama guarnecida de roupas, e outros aviamentos uteis, e necessarios para soccorrer qualquer naufrago, ou victima d'algum sinistro, que acconteça nas proximidades da Ponte — providencias muito louvaveis, e que recommendão grandemente o zêlo do Administrador. Deste lado ha outra casa, correspondente áquella, e em tudo perfeitamente igual, que serve para habitação d'alguns empregados, e de armazem d'utensilios: estas duas casas pela sua collocação offerecem mais a vantagem de gravitar sobre os chumbadouros das correntes, de que depende essencialmente toda a segurança, e conservação da Ponte. O transito não he livre, mas onerado com um imposto muito modico, e as casinhas para a arrecadação delle são situadas uma em cada entrada da Ponte, e ambas da parte do Nascente, feitas, como toda a mais obra, de pedra com muito accio, e elegancia: e como accessorio destas circunstancias ha na entrada do lado Meridional um terreno ajardinado, fechado por um gradeamento de ferro, que serve

de muito recreio á vista, e de belleza a esta magnifica obra; o qual fica paralello com a casinha d'arrecadação, e da banda do Poente. Os preços da passagem são os mesmos, que se exigião na antiga Ponte de barcas; porém o seu providente Administrador, para chamar a concurrencia, reduzio alguns, que parecião excessivos, como por exemplo: o preço de carroagens, que pela tabella devem pagar — dous tostoens de dia, e um cruzado de noite, baixou a seis vintens tanto de dia, como de noite; o preço d'alguns semoventes, principalmente gado lanigero tambem foi reduzido, assim como d'outros objectos mais, verificando-se aqui o principio economico — de que as tarifas baixas dão sempre melhor resultado —, como se vê neste caso, que augmenta os rendimentos da Ponte pela maior concurrencia, e o publico utiliza muito. De noite o imposto he recebido só na casinha da banda da Cidade, tanto dos que entrão, como dos que sahem; e isto produz á Empreza uma bôa economia nos gastos de luz, e pessoal. A Ponte he illuminada a gaz nas noites, em que não ha luar, com seis candieiros devididos alternadamente nas duas varandas além de um na frente do jardim, e os das casinhas.

Para se poder fazer uma ideia mais exacta da grandeza desta obra, e da extensão da Ponte, passo a fazer tambem a exposição das suas dimensoens; e começando pelas varandas, cuja extensão corresponde á da mesma Ponte vê-se, que a da banda do Nascente tem desde a columna do lado do Sul até á casinha d'arreca-

dação da parte do Norte — 154^m, e a casinha 4^m, e 50 centimetros, e da casinha até á columna do mesmo lado 8^m, e 2 decimetros, que fazem o total de 166 metros, e 70 centimetros, ou 751 palmos e 3/4; a dita varanda da banda do Poente he menos extensa, porque he por este lado que se faz a entrada da Ponte da parte da Cidade, e por isso tem de extensão — 153^m., ou 690 palmos; as varandas tem de altura — 1^m, 2 ou 5 palmos e 1/2; o passeio tem de largo — 1^m, ou 4 palmos e 1/2; e a Ponte — 6^m, ou 28 palmos d'abertura; os obliscos, que são perfeitamente iguaes, tem cada um — 18^m de altura, contados desde a baze até a parte superior da pyramide, e correspondem a 82 palmos, e de largo tem na baze 3^m, 2, ou 15 palmos, e na extremidade pela parte inferior do capitel — 1^m, 8, ou 8 palmos; a pyramide tem 1^m, 8, ou 8 palmos, contados desde a baze inferior do seu pedestal até a extremidade do globo; o globo tem — 1^m, ou 4 palmos e 1/2 de diametro, tendo por consequencia o seu pedestal — 8 decimetros, ou 3 palmos e 1/2 de altura; os tirantes, que ligão as columnas, ou obliscos, tem de comprimento 7^m, 2, ou 33 palmos, e de largo tem finalmente 5 decimetros, ou 2 palmos e 1/4.

Deu-se principio a esta obra grande, e magestosa no dia 2 de Maio de 1841, anniversario da coroação da Senhora D. Maria 2.ª e assistiram a este acto os Governadores Civil, e Militar, e as Camaras Municipaes desta Villa, e da Cidade do Porto. Desde aquelle dia forão proseguindo os trabalhos; e no principio de Fevereiro de 1843

tinhão-se completado as construcçoens indispensaveis, e já a Ponte podia ser aberta á circulação; esperava-se comtudo ordem do Governo para esse fim, a qual devia chegar no dia 10, ou 12 do mesmo. O Representante da Companhia dos Accionistas tinha concebido o projecto de solemnizar esta abertura com a assistencia de todas as Auctoridades, e tropas da guarnição; mas uma cheia repentina, que sobreveio no dia 17 de Fevereiro, e que obrigou a tirar a Ponte de barcas, fez tambem entregar esta ao transito publico, o que se verificou no dia 18 de Fevereiro de 1843, tendo-se consumido no principal da sua construcção 1 anno, 9 mezes, e 15 dias.

Foi feita esta Ponte pela direcção do Engenheiro *de Claranges Luccotte*, e por conta de uma Companhia de Accionistas, que a hade fruir por espaço de trinta annos, entregando-a no fim delles ao Estado, de quem he propriedade. Foi construida na Praia de Miragaya — no mesmo local, aonde se está edificando actualmente a nova casa d'Alfandega; e para aquelle effeito os Emprezarios fizerão levantar alli um extenso abarracamento para estabelecer as forjas, e officinas necessarias, precedendo licença da Camara Mucipal da Cidade do Porto; e assignando termo de fazer demulir tudo, e repôr o terreno no estado anterior, logo que a obra fosse concluida; no que se não portaram, como lhes cumpria; porque a Camara pela demora, que havia na execução d'aquelle preceito, teve de recorrer ao Poder Judicial, e officiou ao Juiz Eleito da freguezia de S. Pedro de Miragaya, para que fizesse

demulir violentamente toda a innovação, que alli havia; o que elle fez cumprir, repondo o terreno no estado anterior.

Em quanto á População de Villa Nova de Gaya eu não posso adduzir uma prova mais concludente do seu augmento, do que exhibindo o facto do accrescentamento de propriedades, que ella tem recebido principalmente desde 1833 até hoje: passando a analysar os mappas respectivos, vê-se, «que tendo sido a população das duas freguezias desta Villa em 1787 — 8:311 almas em 2:250 fogos, pouco mais de meio seculo depois, isto he em 1847 contava já 2:580 fogos com 9:550 almas» Este augmento podia ser muito maior, se se não tivessem dado os motivos contraproducentes, que infelizmente tem existido quasi em todo aquelle periodo — as guerras internas e externas, que tem flagellado o nosso Paiz; a espantosa emigração para o Imperio do Brazil, que desde 1833 se tornou quasi uma mania entre o povo; e algumas doenças mais destruidoras da especie humana, que tem grassado em certas epochas, tem impecido grandemente o augmento da população No entretanto a extincção das Ordens Religiosas, e depois disso a multiplicação e facilidade que houve até certo tempo nos casamentos (pois que já ha alguns annos elles se tem tornando mais cautellosos, e reflectidos, e sendo entre parentes, só practicaveis em certos casos) contribuiram efficazmente para aquelle augmento.

CAPITULO VI.

ADDITAMENTO;

Das Inundaçoens, mais notaveis, que tem sobrevindo ao rio Douro

---

O Rio Douro, que no seu estado normal segue um curso muito placido, e vagaroso, e offerece ás embarcaçoens, que o demandão, um porto seguro, e muito abrigado costuma quasi todos os annos na estação do Inverno exceder mais, ou menos os limites ordinarios do seu leito; e em algumas dessas occasioens tem elle engrossado as suas agoas, alargando-se tão desmezuradamente, e causando tão grandes prejuizos, que ellas se tem tornado memoraveis, havendo no-

ticia dessas extraordinarias Inundaçoens desde o principio do seculo 16; e he nessas terriveis occasioens, que elle apresenta um espectaculo verdadeiramente medonho, e sublime; a sua corrente he então tão rapida, e tão violenta, que não ha obstaculos, ou amarraçoens por mais fortes que pareção, que sejão capazes de lhe resistir; arrebata na sua furiosa corrente tudo quanto encontra — arvores, moinhos, casas, barcos, navios, tudo arrasta tumultuariamente, para depozitar no fim da sua longa carreira sobre aquelle extenso Cavedello! A desgraça de muitos tem saciado nessas deploraveis occasioens a avidez dos moradores de Santo André; he para alli que a corrente das aguas leva então os despojos da sua soberba.

Ora depois de se ter tractado já nesta obra da barra do rio Douro, e dos trabalhos hydraulicos em exploração para o seu melhoramento; assim como da Ponte, que liga Villa Nova de Gaya com a Cidade do Porto — tanto o que foi a antiga Ponte de barcas, como a actual Ponte Pensil, vem a proposito dizer tambem alguma coisa pelo que respeita a esses grandes successos, que quasi todos os annos occorrem entre nós; fallo das Inundaçoens que tem havido no rio Douro, mas tractarei só das mais notaveis, e com as quais Villa Nova de Gaya tem igualmente soffrido gravisimos prejuisos.

Na Historia da Milagrosa Imagem do Senhor de Mathozinhos, escripta pelo Rvd.º Antonio Coelho de Freitas Reitor da mesma fre-

guezia, e impressa no anno de 1799 vê-se : « que as continuas, e excessivas chuvas do anno de 1526 causavão a tudo immenso prejuizo ; e que os habitantes do Porto no meio dos muitos, que soffrião por causa das enchentes do rio Douro, recorreram submissos á Mizericordia Divina, valendo-se d'aquella Preciosa Imagem, e trazendo-a em solemne procissão á mesma Cidade do Porto. com cujo acto alcançaram não só pôr termo áquelle flagello, mas ainda mais, que aquelle anno, que parecia tão infeliz,se tornasse de muita fertilidade e abundancia.

Continúa dizendo o mesmo Auctor : « que no anno de 1585 houvera outra cheia igual neste rio, e que os habitantes da Cidade fizerão a mesma supplica, trazendo outra vez no dia 7 de Junho aquella Devotissima Imagem em procissão com toda a solemnidade ; e que alcançaram deste modo iguaes beneficios.

Refere mais o sobredito Coelho de Freitas, que no anno de 1596 tornara a haver neste rio outra enchente memoravel, e igual calamidade ; mas como os moradores desta Cidade sabião já, aonde tinhão certo o remedio aos seus males, recorreram do mesmo modo áquella Soberana Imagem em 31 de Maio, e fôrão ouvidos ; porque a Mizericordia Divina nunca desamparou os humildes nas suas tribulaçoens.

No anno de 1625 foi tão grande o crescimento das agoas no rio Douro, que cubriu quasi completamente a parte antiga do Convento das Religiosas desta Villa, e obrigou a Communidade a mandar edificar os novos dormitorios, e miran-

rantes superiores, para evitar, que alguma vez fossem compellidas a deixar a sua habitação no caso de se repetirem iguaes sinistros.

Na Descripção Topographica e Historica da Cidade do Porto composta pelo Padre Rebello da Costa a fl. 299 do Cap. 8.º lê-se o seguinte: «O caudelozo rio Douro no dia 28 de Dezembro de 1727 formou uma enchente tão grossa, repentina, e precipitada, que absorveu na sua corrente mais de 100 pessoas, muitos edificios, navios d'alto bordo, innumeraveis embarcaçoens pequenas, muitas e viçosas vinhas, lagares, azenhas, e outras fabricas, cujas perdas se contavão por milhoens de cruzados. Quasi todo o Convento das Religiosas de Corpus Christi foi coberto da sua inundação; esta chegou da parte da Cidade a tal altura, que de cima da muralha se tocava com as mãos na agoa. Outras iguaes inundaçoens acconteceram nos annos de 1729, 1739, 1774, e 1779: a de 1739 foi em tudo semilhante á primeira de 1727, cujos estragos ainda hoje lamentão algumas familias reduzidas (depois de opulentas, e acreditadas) a uma lastimosa indigencia. Tem-se observado, que nas maiores cheias sóbe a agoa até a altura de 22 pés geometricos, medindo-se desde o ultimo ponto da baixa mar. A uma altura quasi igual chegou esta ultima, e formidavel, accontecida no mez de Fevereiro deste anno de 1788, precedida de um terrivel furacão do Oeste, que durou sem affroixar tres dias successivos, atroando com horrorozos tufoens a Cidade, e seus arredores, aonde arrancou grossas arvores, e arrebatou pelos ares

muitos telhados, e claras boias. Teve principio esta grande cheia no dia 22 do dito mez, e o seu maior augmento foi nos dias 24 e 25, em que as agoas do Douro subiram acima do seu nivel trinta e um palmos. Tres navios Portuguezes fôrão pela barra fóra, e se despedaçaram na Costa; denominavão-se — *o Soccorro, o Monsarrate*, e o *Manoelinho*; a lotação do primeiro passava de 360 toneladas, a do segundo de 250, e a do terceiro de 150: os seus caixas érão José Manoel do Couto Garrido, Manoel Alves Barboza, e Manoel Pereira Ramos: um d'aquelles navios se viu ir pelo rio abaixo com a quilha para o ar. A mesma corrente arrojou outros quatro sobre o caes immediato ao Convento de Santo Antonio de Valle de Piedade, que já se tornaram a lançar á agoa, uns com mais, outros com menos despeza, ficando arruinado um pataxo, que partiu a quilha em muitos pedaços. Hum Inglez de tres mastros, e carregado de vinhos encalhou na enseada de S. Payo, donde se anda tirando com trabalho immenso. O numero dos que nesta occasião estavão ancorados no Douro he o seguinte: 81 Portuguezes de differentes lotaçoens; 28 Inglezes; 4 Charruas, e 1 Francez.

Felizmente tinhão sahido poucos dias antes que viesse esta tormenta 16 navios entre Portuguezes, Inglezes, e Hollandezes, todos carregados com fazendas de muito valor. Se a grossa enchente os apanhasse dentro do porto, seria o prejuizo muito mais consideravel, porque o pezo da sua carga faria mais vehemente o impulso contra os outros navios, e seria geral o destroço.

Comtudo ainda foi necessario, que os Portuenses se esforçassem em prevenir com a sua actividade o naufragio dos referidos 114 navios, que estavão ancorados no Douro, já atracando uns aos outros com grossas antênnas, para que todos fizessem uma especie de muralha, opposta á furia da corrente; já segurando-os com grossos cabos, e amarras de tão disforme grandeza, que algumas tinhão 120 braças de comprido, e pesavão mais de 60 quintaes; já fazendo-os vogar para os surgidouros, em que o impulso das agoas era menos impetuoso; já finalmente applicando para este fim um trabalho incansavel, e que parecia exceder as forças humanas. Causava admiração vêr as proprias mulheres, bem semelhantes neste conflicto ás Heroinas de Dio exporem-se igualmente a todos os perigos da inundação, e subministrando aos homens os apestos necessarios para evitarem tantos e tão imminentes naufragios. Em todo este barulho, que occupava muitos milhares de pessoas, apenas duas morreram affogadas.

A copia das agoas, que o Douro trasbordou, foi tanta das partes septemtrional, e meridional da Cidade, que alagou dezoito ruas, e entrou em mais de mil casas, algumas da quaes ficaram arruinadas, e outras estragadas de forma que depois de perderem preciosos moveis, e muita fazenda, que tinhão nas lojas, precisão de novas fronteiras, e outros concertos importantes. Muitos armazens abarrotados de vinhos, e agoas-ardentes forão cobertos até os telhados: quatro demoliram-se inteiramente, e outros muitos

ficaram consideravelmente destroçados. Successivos montes de areia entulharam o delicioso passeio de Miragaya, deixando-o impracticavel: o mesmo aconteceu na rua da Porta Nova, e Caes da Ribeira. A voz geral está clamando, que se o Governo Economico da Cidade tivesse mandado extrahir destes sitios as outras areias, que as inundações passadas tinhão ali amontoado, não aconteceria agora esta consideravel perda, e tão excessiva, que não poderá reparar-se sem um gasto enorme. Este gasto junto á despeza, que se deve fazer em reedificar as muitas casas, e armazens, que se arruinaram, e a que se fez em segurar aquelles 114 navios, e ao importe e valor dos que se perderam, assentão muitos calculistas, que montará a um milhão de cruzados: outros abatem este calculo. No meio de tanta incerteza apenas posso dizer que o geral prejuizo foi de muitos centos de mil cruzados, admirando-me sobre tudo, que sendo elle tão avultado, pouco ou nenhum abalo fez nos fundos da riqueza, em que gira o Commercio desta Cidade. São passados dous mezes depois deste lastimoso successo, e ainda não appareceu na Praça um só Commerciante fallido. Que seria, se o corpo deste Commercio não fosse tão solido, e firmado sobre uma baze de intrinsecos effeitos, e nacionaes fructos, que a agricultura, e industria, fomentada pelos Portuenses tem em nossos dias augmentado altamente?

Porém não obstante esta louvavel industria, eu não sei, que indolencia, ou que descuido possa haver, para que mostrando a adoravel Pro-

videncia tres logares, quaes são : o de Massarellos, Cavaquinho, e S. Payo, tão accomodados, e seguros para em qualquer delles se fazer um Molhe, que preserve todas as embarcaçoens de tantas e tão perigosas enchentes, se não tenha cuidado nesta obra interessantissima á Cidade, a todo o Reino, e Naçoens estrangeiras. Este meu reparo procede de um zelo despojado do proprio interesse. Nem sou Portuense, nem Commerciante, para que esta gloria, ou conveniencia me pertença. Lastimo-me, sim, vendo a efficacia, que ha para adquirir riquezas, e os poucos ou nenhuns meios necessarios e ecconomicos, que se procurão para as preservar dos perigos. Não seria mais util á Cidade, e á Monarchia, que o immenso cabedal, que está para se despender no fabrico de um novo caes até S. João da Foz, na reedificação do Senado da Camara, e no ladrilho. e composição de algumas ruas, se applicasse antes a outras tres obras de incomparavel conveniencia, quaes são : a da Barra, a de um Molhe, e a dos Aqueductos? Aquellas são umas obras de puro recreio, e que suppõem independencia de outras obras, estas porém são de primeira necessidade, que tem preferencia a todas as outras : a primeira serviria de canal a todas as riquezas ; a segunda á conservação das mesmas riquezas, a terceira ao bem geral da saude do povo, que em qualquer tempo chuvoso bebe a agoa immunda, perniciosa, e cheia de nojento lôdo.

A respeito d'aquella memoravel cheia de 1727 no rio Douro, que o Padre Agostinho

Rebello da Costa descreve na 1.ª parte do § antecedente, diz Fr. Francisco de Santa Maria no seu Anno Historico o seguinte: « No dia 28 de Dezembro de 1727 houve na Cidade do Porto, e no rio Douro uma grande tempestade com tantas chuvas, que a cheia d'aquelle rio chegou á porta travessa da Igreja de S. Pedro, e a perda, que fez em fazendas, e vinhas, avalua em mais de 150 mil cruzados; affogou-se muita gente; cahiram os muros da Cidade em diversas partes; arruinaram-se muitas casas, perdendo muito vinho, e azeite; levou a corrente pela barra fóra dois navios Portuguezes, que estavão com carga para a Bahia, e alguns Inglezes, os quaes se desfizerão na Costa.

A cheia de 1739, que marcou a sua maior altura no dia 5 de Dezembro, foi muito superior á de 1729, e em todas as suas funestas consequencias perfeitamente igual, ou excedente áquella de 1727; pois consta por todas as tradiçoens, que esta cheia fôra a maior, de que ha memoria. Ha um documento, que narra este desastroso elamentavel accontecimento do modo seguinte: «No anno de 1739 fôrão tantas e tão continuadas as chuvas, que principiando a chover nos fins de Setembro, foi continuando até Dezembro, não havendo 24 horas de tempo enxuto. Com a continuação destas excessivas chuvas se demoliram muitas casas por varias partes; porém ultimamente nos fins de Novembro foi tão demasiada a chuva, que em 3 de Dezembro principiou a crescer soberbamente o Douro, em cuja enchente continuou, nos dias 4, 5, e 6, crescendo a agoa

tão demasiadamente, que era admiração de todos, porque passou o rio por cima do muro; e na Ribeira custou muito a ter mão n'uma caravela, a quem o rio trazia por cima do muro para dentro da Cidade: corria o Douro tão arrebatado, e furioso, que fazia ondas, como o mar, quando está mais bravo, e levava todas as arvores, casas, e finalmente tudo, quanto encontrava, arruinava.

Lançou abaixo duas moradas de casas na Fonte Taurina; levou todas as fazendas dos armazens, e lojas da mesma rua; porque cresceu tão de improviso o rio, que apenas houve tempo de salvar as vidas; desfez, e levou todo o caes, que hia da Ribeira para os Guindaes, onde cahiram umas casas, que se tinhão feito de novo, encostadas ao monte; mais outras casas fóra da porta da Ribeira. Em Villa Nova arruinou todas as casas da praia, das quaes tambem cahiram algumas, e a todos os armazens o rio levantou os telhados, menos aos do Belleza, e os arrazou com perda de todas as fazendas.

Tirou-se o Santissimo da Igreja de Santa Marinha para a Capella de S. Roque; o mesmo fizerão as Freiras de Villa Nova as quaes vendo o Convento todo alagado, pois entrava a agoa pelas janellas do dormitorio da parte do rio, que ficão mais altas, e que pela porta se não podia entrar já na Igreja, abriram uma porta pela parte de traz, por onde entrou o Capellão, e depois pela roda da Sacristia tirou o Sacramento; e todo o muro da cerca destas Religiosas ficou arrazado, e o mesmo succedeu ás de Monchique.

Em Gaya cahiu uma rua inteira de casas, sem ficar pedra sobre pedra ; o mesmo succedeu em algumas de Miragaya, ficando todas as mais com damno consideravel, e não havendo uma só sem ruina, sendo as que padeceram, infinitas, e as totalmente arruinadas entre a Cidade, e Villa Nova — quarenta.

Perderam-se nove navios — 5 Portuguezes, e 4 Estrangeiros, só um sem carga, e os mais todos promptos a sahir, e já com todo o preparo ; os quaes todos sahiram com a violencia do rio pela barra fóra, e se fôrão fazer em pedaços nas praias da costa sem perda de gente, a qual tanto destes, como dos mais navios, toda se poz em terra. Avaluou-se a perda do rio, e terra desde os Guindaes até á barra em 15 milhoens.

Continuaram da mesma sorte as chuvas até que a clamores do povo sahio a Sacrosanta, e Milagrosissima Imagem do Senhor d'Além em procissão pela Cidade, chegando ao fim da Praia de Miragaya em 23 de Dezembro de 1739 — quarta feira ante-vespora de Natal, e sahindo da Sé com vento Sul, e ameaças de chuva, se recolheu com vento Norte, e tempo sereno ; o qual continuou para se recolher o pão, que estava ainda em espiga, e a maior parte perdido, havendo uma grande, e excessiva fome. »

Ha outro documento, que relata a sobredita catastrophe nos termos seguintes: «Em o anno de 1739 houve uma tempestade tão grande de ventos impetuosos, chuvas continuas, e trovoens tão medonhos, que mais que tempestade parecia outro diluvio ; durou trez mezes, e com os rigo-

rosos ventos cahiram muitas casas, e em algumas ficou gente morta; o maior rigor da tempestade foi em o principio de Dezembro do dito anno desde o dia 3 até o dia 6 de Dezembro de 1739; o dia 5 do dito mez, entendião todos, ser o ultimo do mundo pela continua tormenta, e porque só pelo uso quotidiano se conhecia o dia. Houve no Douro a maior cheia, que ainda se viu, e no dia 6 do dito mez foi a maior inundação. » Signaes, onde chegou a cheia: — Foi tão grande que descendo pelo Codeçal para o muro chegou ao meio da 3.ª pedra do cunhal de um recanto, que ali faz o muro; entrou na Capella de Nossa Senhora da Expectação da Ribeira, não só pela janella grande, que tem grades de ferro, mas tambem pela de peitoril de pedra, e chegou aos pés da Senhora, dando-lhe uma grande perda a todos os ornamentos da sua Capella: cobriu o chafariz da Ribeira até onde está lavrada a era do anno, em que foi feito. No Terreiro entrou na Capella da Piedade, e chegou ao altar.

Sobre a lingoeta do Postigo dos Banhos cobriu quasi toda a 2.ª pedra do cunhal do ultimo recanto, que ali faz o muro para a parte da Porta Nova, de sorte que já dos Banhos por diante se não passava pelo muro com a agoa; cobriu todo o Forte da Porta Nova; entrou na Igreja de S. Pedro de Miragaya, onde cahiram muitas casas com a violencia das agoas, e as que não cahiram de todo, ficaram com ruina grande, de sorte que não houve casa, que não carecesse de obra, pois não ficou taipa em pé,

e muito poucas jelozias. Cahiu o muro das Freiras de Monchique, e tambem o das de Villa Nova com muitas casas das que estão na praia, e em Gaya só tres ficaram das que estavão ao pé do rio, e não se viu maior destroço, nem castigo de Deos mais digno de temer neste mundo.

A agoa levantou um navio, que estava em Villa Nova meio feito, e desamarraram-se mais 9 no rio, e destes—5 Portuguezes, que estavam com toda a carga, e já em vesporas para o Rio de Janeiro, e todos com as fazendas se perderam, sahindo pela barra sem gente, pois com o medo já os tinham desamparado. He incrivel, e incomprehensivel o estrago de fazendas, que vinhão pelo rio abaixo, pois nos dias, que durou a cheia, sempre sem cessar estavam passando tectos, e solhos de casas, de moinhos, de quintaes, e de armazens, que o rio demoliu; os toneis, e pipas cheias de vinho, e azeite, outras vazias erão continuas; os moveis das casas innumeraveis; infinitos os barcos de lenha, e carqueja, e outros vazios; e só de Gaya levou a agoa 27; desde as escadas dos Guindaes até o principio do caes da Ribeira desfez o rio todo aquelle caminho, de sorte tal que parecia desfeito pelos demonios, pois umas pedras estavão no rio, e outras viradas de cima para baixo, outras postas ao alto; as Cruzes da Via-Sacra quebradas, cada pedaço para a sua parte, e com distancia do logar, onde estavão as Cruzes, e não parecia, que por alli houvesse caminho, da sorte que estava desfeito. Perda da cheia: « Averiguou-se, que dera a cheia de perda mais de sete milhoens; e como depois de

abrandar a dita cheia, continuou a tempestade ainda que com menos violencia, precisou o temor e o estrago da passada, e o receio de outra, com os rogos do povo ás Communidades, e Parochos desta Cidade a fazer preces ás Imagens mais milagrozas, e de maior devoção; e na Sé se fizerão tambem á Devota, Veneranda, o Milagrosissima Imagem do Senhor d'Além, e no fim sahiu a 23 do mez de Dezembro em procissão pelas ruas desta Cidade até o Terreiro de Miragaya por não poder ir á barra, como he costume, pois ainda corria muito a agoa, accompanhando todas as Confrarias, Irmandades, Communidades, Clero; e quando se ajustou o dia da procissão, logo o tempo se foi serenando, e desde o dia, em que o Senhor sahiu, começou a fazer sol, que logo se recolheram, e se seccaram os paens, que ainda neste tempo estavão por seccar muitos, sendo que muitos estavão já perdidos, do que resultou padecer, principalmente a pobreza muita fome n'este, e no seguinte anno.

Mudou-se o Sacramento de Villa Nova para a Capella de S. Roque da mesma Villa, pois andou na Igreja a cheia em grande altura; e na Igreja das Freiras de S. Domingos da mesma Villa entrou da altura de palmo e meio, e chegou ás janellas do dormitorio, que está na praia; e na passagem junto á Capella da Piedade, que ficou para cahir, e depois foi escorada, levou a agoa um grande terreiro, aonde muitas vezes se formavão com largueza os dous regimentos desta Cidade, e ficou de tal sorte, que nem uma companhia se póde agora formar nelle. No caes

da Ribeira ao pé da passagem das bestas ficou encostada ao muro uma caravela, e ao pé do Postigo d'Alfandega um navio Inglez : ficou o muro da Cidade muito arruinado, e em partes cahido desde a Ribeira até a Reboleira aonde chamão o *Oiteiro*, pois encostavão os navios a elle, e o esburralhavão, porque lhe pezavão em cima, que estava a quilha sobre o bordo, e os marinheiros se servião para ellas com escadas, que lhe puzerão do muro : um navio estrangeiro encostou-se ás casas de Miragaya, e deitou abaixo quatro moradas, e este foi um dos que fôrão pela barra fóra. Tomou a agoa todas as portas das casas de Villa Nova até cima da fonte do Cabeçudo, e cá na Cidade da mesma sorte ás que estão nas visinhanças do Postigo dos Banhos, sendo que dos muros para dentro não tinha a agoa tanta altura, como fóra, porque o lôdo, e areias fôrão tantas, que taparam todos os postigos do muro, — e ficaram pelas ruas, e dentro das casas areias da altura de um homem. »

Mo mez de Setembro de 1768 houve nesta Cidade tanta chuva, que o rio Douro cresceu mais que o costume. No mesmo se fizeram preces na Cathedral, e em todas as Communidades Religiosas ; porém vendo o Illm.º Cabido, que a chuva continuava, no mez de Outubro ordenou que se tornassem a fazer preces em todas as Igrejas por tres dias, que principiaram no dia 4, porém na Cathedral continuaram, até que o Illm.º Cabido determinou fazer uma devota procissão no dia 12, publicando por edital: « que todos se purificassem por meio dos Sacra-

mentos da Penitencia, e Communhão» para o que fez convocar grande copia de Confessores na Cathedral, aonde concorreu muito povo além de outro muito, que se confessou em varias Igrejas desta Cidade: tambem ordenou, que no mesmo dia se applicassem todos a um perfeito jejum, afim de applacar a ira de Deos, e piamente se crê, que todos o observaram; porque no determinado dia 12 pelas 3 horas da tarde sahiu a Veneranda Imagem do Senhor d'Além, acompanhada de todas as Confrarias, e Irmandades desta Cidade, Meninos Orfãos, descalços, as Religiosas Communidades das Carmelitas, Gracianos, Franciscanos, e Dominicos, debaixo de cujas Cruzes hião muitos dos Padres Congregados, Antoninhos, Bôrras, Carmelitas calçados, Trinos, Loios, Bernardos, e Bentos, de traz o Reverendo Clero debaixo das Cruzes das suas Parochias, presididas dos seus Reverendos Parochos, cantando todos devotamente a Ladainha dos Santos; e por fim o Illm.º Cabido com os seus mantos, e ultimamente uma reliquia do Santo Lenho debaixo do Paleo, cujos varas arvoravão os filhos dos mais antigos Cidadãos; detraz hia o Nobilissimo Senado da Camara, e por fim o regimento d'Infanteria da guarnição desta Cidade, puchado pelo seu Coronel o Exm.º D. Antonio de Lencastre, Brigadeiro dos exercitos de S. Magestade.

Foi levada a Sacrosanta Imagem por 8 Reverendos Clerigos ao principio da Calçada de Monchique, aonde, virada para o mar, o Reverendo Conego Antonio Martins de S. Payo, que hia

debaixo do Paleo, benzeu o rio com o Santo Lenho, e disse as oraçoens, e fez outras ceremonias; acabadas as quaes, voltando a procissão para a Sé, aonde chegou pelas 7 horas, e ditas as antiphonas e oraçoens costumadas, subiu ao pulpito o Muito Reverendo Padre Mestre José de S. Bernardo e Brito, Conego Secular do Evangelista, e fez uma missão sobre as palavras seguintes: *Negantes enim te nosse impii per fortitudinem brachii tui flagitati sunt.* — E se deu fim a tão pia e devota deprecação, de que, parece, se pagou tanto Deus, que tendo chovido, em quanto a procissão caminhava para Miragaya, e ao depois que se recolheu, no seguinte dia 13 amanheceu o mais claro sol, que ha muito se não víra igual; continuou até o dia 17, e no dia 18 choveu alguma coisa, porém no dia 19 tornou a vir o sol mui claro, no qual se cantou — *Te Deum laudamus* em acção de graças no fim da Missa solemnissima, que cantou o Revm.º Deão João Pedrossem da Silva com o Sacramento Exposto, a que assistiram as Communidades Religiosas, o Senado da Camara, a Relação Ecclesiastica, Nobreza, e Povo desta Cidade; tambem pegou o regimento, que no fim deu tres salvas junto á porta da Sé.

Em 10 de Abril de 1769 cresceu o rio Douro, como nunca, de sorte que chegou aonde nunca se viu; o que admirou por ser de repente: algumas casas mais baixas quasi fôrão cobertas; naufragaram alguns navios, que a furiosa corrente da agoa levou pela barra fóra; lançou por terra o Pelourinho, muita parte do muro, e

os portaes d'algumas casas. No dia 17 principiou a descer, porém com mais vagar, do que cresceu.

O mesmo codice, que dá a 2.ª descripção da grande cheia de 1739, dá tambem noticia da outra, que houve no anno de 1774, e que refere do modo seguinte: « Em a 3.ª Dominga do Advento — 11 de Dezembro de 1774 foi tão copiosa a chuva, que na 2.ª feira 12 do mesmo mez encheu o rio Douro em forma e com tal repente, que em poucas horas chegou á altura, que só diminuiu 10 palmos de altura da cheia do anno de 1739, e se avalua a sua perda em mais de tres milhoens.

Levou 5 navios—quatro Inglezes, um delles carregado de vinhos, e um Portuguez com toda a carga, de que se aproveitou a maior parte, mas com grande corrupção; e levou alguns armazens com os vinhos delles, e fez consideraveis estragos em muitas casas, que deixou com grande ruina — de que participou quasi toda Miragaya; e fez pelo Douro acima consideravel perda. »

Ha outra memoria, que faz menção desta cheia de 1774, e diz: que o navio Portuguez se chamava o *Lanceta*; que ficou encalhado no Cabedello, para onde a agoa o levara; que se lhe tirara a fazenda, que levava para a Bahia, com bastante perda de seu dono, e que o casco sahira em pedaços.

Em o mez de Dezembro de 1799 houve tambem uma grande cheia no rio Douro, quasi igual á de 1739 e bem semelhante a ella nos gravissimos prejuisos, que causou. Póde com-

parar-se tambem esta cheia com a outra de 1788, da qual seguindo a ordem chronologica destes successos, deveria fazer menção antes da de 1799, mas não o fiz por se achar já descripta no § 7.º deste Cap. no qual se póde vêr, quão grandes; e importantes fôrão os estragos, e perdas, a que deu causa.

Já se havião passado alguns annos, e o rio Douro não nos tinha appresentado nenhum d'aquelles terriveis espectaculos, em que elle, bem semelhante ao mar enfurecido, costuma ostentar-se tão tumultuoso, e soberbo, que nada he capaz de domar a sua braveza: porém veio o anno de 1821, e com elle uma cheia tão grande e tão desastrosa, que marcou uma epocha muito memoravel na sua historia. Esta porém ainda se tornou mais notavel pelos phenomenos, e lamentaveis catastrophes, que aconteceram em cima do Douro nas visinhanças do rio Corgo — fôrão de tão grande importancia, que os papeis publicos d'aquelle tempo as registaram; e eu igualmente em ordem com a materia deste Capitulo vou transcrever nos proprios termos os differentes relatorios, que então se publicaram deste caso terrivel, e espantoso.

PHENOMENO EM CIMA DO DOURO

Copia de uma carta escripta da quinta de Marrocos.

Tendo hontem 10 do corrente escripto a V. Exc.ª, dando-lhe parte de estar finda a poda

da quinta de Morrocos, e hindo esta manhãa para lá, afim de vèr, se as chuvas mais copiosas desta noite trazião novos trabalhos, e novas despezas — e hindo a chegar ao rio Corgo para passar á dita sua quinta, presenciei o caso mais extraordinario, e medonho, de que não ha noticia.

Na distancia de meio quarto de legoa do rio ao cimo da quinta, vi levantar uma extraordinaria porção de terra, e depois sahiu do mesmo logar uma enorme porção d'agoa, que subiu a grande altura, havendo precedido a este accontecimento um estrondo horroroso; fez um profundo buraco, cuja altura he incalculavel: abrio mais tres buracos em quintaes perto desta; porém são mais pequenos — e não houve effusão d'agoa.

Levou a adega de V. Exc.ª, os seus vinhos, os lagares, as casas, todas as arvores, e a vinha, que o volcão alcançou, não restando nem o mais pequeno vestigio de haver aqui existido edificio algum. Entrou a agoa pela terra dentro pela parte de dentro do Corgo mais de 20 braças em grande altura: esburralhou o forte açude — e as vinhas, que Antonio Ferreira da Regoa ahi tinha feito; quebrou na quinta de Cunha Reis um grosso acipreste, e fez em migalhos um braço d'encontro de parede. — Levou as suas grandes serdeiras; toda a ferramenta da Companhia, que estava em poder de V. Exc.ª, quatro homens, que estavão de vigia á adega, e ás casas, todos morreram. Na sua quinta do Zambujal não houve perigo: o Snr. Vianna, que hia para provar o

vinho, viu de longe esta desgraça. O buraco, depois que cessou a corrente d'agoa, fumou extraordinariamente, e ainda se conserva aberto.

He um espectaculo horroroso. Não tenho remedio senão dar esta noticia, porque, como corre, que eu morrera, poria a V. Ex.ª em maior cuidado com a lembrança do desamparo do resto dos seus bens. São determinaçoens de Deus — que move as cousas para altos fins, que nos são occultos; e para V. Exc.ª soffrer, com paciencia, tantas desgraças, que o perseguem. Minha mulher, e filhos escaparam.

ENCHENTE NO RIO DOURO

Carta de J. B. G. do Porto a um seu amigo de Lisboa.

Meu amigo, e Snr. Agora que a enchente no nosso Douro está diminuida a ponto de não nos dar o maior cuidado, se bem que não estamos ainda perfeitamente socegados: tomo a penna, não para descrever o grande pezo, a furia, e a violencia nunca vista, com que estas agoas correram por espaço de 48 a 50 horas, mas sómente para relatar alguns dos muitos damnos, que este quasi repentino accontecimento causou á vista desta Cidade.

Todos os navios, que se achavão surtos neste rio, estiverão em imminente perigo de se perderem; alguns com effeito tiverão este desgraçado fim; os outros todos soffreram, uns mais, outros menos.

*

O bergantim Inglez *Frair-Hibernian*, que se achava quasi lesto para seguir sua viagem ao porto de Londres carregado de vinhos, foi arrebatado da sua amarração pela corrente, que o levou até o Cabedello, e ahi foi a pique, perdendo-se desgraçadamente quatro homens, que levava a bordo, e a quem não se pôde prestar soccorro algum, apezar dos desejos e das diligencias dos Pilotos da Foz, sempre promptos, sempre serviçaes, e sempre uteis em semelhantes occasioens.

Outro bergantim, mui lindo por nome *Mathilda*, que já tinha alguns vinhos a bordo, e se apromptava para sahir brevemente com destino aos portos de Greenock, e Dublin, foi da mesma sorte arrebatado pela corrente até á revessa chamada de Sampayo, e ali encalhou.

A galeota Hannoveriana *Anna Margareth* com carga de assucar, que se destinava para Genova foi igualmente arrebatada pela corrente, que a levou pela barra fóra sem pessoa alguma a bordo; e sabbado passado se soube, que fôra encalhar em uns penhascos na costa de Azurara, d'aqui 4 legoas, para onde immediatamente partiram algumas pessoas, a quem interessa a salvação deste vazo, e sua carga; mas receia-se, que apesar de muito trabalho, e grande despeza pouco se salvará.

Os hyates Portuguezes —*Senhor da Pauta*, e *Triunfo da Inveja* soçobraram aqui no rio, e desappareceram com a corrente.

O hyate Hespanhol *S. Josef el Vencedor* teve o mesmo desgraçado fim.

Perderam-se algumas barcas da Ponte, que haviam custado muito dinheiro para aquelle serviço; perderam-se muitas outras barcas de propriedade particular, muitas lanchas, muitos botes etc.

O damno, que os navios, que escaparam, soffreram em seus cascos, mastreação, enxarceas, e outros apparelhos, he incalculavel.

Amarras, e viradores por bons e fortes que fossem, tudo arrebentava. Os Cordoeiros venderam toda a obra, que tinham prompta d'este genero, e esta obra realmente era muita por causa do empate, em que ha muito tempo estava em razão da apathia, em que o Commercio se achava. Agora porém foi toda, e não chegou; mas apegaram-se ao trabalho com louvavel desembaraço de dia, e de noite; reduziram a amarras o muito fio, que ainda tinhão neste estado, e ainda se fiou linho para amarras, que chegaram a servir, e fôrão uteis.

Em terra tambem se soffreu muito; soffreu-se tanto, que ninguem he capaz de enumerar os damnos.

A enchente foi muito grossa, e subiu a a grande altura. A agoa communicou-se da Porta da Ribeira com o Postigo da lingoeta, e do Postigo dos Banhos com a Porta Nobre de maneira que os habitantes da rua da Fonte Taurina, e outras servião-se de barcos para se proverem do necessario.

Todas as casas, que tiveram visita destas agoas, estão muito prejudicadas; e os moradores de todas que faceão com o Douro, e fôrão obrigados a franquear-se para prestar amarração,

e outros auxilios aos navios, que lhes estavão fronteiros, soffreram muitos incommodos, muitos sustos; e suas propriedades ficaram muito damnificadas.

A casa do despacho do caes da Alfandega veio a terra; porque um bergantim Inglez encalhou sobre ella, e depois com seu pezo esmagou-a.

O cais novo de Sobreiras, e outros estão alluidos em muitas partes.

Em Villa Nova houve grande perda nos armazens de vinhos; mas eu não me posso ainda explicar, como desejava neste particular, porque ainda não ouvi fallar delle com perfeito conhecimento. Na minha seguinte direi, o que ouvir, e o que mais souber; pois o que aqui lhe digo agora não he tudo.

DESASTRE EM CIMA DO DOURO.

Copia fiel de uma carta.

Vou pintar-te o triste e lastimoso estado, a que reduzio o dia 10, e 11 a agoa estes contornos, que já mais ninguem póde ser superior a scenas tão tristes e lastimosas; o dia 4.ª feira amanheceu de tal fórma, tendo principiado á meia noite agoa tão forte, que não houve ninguem, que fosse capaz de botar um pé fóra de casa, e por conseguinte todos anciosos por vêr, o que tinha feito a agoa, só pôde accontecer na 5.ª feira, tudo sahio a vêr; o Pai foi para as Pias, aonde, dizem, lhe botára as paredes abaixo tanto

em uma, como em outra ; eu fui á Formiga, e quando no meio do caminho encontrei o Padre M. Marques, digo-te, que chorei muito, porque a este Padre nem signal de casa lhe ficou além Pinhão ; levou-lhe todo o tonel de 7 pipas de vinho, o melhor, que tinha toda a Costa e casa, só appareceu um arco de ferro em uma oliveira; e nada mais appareceu de uma bôlha, que arrebentou na quinta de D. Leonor , que tinha o olival, vinha, casas, tudo quanto encontrou ; emfim eu mal te posso expressar tudo o que vi, que eu vendo, duvido ; fui á nossa Formiga, e tudo lá achei sem grande prejuizo, só alguns gateiros na vinha do Bicheiro, e um portal cahido ; mas quando olhei para a quinta dos Lurdos, e não vi telhado, desci com o cavallo pela nossa vinha abaixo, e quando lá chego eu digo-te que de todo fiquei admirado ao vêr, que na nossa extrema, e na do Sebastião Maria rebentou outra bólha, veio por esse val do Sebastião abaixo, trouxe oliveiras, trouxe tudo, e deixa o val dos Lurdos, e vai além ás casas, bota-lhe o telhado da sala, e parede tudo em cima dos toneis ; mas só perdeu 5 pipas tinto em um tonel, que uma pedra lhe quebrou os tampos, e outra em um de branco, e dous cascos, que tinha, um de branco, outro de tinto velho, e deixou-lhe o tonel das 10, e 5 no branco ; mas foi-lhe á casa dos lagares, leva-lhe tampos, feixes, pezos, paredes, e tudo, em termos que um tampo está no cimo do poço da Arretorta, isto he dos impossiveis maiores, que eu tenho visto, a não vêr, não contava, porque quem lá não fôr, e lhe contarem, póde dizer — mente :

Arrebentaram mais 6, ou 8 bôlhas aqui entre nós; mas não fazendo mais do que levar terra, vinha, e oliveiras; morrendo muita gente affogada no rio Pinhão, e Corgo, por vir a cheia de noute.

No Meranço na quinta de Manoel Pinto rebentou outra bôlha, e levou lhe ametade da casa com um tonel de 15 pipas, e tres cascos, sem saber nem de um arco: no Sardo ao pé da Cumieira outra bôlha levou uma quinta, e 13 galegos, que andavão a votar com os de empreita; e tres toneis de vinho, a caseira, o caseiro, e 5 filhos: defronte da Vaccaria outra bôlha levou uma quinta, que ahi estava; uns dizem ser da viuva Bandeirinha, dessa; e outros de Pedro da Silveira; ella chama-se a quinta de Marrocos; levou-lhe as casas, e toneis, e os homens, que lá andavão na póda; nem signaes deixou, aonde ella existia, e me dizem, que havia lá 60 pipas de vinho. Conto-te só os de grande estampido, que o Douro todo, pelo que ouço, não faz o prejuizo nem com quatro milhoens, pois só aqui entre nós, ou nossa freguezia sahiram anda por 300 bôlhas. Ao Affonso uma levou-lhe quasi a quinta toda: nós em quinta nossa não tivemos bôlha, só se fôr além do Douro. Ora agora o Douro, penso, que deixa a todos sem nada etc. etc.

Em quanto aos prejuizos, que Villa Nova de Gaya soffreu por causa desta espantosa cheia de 1821, cuja maior altura foi no dia 11 de Janeiro, não posso dar uma descripção exacta da sua importancia por falta de noticia dos seus

promenores ; no entretanto affirmo, que fôrão gravissimos, recebendo muito damno em propriedades, vinhos, e todo o genero de fazendas, devido á rapidez, e ao demasiado crescimento das agoas, cuja força, e violencia alluio o cais em muitas partes ; destruiu casas, e armazens; derribou o Pelourinho ; levou na sua furiosa corrente muitos barcos, e algumas barracas ; e causou finalmente taes avarias, que deixou de si uma lembrança tristissima, e duradoura.

A' cheia de 1821, que acabo de referir, e que em toda a extensão do rio Douro foi tão fertil em accontecimentos desastrosos, e perdas incalculaveis de vidas, e de fazenda, se seguio outra no anno de 1823. — Esta cheia, que teve a sua maior altura no dia 2 de Fevereiro, foi tambem muito notavel, e superior áquella na copia das agoas, porque subiram então mais dous palmos, do que na outra de 1821. — A de 1821 chegou quasi á fonte do Cabeçudo ; porém esta de 1823 ainda passou acima da dita fonte quatro metros em extensão. Tambem causou prejuizos; nem he possivel evital-os totalmente, ou ainda mesmo na sua maior parte, no meio da confusão de tão graves conflictos, em que parece, que toda a natureza se conspira á destruição; comtudo não foi tão desastrosa, como a outra — o seu crescimento , foi mais vagaroso , e a corrente menos impetuosa. Deixou immensas areias, que por muito tempo obstruiram completamente as casas da margem do rio.

Depois da Cheia de 1823 deu-se outra em 1829, que foi notavel por algumas circunstan-

cias. Desde que havia a Ponte no rio Douro, houve sempre nas occasioens de cheia a cautelosa prevenção de lhe reforçar com novas correntes a amarração ordinaria, e tiral-a, logo que a altura, e pezo das agoas parecia querer exceder a força d'aquellas : e tendo-se tomado nesta occasião todas as medidas de cautella aconselhadas pela practica, subiram as agoas tão inesperadamente, que não foi possivel tiral-a depois ; e nestas circunstancias arrebentando o pezo das agoas as muitas, e vigorosas amarraçoens que lhe fòrão botando para a segurar, foi por ultimo arrebatada pela furiosa corrente, largando as barcas do seu ponto umas depois d'outras sem governo, nem direcção certa de tal modo, que algumas dellas na sua desordenada carreira hião de encontro aos navios, e lhes fizérão grandes avarias; e nunca a Ponte soffreu por motivo das inundaçoens do rio tamanha destruição, como neste anno ; não obstante isso nenhuma dellas se perdeu, ainda que algumas fòrão pela barra fóra, mas tornaram depois. Foi nesta occasião que veio de Lisboa o *João Branco*, mandado pelo governo de D. Miguel, para dar execução ás tiranicas sentenças d'Alçada ; e chegando a esta Villa na quinta feira Santa — 16 d'Abril, embarcou com a escolta, que o accompanhava, ao pé da Capella da Senhora da Piedade, e passou para a Cidade em um barco puxado por 14 remos. Esta cheia foi repetida depois no mez seguinte por uma nova enchente.

Seguiu-se outra cheia no anno de 1837, e o crescimento das agoas obrigou tambem a tirar a

Ponte—chegou á Capella da Senhora da Piedade. A sua maior altura foi nos dias 20, e 21 de Novembro — este ultimo dia será sempre lembrado por mim com a mais viva e pungente saudade, porque soffri nelle uma perda irreparavel — a morte de minha Mai: no meio dos gôzos da Eterna Gloria, aonde piamente creio, que as suas virtudes a collocaram, receba este testemunho publico do amor filial, que lhe consagro, como uma homenagem devida á sua innata bondade, assim como ás ternuras, que dispensou comigo.

Depois desta houve a cheia de 1843, que foi notavel, não pela demasiada altura das agoas, nem tão pouco pela importancia d'avultados prejuizos, que causasse; mas sim pela circunstancia, de que tendo feito tirar a Ponte de barcas, cuja operação se effectuou então pela ultima vez no dia 17 de Fevereiro d'aquelle anno, obrigou tambem a abrir á circulação no dia 18 do mesmo a actual Ponte Pensil, mas sem as formalidades do festejo, que se projectava fazer, para solemnizar este grande acto publico da sua abertura,

Houvérão mais duas cheias no anno de 1855 — a primeira foi no dia 20 de Fevereiro, e a segunda no dia 29 de Dezembro; porém aquella foi muito maior, e chegou a agoa nesta Villa á casa de Joaquim Guilherme Barboza, da Rua Direita. Tambem causou prejuisos, tanto em terra, como no rio — fôrão pela barra fóra tres navios, e destes perderam-se dous, que érão um Portuguez chamado *Campos* 1.º, e outro Russiano, chamado *Carl*. A segunda foi muito inferior a esta em todas as suas circunstancias

Tambem houverão duas no anno de 1856 — a primeira foi no dia 8 de Janeiro, e a 2.ª no dia 25 do mesmo, e esta foi mais alta que aquella; mas ambas de pouca importancia. Houve outra no dia 1.º de Dezembro de 1858 — foi maior que a de 8 de Janeiro de 1856, e menor que as outras.

Nestas ultimas cheias, em que o rio Douro ultrapassou os limites ordinarios do seu leito, não houve felizmente a lamentar consideraveis prejuizos, pelo que toca aos navios, e embarcaçoens menores; o que era devido á summa actividade, e zêlo incansavel, que empregava nessas occasioens o Intendente da Marinha, que era então o Exm.º Conselheiro João Paulino Vieira, Capitão de Fragata, o qual foi a todos os respeitos um dignissimo Empregado Publico; e teve sempre, em quanto occupou aquelle importante cargo, o maior cuidado em dar, logo que as agoas começavão a crescer, as mais promptas, e acertadas providencias em ordem a segurar, e pôr na melhor cautella, e abrigo todos os navios, e mais embarcaçoens, que se achavão no rio, observando elle mesmo de dia e de noite, a despeito de qualquer máo tempo, o cumprimento de suas ordens, e expondo até a sua pessoa, como acconteceu infelizmente algumas vezes, e de que lhe resultaram os padecimentos, de que ultimamente morreu. Mereceu porém este distincto Empregado pelos seus relevantes serviços não só n'aquelle objecto, mas tambem em todo o expediente da sua Repartição, na qual fez muitas reformas, e extirpou inveterados abusos,

que a desconceituavão muito na opinião publica, e a par d'aquelles pelas suas virtudes, e inteireza de caracter, com que desprezou sempre, e corajosamente as suggestoens dos *traficantes* — os maiores, e mais justos louvores, que recebeu tanto do Corpo Commercial da Praça do Porto, como do proprio Governo, que tomou na devida consideração aquelles importantes serviços, e por vezes lhe remunerou o seu grande merito.

CAPITULO VII.

Dos Estabelecimentos, e Repartiçoens do Serviço Publico.

Excedendo Villa Nova com seus suburbios a uma grande parte das nossas cidades, não contém algum destes Estabelecimentos, que exornão, e caracterizão outras povoaçoens muito menores, como v. gr. — um Tribunal, Casa de Camara, Cadeia, Alfandega, Mizericordia, Hospital, Correio, etc ; porque a presença da Cidade, de quem Villa Nova fórma um bairro, como diz Rebello, lhe suppre superabundantemente estas, e outras quaesquer faltas. Apenas para o Governo Econo-

mico tem um Ouvidor, dous Almotacés, um Escrivão, e Meirinho ; e para o Militar uma Brigada d'Ordenanças, composta da freguezia de Santa Marinha, e das de Canidello, Mafamude, Oliveira, e Avintes, a qual forma uma das cinco, em que se divide a Cidade toda. (1)

ADDITAMENTO.

Desde uma era muito remota até o anno de 1834 Villa Nova de Gaya se dividia, apesar das suas limitadissimas dimensoens, em dois concelhos differentes ; isto he: o Concelho de Villa Nova, a que chamavão vulgarmente o «Concelho de Baixo», o qual tinha tambem o titulo honorifico, e legal de *Termo Velho da Cidade* ; e gozava por virtude deste titulo de varios previlegios e izempçoens ; e o Concelho de Gaya, chamado pela mesma razão o «Concelho de Cima.» Aquelle comprehendia todo o espaço, que ha de Nascente a Poente desde a Cruz do Penedo, que era um padrão com um retabulo de Nossa

(1) Depois que os Francezes fôrão expulsos do Porto, extinguiram-se as 5 Brigadas, em que a Cidade se subdividia, reduzindo-se ao antigo pé as Ordenanças, que a compunhão. Em Fevereiro de 1810 organisou d'entre ellas o Brigadeiro Nicolau Trant, Governador Interino das Armas do Partido do Porto , um escolhido Batalhão, ou Guarda Civica de 500 a 600 Voluntarios Reaes, composta de Nobres, Proprietarios, e Commerciantes, a qual pela exactidão da sua disciplina, pela riqueza do seu uniforme, pela qualidade dos seus individuos, e até pela distincção do seu digno Chefe constitue ao presente um corpo tão respeitavel, como luzido,

Senhora do Carmo, que havia antigamente no sitio, aonde está hoje a entrada da Ponte Pensil, até á Cruz do Coadjuctor na entrada da rua das Costeiras: e de Norte a Sul desde á margem do rio Douro até á Fonte do Cabeçudo exclusivè; sendo, como ja se vê, limitadissima a área deste Concelho. E pelo contrario o Concelho de Gaya, que começava na sobredita fonte, se dilatava mui largamente pelo espaço d'um grande numero de freguezias; mas ainda assim, contava então menos tres, do que hoje tem, e tambem menos uma parte da freguezia de Santa Marinha, que he a que comprehendia o Concelho de Villa Nova: e aquellas tres freguezias, que erão Grijó, Crestuma, e Avintes, se denominavão «Coutos», e cada uma dellas tinha jurisdicção, e administração diversa, que em tempos mais remotos fôra tambem appresentada, ou nomeada pelos Donatarios das terras destas mesmas freguezias.

Cada um d'aquelles dois Concelhos tinha as suas respectivas Auctoridades; as quaes segundo o antigo regimen erão: um Ouvidor, dois Almotacés, um Procurador do Concelho, um Escrivão, e um Meirinho; e no Concelho de Gaya havia mais um Tabelião, que era o mesmo Escrivão do Concelho, bem como dos Coutos de Grijó, e Avintes, e servia para exarar, e reduzir a Nota qualquer contracto publico, ou particular. Todas aquellas Auctoridades erão electivas, e annuaes, excepto o Escrivão, e o Tabellião, assim como o Meirinho do Concelho de Gaya, que esses tinhão encarte, e proprie-

dade vitalicia; e tambem os Almotacés servião só por tempo de dous mezes.

No Concelho de Villa Nova tambem havia antigamente um Pelourinho, que era um póste, ou columna de pedra, decorada quasi no tôpo com o padrão das Armas Reaes, e levantada em praça publica — signal da Jurisdicção, e logar, aonde se apregoavão, e intimavão ao povo as determinaçoens da Auctoridade, tendentes a posturas, e regulamentos policiaes; e no qual em tempos mais remotos se costumava tambem expôr á vindicta publica, e castigar alguns delinquentes. Este Pelourinho foi derrubado pela cheia do anno de 1821, e era collocado na Praia desta Villa, proximo ao cunhal da parte do Poente do armazem, chamado do Thomaz da Rocha, e era perfeitamente igual ao outro, que pertencia ao Concelho de cima, e que ainda hoje existe no logar, e povoação de Gaya ao pé do Oratorio do Senhor da Boa-Passagem sobre o caes na margem do rio.

Tinha tambem cada freguezia um Recebedor das Decimas, eleito sob proposta triplice do respectivo Ouvidor, e abonado pelo Senado da Camara da Cidade do Porto, para a cobrança de todos os Impostos d'aquella especie, notando porém, que o Recebedor da freguezia de Santa Marinha não só cobrava a Decima respectiva, e que só ella avultava tanto, como a de todo o Concelho de Gaya (e ainda hoje), mas tambem era o Thezoureiro dos Recebedores parciaes do dito Concelho, e de tudo fazia entrega no cofre geral da Commarca do Porto. Não obstante isso

não foi esta a practica sempre seguida, mas foi adoptada em 1828, e regulou até o anno de 1831; e até áquella epocha havia um thezoureiro, que fazia a cobrança das Decimas do Concelho de Gaya independente do Recebedor da freguezia de Santa Marinha: porém n'aquelle tempo este accumulou os dois encargos, e tinha pelo seu trabalho uma mui pequena percentagem, que era dividida entre elle e o respectivo Escrivão do lançamento com applicação ás despezas da escripturação; e gozava assim como todos os Recebedores de Decimas, de um privilegio, que os izemptava de aboletamentos de tropas, e dos encargos concelhios. Com este systema, e barateza de cobrança lucravão muito o Thezouro, e os povos; mas os Recebedores agora são considerados Empregados publicos, e aquelle serviço deixou de ser oneroso; por isso he indispensavel contribuir mais largamente os povos, para saptisfazer aquella enormissima despeza dos seus ordenados; e assim não lucraram com o novo systema nesta parte do serviço publico; nem o trabalho, e responsabilidade, que d'ahi resulta, auctorizão o facto, porque tambem o Regedor de Parochia, o Juiz Eleito, o Juiz de Paz, e outros servem gratuitamente, e não deixão de ter responsabilidade, e trabalho no exercicio das funcçoens de seus cargos, sendo neste caso tractados com menos justiça: e ainda mais, não percebendo elles ordenado algum, estão além disso sujeitos aos aboletamentos de tropa, como accontece n'esta Villa! Isto não he igualmente de lei.

Havia finalmente um Recebedor das Sizas, cujo

cofre tinha o nome de «Cabeção das Sizas», e comprehendia os dous concelhos de Gaya, e Villa Nova. Era Recebedor, e depositario deste cofre Manoel Gonçalves de Castro, Major das Ordenanças do Concelho de Gaya, o qual já o havia recebido de seus antepassados. Este imposto, que he uma especie de decima, lançada a todas as transacções de troca, e venda de bens de raiz, tambem he agora arrecadada no cofre das decimas de cada concelho, e tem preço fixo, que são — cinco por cento — sobre o valor da transacção, ou da propriedade contractada, sendo deste modo muito mais favoravel este imposto, do que era antigamente; porque então variava entre cinco, dez, e quinze por cento conforme a collocação do predio, e a obiquação das partes contractantes, o que era bastante lesivo ao povo, e prejudicial ao Thesouro, pois muitas vezes deixava de se realisar o contracto em vista da excessiva quantia, a que votava a siza. Este imposto vai ser regulado por uma nova lei, que acaba de ser confeccionada na legislatura do anno corrente; mas não he mais favoravel ao povo, antes pelo contrario, como infelizmente tem accontecido com todas as leis tributarias.

Eis-ahi o que era antigamente Villa Nova de Gaya pelo que toca ao serviço Fiscal, e Administrativo. Porem depois que se organisou a primeira commissão Municipal, ou que se elegeu a primeira Camara Municipal do Concelho de Gaya em 1833, e se deu nova fórma ao pessoal administrativo nos termos do systema vigente, Villa Nova de Gaya foi desunida do concelho do

Porto, e tem sido a séde, ou cabeça do rico, e populoso Concelho de Gaya. que se compõe de 23 freguezias, que são as que constão do mappa, publicado na pagina seguinte.

Mappa demonstrativo das Freguezias, Oragos, Fogos, e População do Concelho de Gaya.

N.os	Freguezias	Oragos	Fogos	Alm.s
1	Santa Marinha de V. Nova de Gaya	Santa Marinha	1550	6000
2	S. Christovão de Mafamude	S. Christovão	1030	3550
3	S. André do Canidêlo	Santo André	347	1326
4	Magdalena	S.a M.a Magd.a	257	841
5	Valladares	S. Salvador	344	1143
6	Villar de Paraizo	S. Pedro	542	1586
7	Canellas	S. João	325	1047
8	Perozinho	S. Salvador	354	1240
9	Golpilhares	Santa Maria	313	1028
10	Arcozêlo	S. Miguel	450	1300
11	Serzedo	S. Mamede	424	1368
12	S. Felix da Marinha	S. Felix	408	1324
13	Sermonde	S. Pedro	56	214
14	Seixozelo	Santa Maria	125	480
15	Sandim	Santa Maria	482	1410
16	Grijó	S. Salvador	820	2918
17	Guetim	Santo Estevão	72	306
18	Santa Marinha de Crestuma	Santa Marinha	200	665
19	Olival	Santa Maria	336	1504
20	Pedrozo	S. Pedro	1109	4300
21	Villar d'Andorinho	S. Salvador	347	1530
22	Avintes	S. Pedro	1130	3509
23	Oliveira do Douro	Santa Eulalia	657	2079
		Total... .	11678	40668

Tal era o numero dos fogos, e a população, de que se compunha o Concelho de Gaya no anno de 1857; mas desde então já tem augmentado: e ha mais nas duas freguezias desta Villa 38 fogos com 128 almas, que são annualmente alternativos entre ellas ambas; e esta mesma circunstancia dá o nome a um logar, que fica ao Nascente da Villa, e aonde existe a maior parte dos ditos fogos, o qual se chama — o *Torne* ou *Torna-mieiros.*

Segundo o systema actual de Governo ha no Concelho de Gaya uma Camara Municipal, a qual reside, ou funcciona nesta Villa, como a parte mais nobre, mais notavel, e populosa de todo o Concelho, supposto não seja central; e aquella he composta de sete membros, independente, e separada da Camara Municipal da Cidade do Porto; tem o tractamento de « Senhoria », e goza das mesmas attribuiçoens, e preeminencias, que tem todas as outras do Reino. Já por vezes, por motivos de mesquinha ambição, ou de mal entendidas reformas, se tem pertendido supprimir este Concelho, e annexal-o outra vez á Cidade do Porto, procedendo-se neste caso sem a devida attenção nem á sua remota antiguidade, que data de 1288, em cujo anno El-Rei D. Diniz confirmou o Foral, que seu Pai havia dado a esta Villa, e a erigio em cathegoria de Municipio; nem á conveniencia dos povos, que he immensa, e muito attendivel: porém as Camaras respectivas tem feito briosamente todos os exforços pela conservação deste Municipio, dirigindo ao Governo de Sua Magestade representaçoens muito energicas

n'aquelle sentido; e expondo nellas a par das boas razoens, que abonão a justiça, ou o direito, que tem este Concelho de possuir uma Admininistração Municipal propria, e independente, os motivos tambem do brio, e pundonor, que caracterizão este Povo, que he na verdade muito digno da maior consideração pelos relevantes serviços, que em differentes epochas tem prestado na defeza da Patria, como refere a Historia; e fez modernamente tão graves, e tão importantes sacrificios de vidas, e de fazenda pela causa da liberdade, que nenhum outro povo o excedeu, nem mesmo o igualou! Todas estas ponderosas razoens tem achado porém tal acolhimento na alta consideração do Governo, que de todas as vezes tem repellido aquellas injustas, e infundadas pertençoens: pelo que continúa este Municipio, e continuará para lustre, e ventura dos povos deste Concelho, que muitos melhoramentos tem recebido da sua Camara, o que não succederia assim, se continuassem sujeitos a outra de diverso Concelho: sendo comtudo muito para sentir, que esta Camara não tenha por ora uma casa propria, aonde faça as suas sessões, e reuna todas as dependencias da sua administração, e serviço. Esta falta porém não procede, como evidentemente se conhece, de carencia de zêlo, e amor patrio das Camaras transactas, e muito menos da actual, mas sim da limitação dos rendimentos do Municipio, e da vastidão, e importancia das obras, a que tem sido mister applical-os; tendo-se dado sempre a preferencia ás de maior urgencia; mas continuando-se assim

com a mesma louvavel dedicação, espero, e comigo todos os bons Villa-Novenses, que um dia se chegará a esse ultimatum de luzimento, e nobreza para esta Villa, e Concelho.

Tambem reside nesta Villa o Administrador do Concelho, e o seu Escrivão, e tem aqui a Secretaria d'Administração para o expediente de todo o serviço administrativo do Concelho. Ha igualmente dous Tabelliaens para o registro publico de todos os contractos, que se reduzem á Nota — um destes registros, isto he, o do antigo Concelho de Gaya foi muito rico em Notas, e documentos antiquissimos; mas já por duas vezes tem perdido um grande numero dessas preciosidades; a primeira vez na invasão Franceza em 1809, e a segunda em 1828, quando entraram nesta Villa as tropas de D. Miguel sob o commando do General Povoas, sendo em ambas ellas destruido este valioso deposito pela desenfreada estupidez do populacho, que nada costuma respeitar em occasioens de tumulto.

Ha nesta Villa uma estação da Bomba, collocada na fonte do Cabeçudo, organizada pela Camara Municipal em 1840, e costeada pelo Cofre do Municipio, munida de duas Bombas com todos os utensilios, e instrumentos necessarios para acudir aos incendios, e uma companhia de Soldados com um chefe, e subalternos, proprios para este serviço. Estes Soldados, ou antes, estes mancebos não recebem soldo, ou estipendio diario pelo serviço, que prestão, como recebem as companhias de Bombeiros da Cidade do Porto, depois que a Lei de 27 de Julho de 1855 aboliu

os privilegios, de que aquelles gozavão, sugeitando-as ao recrutamento: mas governa-se esta companhia por um regulamento especial, feito pela Camara em sessão de 24 d'Abril de 1857, e confirmado na maior parte das suas prescripçoens pela Junta Geral do Districto em sessão de 29 de Julho do mesmo anno, e offerece aos Bombeiros algumas garantias em compensação do pezado serviço, que prestão; porque dispôem: « que os que estiverem sujeitos ao recrutamento, não receberão fardamento, mas deverão fardar-se á sua custa, e servir pelo prazo de seis annos, garantindo-lhes a Camara a sua substituição no Exercito; e aos que estiverem fóra deste caso, dará a Camara um fardamento de tres em tres annos. « Por este meio providente, e economico recebe este Concelho um serviço tão importante que proporcionalmente custa á Camara do Porto uma cifra muito avultada.

Vai estabelecer-se uma 2.ª estação no edificio da Cadeia, collocando ali uma Bomba, que se está a reformar para este fim, podendo acudir-se com mais promptidão a qualquer sinistro desta especie, multiplicando os soccorros e collocando-os em differentes pontos — este he muito bem escolhido.

Tambem aqui ha uma Cadeia, ou Prizão, edificada no anno de 1830 no sitio da Bandeira ao cimo da Rua Direita, e em frente della na freguezia de S. Christovão de Mafamude; e a edificação desta casa teve a origem seguinte: « Em 1829 requereu o Juiz do Couto d'Avintes ao Governo a edificação de uma Cadeia nesta fre-

guezia, e Couto. Este requerimento veio ao Governador das Justiças, para dar sobre elle o seu parecer; e o Governador mandou aos Ouvidores dos Concelhos de Gaya, e Villa Nova, que informassem sobre a conveniencia, e mais circunstancias desta pertenção. Ora como o Ouvidor do Concelho de Gaya por insinuaçoens das demais Auctoridades, e pessoas influentes do Concelho entendesse, que se esta casa de correcção podia prestar alguma utilidade a uma freguezia, attento o empenho que havia na sua edificação, muita mais prestaria a um concelho, como o de Gaya, que he um aggregado de freguezias, por se darem aqui maior numero de casos pelo maior numero d'habitantes, aproveitou o ensejo, e requereu a construcção do mesmo edificio neste Concelho, como mais util aqui, do que n'aquella freguezia; e só depois de obtida a permissão, he que derão aquella informação ao Juiz do Couto d'Avintes, cuja pertenção não surtio effeito pela razão dada. Mandou-se logo depois proceder á obra, que foi dirigida pelo Illm.º João Rodrigues da Cruz, que era o Procurador do Concelho n'aquelle anno, e foi paga pelo Cabeção das Sizas. Ora não sei, por que fatalidade acconteceu, que apenas se acabou de fazer esta Cadeia, foi aquelle o primeiro que entrou nella; de sorte que foi elle mesmo que estreou a sua obra!

Seguiu-se outro caso d'estreia no anno de 1833 na mesma freguezia de S. Christovão, que foi tambem muito notavel, mas mais fatal que aquelle; e correu este caso do modo seguinte:

« A guerra, e a cholera morbus fazião n'aquelle tempo um numero demasiado de victimas em todas as povoaçoens ao arredor da Cidade, para cujo enterramento erão insufficientes as suas Igrejas; e então o governo de D. Miguel mandou, que se fizesse um cemiterio no sitio do Monte Grande para os fallecidos n'aquelle districto. Esta obra foi encarregada a um João Domingues Ronda, que morava atraz da Capella do Senhor do Padrão, e era o Commissario de Policia da freguezia — homem muito *affeiçoado*, e *prestadio* áquelle governo. Mandou elle com effeito proceder á obra que administrou; e logo que a deu por acabada, morreu; e foi o primeiro que ali foi sepultado: de modo que tambem este estreou a sua obra! »

Quanto a estabelecimentos de caridade não ha nenhum nesta Villa para o tractamento de doentes; mas ha um para o enterramento dos pobres, que fallecerem sem meios para se sepultar, tanto dos que houverem em qualquer sitio da freguezia de Santa Marinha, como d'algum affogado, que appareça na margem meridional do rio: tem este cuidado a Irmandade das Almas desta freguezia, a qual ainda que pobre, e sem rendimentos certos, mais do que um mui pequeno annual, que pagão os Irmãos e as esmolas dos devotos, cumpre aquelle setimo, e santo preceito com muito zêlo, e gratuitamente.

He bem certo, que antigamente não havia correio nesta Villa; mas depois das grandes reformas, que se tem feito modernamente na Repartição Postal, e com as quaes se tem melhorado

muito este importante ramo de serviço publico, tambem se collocaram em differentes pontos desta Villa quatro Caixas de Correio, nas quaes se lanção, e recebem as cartas da mesma Villa, e circumvisinhanças; e igualmente se collocou outra no logar dos Carvalhos deste Concelho para a correspondencia deste logar, que he bastante populoso, e tem no centro da Villa Administração de correio, independente da da cidade do Porto.

Em quanto ao Matadouro dos gados, o que havia antigamente era propriedade particular, e inteiramente destituida de todas as circunstancias indispensaveis a este mister, tanto pelo que toca á hygiene publica, como pelo que respeita á limpeza e bôa preparação das carnes destinadas á sustentação do povo: mas agora ha um Matadouro publico, mandado edificar pela Camara Municipal deste Concelho no anno de 1852 no sitio da Via-Sacra da freguezia de S. Christovão de Mafamude em logar alto, e bem arejado com muita largueza, e as commodidades necessarias para a matança, e amanho dos gados, que se expôem á venda nos açougues desta Villa, e de que se faz actualmente aqui um consumo tão avultado, que regulando em outro tempo a contribuição Municipal sobre Carnes Verdes tres contos de reis, anda agora por seis, sete, ou alguma coisa mais; notando porém que os fornecedores d'aqui ainda pagão menos 180 reis em arroba, do que pagão os da Cidade. A razão d'aquella differença, e augmento de consumo provém do immenso numero de pessoas da Cidade, que vem comprar carne a esta Villa por se vender aqui mais barato

do que lá; o que a Camara da Cidade, já por interesse dos fornecedores por lhes ter diminuido a venda, já por interesse proprio pelo desfalque nas rendas Municipaes, tem levado muito a mal, e forcejado por evitar, empregando todos os meios ao seu alcance, e usando até de alguns menos competentes, e improprios de um corpo tão respeitavel, como he a Municipalidade do Porto;-que teve a imprudencia de mandar tomar despoticamente no mez de Março deste anno de 1860 a carne, como se fosse contrabando, a todas as pessoas, que a levavão desta banda! deixando-a a alguns, que por mais timoratos, se sujeitaram a pagar alli os direitos Municipaes correspondentes ao pezo, que levavão. Esta arbitrariedade porém custou áquella Camara alguns dissabores, porque o povo se oppoz pelos meios legaes e ella teve de desistir do seu leviano intento.

Querendo depois colorir este procedimento illegal e reprovado pelo povo, estabeleceu huma fiscalisação para averiguar, a quanto montaria aquelle desfalque nas suas rendas e instruir melhor as repetidas representaçoens, que tem endereçado ao Governo sobre este assumpto. A Imprensa Periodica do Porto tambem tem advogado os interesses da Camara, produzindo varios artigos em sua defeza: citarei um, em que o *Commercio* calcula o que a Camara póde perder com esta introducção de carnes; e se expressa nos termos seguintes: « Desde 7 de Abril a 8 de Maio corrente, a carne trazida de Villa Nova de Gaya para o consumo da Cidade, e registrada

nas estaçoens da Ribeira, e Porta Nobre montou a 2:250 @ e 14 arrateis, o que corresponde a 141 bois de 16 @, ou 958$434 rs. de direitos, que a Camara do Porto receberia, se fossem mortos no seu Matadouro.

«Calculando em 300$000 reis os direitos correspondentes á carne introduzida na Cidade, e não registrada, vê-se, que o desfalque para a Municipalidade do Porto he de rs. 1:258$434 mensaes, ou 15:101$208 rs. annuaes, que revertem em proveito d'outros Municipios com prejuizo d'aquelle, onde a carne he consumida.»

Não obstante tudo isso os fornecedores da Cidade tem porfiado em sustentar o alto preço da carne, que poderião ter modificado para evitar aquelle desfalque; e a Camara parece secundar-lhes a ambição, querendo obrigar o povo a comprar dentro do seu Municipio; o que se não conforma com a boa razão, porque deste modo apoia os interesses da minoria.

Proseguindo na descripção dos melhoramentos resta dizer: que esta Villa he illuminada por candieiros d'azeite em todas as noites, em que não ha luar; e a sua despeza he paga tambem pelo cofre da Camara. Todavia este melhoramento não he moderno; porque o estabelecimento da Illuminação na Cidade do Porto, e Villa Nova de Gaya foi ordenado por Decreto de 5 d'Outubro de 1824, e foi consignado para o seu costeio o rendimento da Ponte de barcas, e a imposição de 2 reis em arratel de carne de boi, e de porco.

O primeiro Empregado, que teve a Illumi-

nação desta Villa, foi Antonio Joaquim dos Santos, que foi nomeado para o logar de Vigia da mesma Illuminação em 10 de Novembro de 1826. Este Villa-Novense foi depois avô d'Arthur Napoleão, de quem adiante fallarei, e falleceu em 24 de Junho de 1860.

A segurança publica desta Villa he mantida por um destacamento de 29 praças da Guarda Municipal da Cidade do Porto, que he rendido ao sabbado de oito em oito dias, e faz o serviço sob o commando de um sargento. Este destacamento tem além da estação principal da Praia uma no Candal, e outra no Matadouro.

Esta Villa tambem foi a cabeça do Julgado Ordinario do Concelho de Gaya, cujo Tribunal foi supprimido em 1857 — era como uma 1.ª Instancia, que julgava qualquer questão civel, ou crime, que não excedesse a alçada do Juiz de Direito; e fazia o preparatorio de todos os processos, que seguissem a Instancia superior. O pessoal deste Tribunal era um Juiz com o titulo de Ordinario, o qual podia ser homem leigo; um Sub-Delegado, que representava o Ministerio Publico; e dous Escrivaens. O Juiz era eleito pelo povo; o Sub-Delegado e Escrivaens nomeados pelo Governo.

As Auctoridades locaes, que esta Villa tinha antigamente, estão substituidas agora por outras com as denominaçoens seguintes: um Regedor de Parochia, que tem a seu cargo a policia preventiva da freguezia, para cujo serviço tem um grande numero de Cabos de Policia. Hum Juiz Eleito com um Escrivão ante seu

cargo, e de sua nomeação, ao qual pertence a observancia e inteiro cumprimento das Posturas da Camara, e regulamentos policiaes; e decide tambem em Juizo contencioso, mas verbal, e sem recurso das partes todas, as questoens, que não excedão a 1$200 rs. Hum Juiz de Paz, que tem igualmente um Escrivão d'ante seu cargo — a principio foi tambem Juiz d'Orfãos, e nesse tempo era eleito um em cada freguezia; mas depois que a Orfanologia passou para o Juizo de Direito, e seus Escrivães, um Juizo de Paz comprehende mais de uma freguezia a que chamão «circulo», e neste Juizo conciliatorio devem ter principio todas as questoens, que forem levadas á tela judiciaria, sob pena de nullidade insanavel: assim como tem a força de sentença exequivel, e obrigatoria qualquer contracto, ou composição, que se faça neste Juizo. E finalmenie uma Junta de Parochia, da qual he Presidente nato o Parocho respectivo, e esta toma conhecimento de todos os negocios, e objectos, que dizem respeito á Igreja para a conservação e explendor do Culto. Todas estas Auctoridades são de eleição popular, menos o Regedor de Parochia, que he nomeado pelo Administrador do Concelho; e todas ellas lhe são immediatamente subordinadas á excepção do Juiz de Paz. Tambem o Administrador do Concelho e a Camara Municipal são subordinadas ao Governador Civil, e á Junta Geral do Districto.

Tenho dado uma idea do que foi em outro tempo Villa Nova de Gaya, assim como do que he hoje na ordem do serviço publico. E como

para o desempenho das differentes secçoens, que lhe respeitão, se procurão sempre as pessoas mais qualificadas, e recommendaveis pelas suas virtudes civicas, pela sua sciencia, e religião, quer estas sejão eleitas pelo povo, quer sejão nomeadas pelo Governo, suppondo-se em ambas a realidade do merito, penso, que merecerá a approvação de todos a ideia, que tive de appresentar uma relação geral dos cavalheiros, que tem exercido, como Auctoridades, os cargos publicos da mesma Villa, desde que se installou neste Paiz o systema Constitucional, que nos rege: e nesta exhibição seguirei a mesma ordem, em que tenho fallado dellas.

Por isso a primeira, que vou appresentar, he a

Relação das Commissoens, e Camaras Municipaes, que tem funccionado no Concelho de Gaya desde a installação deste Concelho no anno de 1834.

1.ª *Commissão Municipal, nomeada pela Prefeitura, e que tomou posse em* 20 *de Junho de* 1834.

Antonio da Rocha Leão — PRESIDENTE
Francisco Alves d'Oliveira Araujo
Antonio Thomaz da Silva
José Alves Souto.

1.ª *Camara Municipal, eleita para servir no resto do anno de* 1834, *e que tomou posse em* 14 *de Novembro do mesmo anno.*

Antonio Ribeiro da Costa — PRESIDENTE

José Alves Pinto Villar	VEREADOR
José Pereira de Brito	»
João Bernardo França Pereira de Castro	»
João José Pinto	»
Antonio da Rocha Leão	»
Antonio Thomaz da Silva	»

2.ª *Camara Municipal, eleita para servir no anno de* 1835.

Antonio Ribeiro da Costa	PRESIDENTE
José Alves Pinto Villar	VEREADOR
Antonio Thomaz da Silva	»
Antonio da Rocha Leão	»
José Pereira de Brito	»
João Bernardo França Pereira de Castro	»
João José Pinto	»

3.ª *Camara Municipal, eleita para servir no anno de* 1836.

Felix Bernardo França	PRESIDENTE
José Alves Pinto Villar	VEREADOR
Francisco Alves d'Oliveira Araujo	»
Manoel Rodrigues d'Amorim	»
Thomaz da Motta	»
Joaquim Guedes d'Amorim	»
José Antonio Camarinha Junior	»

4.ª *Camara Municipal, eleita para servir no anno de* 1837.

Antonio Ribeiro da Costa	PRESIDENTE
Manoel Rodrigues d'Amorim	VEREADOR
Felix Bernardo França	»
Manoel Alves Ferreira Pinto Villar	»
José Antonio Camarinha Junior	»
Manoel Coelho Bragante	»
Antonio Thomaz da Silva	»

5.ª *Camara Municipal, eleita para servir no anno de* 1838.

Manoel Gonçalves de Castro	PRESIDENTE
Antonio Alexandrino Pereira de Castro	VEREADOR
José Domingues de Castro	»
Antonio d'Almeida	»
João Pereira de Mattos	»
Joaquim Alves dos Reis	»
Manoel Duarte dos Reis	»

6.ª *Camara Municipal, eleita para servir no anno de* 1839.

Marcelino Maximo d'Azevedo e Mello	PRESIDENTE
Bernardino Joaquim de Castro	VEREADOR
Antonio Coelho Bragante	»
Antonio Thomaz da Silva	»
Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal	»
Antonio Dias Ribeiro Gasparinho	»
Fernando Pereira Soares	»
Antonio d'Almeida	»
Manoel Gonçalves de Castro	»

7.ª *Camara Municipal, eleita para servir no anno de* 1840.

Marcelino Maximo d'Azevedo e Mello	PRESIDENTE
Miguel Joaquim de Moura Coutinho de Lacerda Abreu e Lima	VEREADOR
Manoel Alves Souto	»
Manoel Pereira Soares	»
Manoel Joaquim Borges de Castro	»
Antonio Coelho Bragante	»
Antonio Dias Ribeiro Gasparinho	»
Antonio Thomaz da Silva	»
Joaquim da Cunha Lima d'Oliveira Leal	»

8.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1841 e 1842.

Miguel Joaquim de Moura Coutinho de Lacerda Abreu e Lima	PRESIDENTE
Xavier Francisco da Cunha Sousa e Mello	VEREADOR
João Paulo Monteiro Alvarenga	»
Joaquim Guilherme Barboza	»
Joaquim da Cunha Lima de Oliveira Leal	»
Antonio Dias Ribeiro Gasparinho	»
Francisco Soares da Costa	»
Manoel Pereira Soares	»
João José Pinto	»

9.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1843 e 1844.

Miguel Joaquim de Moura Coutinho de Lacerda Abreu e Lima	PRESIDENTE
Manoel de Mendonça Figueira d'Azevedo Pinto de Souza	VEREADOR
Xavier Francisco da Cunha Souza e Mello	»
Domingos Ribeiro dos Santos	»
Antonio Ferreira dos Santos	»
Manoel Pereira Soares	»
Manoel Urbano de Lima Barreto	»

10.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1845 e 1846; *e serviu até* 9 *de Junho de* 46.

Antonio José de Castro Silva	PRESIDENTE
Luiz Antonio Pinto d'Aguiar	VEREADOR
Antonio dos Santos Paes	»
Francisco de Souza	»
Manoel Pereira Soares	»
Manoel Urbano de Lima Barreto	»
José Pinto da Costa Junior	»

2.ª *Commissão Municipal, nomeada pelo Governo Civil, e que tomou posse em* 10 *de Junho de* 1846.

Joaquim Velloso da Cruz	PRESIDENTE
Joaquim Guedes d'Amorim	
José Antonio Novo	
José Antonio Camarinha	
Manoel Alves Souto	
Manoel Rodrigues d'Amorim	

11.ª *Camara Municipal, eleita para servir desde* 25 *de Setembro de* 1846, *até* 5 *de Junho de* 1847.

Manoel Gonçalves de Castro	PRESIDENTE
Joaquim José da Costa Machado	VEREADOR
Antonio d'Almeida	»
Manoel Domingues Ramos	»
Antonio Nunes d'Almeida	»
José Antonio Camarinha	»
Felix Bernardo França	»

3.ª *Commissão Municipal, nomeada pelo Duque de Saldanha, e que tomou posse em Villa Nova de Gaya nos Paços do Concelho em* 6 *de Julho de* 1847.

Manoel Pereira Soares	PRESIDENTE
Bernardino Joaquim de Castro	
Manoel Domingues Ramos	
José Antonio Camarinha Junior	
Joaquim de Souza	
Sebastião da Silva Couto	
Antonio Joaquim de Souza.	

4.ª *Commissão Municipal, nomeada pelo Governo Civil e que tomou posse em* 19 *de Julho de* 1847.

José Placido Campiam	PRESIDENTE
Antonio da Rocha Leão	
Antonio Thomaz da Silva	
Manoel Urbano de Lima Barreto	

Francisco de Souza
Manoel Joaquim Gonçalves.

12.ª *Camara Municipal, eleita, e que tomou posse em 9 de Novembro de* 1847, *e serviu em* 1848 e 1849.

Anthero Albano da Silveira Pinto.	PRESIDENTE
Antonio Joaquim Borges de Castro	VEREADOR
Bento Leite dos Santos	»
José d'Araujo Pereira Pinto	»
Narcizo Antonio de Brito	»
José Agostinho d'Almeida	»
Sebastião da Silva Couto	»

13.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1850 e 1851.

Anthero Albano da Silveira Pinto	PRESIDENTE
Antonio Joaquim Borges de Castro	VEREADOR
Bento Leite dos Santos	»
José d'Araujo Pereira Pinto	»
Narcizo Antonio de Brito	»
José Agostinho d'Almeida	»
Sebastião da Silva Couto	»

5.ª *Commissão Municipal, nomeada pelo Governo Civil, e que tomou posse em* 25 *d'Agosto de* 1851.

Manoel Alves Souto	PRESIDENTE
Joaquim José da Costa Machado	
Manoel Urbano de Lima Barreto	
Luiz Antonio Pinto d'Aguiar	
Bernardino Joaquim de Castro	
Manoel Pereira Soares	
Manoel Gonçalves de Castro.	

14.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1852 e 1853.

Joaquim Velloso da Cruz	Presidente
Sebastião Filippe Barboza de Castro	Vereador
Bento Duarte dos Reis	»
José Antonio Junior	»
Joaquim de Sá	»
Antonio Moreira da Rocha	»
José Pinto da Costa Junior	»

15.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1854 e 1855.

Joaquim Vellozo da Cruz	Presidente
Antonio Moreira da Rocha	Vereador
Bento Duarte dos Reis	»
Sebastião Filippe Barboza de Castro	»
Antonio Joaquim Borges de Castro	»
José Pinto da Costa Junior	»
Manoel Pereira Soares	»

16.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1856 e 1857.

Antonio Joaquim Borges de Castro	Presidente
Sebastião Filippe Barboza de Castro	Vereador
Antonio de Freitas Faria Salgado	»
José Ferreira da Silva Fragateiro	»
Vicente Pinto de Sousa	»
José d'Araujo Pereira Pinto	»
Manoel Pereira Soares	»

17.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1858 e 1859.

Joaquim Vellozo da Cruz	Presidente
Manoel Joaquim Borges de Castro e Silva	Vereador

Fernando Camello Sarmento	Vereador
Luiz Antonio Pinto d'Aguiar Junior	»
Sebastião Filippe Barboza de Castro	»
Vicente Pinto de Souza	»
Manoel Pereira Soares	»

18.ª *Camara Municipal, eleita para servir no biennio de* 1860 e 1861.

Joaquim Vellozo da Cruz	Presidente
Luiz Antonio Pinto d'Aguiar Junior	Vereador
Fernando Camello Sarmento	»
Sebastião Filippe Barboza de Castro	»
Ignacio José Fernandes Dourado	»
Vicente Pinto de Souza	»
Manoel Pereira Soares	»

Relação dos Administradores, que tem funccionado no Concelho de Gaya.

Proprietarios.

Manoel Dias Monteiro
José Pereira de Brito
José Maria Leite Ferraz d'Albergaria.

Substitutos

Manoel José Ferreira Brandão
Luiz Antonio Pinto d'Aguiar
Joaquim Vellozo da Cruz
Antonio Francisco Tavares.

Relação dos Juizes Ordinários, e Sub-Delegados; que funccionaram no Concelho de Gaya ate' á extincção d'aquelle Juizo.

Juizes

Bento Joaquim de Mesquita Pimentel de Carvalho
Marcelino Maximo d'Azevedo e Mello
Manoel José Ferreira Brandão
José Alves d'Oliveira
Manoel Domingues Ramos Junior
Fernando Camello Sarmento.

Sub-Delegados

Bento Joaquim de Mesquita Pimentel de Carvalho
Pedro de Freitas Costa.
Antonio da Silva Leitão
Manoel Marques Salvador
João d'Almeida Seraiva
Antonio Alexandrino Pereira de Castro e Silva
Manoel Joaquim Borges de Castro e Silva.

Relação dos Regedores de Parochia, que tem servido na freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya.

José de Pinho dos Santos
Antonio Joaquim Pinto
Severino Ferreira da Motta
José Joaquim dos Santos.

Este ultimo começou a servir com o titulo antigo de Commissario da Policia no dia 9 de Julho de 1832 até o dia 8 de Setembro do mesmo anno; e depois de

levantado o cêrco, tomou outra vez conta do Cargo, que occupou até 1836. Seguiram-se o primeiro, e segundo; depois dos quaes entrou 3.ª vez até á data da revolução do Minho, chamada a *Patuleia*, durante a qual serviu Severino Ferreira da Mótta. Depois que esta revolução acabou em 1847, foi nomeado pela 4.ª vez Regedor de Parochia, e desde então tem desempenhado até o presente sem interrupção as funcçoens deste cargo.

Relação dos Juizes Eleitos, que tem servido na freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya.

Antonio Rodrigues dos Santos
Domingos Moreira Dias
Diogo José de Macedo
Luiz Antonio d'Almeida
José Joaquim dos Santos
João Peixoto Ferraz
Antonio Pinto das Neves
Severino Ferreira da Motta
José Pinto da Costa Junior
Manoel Rodrigues d'Araujo
Manoel da Silva Castro
João Thomaz Cardozo
Thomaz Rodrigues d'Araujo
José Moreira Dias
Joaquim Bento de Magalhaens.

Todos os sobreditos tem servido o cargo de Juiz Eleito por mais de uma vez.

Relação dos Juizes de Paz, que tem servido na freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya.

Joaquim Vellozo da Cruz
João Salgado d'Almeida

João Peixoto Ferraz
Manoel Pereira Guimaraens e Silva
Antonio Dias Ribeiro Gasparinho
Domingos de Freitas Gonçalves.

São estes os cavalheiros, de que se tem composto a Camara Municipal do Concelho de Gaya, e que tem servido, como Auctoridades, os cargos publicos da freguezia de Santa Marinha desta Villa, sendo as actuaes as que figúrão em ultimo logar em cada uma d'aquellas relaçoens.

ADDIÇÃO AO § 4.° DO ADDITAMENTO AO CAPITULO 2.°

Depois de ter escripto a materia d'aquelle § occurreram dous successos, de que não fiz alli menção por serem subsequentes, mas vão aqui registrados :

Já se havião passado vinte e sete annos, depois que a guerra destruira o magnifico Convento da Serra do Pilar ; e apezar do estado de ruina, em que ficára, habitavão nelle varias familias pobres, que se sujeitavão a soffrer as intemperies do ar, por estarem gratuitamente. Porém o Governo, tendo attenção a que deste modo se poderia desmoronar totalmente este bello edificio, mandou este anno pela Repartição das Obras Militares cobril-o com novas armaçoens ; e determinou, que d'aqui em diante pagassem aluguer as familias, que quizessem morar alli. Já o deveria ter feito ; mas mais vale tarde, do que nunca.

O Governo practicaria um acto de muita justiça, se em logar da applicação, que mandou

dar a este vasto edificio, tivesse annuido, ou de futuro annuir, á justa pertenção dos Villa-Novenses — de estabelecer nelle um quartel para os corpos militares, que fizerem transito, ou tomarem descanso nesta Villa. He sem questão, que nenhum outro povo tem soffrido tanto com o abolotamento de tropa como os Villa-Novenses; assim como que nenhum mais do que elles soffreu por motivo dos accontecimentos de 1832, e 33: ora se a Cidade do Porto foi beneficiada por sua Magestade Imperial de saudosa memoria com a izempção perpetua d'aboletamentos em remuneração d'aquelles soffrimentos, porque razão não hade ser deferida a supplica dos Villa-Novenses, que á conta d'aquelles excederam ainda a Cidade do Porto? e mormente quando elles se prestão ao fornecimento de camas, e demais objectos necessarios para aquelle fim? Os Villa-Novenses ainda esperão, que mediante a coadjuvação dos seus Representantes em Côrtes, o Governo lhes conceda aquella graça, que além de ser de toda a justiça, tem mais a circunstancia de não affectar o Thezouro, nem em referencia ao edificio, que em vista dos seus precedentes já não póde ter outra applicação, nem pela importancia dos aviamentos, que demanda o dito quartel, porque a elles se prestão os Villa-Novenses, pois nunca se pouparam a sacrificios, como bons patriotas.

O segundo successo foi o caso seguinte: em fins de Maio deste anno de 1860 appareceu no Governo Civil do Districto do Porto um homem vindo do Rio de Janeiro, e disse: — que

um Frade, que fôra do Mosteiro da Serra, e fallecera no Rio de Janeiro, lhe dera uma *nota* que appresentou, e na qual se declarava «que a 20 passos de distancia da porta principal da Igreja d'aquelle Mosteiro, e na frente della jazia enterrado um grande thezouro» em vista do que pedia licença ao Governo para fazer a necessaria excavação em busca delle. Com effeito na tarde do dia 1.º de Junho veio ao alto da Serra o Secretario Geral do Governo Civil em companhia do portador da *nota*, de uma força d'Infanteria 6, e d'alguns homens de trabalho; e depois de marcarem o ponto conforme a declaração, mandou cavar, e até á noite nada encontraram. De noite ficaram sentinellas no sitio; e no dia seguinte se renovaram os trabalhos, que continuaram por espaço de dez dias: e como no fim deste tempo, e depois de muito lidar não colhessem resultado algum favoravel, no dia 11 começaram outra vez a entulhar, desenganados da burla, que tinhão comido.

CAPITULO VIII.

Dos Mesteres, e Agencia dos Villa-Novenses.

Passando agora do material ao formal, comprehende Villa Nova em si e suas circumvisinhanças algumas familias de conhecida nobreza; outras, que vivem de suas rendas, e da cultura das suas terras; outras que exercitão o commercio; e outras em fim, que se empregão nas differentes artes, e occupaçoens fabris. Entre estas faz-se mais notavel a da Tanoaria, na qual pela prodigiosa exportação, que ha de Vinhos

(1) se empregão commummente 3:600 homens entre tanoeiros, matulas, e carreiros, ou condu-

(1) Visto ser este o melhor ramo de commercio, não só do Porto, e Villa Nova, mas de todo o Reino, julgo fazer um agradavel serviço ao Publico expondo-lhe o seguinte:

Mappa geral de todo o Vinho d'embarque, exportado pela barra do Porto nos ultimos 18 mezes.

Annos	Pipas, que sahiram	Importe a 100$000 a pipa
1794	52:655 ½	5,265:550$000
1795	53:392	5,339:200$000
1796	38:584	3.858:400$000
1797	28:757 ½	2,875:750$000
1798	64:401 ¼	6,440:175$000
1799	56:699 ½	5,669:950$000
1800	55:896 ¼	5,589:625$000
1801	66:628 ¾	6,662:875$000
1802	38:632 ½	3,863:250$000
1803	54:350	5,435:000$000
1804	29:851 ½	2,985:150$000
1805	36:320 ½	3,632:050$000
1806	41:440	4,144:000$000
1807	52:897 ½	5,289:750$000
1808	36:780	3,678:000$000
1809	43:458	4,345:800$000
1810	41:358 ¾	4,135:875$000
1811	18:536	1,853:650$000
Somma	Total 810:640 ½	81,064:050$00

ctores de pipas; como se lê no Leal Portuguez de 1809 N.º 5 pag. 49.

A exportação dos primeiros 12 annos foi copiada do Investigador Portuguez n.º 12, pag. 690; a dos 6 ultimos extrahi-a das listas, que todos os annos se publicão no Porto. Advirto, que a exportação de 1811 apezar de ser a menor de todas, foi ainda superior á que se esperava, attendendo á penuria de tres colheitas successivas; á carestia proveniente da mesma penuria; ás circunstancias politicas do tempo, e a outras causas apontadas na relação offerecida aos Agentes da Companhia em Londres, e impressa no presente anno de 1813; mas estes obstaculos passageiros desapareceerão totalmente, logo que cessem os motivos delles.

Do sobredito Mappa se vê, que reduzida a cruzados a importancia total do Vinho sobe a duzentos e dous milhoens seis centos e secenta mil cruzados e cincoenta mil reis; e que repartidos pelos desoito annos ambas as ditas sommas, montão em cada um a 45:035 pipas, e a 11 para 12 milhoens de cruzados apezar de ser assaz racionavel a avaliação de 100$000 reis a pipa na totalidade dos 18 annos; pois ainda que nos primeiros se reputassem a menos, nos ultimos subiram tanto de preço, que tem ficado de 150 a 200$000 reis cada uma, posta a bordo, e ainda muito mais. Taes erão as vantagens, que perdiamos só neste ramo, sendo subjugados, e que a firme alliança com a Inglaterra, unida á conservação da Illm.ª Junta da Companhia do Alto Douro, felizmente nos promovem, e asseguram!!

Já o Redactor do Leal Portuguez, reflectindo nas vantagens, que produz o Commercio, e que elle he o melhor agente da opulencia do Porto, fez as seguintes observaçoens, que me pareceram dignas de transcrever-se: "Mas a gravidade destes principios, diz elle, exige observaçoens muito particulares nesta Cidade, o Porto, que pela extensão, e vantagem do seu commercio tem subido ao alto gráo de esplendor, opulencia, e reputação, que lhe confere um dos logares mais distinctos entre as Praças Commerciaes da Europa. Se se

Os Mestres Tanoeiros, como administradores, que são dos armazens, e depositarios de grande

compara na distancia de cada dez annos o augmento da povoação; a multiplicacão dos Artifices; o aperfeiçoamento da industria; o adiantamento prodigioso da Marinha Commerciante; o avultadissimo accrescentamento das Rendas Reaes, que constituem o patrimonio do Estado; a sumptuosidade dos edificios publicos, e particulares; a magnificencia dos templos; a belleza das praças, e das ruas; a propriedade, e commodidade, com que se vive em todas as classes; em summa toda a prosperidade geral, e particular; se conhecerá sem hesitação, que no Commercio tem origem todos estes bens, que se aprecião tanto." Leal Portuguez de 1809 n.° 5 pag. 49.

Não póde dar-se uma ideia melhor dos bens, que as Porto tem acarretado o Commercio, nem negar-se, que entre todos os seus ramos seja o do Vinho o mais lucrativo. Ora sendo indubitavel, que a Illm.ª Junta da Companhia foi, he, e será, em quanto existir, o primeiro movel da prosperidade delle; qual será o ente racional, que não só deixe de elogiar, mas até de defender com toda a influencia possivel a conservação de um estabelecimento tão necessario, como util?

Além da prodigiosa copia de Vinho d'embarque, já referida, exportão-se annualmente muitos milhares de pipas do de ramo para as nossas colonias, e para Lisboa, sem fallar ainda do que se gasta no paiz, de que só a Cidade do Porto, e districto da Illm.ª Junta da Companhia consomem, segundo Rebello 18:000 pipas por anno. Que cidade mercantil no Universo appresenta um semelhante ramo de Commercio?

Elle seria para nós só por si um manancial inexhaurivel de riquezas, se estas não fossem contrapezadas pelas que damos aos estrangeiros em paga das fazendas de todo o genero, que nos introduzem. Basta dizer que só o Pão, e o Bacalhau, entrado pela barra do Porto no espaço de 8 mezes — desde o 1.° de Maio até 31 de Dezembro de 1811 — conforme a conta dada pelos capitaens, ou Mestres das embarca-

cabedal, que nelles se acha, gozão de um credito a toda a prova; e tanto pelo pingue dos seus

çoens, que sempre he para menos, foi a que consta do seguinte:

Mappa de varios viveres, que entraram, só de portos estrangeiros no espaço de 8 mezes.

Especie	Quantid.e	P.o medio	Importancia
Trigo	358:967	1$400	502:553$800
Senteio	171:570	1$000	171:570$000
Milhão	986:892	850	838:758$200
Cevada	419:474	440	184:568$560
Aveia	207:500	240	49:800$000
Farinha tr., bar.	70:580	12$000	846:096$000
Bolacha	8:526	8$000	68:308$000
Arroz	10:742	28$000	300:776$000
Bacalhau quint.s	161:388	6$000	968:328$000

A' proporção desta quantidade de Viveres, foi a de todas as mais fazendas; de maneira que havendo entrado nos ditos 8 mezes 815 navios, como logo farei ver, quasi todos viérão carregados, sendo rarissimo o que entrou com lastro. Neste Mappa dos viveres não se incluem os que entraram em muitos transportes com destino para o exercito Inglez, nem tão pouco os que trouxerão as nossas embarcaçoens costeiras; porque o meu objecto he mostrar, o que nos vem só de paizes, estrangeiros por motivo do Commercio. Ora á vista deste exemplo, a que horroroso cabedal não montárão todas as mais fazendas importadas principalmente a de lãa, e algodão, o ferro, e o aço, o linho em rama etc.?

*

ordenados, como pela decencia do seu tractamento, passão com razão pelos mais qualificados da terra.

Para vêr-se, que não he impostura a multidão referida de navios, apezar de estar vedada em virtude do systema continental (já hoje agonisante) a quasi todas as Naçoens da Europa a navegação de Portugal; apresentarei o seguinte;

Mappa das Embarcaçoens, que entraram pela Foz do Douro no espaço de um anno, contando desde o 1.° de Maio de 1811, em que já não havia Francezes em Portugal, até o ultimo de Abril de 1812, extrahido dos livros de registro da Fortalesa, e do Delegado da Junta da Saude na barra Manoel da Silva Monteiro.

Entraram em	Nav., hiates, e mais vazos port.	Ingl. e de transp.	Americanos	Hespanhoes	Total
Maio	58		60	9	161
Junho	44		49	3	113
Julho	70		19	5	117
Agosto	45		35	4	108
Setembro	29		45	2	85
Outubro	24		19	2	51
Novembro	34		52	5	95
Dezembro	36		36	5	85
Janeiro	76		36	4	121
Fevereiro	12		10	0	24
Março	14		20	12	54
Abril	67		37	37	123

Supposta esta affluencia de Vazos, e a turba dos que de continuo estão surtos no Douro, não parecerá hyperbole dizer, Mr. Link no 1.° Tomo das suas viagens "que o rio Douro he coberto de navios?" Huma refle-

ADDITAMENTO.

O grande objecto deste Capitulo he « o trabalho ». O trabalho he o destino providencial da vida humana; e he do trabalho, que o homem tira as mais proficuas, e consideraveis vantagens. O trabalho distrahe, e entretem o espirito; robustece as forças do corpo e conserva-lhe a saude; ministra os meios de satisfazer a todas as necessidades para a conservação da vida; grangeia-lhe a estima publica; desvia-o das practicas ruins, e viciosas; dispõe-no a obter uma posição respeitavel na sociedade, e até o nobilita; leva-o a preencher devidamente a sua missão sobre a Terra; e por fim santifica-o, e lhe alcança o amor de Deus, que he o premio de todas as penalidades, por que ha passado, de todos os espinhos, de que he semeada a carreira laboriosa, mas honesta da vida humana.

E he assim: isto he verdade. O mesmo S. João Chrisostomo querendo aconselhar-nos o trabalho, diz, « que só por meio delle he que podemos ser felizes. » E para nos persuadir, e convencer desta verdade, figura um exemplo excellente, mostrando as vantagens, que tem a pobreza sobre a riqueza, isto he, que tem o homem laborioso sobre o inerte.

xão porém que não parece absurda segundo o estado politico do Continente Europeu, agora mui mudado, he ser talvez hoje esta Cidade á excepção de Lisboa, e Cadiz, a primeira praça de Commercio, e o seu porto o mais frequentado entre todos os do mesmo continente.

Suppondo, diz este eloquente, e insigne Doutor da Igreja, que podessem existir duas cidades, em uma das quaes não houvesse senão pessoas ricas, e na outra só pobres, examine-se então, qual dellas seria mais poderosa.

Se consultassemos a maior parte dos homens sobre esta questão, he de suppôr, que a pluridade decidiria a favor dos ricos; porém aquelle Illustre Doutor conclue a favor dos pobres: e para desenvolver a sua opinião diz « que na cidade rica haveria muito fausto, grande ostentação, pomposas festas, mas não existiria força positiva e segura. A abundancia inimiga do trabalho, incapaz de se conformar com a sugeição, e só ávida de prazeres corromperia todos os espiritos, e debilitaria o valor com o luxo, o orgulho, e a ociosidade: as artes ficarião em desprezo, e abandono; a terra sem cultura; os officios sem braços. Huma tal povoação sem necessidade de inimigos se arruinaria por si mesma pelo mesmo motivo da sua opulencia.

Ao contrario na cidade dos pobres a necessidade industriosa, e fecunda em invenções, origem de todas as artes uteis faria os homens laboriosos, e economicos; inspirar-lhes-hia um vigor varonil com o exercicio da paciencia: e os conduziria a todos os grandes resultados, que são o fructo da perseverança no trabalho.

Concluamos pois, que a riqueza de uma nação não está no oiro, mas sim no trabalho.

E o certo he, que este povo — os Villa-Novenses tem comprehendido perfeitamente toda a extensão d'aquelle grande pensamento. Nesta

Villa houve sempre uma vida laboriosa, e activa; não obstante, ella tem variado de meios conforme as vicissitudes do tempo, e certas causas especiaes, que tem feito mudar o seu movimento.

O Commercio, que desde a fundação desta Villa havia sido uma fonte muito abundante de prosperidade e riquezas para os seus habitantes, que se empregavão nelle, começou a definhar-se paulatinamente desde que se estabeleceu a Ponte no rio Douro em 1806; e hoje nem uma sombra he d'aquelle grande vulto que foi! Era d'aqui que se fornecião de todo o genero de mercadorias a parte meridional do Douro; as duas Beiras, Alta e Baixa; a Estremadura, e todo o Sul do Reino; além do grande commercio, que hião fazer annualmente no mercado da feira de Vizeu, que fôra outrora muito vasto e concorrido, e do qual elles auferião interesses muito avultados: porém todo aquelle importante commercio foi passando para a Cidade do Porto depois d'aquella epocha pela facilidade do transito, que offerecia a Ponte. Eis a primeira causa, que fez declinar o movimento mercantil desta Villa. Todavia nestes ultimos tempos tem-se, como em compensação, desenvolvido aqui a Industria em tão largas proporçoens, e assumido um caracter tão importante, que faz augmentar notavelmente a riqueza, e importancia material desta Villa a multidão de Fabricas, que já possue, e em que se occupão muitos milhares de pessoas, e girão grossos capitaes no emprego dos differentes ramos do seu vasto dominio. Além das que já havia antigamente, outras muitas se tem estabelecido

de novo, preferindo os seus proprietarios este local por muitas razoens; como por exemplo: a grande quantidade de predios, que aqui ha com todas as proporçoens e circunstancias proprias para estes estabelecimentos; a abundancia, e boa qualidade das suas agoas, que são um poderoso motor, e ingrediente indispensavel de toda a Industria; a differença nos seus alugueres; a proximidade do rio; e por outras muitas razoens, que os favorecem. Ora para se poder fazer uma ideia do desenvolvimento, que a Industria tem aqui recebido, passo a fazer tambem uma breve resenha das Fabricas, que tem esta Villa, e das suas manufacturas.

Começando pelo artigo — Louças, ha a mencionar a Fabrica de João d'Araujo Lima, sita em Valle de Piedade, a qual tem o primeiro logar entre todas as outras deste genero pela vastidão do seu estabelecimento, montado em grande escala, e aonde se empregão para cima de cem pessoas diariamente. Fabríca louça de faiança, e de pó de pedra; vazos, figuras, e azulejos: e além destes artigos fabríca tambem as obras do Grés Ceramico — desta nova tão util, como recommendavel industria, que tem applicação a um variadissimo numero de objectos, e uzos da vida, e que em certos empregos merece a preferencia a outras materias.

Segue-se a Fabrica, que foi de João Nogueira, sita no Cavaco, na qual houve antigamente o exclusivo da louça de pó de pedra que nenhuma outra podia fazer; e hoje fabríca a mesma, e tambem de faiança. Tem capacidade, e todas as

proporçoens para um estabelecimento grande neste genero. Esta Fabrica, e todo o predio adjacente he agora propriedade de Joaquim Nunes da Cunha, natural desta Villa, e Fabricante do mesmo genero.

Tem o terceiro logar a Fabrica de Manoel Nunes da Cunha sita na Mesquita: he pena, que esta Fabrica tenha de ser eliminada da Industria fabril desta Villa pela nova estrada, que segue pelo centro della, em razão de lhe destruir algumas officinas, e o fôrno grande, que he ùma peça de muito merecimento pela sua optima construcção: fabríca louça de faiança de muito boa qualidade e azulejos.

Ha na quinta da Torrinha a Fabrica de Manoel José Soares, que faz louça de pó de pedra.

No Monte da Furada esá a antiga Fabrica do Padre Gualter da Piedade Queiroz, que fabricou sempre louça de faiança, e he agora occupada por João Nunes da Cunha.

Ha na Bandeira a Fabrica de Gaspar Gonçalves de Castro, que tambem he de louça de faiança; mas em pequeno ponto.

E ha finalmente no logar do Candal a Fabrica de Felix d'Araujo, que faz a mesma qualidade de louça, e he de lotação igual á antecedente.

Todas estas Fabricas produzem semanalmente uma quantidade d'obra immensa, da qual uma parte satisfaz ao consumo da Cidade, e suas circumvisinhanças, e a outra he destinada á exportação, tanto para todas as terras do Norte, e

Sul do Reino, como para as Ilhas, e Imperio do Brazil.

Seguindo agora a razão do maior numero, cumpre dizer, quaes são aqui as Fabricas d'Obras de ferro, tanto de Sarralharia, como de córte, e pregadura; mas só farei menção das principaes, porque he muito grande o numero das que ha deste artefacto: e entre todas tem as honras de primeira ordem no genero de *Sarralharia* a Fabrica de João Thomaz Cardozo, estabelecida na Rua Direita ao pé do Senhor do Loureiro, e cujo proprietario he o mais eximio e habil artista, que Villa Nova de Gaya possue neste genero; faz mui distincta honra á sua classe, e a esta Villa tanto pela vastidão do seu estabelecimento, no qual emprega regularmente 40 officiaes por dia, e algumas vezes mais, como pelos seus grandes conhecimentos, e abalizado engenho com que executa todas as obras de sua arte com uma perfeição, que eguala, e em algumas excede as dos melhores artistas estrangeiros; o que muitas vezes tem mostrado practicamente.

Neste genero além da sobredita Fabrica contão-se tambem entre outras a Fabrica de Joaquim Cardozo, optimo artista, estabelecida na Bandeira, e mais as de Manoel Antonio da Costa Vianna, Martinho Pereira, Anna Joaquina dos Santos, e outros em diversos sitios.

Em obras de córte, como são enxadas, fouces, machados etc. tem o primeiro logar a antiga, e muito acreditada Fabrica de Viuva Rios & Filhos na Rua da Fervença, cujas obras merece-

ram sempre em todos os portos do Brazil o melhor conceito e preferencia pela sua qualidade superior, e perfeição, com que são executadas, e cujos creditos ainda conserva; porém actualmente fabríca só enxadas de grande pezo para exportação.

Seguem-se as Fabricas de Manoel Cardozo, e de Thomaz Cardozo, que são sitas na freguezia de S. Christovão, e produzem obras d'aquella especie, destinadas tambem á exportação do Brazil, e que gozão de muito bons creditos.

Nesta qualidade d'artefactos ha mais as Fabricas de José, e Manoel Rodrigues da Cruz; de Manoel d'Azevedo; d'Antonio José da Rocha Marques; e outros na Bandeira; de Jeronymo d'Azevedo; dos Filhos deste, e alguns mais no logar das Pedras, e todos elles fazem tambem pregadura.

E só de pregadura ha muitas; mas bastará lembrar algumas, e sejão as de Antonio Villela; João Villela; e Antonio Gonçalves no logar do Marco.

Para obras da Marinha, assim como para safras, bigornas, e outros objectos ha no Estaleiro João de Souza Maia, e José Arrancada; e na Praia Manoel Fernandes Arouca, que he um optimo artista neste genero. E ha finalmente junto á nova Capella do Escuro Manoel d'Almeida, em cuja officina se fabrícão as mesmas obras, assim como de carros, e todas as de lavoura.

D'entre os principaes artistas, que trabalhão em obras de ferro com estabelecimento nesta

Villa fiz só menção dos sobreditos, omittindo os muitos, que ha de pequeno vulto; porque seria enfadonho, se relacionasse todos os que se contém nas diversas secçoens deste tão util, como importante artefacto.

Agora preste-se o respeito devido ao grande e magnifico estabelecimento, movido a vapor, e que se denomina — Fabrica Mecanica de Moagem, Pão, e Bolacha — da qual he proprietario o Eugenio Ferreira Pinto Basto; he situado na rua das Azenhas. Neste vasto estabelecimento mõe-se, peneira-se, e fabríca-se tudo por machinismo — Pão ao modo Portuguez, Francez, e Inglez; Dôce de requife, e de diversas qualidades; Bolachinha de fantazia, e para chá; Bolacha, e Biscouto d'embarque: todas estas especies em diversas qualidades e preços, e nas maiores proporçoens, que se possão exigir. Está-se levantando tambem neste estabelecimento um machinismo para fabricar Aletrias, e toda a qualidade de Massas. Afóra o pessoal desta grande Fabrica, emprega-se muita gente na distribuição, e venda diaria d'aquelles generos. Este grandioso estabelecimento faz honra ao genio magnanimo, e emprehendedor do seu proprietario.

Além da grande Fabrica, que fica descripta, ha outras mais em differentes sitios, que cozem excellente Pão, Biscouto, e Bolacha d'embarque; mas he tudo feito pelo methodo antigo da manipulação.

Na quinta de Clamouse Brown está estabelecida a Fabrica de Cervejas, de que são proprietarios — Forrester Irmãos, na qual se propara

esta excellente e saudavel bebida em qualidade igual á Ingleza; e tem por isso mesmo um consumo muito abundante.

Estes são filhos do Exm.º José James Forrester, subdito Britanico, que tem sido um cavalheiro muito prestante, e grandemente affeiçoado a este paiz; como mostrão as suas magnificas obras topographicas, e litterarias, que mereceram a alta consideração de Sua Mages-de Fidelissima: e foi por isso creado Barão de Forrester em 25 d'Abril de 1855. Fez nesta Villa a sua residencia.

Ha no sitio do Cavaco no caes de Valle de Piedade uma Fabrica, estabelecida por uma Companhia Franceza, que faz Vidro para vidraça, e para differentes objectos. Este estabelecimento veio operar uma regeneração completa nesta industria; porque fez baixar consideravelmente os preços do genero — vidro; o que nunca até ali fôra possivel conseguir-se.

Ha outra Fabrica, estabelecida por uma Companhia Ingleza na quinta de Paço de Rei na freguezia de S. Christovão, na qual não só se estampão drogas para vestuario, mas tambem se fazem Zuartes, e outros tecidos; cujo laboratorio occupa bastante gente, porque he um estabelecimento grande. Ha 20 annos houve já nesta mesma propriedade uma Fabrica de vidro.

Ha mais uma Fabrica de Tinto na Rua Direita ao pé do Santuario do Senhor do Loureiro, de que he proprietario Manoel Lucas.

Tambem na rua do Pinheiro ha uma Fabrica, que pertence a José Joaquim Pereira

na qual se distillão, e fazem agoas ardentes de vinho, figo, ou cereaes; e igualmente cerveja, e quaesquer bebidas espirituosas.

Tem mais esta Villa as Fabricas de Veiga & Filhos, de Carlos Brandão, e de João d'Almeida Romariz, sitas na frente da Praia com os seus armazens de deposito, nas quaes se coze, queima, e prepara Cortiça com todas as qualidades proprias para differentes usos e applicaçoens, e da qual se faz uma exportação muito importante para o estrangeiro.

Tem uma Fabrica de fazer cola, estabelecida no antigo edificio, que serviu de hospicio dos Religiosos do Senhor d'Além, e que está hoje muito levantado do humilde abatimento, em que outr'ora jazia, o qual não obstante era muito adquado ao estado religioso, para que por ventura fôra edificado.

Ainda tem mais as Fabricas de Tecidos, estabelecidas nos logares da Rasa, e Santo Ovidio, que são de Maria Simão, de José Simão, e d'outros, e nas quaes se fazem em um grande numero de teares excellentes Cotins; e outras drogas de variado gosto, e qualidades.

Tem um Laboratorio d'Escultura, que foi montado pelo eximio, e muito distincio Escultor Manoel da Fonseca Pinto, e he dirigido agora por João da Affonseca Lapa, optimo artista, que tem mostrado na execução das suas obras o grande merito, do que se faz credor.

Vai surgir brevemente nesta Villa um grande vulto fabril no estabelecimento, que se está montando para fazer Sabão — he propriedade do

Visconde de Castro Silva, e situado na sua casa, e quinta de Valle de Piedade. Vai ser mestre desta Fabrica o subdito francez Celestino Bel, que já o tem sido d'outras da Cidade do Porto. Estabelecimentos desta ordem dão grande nome, e muita consideração á terra, que os possue.

Tambem aqui ha outro estabelecimento, muito util, o qual consiste em uma Barcassa para tomar banhos; he propriedade de João Coelho de Almeida, Administrador da Ponte — a decencia, a segurança, e boa ordem, com que se tomão aqui os banhos do rio, e sem que as pessoas, que os tomão, sejão devassadas por vistas curiosas, tornão este estabelecimento muito recommendavel, e mostrão as vantagens, que elle tem, e que o fazem preferivel ao antigo systema de barracas na margem do rio. Era muito bom, que se estabelecessem outras mais.

Tambem se faz na Praia desta Villa em todas as terças feiras, e sabbados do anno uma Feira de Madeiras de pinho para construcção, que concorrem das freguezias ruraes do Concelho, e de que vai grande quantidade para Lisboa, e suas immediaçoens, além da muita, que se consome na Cidade do Porto.

Tem finalmente Villa Nova de Gaya uma Ribeira, ou Estaleiro, sufficiente, e muito commodo para a construcção de embarcaçoens de alto bordo, e no qual se fabrícão annualmente navios de maior ou menor lotação para o serviço do Commercio. Este Estaleiro foi antigamente muito espaçoso; porque não era permittido edificar nelle casas para habitação; e tão sómente

se levantavão com permissão da Communidade Religiosa das Donas de Corpus Christi algumas barracas para estabelecer as forjas, e officinas, que erão necessarias para fabricar a ferrage precisa á construcção dos navios ; mas estas mesmas barracas se demolião immediatamente, logo que acabava a obra, para que se tinhão levantado. Porém com o andar dos tempos fôrão deixando ficar aquellas barracas, que pouco a pouco fôrão tomando mais latitude, e solidez, ficando reduzida aquella antiga prohibição a não consentir, que sobre ellas se edificassem sobrados, para não devassar, e tirar a vista ao Convento. Esta mesma prohibição tambem se foi modificando, a ponto de haver já hoje neste sitio uma casa regular, e outras menores. No entretanto a Communidade permitte, ou prohibe qualquer edificação em virtude dos direitos, que lhe conferem as antigas sentenças, que tem obtido a este respeito, e sempre com relação ás conveniencias do Convento.

Ahi ficão descriptos alguns dos estabelecimentos principaes, e mais importantes, applicados ás Artes fabris, com que Villa Nova de Gaya muito se honra ; e em vista dos quaes se póde dizer sem exaggeração, que esta Villa he hoje verdadeiramente uma Terra Manufactureira. Mas não são só as Artes fabris, a quem os Villa-Novenses prestão o seu culto, e aqui florescem ; tambem a arte Dramatica tem aqui um throno, que lhe levantou Antonio José da Costa Veiga, homem muito engenhoso, e emprehendedor, em um Theatro, que mandou construir de 1856 para 57 na Rua de Baixo (hoje dos Marinheiros)

desta Villa, decentemente ornado, e bastante digno de um Publico bem illustrado, como he o Portuense, que concorria aqui em grande numero a gozar as funcções desta casa todas as noites, em que ellas tinhão logar: porém apezar disso já ha algum tempo que este Theatro não tem funccionado, por motivo, segundo consta, de desintelligencias com um socio, que fôrão levadas á tela judiciaria.

Peço agora a todos os Senhores Artistas, e Proprietarios de Fabricas, a quem muito respeito, e cujos nomes ficão ahi relacionados, que me relevem, por lhes não ter dado tractamento individualmente, como tenho feito a outros cavalheiros; e a razão he — não só porque, artistica, e commercialmente fallando, não ha tractamento, excepto sendo de jure; mas tambem por não fazer distincção entre individuos, a quem, como taes, considero todos credores das mesmas attenções: na certeza de que aquelle lhes está consignado intrinsecamente no seu grande merito, proveniente dos importantes serviços, que prestão á Sociedade, que por isso mesmo muito attenciosamente os respeita.

Em quanto aos Mestres Tanoeiros vê-se, que perderam muito do seu antigo prestigio, e dependencia; e foi causa desta declinação a grande revolução de 1832, que alterou toda a ordem social e a economica do nosso Paiz. A derogação dos *compromissos*, que ligavão antigamente os gremios artisticos, fez desapparecer todas as restricçoens, que constituião a baze da sua legislação. Nesta conta entrou tambem a Tanoaria,

que perdeu muitissimo dos seus interesses com aquella medida. Segundo o antigo regimen os Negociantes de Vinhos não podião fabricar pipas novas por sua conta, mas erão obrigados a ter um Mestre Tanoeiro examinado, para lhas mandar fazer, e administrar; e este tinha juntamente a gerencia em todo o serviço do armazem, assim como sobre a lotação, ou qualificação dos Vinhos, e d'aqui lhes provinhão interesses muito avultados. Porém desde aquelle tempo os Negociantes de Vinhos ficaram desligados d'aquella sugeição; e então uns despediram os seus Mestres Tanoeiros, e entregaram a administração aos Capatazes; outros mandaram caixeiros da sua confiança para tomar conta deste serviço; e alguns finalmente (mas estes — o mais pequeno numero) ainda os conservão, porém reduziram-lhe os seus interesses, que erão indeterminados, a ordenados certos e pequenos, concorrendo muito para estas modificaçoens as crizes, que por varias vezes tem sobrevindo ao Commercio de Vinhos.

De feito o Vinho he o ramo mais importante do nosso Commercio; e he tambem o motor principal do movimento laborioso desta Villa, como sempre foi, e ainda hoje o he, apezar mesmo da livre armazenagem entre Villa Nova, e o Porto; porque he aqui, aonde se conserva ainda agora o maior deposito de Vinhos — a Natureza dotou este local de todas as circunstancias proficientes, e necessarias a este importante fim. Entretanto este rico Commercio ainda hoje se resente da grande crize, por que ha passado ultimamente; e que chegou a affectar o Commercio

em geral. A exportação diminuio por effeito, ou consequencia da crize ; mas antes desta, era aquella regular — no anno economico de 1853 a 54 exportaram-se 50:008 pipas e 19 de almudes de Vinho, e agoas-ardentes ; e ficaram existindo em Villa Nova, e no Porto em 30 de Junho de 1854 as seguintes :

		Pipas	Alm.s	Can.s
Vinho	Para exportação universal.	100.549	7	11
	Exportaveis para fóra da Europa.....	4:366	5	9
Agoa-ardente	Alguma incorporada no Vinho.....	6:585	19	4
Total existente.....		111:501	12	0

Agora já vai dando signaes de se reanimar em consequencia das noticias, que correm, da tendencia, em que está o Governo Inglez de fazer alguma modificação nos *direitos*.

Para se poder fazer uma idea completa do que he esta Villa, e qual he tambem o seu movimento laborioso, bastará notar « que no referido anno economico de 1853 a 54 se despacharam para consumo da mesma Villa :

*

3:453 pipas, 8 almudes, e 8 canadas de Vinho;

entretanto que no mesmo espaço de tempo se despacharam para a Cidade do Porto:

11:029 pipas, 4 almudes, e 8 e 1/2 canadas.

Porém o consumo tem diminuido; mas a razão dessa differença está só no alto preço, a que o Vinho tem chegado por causa do *Oidium*, que ha oito annos a esta parte tem tornado escassissimas as colheitas deste producto agricola: havendo mais a notar, que nenhum d'aquelle Vinho despachado para o consumo da Villa, foi gasto pelo grande numero de gente, que se emprega diaria, e constantemente no serviço dos armazens; porque esses bebem, e muito, mas he á custa dos patroens...

Para concluir a materia deste Capitulo resta dizer: «que o Azeite era tambem um ramo muito importante do Commercio desta Villa; mas este mesmo está hoje muito reduzido. Todo o Azeite, que produzião as Provincias do Sul do Reino, era conduzido para aqui em carros, e cargas, e comprado pelos Negociantes desta Villa, que commerciavão neste genero. Daqui sahia depois para o consumo da Cidade do Porto, e de toda a provincia do Minho; para a exportação do Brazil, e algum para Inglaterra. Porém depois que se estabeleceu a navegação a vapor no nosso littoral, vem quasi todo por mar, e descarrega na Cidade do Porto; e agora ha ali Negociantes deste genero, como os houve em

outro tempo nesta Villa — 2.ª causa para a diminuição do Commercio. Os donos do Azeite preferem a remessa por mar por duas razoens: 1.ª por lhes ficar mais barata a conducção; 2.ª porque deixão de pagar o *direito de canadage*, estabelecido nesta Villa, (do qual fallarei em logar competente) sendo o Azeite vendido na Cidade do Porto. Não obstante isso ainda aqui ha algumas casas, que conservão este negocio em grande valor, sendo hoje a principal dellas a casa de Joaquim Bento de Magalhaens, como o foi até 1832 a do Capitão José Vellozo da Cruz.

Ha grandes receios de que se prepara um outro embaraço ao Commercio desta Villa na nova estrada, que se está abrindo da Ponte ao alto da Bandeira; porque conseguindo encaminhar o povo desde lá de cima em direcção á Ponte, como pertendem os auctores da estrada, pois he este o fim unico e principal desta obra, desvião o do centro e passagem da Villa, para não atravessar o rio nos barcos; e assim vai effectuar na Cidade o negocio, que podia fazer nesta Villa: no entretanto só o tempo he que póde mostrar, se são bem ou mal fundados aquelles receios. As novas communicaçoens, e meios de transporte que modernamente se tem aberto, e introduzido no Reino, o qual nesta parte dos melhoramentos materiaes estava muito áquem das demais Naçoens da Europa, tem alterado toda a ordem outr'ora estabelecida, melhorando uns, e prejudicando a outros — consequencia inevitavel e necessaria das innovaçoens.

No quadro, que acabo de exhibir, penso ter mostrado sobejamente, como os Villa-Novenses são um povo activo, e muito laborioso; e supposto lhes tem diminuido o Commercio, como fica referido, tem dado tão grande desenvolvimento á Industria, toda ordenada á utilidade publica, que por isso mesmo se considerão com justos e bem fundados direitos á protecção do Governo, que tem achado sempre nelles um povo pacifico, laborioso, dedicado, e muito patriotico, como se mostra em todo o decurso desta obra.

CAPITULO IX.

Continúa a materia do Capitulo antecedente — ácerca da Nobreza, e Distincção d'algumas Familias de Villa Nova de Gaya.

ADDITAMENTO

Nos differentes mesteres, que constituem a materia do Capitulo antecedente, João Antonio Monteiro d'Azevedo involveu promiscuamente a Nobreza com o Trabalho, como se vê no mesmo Capitulo in principio; e supposto aquella proceda deste, porque sem trabalho não ha nobreza, visto que esta só se confere ao merito, e o merito suppõe o trabalho, de qualquer especie que elle seja, intellectual, ou material; tomado sempre na melhor accepção, e na mais proveitosa do bem

publico, e interesse geral; são comtudo aquelles dois objectos partes muito distinctas, e como taes devem ser tractados. Por isso reservei a materia do primeiro para outro Capitulo, que he o presente.

Não ha duvida, que Villa Nova de Gaya comprehende em si, e suas circumvisinhanças algumas Familias de conhecida nobreza; outras distinctas por seu porte muito digno e cavalheiro; e outras tambem, que vivem das suas rendas, e da cultura das suas terras. Quanto ás Familias da primeira classe devo fazer menção honrosa de duas Familias, naturaes desta Villa, muito nobres, e muito antigas, que tendo começado independentes uma da outra, se ligaram depois por laços de parentesco de tal modo, que constituem hoje uma só Familia. He esta a Familia do Exm.º José Pereira da Silva Leite de Berredo.

Este Illustre Patriota depois de tomar o Grau de Bacharel em Direito na Universidade de Coimbra, foi lêr ao antigo Desembargo do Paço, e tendo sido despachado n'uma das Varas da Magistratura, deixou aquella carreira para seguir a vida Militar, servindo-lhe de motivo para esta transição o casamento que pretendia contrahir com a Exm.ª Snr.ª D. Francisca Felizberta de Lima Brito de Berredo, a qual recusava desposar-se com cavalheiro d'outra classe. Por essa razão assentou praça no Regimento de Cavallaria n.º 11, fazendo serviço na Praça d'Almeida; e tomou logo neste Corpo o Posto de Tenente em attenção á nobreza, e serviços dos seus antepassados. Organizou depois uma companhia de

cavallos,da qual foi nomeado Capitão. Terminada a guerra Peninsular, foi feito Major, e despachado Commandante Geral do antigo Corpo da Policia da Cidade do Porto, que se acha hoje substituido pela Guarda Municipal, e cuja commissão elle exerceu por espaço d'alguns annos, sendo então nomeado Tenente Coronel. Em harmonia com os seus bons e patrioticos sentimentos foi um dos seis Membros do Conselho Militar, que promulgou a Regeneração Politica da Patria, proclamada na Cidade do Porto no dia 24 d'Agosto de 1820, e já depois como Coronel foi um dos onze Collaboradores, que derão impulso áquelle movimento constitucional. Depois do dia 5 de junho de 1823 foi uma das victimas, que soffreram por aquelle motivo, e em consequencia disso foi deportado para a Villa de Pontevedra, que lhe foi permittido escolher para logar do seu exilio: permaneceu alli por espaço de 26 mezes, no fim dos quaes foi restituido á patria já em tempo da Regencia da Senhora Infanta D. Izabel Maria, que tambem o reintegrou ao serviço. Foi igualmente depois um dos Membros da Junta Provisoria, installada na mesma Cidade no celebre dia 16 de Maio de 1828. cujo abôrto fez triumfar a pertenção de D. Miguel, do qual pôde evitar as iras, conservando-se homisiado até á vinda de D. Pedro em 1832, a quem se appresentou immediatamente no dia 9 de Julho Todo o tempo do cerco do Porto esteve alli; e foi feito então Brigadeiro, e Inspector Geral dos quarteis, e depozito militar. Em todo o decurso da sua vida publica foi sempre um cidadão honrado,

e cheio de probidade;e nas diversas commissoens, e commandancia, que exerceu, deu as mais seguras provas, do quanto prezava a honra, que tanto illustrou a sua Familia; pois nunca tirou dellas outro proveito, que não fosse o fiel desempenho dos seus deveres, ao qual sacrificou muito da sua casa, até comprometter o bem estar futuro da sua Familia. Não especulou com os partidos; mas teve uma só crença politica, em que se traduzia o verdadeiro amor da patria. Foi Cavalleiro das Ordens de Christo, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, de S. Bento d'Aviz, e Torre Espada.

Era filho de

Manoel Pereira Leite de Berredo, Bacharel formado na Universidade de Coimbra, e Cavalleiro da Ordem de Christo por El-Rei D. José no Ministerio do Marquez de Pombal, foi Deputado da antiga Junta da Companhia dos vinhos, creada pelo mesmo Monarcha, e foi tambem a pedido do Marquez nomeado Provador da mesma Junta pela circunstancia da especialidade do seu olfato.

Era descendente de

Fernando Leite Campêllo de Berredo, que figurou no tempo, em que os Filippes d'Hespanha senhorearam este Reino; e por seus feitos, e relevantes serviços transmittiu motivos de nobreza á sua Familia. Esta goza as honras de um Brazão d'Armas, que representa «um castello em chammas,e symboliza um facto historico deste ultimo personagem.»

A Familia d'aquella Senhora, que tambem

he natural desta Villa, se não he igual em nobreza á Familia de seu Marido, he-lhe superior; porquanto esta Senhora he irmãa de

José Pereira de Brito Azevedo Homem. Este cavalheiro era proprietario do Officio d'Escrivão dos Orfãos da Cidade do Porto, que andava de jure e herdade na sua Familia, e perdeu-o pelo decreto, em que D. Pedro aboliu as subserviencias dos officios, e empregos publicos. Foi Vereador da Camara Municipal do Concelho de Gaya, e por muitos annos Administrador do mesmo Concelho, cujo cargo desempenhou de um modo muito digno do seu caracter nobre, e bondoso. Não usava de todo o appelido da sua Familia, mas assignava com o modesto nome de *José Pereira de Brito*. Falleceu em 18 de Fevereiro de 1854. Nunca se fez notavel em politica ; porém pertenceu a uma das fracçoens do partido liberal, e esta foi com predilecção a que fundou o Conde de Thomar: soffreu por ella alguns dissabores, e não menos que a sua exoneração depois da queda d'aquelle partido.

Tambem era irmãa de

Antonio Pereira de Brito Azevedo Homem. Este Illustre Villa-Novense assentou praça no Exercito, e serviu durante a guerra Peninsular. Ultimamente era Coronel do regimento d'Infanteria n.° 23, e foi tambem uma das infelizes victimas mortas a golpes de machado no Castello d'Estremoz em 1833! Morreu ás mãos da tyrania ; e no tragico fim da sua morte deixou bem definida a nobreza dos seus sentimentos.

Fôrão filhos de

Francisco Pereira de Brito Azevedo Homem, que foi Major d'Infanteria, e Sargento Mor das Ordenanças da Cidade do Porto, seu Termo, e Comarca, cujo cargo lhe vinha por herança, ou transmissão de seu Avô Paterno Estevão d'Azevedo Pereira, que havia sido investido nelle por El-Rei D Pedro 2 °, e o transmittiu a seu filho —

Manoel Pereira Guedes, que foi Vereador, e Escrivão da Camara da Cidade do Porto.

Erão netos pela parte Materna de

Francisco de Brito Homem, que foi Desembargador da Relação do Porto, e Ouvidor do crime. Este Magistrado foi nomeado pela Camara de Barcellos seu Procurador ás Côrtes, que se reuniram na Cidade de Lisboa desde o 1.º de Dezembro de 1697, e 30 d'Abril de 1698, achando-se em todos os congressos, que se celebraram, e votando nelles de tal modo, que fez notorio o seu muito saber, circumspecção, e prudencia; merecendo por isso d'El-Rei D Pedro 2.º varias mercês, que recebeu, como remuneração tambem dos importantes serviços, que prestou em differentes commissoens: o que tudo consta de uma patente, ou alvará de mercê, que possue esta Familia.

Era filho de

Rodrigo Homem de Brito, que foi Corregedor em Vianna; e foi depois despachado com beca para o Porto, e morreu no serviço.

Forão irmãos de seu Pai

Luiz de Brito Homem, que servio a El-Rei D. João 5.º, e teve a honra de ser o portador

dos tractados matrimoniaes dos Serenissimos Principes do Brazil, e de assistir na Côrte de Madrid á Embaixada, em que gloriosamente se ajustára aquella felicissima união, recebendo algumas graças por aquelle relevante serviço, e uma tença pelo muito, que gastára de sua fazenda n'aquella Embaixada; como tudo se mostra do competente padrão, passado em o 1.º de Julho de 1748: e mais

Alexandre Pereira de Brito; e

João José de Brito — este foi Alferes do regimento d'Infanteria do Porto; e depois passou em 1750 a servir gratuitamente no Estado da India na qualidade de soldado, sendo taes, e tão relevantes os serviços, que alli practicou, que lhe mereceram o foro de Fidalgo, que lhe foi conferido por elles.

Esta nobilissima Familia conta no numero de seus Ascendentes oito Avós aggraciados com o titulo de nobreza, e tem a gloria de possuir cinco brazoens d'armas; que attestão de sobejo a alta consideração, que mereceram dos differentes Monarchas, que assim lhes remuneraram os nobres feitos, com que illustraram a patria aquelles eximios Villa-Novenses. Dos ditos brazoens o mais notavel he o que consta «de um Escudo bipartido, contendo no lado direito, que he dividido em quadrilateros da especie rhombo — ametade azues, e ametade amarellos — nove leoens encarnados e no lado esquerdo sobre campo azul cinco meias luas amarellas; e tem por timbre um capacete coroado por um leão encarnado».

Além destas familias, de que fiz menção,

ha outras mais, tambem naturaes de Villa Nova de Gaya, e igualmente nobres, como he por exemplo a Familia dos Guedes do Cazal de Baixo, que he hoje representada pelo Exm.º Antonio Joaquim Guedes d'Oliveira e Silva, e por seu Irmão, José Joaquim Guedes d'Oliveira e Silva; o primeiro destes reside actualmente na Cidade do Porto, e o segundo nesta Villa. Desde tenra idade estes cavalheiros seguiram a vida militar, como aquella, que offerece maior latitude ao desenvolvimento dos grandes genios, e mais ávidos de gloria. Na ordem do serviço, e na escala das graduaçoens, forão sempre contemplados, como bons officiaes pela sua disciplina, e bravura: e na grande questão da legitimidade, que ha 28 annos se ventilou entre nós, serviram a causa de D. Miguel, sobresahindo ahi muito por seu valor, e pericia militar, de tal modo, que o primeiro chegou a occupar os postos mais superiores do exercito, e sempre com aquella honra, e lealdade, que distingue a nobreza de caracter das grandes notabilidades na defeza da causa, que tem esposado, qualquer que ella seja; porque o homem só chega a rebaixar-se da sua dignidade, quando deixa de afferir os seus actos pela justeza dos principios, que tem adoptado, se elles são em geral subordinados á lei. O primeiro delles he commendador da Ordem de Christo, e esteve tambem alguns annos ao serviço do Imperio da Russia, aonde residio, e deixou de seu valor, e cavalheirismo as mais lisongeiras recordações.

Tambem he desta Villa a Familia do Illm.º José Maria de Moura Coutinho de Lacerda Abreu

e Lima — este cavalheiro tem vivido sempre em uma vida privada, sem se prestar ao serviço publico, nem civil, nem militar, deixando assim de imitar os seus Maiores, alguns dos quaes serviram no Exercito, e outros occuparam cargos importantes na Magistratura com muita honra e dignidade. Seu Pai o Illm.º Miguel Joaquim de Moura Coutinho de Lacerda Abreu e Lima foi cavalleiro da ordem da Nossa Senhora da Conceição, e teve a dignidade de Cabo Mor das Ordenanças, cargo, que lhe vinha já de seus antepassados. Depois da queda do antigo regimen, ao qual foi muito affecto, e ainda o he esta Familia, occupou muitos annos o cargo de Juiz de Paz, e Orfãos da freguezia de S. Christovão, e foi Presidente, e Vereador da Camara Municipal deste Concelho, além d'algumas outras commissoens do serviço publico, que desempenhou relativamente ao mesmo Concelho. Esta Familia goza dos melhores creditos, e bom conceito na opinião publica: observa ainda rigorosamente os preceitos da educação antiga, sem que se tenha prestado ás practicas da sociedade moderna, como tem accontecido quasi geralmente. Honra-se esta Familia com um Brazão d'armas, e titulo de nobreza.

Poderia ainda fazer menção de mais algumas Familias, que aqui ha, pertencentes áquella classe; mas passarei agora a tractar das outras, que se fazem distinctas por seu porte muito digno e cavalheiro. No numero destas póde dar-se sem hesitação o primeiro logar á Familia dos Alves Soutos, chamada do *Terreirinho*, do nome

da casa, que tem habitado sempre ; podendo competir-lhe aquella distincção tanto pela magnificencia da mesma casa, como pelo esplendor do seu tractamento, e por todas as circunstancias, que a tem tornado desde sempre muito recommendavel e respeitada. O estabelecimento desta Familia não data de muitos annos, mas he fundado ha quinze lustros pouco mais ou menos. Fôrão seus fundadores os Illm.os Alves Soutos Irmãos, os quaes vivendo unidos, e em commum, mas colhendo de diversas fontes, ou vias d'agencia, e tendo tido a fortuna de se estabelecerem quasi todos vantajosamente, juntaram riquezas, e gozaram de tanta consideração publica, que constituiram uma casa muito respeitavel ; e o seu estabelecimento foi da fórma seguinte : o primeiro delles Domingos José Alves Souto foi Provador da Companhia, logar que n'aquelles tempos era muito considerado, e rendozo ; e foi tambem Major das Ordenanças do Concelho de Gaya, cujo cargo era de summa dependencia, como he sabido. O segundo — João Alves Souto, como Mestre Tanoeiro, mereceu pela sua extremada honra, e probidade a confiança illimitada de todos os Negociantes, que entregaram Vinhos á sua administração ; e como homem publico foi Tenente Coronel do Regimento de Milicias da Feira, causando nisso emulação a alguns individuos da primeira classe, que ciosos, n'aquelles tempos, das suas preeminencias, se mostravão despeitados pela camaradage deste cavalheiro, que era aliás muito digno de mais elevadas consideraçoens, fazendo-se bem quisto e amado de

todos pelo seu caracter sympathico e muito bondoso; o que algumas vezes se não encontra em certos individuos da aristhocracia. O terceiro José Alves Souto ordenou-se de Presbitero; mas sem circumstancia alguma que o tornasse digno de especial menção. O quarto Pedro José Alves Souto applicou-se ao Commercio, e adquirio por meio delle uma fortuna tão avultada, especialmente desde 1832, que fez a grande casa, com que depois sobresahio tanto o ultimo Irmão Manoel Alves Souto, que ficou a final herdeiro de todos.

Todos elles fôrão Cavalleiros da Ordem de Christo; e além disso o João foi condecorado com a Cruz da Campanha Peninsular; o Pedro foi feito Commendador da Ordem de Christo por Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria 2.ª; e o Manoel foi feito tambem pela mesma Augusta Senhora Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, depois Commendador de Christo, Moço fidalgo, e por ultimo creado 1.º Barão do Corvo — he bastante pomposo este Titulo; refere-se a um logar que fica a duas legoas de distancia desta Villa, situado no Concelho de Caya, e na frente da estrada, que conduz para Ovar; no qual o Illm.º João Alves Souto fabricou uma quinta, e edificou uma magnifica casa apalaçada, cuja propriedade he bem digna d'aquelle titulo, e muito adquada para ser o solar de nobreza de uma familia.

Esta Familia gozou os creditos de bemfazeja e muito bondosa. De todos aquelles Irmãos só o ultimo casou; falleceu no dia 2 d'Abril de 1859, e deixou um filho. A Baroneza do Corvo,

que he a Exm.ª Snr.ª D. Francisca Carmina d'Almeida Souto, tambem natural desta Villa, passou depois a 2.as nupcias com o Exm.º Dr. José Maria Leite Ferraz d'Albergaria, Administrador actual do Concelho de Gaya.

Esta Familia foi extremamente affeiçoada á realeza; e com razão; porque d'ella lhe tinha vindo toda a sua importancia: porém depois que o Exm.º Manoel Alves Souto herdou as riquezas de seus Irmãos, e desejando mostrar o seu genio cavalheiresco, deixou a antiga crença politica, e se unio ao liberalismo, como o partido, que além de ser seguido pelos caracteres mais respeitaveis, comprehende hoje a quasi totalidade da Nação, e representa o bom senso commum, tambem colheu do cofre das graças varias distincçoens, que não obteve no partido, que seguíra, e cujo chefe foi avaro até com os seus, com quem dispensava só a *mercê da sua real effigie:* e então se investiu d'aquelle Titulo, e d'outras condecoraçoens, que sendo geralmente conceituadas como gráo de nobreza em recompensa de serviços, não tinhão nelle toda essa significação, por isso que era novel neste partido. No entretanto não he só por esse meio que se adquire a nobreza: tambem as virtudes, a sciencia, as dignidades, o valor, os privilegios, as riquezas, etc. são meios para a nobreza; e he certo, que ella começa ordinariamente pela riqueza, e se continua, e aperfeiçoa com a continuação desta; porque he este o meio, que habilita o homem a deixar os costumes vulgares, e a tractar-se com mais auctoridade e luzimento, até se elevar ás classes privilegiadas.

Mostrou porém amplamente a sua gratidão

para com a regia Mão, que tanto o honrára, por que teve a gloria de servir á Rainha a Senhora D. Maria 2.ª no dia 22 de Maio de 1852 na sua volta para Lisboa, tendo vindo de visita á Cidade do Porto, um esplendido almoço na sua quinta de Grijó — esta quinta foi mandada fabricar pelo Illm.º Domingos José Alves Souto.

Aquelle cavalheiro foi magnifico nas suas funcçoens, qualidade de toda esta Familia, que teve tambem outra muito notavel, e digna de muito louvor, que era um verdadeiro, e decidido amor pelas coisas da Religião, no que o João foi entre elles todos o mais saliente — este cavalheiro teve uma devoção tão intima e tão sincera com a Preciosissima Imagem do Senhor Jezus, que com viva fé attribuia a felicidade de todos os actos da sua vida á mercê e protecção d'aquelle Senhor, cuidando do seu culto com aquella magnificencia, e liberalidade, que he propria só de um coração verdadeiramente agradecido, e humilhado. Praza aos Céos, que todos se deixem possuir desta virtude.

He credor da mesma distincção o Exm.º Joaquim Vellozo da Cruz, assim por todas as circumstancias do seu tractamento, como por motivo dos importantes, e muito honrosos cargos, e commissoens do serviço publico, que tem occupado. Depois que este distincto Villa-Novense se formou em Direito na Universidade de Coimbra, fez logo a sua profissão de fé em Politica, acceitando os compromissos de Progressista puro; por cujo motivo teve de emigrar conjuntamente com seus Irmãos, depois que se malogrou o

movimento constitucional de 16 de Maio de 1828. Em todo o tempo da emigração se tractaram á sua custa, sem receber da Caixa de Fundos cousa alguma para isso; antes pelo contrario favorecendo com o seu a muitos dos seus companheiros d'infortunio, devendo por isso muito a seu Pai o Illm.º José Vellozo da Cruz, que apezar de ter toda a sua casa em rigorozo sequestro, e elle atrozmente perseguido, nunca deixou de lhes fazer remessas para aquelle fim. Além de tantos trabalhos, e provaçoens, por que passaram, sentiram mais a dôr de perder alli seu irmão mais velho o Illm.º Manoel Velloso da Cruz, que succumbiu aos effeitos de um padecimento, que lhe roubou a existencia, e a nós um cidadão prestante, e strenuo defensor das liberdades patrias. Apenas voltaram da emigração, aquelle Cavalheiro se alistou no 2.º Batalhão Provizorio da Cidade do Porto, e alli serviu no posto de Capitão durante o cêrco. Fez depois a sua estrêa na vida publica acceitando a eleição de 1.º Juiz de Paz da freguezia de Santa Marinha desta Villa pelo voto unanime dos seus concidadãos, cargo este, que poucos mezes occupou, por passar logo a exercer as funcçoens de Vereador da Camara Municipal da dita Cidade antes da independencia deste Concelho. Em seguida foi eleito Deputado ás primeiras Côrtes, que se convocaram depois da pacificação do Reino, continuando a merecer dos Povos a honra das suas procuraçoens em outras legislaturas. Em consequencia da Revolução de Setembro de 1836, que foi uma necessidade para atalhar a certos abusos, que se introduzião na

nova ordem governamental, e dar outra forma a todo o pessoal administrativo, que excedia os limites das suas attribuiçoens com grande escandalo dos povos, e descredito do systema constitucional, veio elle de Lisboa investido no importante cargo de Administrador Geral do Districto do Porto, sendo elle o primeiro, que gozou deste titulo; e desempenhou as suas funcçoens com tanto acerto e prudencia em todos os seus actos, que mostrou o perfeito conhecimento, que já então tinha da sciencia governativa, tornando-se mais relevantes os seus serviços pela circumstancia da oscillação, em que se achava ainda o animo dos povos por effeito das grandes commoçoens politicas, que acabavão de ter logar.

As fracçoens, em que começou a dividir-se a familia constitucional, que até alli tinha trabalhado compacta, como um só homem, para a conquista da liberdade, trouxeram novos embaraços á marcha dos negocios publicos; appelidando-se contrarios, ou inimigos todos aquelles, que não professassem as mesmas ideias. O movimento de Setembro achou opposição, e os seus Funccionarios começaram a ser substituidos, entrando nesta conta a Administração Geral do Districto do Porto, que foi igualmente confiada a outro individuo com o nome de Governador Civil. Entretanto os Villa-Novenses, e todos os povos do Concelho de Gaya, que conheciam a fundo o merito transcendente do seu digno compatriota, elegeram-o logo Presidente da sua Camara Municipal: e em seguida foi tambem nomeado pelo Governo Juiz de Direito da 2.ª

Vara da Commarca do Porto, entrando no quadro da Magistratura. Esta nomeação não foi acceita; porque os negocios da sua casa reclamavão a sua assiduidade; e assim tem continuado na gerencia destes, querendo desviar-se da dos negocios publicos. No entretanto os povos não tem querido acceder á sua abnegação, continuando a elegel-o Presidente da Camara deste Concelho, e rogando-lhe, que se digne acceitar a administração do Municipio, que tem melhorado tanto sob o seu governo. Além desta Presidencia exerce actualmente as funcçoens de outra muito mais importante, que he a da Junta Geral do Districto.

A Munificencia Real tem sido pouco expressiva para com este benemerito Patriota pelo que respeita á importancia dos seus relevantes serviços; mas está muito em harmonia com a sua modestia, e desinteresse. As condecoraçoens, que possue, e que são o distinctivo do merito, representão nelle toda a propriedade da sua significação; no entretanto uma Carta do Conselho, e uma Commenda de Christo, não são um galardão condigno da magnitude dos seus soffrimentos, e dos seus serviços: *bene-merentibus præmia tribui oportet*. Porém no amor dos seus Patricios acha elle a maior recompensa; porque lhe tributão todos os respeitos, de que he digno pelo muito, que tem illustrado a Patria este distincto Villa-Novense.

Tambem he digna de especial menção a Familia dos Illm.os Salgados, que he representada hoje pelo Illm.º Antonio de Freitas Faria Salgado, Bacharel formado em Direito na

Universidade de Coimbra. Este cavalheiro he filho do Illm.º João Salgado d'Almeida, que foi cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e exerceu por espaço de muitos annos as funcçoens de Juiz de Paz da freguezia de Santa Marinha desta Villa, da qual era natural. Uma morte prematura nos roubou este cidadão prestante, cujo genio pacifico, e conciliador, perfeitamente adquado ao honroso mester d'aquelle cargo levou a paz a muitas familias, que se terião devorado em questoens impertinentes, sem os termos persuasivos, e cheios de bondade, que elle costumava empregar para aquelle importante fim — Era irmão d'aquelles tres illustres mancebos: José Augusto Salgado, Antonio Theodoro Salgado e Joaquim Eduardo Salgado, todos filhos do Illm.º João Salgado d'Almeida, Cavalleiro da Ordem de Christo, e cujos nomes ficão aqui registados para gloria desta Familia, os quaes tendo recebido dos seus Pais a educação mais delicada e regular, se encerraram em 1832 no Baluarte da Serra do Pilar, e alistados alli nesse Batalhão de heroes, denominados Polacos da Serra, derão a mais clara demonstração do seu civismo, pugnando cheios de enthusiasmo, e no fervor da mocidade pela causa da liberdade da Patria. Fôrão estes, e os seus Illustres camaradas, que em tão ardua, e arriscada empreza crearam a esta Villa o Renome, com que tanto se honra! Antonio de Freitas Faria Salgado descende por parte de sua Mai de Antonio de Freitas Faria e Gouveia, irmão de José de Freitas Faria e Gouveia, ricos proprietarios, e naturaes desta Villa,

em que moravão ; gozaram Titulos de nobreza, e fôrão por muitas vezes Vereadores, e Almotacés da Cidade do Porto ; e erão tidos na melhor conta de consideração publica de tal modo, que de todas as vezes, que o Senado da Camara da mesma Cidade mandava expor o *antigo Bando publico* para dar conhecimento ao povo dos accontecimentos, e providencias de maior transcendencia, erão obsequiados em suas casas com a visita do dito *Bando* em signal de respeito. Aquelle cavalheiro serviu já de Vereador da Camara Municipal deste Concelho.

Além dos referidos podem ser tambem capitulados, como distinctos pela dignidade do seu porte, e por todas as circunstancias do seu tractamento, que não he vulgar, os Illm.os Manoel Rodrigues d'Amorim, Joaquim Guedes d'Amorim, Joaquim Guilherme Barboza, Antonio Pereira da Silva, e outros mais.

Pelo que toca aos outros, que vivem das suas rendas, e da cultura das suas terras, poderia exhibir uma relação numerosa d'individuos, ou familias, que ha nestas circumstancias nas duas freguezias desta Villa, as quaes por demasiadamente extensas contém uma grande área de terreno, destinado á cultura. Mas como entre elles não ha nenhum, de quem se deva fazer especial menção, citarei um só, como exemplo, para satisfazer ao artigo ; e he este o Illm.o Manoel José d'Amorim — este cavalheiro foi Capitão do Regimento de Milicias da Feira.

CAPITULO X.

Do caracter civil, politico, religioso, e scientifico dos Villa-Novenses.

Os Villa-Novenses, commummente fallando, são urbanos, activos, emprehendedores, magnificos em suas funcçoens, principalmente nas que respeitão ao culto, e se tem sempre conduzido, como bons patriotas, e fieis vassallos. Muitos d'entre elles se tem feito celebres, e até adquirido um nome immortal por suas letras, virtudes, e serviços patrioticos.

Taes fôrão entre outros no que respeita ás letras, um Padre Antonio de Lemos, Jezuita irre-

prehensivel, facundo orador, e grande poeta Latino, em cujo idioma compoz um Poema de 530 versos heroicos em applauso da Gloriosa Acclamação do Snr. Rei D. João 4.º; um Fr. Jacinto de S. José, Eremita de Santo Agostinho, Doutor na Sagrada Theologia, Lente na Universidade de Coimbra, Chronista na sua Religião; um Fr. João Freire, tambem Eremita Agostiniano, e Doutor em Theologia, Lente da Cadeira d'Scoto na mesma Universidade, e versadissimo nas lingoas Latina, Grega, e Hebraica; e um Caetano José Pinto d'Almeida, cujos vastos conhecimentos Medico-Cirurgicos, cuidadosamente adquiridos na Universidade de Montpellier, ostentou depois com grande gloria sua em a de Coimbra, aonde foi Doutor, e Lente da Cadeira Terapeutica Cirurgica. (1)

Não he só o sexo masculino, que tem figurado neste glorioso theatro; pois tambem fez nelle um papel brilhante D. Thereza Raimunda

(1) Entre os sabios Villa-Novenses, omittidos no texto, são dignos de toda a excepção Manoel d'Almeida Pinto, secular do seculo 17; e o Padre Manoel Alvares de Queiroz da Congregação do Oratorio do Porto: aquelle por se distinguir na poezia comica, imprimindo no idioma Hespanhol uma comedia, da qual, e do seu A. se lembrão Barboza, Farinha, e Rebello; este por sua grande esphera, e conhecimentos, sendo ao mesmo tempo Poeta, Orador, Theologo, Philosopho, e Mathematico. Em todas estas faculdades, e principalmente nas duas ultimas, de que foi Professor Regio, compoz diversas obras, de que algumas correm impressas, e entre ellas uma Logica em lingoa vulgar, que escreveu aos 18 annos de idade, e outra no idioma Latino, composta aos 22. Que prematuro engenho!

de Timores, primeiramente recolhida, e depois Religiosa Dominica no convento de Abrantes. Desta Illustre Religiosa, credito da sua patria, e honra do seu sexo, affirmão os A. A. da Bibliotheca Luzitana, e da Descripção do Porto, que além de saber com perfeição todas as prendas proprias de uma Senhora, fôra em escrever, contar, e riscar prodigiosa; na Muzica, tocando, e cantando, inimitavel; e nas letras humanas, e poezia (em que imprimiu algumas obras) sapientissima. (2)

(2) Outra Heroina, digna de eterna fama, e irmãa do Padre Manoel Alvares, de que fallei na nota antecedente, foi a Madre — Francisca de Chantal (no seculo D. Anna Egnacia) Religiosa, Prelada, e Co-fundadora do Real Convento da Vizitação de Lisboa, não só por ser a primeira Portugueza, que abraçou aquelle pio instituto, bem como a illustre Chantal o havia sido de toda a Ordem; mas porque a uma virtude exemplar unia uma tal erudicção nas lingoas, na doutrina dos Santos Padres; na historia sagrada, e profana, na Geographia, na Musica, na Miniatura e Dezenho, e nas prendas proprias do seu sexo, que na falta de outros genios mais, ella só superabundaria para tornar Illustre a sua patria. Além de varias traducçoens, que deu ao prelo, compoz tambem, e imprimio para uso das meninas da Vizitação uns Elementos da Grammatica Portugueza com varias regras sobre a pronuncia dos dithongos da lingoa Franceza, que tem merecido a estimação dos sabios.

A sua preciosa morte acconteeida em 2 d'Outubro de 1811 seria para aquellas Religiosas uma perda inconsolavel, se não lhe ficasse em sua joven sobrinha, a Madre Joanna de Sales, actual Directora das Pensionistas, e tambem natural de Villa Nova, uma fiel copia de todas as suas prendas, e que a elevarão talvez um dia ao mesmo gráo de celebridade, a que merece chegar sua memoravel Tia.

Não he menos fecundo o solo de Villa Nova na producção de filhos virtuosos, do que na d'aquelles, que a illustraram por sua sciencia, e por seus escriptos. Merecem entre todos especial recordação um Antonio Leite d'Albuquerque, Conego exemplarissimo do Algarve, e fundador da Congregação d'Oliveira do Douro, cujos Estatutos compoz com o Veneravel Fr. Antonio das Chagas; um Padre Antonio de Lemos, de quem já me lembrei, que sendo tão eminente nas letras, o foi muito mais em as virtudes, sendo na vida, e na morte um perfeito imitador de S. Luiz Gonzaga; e finalmeute um Jeronymo da Silva, coadjuctor temporal da Companhia de Jezus, cuja Santa vida, revelaçoens, conhecimento das cousas occultas, e estimaçoens, que escreveu dos grandes do seu tempo, se podem vêr no Padre Antonio Franco da mesma Companhia. (3)

(3) Fiz natural de Villa Nova ao veneravel Padre Antonio de Almeida, por assim o achar escripto no Conpendio geral da Historia da Ordem Terceira de S. Francisco, pag. 72. Mas vindo-me depois á mão o livro particular, que se imprimio da vida deste Servo de Deos, nelle se diz expressamente, que nascera na rua das Congostas da Cidade do Porto. Supprirei porém a falta de um com a memoria de outros cinco; os quaes se fazem dignos della por suas edificantes virtudes. Taes são Fr. Calixto de Villa Nova do Porto, Fr. João de Villa Nova do Porto, Fr. Thomaz de Villa Nova do Porto, Capuchos da provincia da Soledade; Fr. Gaspar do Porto, Religioso claustral, e depois piedoso; e o Padre Custodio d'Oliveira Congregado do Oratorio. O primeiro por merecer pela sua observancia, que o Senhor lhe revelasse o tempo da sua ditosa morte, para a qual se preparou, amortalhando-se pouco antes por suas proprias mãos. O segundo pela summa paci-

Se antes juntasse os individuos de um sexo, que tem por antonomazia o titulo de *devoto*, passaria este catalogo por excessivo, e eu

encia, com que tolerou a diuturna molestia, de que morreu; cantando o Bemdito no meio das dores mais pungentes, e não deixando já mais de ouvir Missa, nem de rezar o Officio Divino e dos defuntos. O terceiro porque sahindo a prégar fóra de Castello Branco, aonde residia, despedio-se de todos até o dia de Juizo, dispoz-se de veras para a morte, e quando já voltava para o seu convento, morreu afogado na ribeira de Ocréza, donde ao fim de muitos dias foi tirado incorrupto. O quarto por sua caridade heroica, da qual veio a ser martyr obrando por virtude desta acçoens as mais estupendas até sacrificar a propria vida, assistindo aos impestados. O quinto finalmente pelas muitas pessoas, que converteu por effeito das suas missoens, exercicio, em que se empregou durante toda a vida, até que conseguio terminal-a com signaes de predestinado. Dos 4 primeiros Padres fazem menção os Chronistas da Ordem, principalmente a chronica manuscripta da provincia da Soledade; e do ultimo o livro dos obitos da Congregação do Oratorio do Porto, aonde elle jaz.

Fazem-se igualmente dignos da nossa lembrança por seus rasgos de beneficencia, e de patriotismo o Capitão Manoel Fernandes de Calvos, que passou á India com praça de soldado no anno de 1549; e o Capitão Theodozio Gonçalves Silva, que em nossos tempos se estabeleceu na Cidade da Bahia. O primeiro porque fallecendo em Ormuz em 27 de Agosto de 1582 deixou sem alguns encargos á Mizericordia do Porto a quantia de cem mil cruzados (que então equivalião por o menos a um milhão metalico d'agora) cujo capital desde a morte do legatario tem produzido para a Caza um milhão cento e cincoenta mil cruzados. O segundo, por que havendo enriquecido sobre-maneira, e querendo, como bom Portuguez, cooperar para o restabelecimento da nossa Marinha, construio, e equipou á sua custa uma formosa, e bem aparelhada Náo, que delle se chamou a Náo Theodozio, para offerece-la de mimo, como offere-

pela nota de prolixo. Não ommittirei os nomes de duas, porque ainda que poucas, equivalem a

ceu á nossa Augusta Soberana a Senhora D. Maria 1.ª Que brilhante rasgo de magnanimidade, e amor patriotico!

A uma offerta tão prestante seja-me licito ajuntar outra, ainda que estranha a Villa Nova; para que conste quanto a seus Vassallos he caro o nosso Soberano, e quaes as virtudes de um Principe, que taes sentimentos sabe inspirar-lhes. Fallo do Illustre Portuense Elias Antonio Lopes, Alcaide Mor de S. José d'El-Rei, Senhor Donatario da mesma Villa, do concelho de Sua Alteza Real, Moço Fidalgo com exercicio, Commendador da Ordem de Christo, Deputado da Real Junta do Commercio do Rio de Janeiro, Provedor dos Seguros da mesma Côrte, Coronel no serviço de Sua Alteza Real, Administrador, e Almoxarife das Reaes quintas da Boa Vista, e Santa Cruz, etc.

Havia este inclyto Portuense fundado junto do Rio de Janeiro a grande quinta da Boa Vista, e nella um palacio, e capella tão soberbos, que apezar de ter toda a pedra preciza, e de não pagar um só jornal, por serem escravos seus os constructores, despendeu assim mesmo tresentos mil crusados. Constando-lhe pois, que o Principe N. Senhor tencionava ve-la em certo dia; não só o recebeu com o enthusiasmo, que lhe infundia a presença de tão Augusto Hospede, mas sensivel á honra, que Elle lhe fazia, e ancioso de dar-lhe uma prova nada equivoca do filial amor que lhe consagrava, rogou com emphase a Sua Alteza Real, se dignasse acceitar de propriedade a dita quinta, e palacio para residencia, ainda que indigna, da Sua Real Pessoa. Reconhecendo pois Sua Alteza Real a ingenuidade do offerente, e o desprazer, que lhe causaria, contradizendo-o, annuio finalmente ás suas instancias, tomando com effeito posse de tudo em 24 de Março de 1808.

Tocado porém de tão heroica munificencia o Nosso Amavel Soberano (bem como o Imperador Carlos 5.º, da que com elle practicaram os Negociantes Fuggers) gratificou a este digno Vassallo com tantas mercês, e

muitas. (4) A primeira he uma Senhora viuva, que fazendo grande estrepito no mundo por sua

lhe tem dado tantas mostras da sua real estima, como se prova dos muitos titulos honorificos, que lhe ha conferido, e particularmente do Real Decreto de 29 d'Agosto de 1810, o qual me abstenho de copiar aqui por achar-se transcripto na gazeta d'aquella Côrte. Pondere-se, quanto he feliz um Principe, quando domina sobre taes Vassallos.

E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente?

CAMOENS— LUS. CANT. 1.º EST. 10.

(4) Para dar uma prova bem demonstrativa das muitas Villa-Novenses, que no Texto se omittem, baste dizer, que só a Illustre casa de Campo-Bello, situada junto a Gaya, tem sido um viveiro de Religiosas de virtude. Taes forão no Real Mosteiro de S. Bento da Ave Maria as M M. D. Maria Leonor, D. Michaella de Tavora, e D. Francisca Helena; e bem assim D. Maria Leite Pereira, D. Philippa Pereira, e D. Maria Antonia de Noronha, todas estas tres Abbadeças, e todas exemplarissimas; e cujas vidas, bem como das tres primeiras se achão na Historia manuscripta do mesmo Real Mosteiro; e finalmente a Madre Catharina da Gloria, Dominica no Convento de Corpus Christi, aonde por tres vezes foi Prioreza. Esta além da sua abalizada virtude, de que fazem digna menção os Chronistas da Ordem, fez-se recommendavel por sua intelligencia na Sagrada Escriptura, por sua feliz memoria, recitando de cór todo o Psalterio, e até por sua longevidade, que excedeu a 120 annos, dos quaes passou na clausura 114. Ora se de uma só planta vimos brotar tanto fructo, qual será o de todo um vergel, tão vasto, e tão productivo?

nobreza, e opulencia; tudo dimittiu, e renunciou, para se sepultar em um claustro. Fallo de D. Maria Mendes Petite (de quem foi neta D. Leonor d'Alvim, Mulher do Grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira) cuja virtude e desapego foi tanto, que abandonando totalmente o seculo, fundou nas proprias casas, em que vivia o Religiosissimo Convento de Corpus Christi, aonde depois viveu, e morreu santamente, e se acha sepultada com a dita sua Neta. A segunda he outra Religiosa da mesma casa por nome Soror Antonia de S. Domingos, tão rigida comsigo, e tão penitente, que só deixou de o ser, quando deixou de viver, e a quem o Senhor, a instancias della, concedeu o Purgatorio nesta vida, para ir, como foi, purificada para a eterna. (5)

ADDITAMENTO

He bem certo, que as virtudes, que formão o caracter do homem social, que constituem o que se chama — Civilisação — ou a bôa educação do povo, e consistem, além d'outras, *na urbanidade, energia, magnificencia, e piedade*, muito sobresahem nos Villa-Novenses, e exornão amplamente o seu caracter, tendo-se igualmente distinguido em todo o tempo por seu patriotismo,

(5) Destas Veneraveis Religiosas se faz digna menção na Historia de S. Domingos da Provincia de Portugal, e principalmente no Agiologio Dominicano reformado — da primeira no T. 6. ° — dia 1. ° d'Abril; da segunda no T. 7. ° — dia 17 de Setembro.

e sciencia, como se faz patente dos seus factos, e escriptos publicos.

No decurso desta obra se mostra na evidencia necessaria a verdade do que affirmo. A grandeza da sua piedade se deixa vêr em todas as festividades, que aqui se celebrão, e sirvão de exemplo as duas, que ao diante se descrevem, cuja pompa foi tal, e tão estrondosa, que com muita justiça se diz delles — que são magnificos em suas funcçoens — Na vasta Industria, e no commercio, que exercem, vê-se a sua grande energia ; e no seu porte se mostra tambem a delicadeza das suas maneiras.

Villa Nova de Gaya tem produzido em todo o tempo filhos muito distinctos em sciencia, e litteratura, que tem contribuido grandemente para a gloria, e illustração do paiz.

Além dos que ficão referidos, devo fazer menção de João José Fernandes de Carvalho, e de Demetrio de Gouveia, que n'aquelles tempos ostentaram no Piano o seu grande talento muzical.

Fôrão insignes na arte de curar João de Brito Cardozo, Antonio Lopes, e Francisco Rodrigues de Brito, os quaes na sua clinica honraram muito a sciencia, e prestaram relevantes serviços á humanidade.

Tambem foi notavel pelo seu talento, não menos que pela sua affeição ao systema liberal o Presbitero Francisco da Silva Linhares : e floreceram muito nos claustros em sciencia, e virtudes varios filhos desta Villa ; d'entre os quaes lembrarei José Alves Pinto Villar, que na Ordem

do Evangelista foi bom Orador, e serviu varios cargos, inclusivè o de Reitor da sua casa capitular de Villar de Frades.

D. José de Nossa Senhora da Boa Morte, da Ordem dos Cruzios, ou Conegos Regrantes de Santo Agostinho, conventual em Santa Cruz de Coimbra: e D. Joaquim do Coração de Maria, da mesma Ordem no Mosteiro da Serra do Pilar, que foi muito notavel na Musica pela especialidade da sua voz. Ambos elles erão irmãos d'aquelle João José Fernandes de Carvalho, e todos primos do Emminentissimo Patriarcha actual.

Foi da mesma Ordem, e conventual neste mosteiro D. José da Natividade, cuja pericia no toque do Orgão o levou tambem á nobilissima Ordem dos Cruzios.

Fr. Domingos Ribeiro, thio do Illm.º Domingos Ribeiro dos Santos, natural desta Villa, foi da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, chamados tambem *Gracianos*, e mereceu na sua Ordem uma pagina muito honrosa, assim pela dignidade da sua pessoa, como pela importancia dos cargos, que serviu; pois alem de ter sido Prior no Convento de S. João Novo da Cidade do Porto, fundado em 1592 por D. Antonio de Noronha, Governador de Cochin, foi tambem Prior em Braga no de Nossa Senhora do Populo, que o Arcebispo Primaz da mesma Cidade D. Fr. Agostinho de Castro fundou no anno de 1595; e foi por fim Geral de toda a sua Ordem.

Houverão outros mais em diversas Ordens, e Institûtos; e todos mostraram tanto no uso das letras, como na practica das virtudes, que per-

tenção a este Povo, que timbrou sempre do amor, que tem á Religião, e á sciencia.

Tambem devo fazer menção de um Villa-Novense, que floreceu nesta Villa pelos annos de 1744, chamado Domingos Gomes Cardozo, homem de Negocio, que morou pela parte de cima da fonte do Cabeçudo, e foi o tronco de uma Familia, que se tem illustrado muito em sciencia, e dignidade, assim como tem dado em todo o tempo á Igreja filhos muito insignes no amor da Religião, e da virtude. Foi casado duas vezes: a primeira com D. Clara Maria Rosa, de quem teve um filho, que se chamava João Gomes Cardozo Pereira, o qual, tendo-se applicado ás letras, que cultivou com assiduidade, se ordenou d'Ordens Sacras, e professou na Congregação de S. João de Deos em Lisboa, aonde falleceu. E a segunda com D. Brites Maria de Souza; teve desta tres filhos, que fôrão: D. Anna Lourença dos Serafins da Encarnação, e D. Thereza Angelica de Jezus — ambas fôrão Freiras professas no Convento das Donas de Corpus Christi desta Villa, e Miguel Gomes de Souza Cardozo, que se habilitou para entrar no Convento da Serra do Pilar, mas por morte de seu Pai mudou de tenção para condescender com a vontade de sua Mãi, que queria, que elle se ordenasse, e formasse: e tendo dado principio a esta ordem d'estudos, desistiu d'ella por fallecimento de sua Mãi. Depois deste successo, mudou de estado; e passou a ser empregado no logar de Provador da Companhia das Vinhos, em que serviu até o anno de 1790, no qual morreu. Deixou um filho, que foi o Illm.º

Miguel Joaquim Gomes Cardozo, Bacharel formado em Direito na Universidade de Coimbra, o qual se estabeleceu na Advocacia dos Auditorios da Cidade do Porto, e além disso serviu alli os cargos de Sindico do Senado da Camara, e de Commissario dos Estudos da mesma Cidade, e das Provincias do Norte

Em quanto áquellas Religiosas he assaz notorio, que fôrão Senhoras de grande respeito, e virtudes, e a primeira dellas foi por espaço de muitos annos Prioreza deste Convento, em cujo governo lhe succedeu D. Thereza Theodora da Soledade Martins, verificando-se uma predicção, que fizera = *de que por sua morte o governo d'aquella casa havia de ficar collado nas mãos desta até o seu fallecimento* =, como assim acconteceu, porque só deixou de ser Prioreza, quando deixou de existir — em 9 de Fevereiro de 1853. Ainda ha pouco tempo tambem alli falleceu a velha criada d'aquellas Senhoras, que era conhecida pelo nome de *Cardoza*.

O Doutor Miguel Joaquim Gomes Cardozo casou com a Exm.ª D. Maria Ignácia, tambem natural desta Villa, e sobrinha d'aquelles Alvares de Queiroz, que tão celebrados fôrão pela sua vasta erudicção, de que nos deixaram luminosos vestigios. Já nesta obra se fallou de Manoel Alvares de Queiroz como uma grande notabilidade scientifica, mas não foi o bastante, para designar os grandes creditos, e a reputação, de que gozaram no seculo 18, em que floreceram.

O Sacerdote Manoel Alvarez de Queiroz foi um Philosofo, e Mathemathico insigne, e Professor

regio destas Faculdades por nomeação d'El-Rei D. José. Foi tambem um Orador perfeito, e de exemplares virtudes: e falleceu sendo Director, e Vice-Reitor do Collegio dos Meninos Orfãos, em cuja claustra foi sepultado.

Seu irmão o Reverendo João Alvarez de Queiroz foi Professor de Filosophia, e de Rhethorica na Congregação do Oratorio, da qual foi conventual conjuntamente com seu Irmão. Fez-se muito notavel na Oratoria; e foi convidado por carta da Camara Municipal da Cidade do Porto para Reitor do sobredito Collegio dos Orfãos, que governou com grandes creditos seus, e aproveitamento do Collegio desde 8 de Novembro de 1812 até 5 de Janeiro de 1825. Neste anno demittiu livremente a Reitoria, e passou a ser Parocho collado da freguezia de Rio Tinto. Falleceu, haverá 20 annos, e jaz sepultado no cemiterio da Irmandade Clerical. Póde vêr se quão util foi á Mocidade, e Collegio, nas notas de um Sermão de Nossa Senhora da Graça, impresso em Coimbra no anno de 1830, e prégado por D. Francisco do Santissimo Coração de Maria, que foi Orfão, e era Conego Regrante de Santo Agostinho, conventual de Santa Cruz.

Estes dois Ecclesiasticos, eggressos da Congregação do Oratorio do Porto, eram sobremaneira dedicados á sua Familia, e forão os directores, e instructores daquellas duas Freiras Sallezias — sua Irmã D. Anna Ignacia Alvarez de Queiroz, que depois se chrismou Soror Francisca de Chantal, e de sua sobrinha — Joanna

Ignacia, depois Soror Joanna de Salles. Esta teve outra Irmã D. Maria Ignacia, que estava destinada para seguir a mesma vocação; mas ellas, sendo filhas de outro homem de Negocio, chamado Antonio Alves da Silva, Alferes de Malta, não ficaram em boas circunstancias por fallecimento delle; e então aquelles Ecclesiasticos, que erão Irmãos de sua Mãi Joanna Alvarez de Queiroz tomaram conta dellas, e metteram seus tres Irmãos — Antonio Alvarez de Queiroz, José Maria Alvarez de Queiroz, e Henrique Alvarez de Queiroz no Collegio dos Orfãos, sahindo o primeiro um perfeito Guarda-livros, e bom Caixeiro; o segundo homem de letras, e morreu Mestre de Latinidade no Real Collegio dos Nobres em Lisboa; e o terceiro foi seu substituto, e tambem Mestre de Latim; e D. Maria Ignacia casou com o Doutor Miguel Joaquim Gomes Cardozo, como acima se disse.

A serie de homens illustres, que estas Familias tem produzido, como ornamentos da Igreja, e da sciencia, não parou alli; mas continuou, dando os mesmos resultados, da união, que ambas ellas fizerão na pessoa de Miguel Joaquim Gomes Cardozo com a exm.ª D. Maria Ignacia. E supposto os que nasceram destes, não o foi nesta Villa, comtudo devem ser mencionados aqui, porque a sua ascendencia é Villa-Novense, e tem mostrado muita dedicação por esta Terra, aonde ainda hoje conservão, como sua, a mesma casa, em que aquelles habitaram; colhendo esta Villa muita gloria da affinidade de tão illustres cavalheiros.

O primeiro delles foi o Illm.º Antonio Joaquim Gomes Cardozo, que tendo-se applicado ao estudo da Cirurgia na antiga Eschola da Cidade do Porto, foi arrebatado por uma morte prematura, não deixando lembranças menos saudosas aos seus amigos, do que á sua Familia.

O segundo é o Illm.º Doutor Miguel Joaquim Gomes Cardozo — Este cavalheiro ainda ha pouco tempo se tinha acabado de formar em Direito na Universidade de Coimbra, quando occorreu aquelle grande acontecimento da entrada do Exercito Libertador, e por bem da causa, que este sustentava, prestou relevantissimos serviços no Cêrco da Cidade do Porto no exercicio das funcçoens da sua Faculdade; e em seguida serviu de Administrador do 1.º Bairro, e depois de Presidente da Camara Municipal da mesma Cidade, merecendo muitos louvores pelo bom desempenho destas commissoens, pois he muito notorio o zêlo, que em todas ellas desenvolveu pelo bem publico; nem outra cousa se podia esperar de um Cidadão, que tem sido um perfeito modêlo de todas as virtudes Christãs, e sociaes. A dedicação pelos seus he um attributo muito caracteristico desta Familia; e cuja virtude este cavalheiro tem practicado em grau muito subido; porque depois de ter sido para com seu Pai um filho extremoso, foi um irmão amante, e tem sido um tio bom, e desvelado; de tal modo que por condescender com a vontade de sua Irmã, a quem muito amava, a Exm.ª D. Rosa Eustaquia de Salles Gomes Cardozo, foi sollicitar de Sua Excellencia Re-

verendissima o Snr. D. Antonio Bernardo da Fonceca Moniz, que foi até o presente o ultimo Bispo desta Diocese, a sua Ordenação, que elle lhe conferiu com a melhor vontade, e satisfação pela acquisição muito honrosa, que fazia de uma notabilidade tão respeitavel para a classe Sacerdotal. Logo depois foi nomeado pelo Governo de Sua Magestade Conego Capitular da Sé Cathedral, e pelo sobredito Prelado Vigario Geral deste Bispado, em attenção ao perfeito conhecimento, que tinha das suas boas qualidades, e summa prudencia, tão necessaria para desempenhar dignamente as funcçoens deste cargo, que se torna tão difficil de reger nas actuaes circunstancias.

O terceiro é o Illm.º Doutor Francisco de Salles Gomes Cardozo—Depois de ter o conhecimento da Lingoa Latina, e os demais preparatorios para entrar nas Sciencias Superiores, destinou-se á vida, e assentou praça, por deliberação propria, na arma de Marinha, como uma profissão nobilissima, e muito adequada á distincção, de que gozaram os seus antepassados. Tendo feito já algumas viagens, pediu licença ao Governo para estudar, e foi matricularse na Universidade de Coimbra na Faculdade de Filosophia, em cuja sciencia se doutorou. O seu comportamento alli foi exemplarissimo, sendo apontado com os maiores elogios, como modêlo de conducta, pelo Corpo Cathedratico nos seus papeis officiaes. Não voltou ao serviço da Marinha, mas continuou no serviço publico, sendo despachado Lente Substituto da Cadeira

de Botanica da Academia Polytechnica da Cidade do Porto. Ultimamente foi despachado Lente proprietario da mesma disciplina; foi promovido a 1.º Tenente-d'Armada, graduação, que lhe tocava por escala d'antiguidade; e foi condecorado pela mesma razão Cavalleiro da Ordem de S. Bento d'Aviz. He preciso notar, que neste Cavalheiro tambem se dá a mesma circunstancia do amor á sua Familia, pois tem anteposto a companhia desta, vivendo no Porto, aos seus interesses, e maior consideração; porque não tem querido annuir ao convite, que se lhe tem feito de Coimbra, para acceitar o muito honroso logar de Lente na Universidade, a que está habilitado, como Doutor de Capêllo.

Vou collocar na galeria dos homens sabios um individuo, que supposto não possuiu conhecimentos literarios, comtudo soube conquistar a admiração dos Sabios, as bençãos da Humanidade, e os louvores de todos aquelles, que respeitão o sagrado preceito da Caridade—fallo do Fundador do Azylo de Mendicidade. Este homem caridoso, e philantropico, cujo nome deve ser escripto com letras de ouro foi o Illm.º João d'Almeida Romariz, para quem esta Villa ainda que não foi patria nativa, foi adoptiva, porque veio para ella de mui tenra idade, e aqui se conservou até morrer. — Aprendeu o officio de Carpinteiro; mas applicou-se depois ao Commercio, e adquiriu por meio delle uma boa fortuna, começando esta por um caso, filho d'ignorancia, ou da sua inexperiencia, de que podia resultar a sua ruina, mas veiu-lhe grande

vantagem — antes da guerra Peninsular pediu para Inglaterra uma factùra de louça, usando de um termo, que lhe parecia, que significava uma pequena porção; e em vez desta veiu-lhe uma grande quantidade. A'vista disto confessou ao seu amigo d'Inglaterra o seu engano, e este o animou, dizendo-lhe, que pagaria, quando estivesse vendida. Em consequencia da guerra escassearam os generos, e tambem este; e isso deu motivo a que a vendesse depois por melhores preços — daqui lhe veio o nome *de João da louça*. Era solteiro; e dividiu, o que possuia, em 2 partes — uma para os seus parentes, e outra para o fundo de um Azylo de Mendicidade, que se estabelecesse na Cidade do Porto, o qual effectivamente se inaugurou no dia 31 de Julho de 1846. Que lembrança tão feliz, e tão piedosa!

Os Villa-Novenses tem-se applicado tambem em todo o tempo ás Sciencias Superiores, tomando grau na Universidade de Coimbra, como forão, alem dos que ficão já apontados, os seguintes Doutores:

Manoel de Portugal Calhorda, que passou depois á profissão do commercio.

Leopoldo de França, Presbitero, que se fez aqui muito celebrado pelo seu genio chistoso, e muito jovial.

Manoel Rodrigues Pinheiro de Brito, irmão daquelle Francisco Rodrigues de Brito, o qual tendo-se formado em Medicina, foi estabelecer-se em Villa do Conde, e exerceu alli a sua Faculdade com grande gloria sua, e utilidade publica.

Manoel José Ferreira Brandão — exerceu o mister d'Advogado na Cidade do Porto, e serviu tambem de Administrador substituto do Concelho de Gaya — Era filho de D. Onestalda Xavier Brandão, cujo nome deve ficar registrado aqui por esdruxulo.

Thomaz da Cunha Lima, de quem a Patria não aproveitou o talento, porque a morte o arrebatou no verdor dos seus annos — Foi um eximio tocador de Flauta, a ponto de causar inveja aos mais abalizados tocadores, e até mesmo aos professores deste instrumento.

José Augusto Salgado — foi Secretario da Academia de Marinha e Commercio da Cidade do Porto. No cerco foi um dos bravos defensores da Serra do Pilar.

Este amor pelas letras não tem esfriado no coração dos Villa-Novenses, mas antes tem augmentado, porque contamos actualmente entre nós muitos homens abalizados em sciencia, que em differentes ramos tem illustrado muito a patria, com os fructos de seu talentoso engenho, porquanto são naturaes desta Villa : primeiro

O Emminentissimo Snr. D. Manoel Bento Rodrigues. Este Illustre Villa-Novense nasceu a 25 de Dezembro do anno de 1800 — dia notavel ! Forão seus Pais o Illm.º José Bento Rodrigues, homem de Negocio, e a Exm.ª D. Anna de S. José Rodrigues, natural desta Villa, e que ainda ha pouco tempo falleceu — no dia 21 de Julho de 1860. Tendo elle perdido seu Pai na mais tenra idade, nada lhe faltou porem para poder obter uma educação adequada á sua vocação;

porque aquella virtuosa, e muito respeitavel Senhora vendo, que desde os primeiros annos se lhe desenvolvião os mais solidos sentimentos de religião, e de virtude, tractou logo de o applicar ás letras, destinando-o á vida monastica. Em idade competente diligenciou-lhe a sua admissão na muito Veneravel Congregação dos Conegos Regrantes de S. João Evangelista, o que se verificou em Lisboa no convento do Beato Antonio. Teve alli pois o seu anno do noviciado, no fim do qual, dadas as provas mais irrecusaveis da sua vocação, foi logo acceite, e fez a sua profissão com geral applauso de todos os superiores. Mas como o recinto de um claustro fosse estreito espaço ao seu alto merecimento, e aquelles reconhecessem no Noviço o seu dedicado amor pelas letras, proposerão-lhe a continuação dos seus estudos na Universidade de Coimbra; o que elle acceitou gostoso, e com muita satisfação, vindo para alli no fim de seis mezes. Applicou-se na Universidade á Sagrada Theologia, como a Faculdade mais competente para a sua profissão do Sácerdocio; e por fim tomou Capèllo em 30 de Julho de 1826. Como o estudo era a sua occupação favorita, e não tinha ainda preenchido as suas ambiçoens em sciencia, matriculou-se novamente em Mathematica: mas apenas tinha passado o 2.º anno deste curso, é elle chamado á vida publica; e para isso teve d'atravessar primeiro um caminho de provaçoens, e espinhos: porquanto malogrando-se a revolução constitucional de 16 de Maio de 1828, teve elle tambem de se retirar de Coimbra para esta Villa

em consequencia da manifestação, que tinha feito, dos sentimentos liberaes, que professava, pelo facto de não abandonar o seu Collegio, como fizerão todos os outros, na occasião da entrada naquella cidade das Tropas constitucionaes, que marcharam do Porto sobre Lisboa. Soffreu nesta Villa a mais dura perseguição da parte dos agentes da uzurpação, sem que podesse occupar já mais ubicação certa, e sempre no meio de mil sobresaltos, e terriveis sustos, que lhe deterioraram completamente a saude; até que por fim chegou o dia 8 de Julho de 1832, e nesse dia o Exercito Libertador, commandado por Sua Magestade Imperial o Snr. D. Pedro, Duque de Bragança, ao qual se appresentou logo, prestando-se para todo o serviço compativel com a dignidade do seu ministerio, e conservando-se dentro do cerco da Cidade do Porto, todo o tempo que elle durou. E exerceu alli o mister de Escriptor publico, sendo um dos Redactores da Chronica Constitucional, que então se publicava. Sua Magestade fez do seu merito o mais alto apreço; e o nomeou em 1834 Abbade da freguezia de Juvim ao Nascente da dita Cidade, e a 2 legoas de distancia; porem pouco tempo esteve nesta Igreja, porque passou novamente d'alli para Coimbra a reger a Cadeira de Historia no Collegio das Artes. Em seguida foi eleito Deputado ás Côrtes; e depois nomeado Governador do Bispado de Castello Branco. Passado algum tempo, foi provído no Cargo de Vigario Geral do Patriarchado, e na alta dignidade de Arcebispo de Mytelene, e por esse tempo foi tambem condecorado com a Grão

Cruz da Ordem de S. Thiago. Exerceu as funcçoens daquelle Cargo por espaço d'alguns annos, no fim dos quaes foi eleito, e depois sagrado Bispo Conde de Coimbra, cuja Cadeira Episcopal elle acceitou com muita satisfação, pois que aquella Cidade lhe merecia as mais gratas affeiçoens, porque havia passado nella a melhor parte da sua vida. No governo desta Igreja conservou o titulo d'Arcebispo, e era nomeado — Arcebispo Bispo Conde — e foi então juntamente investido na muito honrosa dignidade do Pariato. Por fallecimento do Patriarcha D. Guilherme Henrique de Carvalho foi nomeado seu Successor, e por fim elevado pela Santa Sé á Emminentissima dignidade de Cardeal.

He deste modo que o seu notorio saber, os seus distinctos merecimentos, e virtudes lhe tem merecido do Throno a mais elevada consideração para os cargos mais honrosos, e mais importantes da Igreja, e do serviço do Estado; assim como da Santa Sé a sua prompta acceitação, e confirmação nelles. Este Insigne Prelado, que zelando o esplendor da Igreja tem contribuido tanto para a gloria do Estado, não menos que para o bem espiritual dos povos, tem deixado no coração destes a mais viva e sincera saudade nas differentes Diocezes por que tem passado, sendo causa disso a practica verdadeiramente Evangelica do seu governo.

Depois de tão longa ausencia veiu em 1859 á Cidade do Porto, entrando nella no dia 9 de Julho, mas já de noite, e inesperadamente, para evitar as demonstraçoens publicas de respeito,

devidas á sua alta cathegoria de Principe da Igreja, que lhe estavam destinadas, mas que a sua caracteristica modestia não consente. D'alli partiu para Braga a vizitar sua Exm.ª Mãi, a quem amava extremosamente, sendo este o objecto principal desta jornada; e esperando ao mesmo tempo colhêr com os ares patrios algum alivio aos seus padecimentos; o qual muito do coração lhe devemos desejar, porque he este o Filho mais Illustre, mais Distincto, e mais Benemerito de Villa Nova de Gaya.

Segue-se o Exm.º Joaquim Vellozo da Cruz, da Faculdade de Direito — não exerce as funcçoens da sua Faculdade.

Ha mais os Illm.os

Thomaz Ribeiro dos Santos, tambem sobrinho daquelle Fr. Domingos Ribeiro, de quem fiz menção no § 9.º deste addit.; da mesma Faculdade; foi Juiz de Fóra no tempo do antigo regimen — não exerce as funcçoens da sua Faculdade; mas tem sido empregado pelo Governo no serviço Consular, no qual tem dado exuberantes provas da sua honradez, intelligencia, e probidade, merecendo justos louvores assim do mesmo Governo, como dos seus Concidadãos.

João Correa Pacheco Pereira de Magalhães — da mesma Faculdade, cujas funcçoens exerce no Concelho das Paredes, aonde tem servido tambem de Administrador.

José Alves d'Oliveira — da mesma Faculdade, cujas funcçoens não exerce. Serviu algum tempo o Cargo de Juiz Ordinario deste Concelho.

Gaspar da Cunha Lima — da Faculdade de

Filosophia — Tem desempenhado varias commissoens do serviço publico, como Engenheiro civil, com muita intelligencia e acerto. He Director geral da Fundição de Massarellos da Companhia Alliança na Cidade do Porto.

Francisco Vellozo da Cruz, da Faculdade de Medicina — no tempo da emigração completou em França o curso desta Faculdade, em que se doutorou alli. Tem seguido na sua clinica as doutrinas do Sistema Allopathico. He Cavalleiro das Ordens de Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Antonio de Freitas Faria Salgado, e seu Irmão João, ambos da Faculdade de Direito—não exercem as funcçoens da sua Faculdade.

Guilherme Augusto Guedes d'Amorim, da mesma Faculdade — está actualmente no seu tirocinio, e com bons auspicios. He filho do Illm.º Joaquim Guedes d'Amorim, natural desta Villa, e Cavalleiro da Ordem de Christo.

Tambem devo fazer menção honrosa de mais alguns Villa-Novenses, como versados nas sciencias, nas artes, e nos diversos ramos dos conhecimentos humanos.

Manoel Nepomuceno—applicou-se ás sciencias naturaes, e tem dado provas dos seus conhecimentos chimicos perante os mais habilitados na sciencia. Conserva, e com bons creditos, nesta Villa o Laboratorio Pharmaceutico, de que seu Pai foi proprietario.

Antonio Rodrigues dos Santos — habilitou-se no Curso de Cirurgia na antiga Eschola da Cidade do Porto, findo o qual, foi despachado em

concurso Demonstrador d'Anatomia na nova Eschola Medico-Cirurgica da mesma Cidade, e exerceu as funcçoens deste Emprego até o anno de 1833, em que pediu a sua dimissão. Seguiu tambem o Curso de Agricultura, e Sciencias accessorias, de que foi Lente o Doutor Agostinho Albano da Silveira Pinto na Academia de Marinha e Commercio, e foi premiado neste curso.

Depois da entrada do Exercito Libertador prestou-se a este, como Cirurgião Militar, e nesta qualidade fez relevantes serviços, que começaram logo na acção de Souto Redondo no dia 7 d'Agosto de 1832, appresentando-se no alto da Bandeira desta Villa a soccorrer os feridos, que voltavão da acção. No dia 8 de Setembro passou conjuntamente com seu Pai, e familia para dentro da Cidade do Porto, em cujo cerco esteve, e serviu alli de Cirurgião Mór, e Director em varios Hospitaes Militares, como foi no de Nossa Senhora da Graça na enfermaria de Voluntarios da Rainha, na 7.ª de linha, e outras; no Hospital de Prizioneiros nas cadeias da Relação; no Hospital da Cholera na quinta dos Congregados; e em outros mais. Acabado o cerco, alistou-se como Cirurgião Mór no Batalhão de Mareantes do Rio Douro, e depois de Mareantes, e Artifices na juncção destes dous corpos. Mais ao diante foi tambem Cirurgião Mór do 3.º Batalhão da Guarda Nacional, e ultimamente do 1.º de Segurança Publica, todos da Cidade do Porto; além do serviço que hia fazer a outros corpos por ordem superior.

Os seus serviços mereceram a consideração de Sua Magestade; que se dignou fazer delles menção honrosa, e conceder-lhe a mercê do Habito de Christo, de cuja Ordem é Cavalleiro por Decreto de 18 de Dezembro de 1835.

Luiz Esteves da Costa — seguiu o curso de Cirurgia na antiga Escola da Cidade do Porto. Exerceu aqui algum tempo esta Faculdade, e passou depois ao Imperio do Brazil. Alli habilitou-se nas doutrinas de Hahnemann. Passados alguns annos, voltou á sua patria, aonde tentou estabelecer o systema Homoeopathico d'aquelle Doutor. Para este fim tractou de associar alguns homens da sciencia; e organizaram em 5 d'Abril de 1852 uma especie de Junta de quatro membros, que denominaram — *Consultorio Homoeopathico Portuense* —, e era composto dos seguintes caracteres: Antonio Ferreira Moutinho, Presidente; Luiz Esteves da Costa, Vice-Presidente; Doutor João Antonio Gomes de Souza, Thesoureiro; Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, Secretario. Quizerão inculcar practicamente a proficiencia deste sistema, e para isso requereram não só uma enfermaria no Hospital da Mizericordia, para dar desenvolvimento á sua lei fundamental «*Similia similibus curantur*»; mas tambem uma Cadeira na Eschola Medico Cirurgica para o ensino theorico do dito sistema. Sendo porém vigorosamente combatidos tanto pela Meza da Mizericordia, como pelo Corpo Cathedratico da Escola, nada conseguiram, e ficáram apenas tolerados. Depois d'isso aquelle deixou a sua Vice-Presidencia, e voltou para o Brazil.

Tambem temos a gloria de contar por filhos d'esta boa terra alguns dos maiores vultos, que figuram hoje entre as grandes notabilidades artisticas; como por exemplo:

Francisco Pinto da Costa — este Villa-Novense, que cultivando a arte sublime, para que sentia inspiração, tem mostrado nos traços do seu primoroso pincel, de quanto é capaz o seu vasto engenho. As suas obras são o seu elogio; e provão, que a nossa terra não é balda d'aquellas grandes capacidades, de que outras tanto se ufanão.

Arthur Napoleão — esta raridade muzical, supposto seja Portuense por naturalidade, tendo nascido na freguezia de S. Nicolau da Cidade do Porto, é comtudo Villa-Novense por descendencia; porque é oriundo por sua Mãi da freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya, d'onde ella é natural, e toda a sua ascendencia: e assim deve ser conceituado, porque o sangue influe no genio do homem mais efficazmente, do que a terra do nascimento.

Ora desejando eu, que elle seja considerado nosso patricio, não sou o competente, para fazer o seu elogio, descrevendo o seu caracter artistico; fação-o os estranhos, entendedores, e imparciaes. Em tal caso bastará referir, o que a Imprensa Ingleza já em tempo disse em seu abono. Oução, o que diz o «*Musical Union de Londres*» que é por certo um testemunho da admiração, que soube excitar alli o joven Arthur Napoleão:

«Arthur Napoleão—Mosart vizitou a Gram-Bretanha em 1764, e tres semanas depois da sua

chegada, diz o biographo, foi duas vezes convidado para tocar diante do rei, e da rainha d'Inglaterra. O Joven Arthur acha-se ha mais de 12 mezes na Gram-Bretanha, e tem juntado mais dinheiro com o producto de seus concertos do que pianista algum conhecido; mas ainda não inspirou bastante interesse á Familia real para ser ouvido por ella!

« Como genio creador, seria um absurdo o querer comparar qualquer talento precoce ao joven Mosart; considerando porém as enormes difficuldades, que appresentão os solos para piano forte, tocados por o joven Arthur, não hesitamos em o proclamar superior em execução ao proprio Mosart. O Pai d'este joven conta, que seu filho possue desde a idade de 8 annos os conhecimentos de uma pessoa de 40 annos. Este menino falla tres lingoas, e mostra uma intelligencia espantosa sobre qualquer objecto, de que se tracta, e tem por mais de uma vez maravilhado os seus amigos pela facilidade de improvisar, ou appropriar a musica a qualquer objecto dramatico. Emfim considerado por todos os lados é a maior maravilha em musica, que tem apparecido desde a vizita de Mosart a este paiz. Tanto em Lisboa como em Pariz tem recebido bom acolhimento pelos Monarchas, e em Dublin foi presenteado com um presente de prata do valor de libras 100, e hoje o seu talento será devidamente appreciado pela élite dos artistas, e dilletanti de Londres. »

Eis-ahi o juizo, que já ha 6 annos se fazia d'Arthur Napoleão.

Não deve ficar esquecido o nosso illustre patricio José Maria de Moura Coutinho Abreu de Lima — esta notabilidade, que reune as qualidades de Mecanico, Pintor, Machinista, Engenheiro, Escultor, está na frente de todas as artes, e em todas appresenta luminosos vestigios do seu grande genio artistico. Sem a presciencia da aprendizagem, sem os rudimentos da arte, e só com os recursos da sua vasta fantazia este Industrial illustre appresenta obras admiraveis, que são um primor da arte, e que nada deixão a desejar comparativamente com as dos mais abalizados Artistas. Póde capitular-se um capricho da Natureza.

Ha outro Facultativo — José Rodrigues Pinheiro de Brito, que tambem pertence á antiga Escola: exerceu aqui algum tempo a sua Faculdade; mas tem gasto a maior parte da sua vida no serviço da Marinha Mercante, e no Imperio do Brazil.

O claustro continuou a ser illustrado pelas virtuosas Filhas d'esta Villa; e são dignas de menção as Exm.as D. Caetana Guedes, e D. Anna Felizberta, do Cazal de Baixo, as quaes assim pelo bom desempenho dos cargos, que occuparam na Ordem, como pela santidade de suas vidas deixáram de si uma lembrança honrosa no Convento de Corpus-Christi. Tambem se fez muito notavel n'este Convento pelo seu amor á clausura a Exm.a D. Maria Barboza, irmã do Major Sebastião José d'Almeida d'esta Villa, a qual tomou no Convento o nome de D. Maria Candida, e foi tão exemplar na obser-

vancia dos preceitos do seu instituto, que desde que entrou até á sua morte nunca sollicitou sob pretexto algum a sahida do Convento; e falleceu de mui longa idade.

N'esse resto, que ainda existe, das Ungidas do Senhor, contamos apenas tres— as Exm.as D. Marcellina Candida Vianna, e D. Clara Emilia do Nascimento no Convento de Corpus Christi, e a Exm.a D. Ermelinda de Freitas, da casa das Devezas no Convento de S. Bento da Ave-Maria da Cidade do Porto.

CAPITULO XI.

Dos Fóros, Privilegios, e sençoens, que illustrão Villa Nova de Gaya; e das Acçoens memoraveis, e Feitos gloriosos, que a enobrecem.

Pelo que toca aos que se tem distinguido por seu valor e patriotismo, bastará, por não tornar fastidiosa esta Descripção, recordarmo-nos da energia, e enthusiasmo com que estes honrados Patriotas, mesmo os Ecclesiasticos, se conduziram nos memoraveis dias da nossa revolução, já voando intrepidos até o sitio de Santo Ovidio a esperarem os inimigos, já franqueando os seus thezouros em beneficio do Estado, para plenamente nos convencermos do

seu extremoso zêlo pela Religião, pelo Principe, e pela Patria. (1) As mesmas Senhoras plebléas, bem semelhantes ás da antiga Sparta, e da famosa Diu, longe de se atterrarem á vista do perigo, influião seus filhos, e maridos a pegar

(1) Esta mesma actividade e valor mostraram unidos, aos Portuenses nos memoraveis dias 27, 28, e 29 de Março de 1809, defendendo a Cidade do Porto quasi sem tropa de linha contra todo o exercito Francez, ainda que mui superior, e matando um excessivo numero de inimigos, entre os quaes se enumeravão muitos Officiaes de distincção. De 3:000 Francezes mortos, e 2:600 feridos faz menção a carta escripta ao Redactor do Correio Braziliense e inserta no n.° 11 d'aquelle Periodico; e o A. das reflexoens contra o mesmo Correio, penetrado do heroismo de tão fieis habitantes, não só diz no n.° 5, que se fizerão immortaes por seu valor, e firmeza: mas passa mesmo a exclamar: Oh! Cidadãos honrados, heroes! O vosso nome será lido com respeito e saudosa recordação em os annaes da Patria.»

Se á coragem, que os verdadeiros Patriotas desenvolveram nas trincheiras, correspondesse no interior a tranquilidade, e boa ordem, respeitando-se as leis, e auctoridades constituidas, e se por desgraça não carecessemos de varios artigos, de que era obvio depender o nosso triunfo, e salvação; nunca o Duque de Dalmacia se jactaria de tomar uma das primeiras cidades de commercio da Europa, como elle mesmo lhe chama na carta, que dirigiu ao Governo, e n'um circuito de mais de duas leguas contava d'aquem, e d'além Douro não menos de 47 baterias, munidas de 300 canhoens de bom calibre, e defendidas por 24:000 paizanos impavidos, mas em quem a insubordinação, e o tyronismo erão ainda maiores que a coragem, e o enthusiasmo.

Sirva d'alivio porém o saber-se, que estes mesmos paizanos, assim bizonhos, e até inermes, por serem quasi todos armados só de piques, e armas velhas, souberão defender por 3 dias uma cidade, que os vencedores de Marengo, e d'Austerlitz, commandados pelo

em armas, e se munião ellas mesmas de pedras e d'agoa a ferver (2) para lançarem sobre os inimigos, em quanto outras impossibilitadas de as imitarem, preparavão fios e ataduras para os feridos, e muchillas para os que marchavão ao campo da honra, como forão as Religiosas de Corpus Christi, que só á sua parte aprompiaram oitocentas. (3)

Deixo porém para melhores panegiristas o elogio d'acçoens tão gloriosas, e filhas do mais heroico patriotismo.

ADDITAMENTO:

Nos capitulos precedentes fica descripta a nobreza, distincção, e mais qualidades, que caracterizão os habitantes de Villa Nova de Gaya: cumpre tractar agora dos fóros, privilegios, e izempções, que illustrão a mesma Villa, assim como das acçoens memoraveis, e feitos gloriosos, que a ennobrecem. Aquellas estão consignadas nas Cartas de Foral, que os Senhores Reis de Portugal lhe concederam em differentes epochas da Monarchia, além das Provizoens, e da Carta de lei, que lhe outhorgáram depois; e estas abonão-se no testemunho dos docu-

maior general do Imperio, e cobertos com um grande rio de permeio não podéram sustentar por 2 horas. Que eterno opprobrio para estes, e que motivo de gloria para aquelles!!

(2) Fr. Joaquim Soares — Comp. hist. da nossa Restauração — T. 1.° pag. 37.

(3) Leal Portuguez de 1808 no supplemento ao n.° 23 pag. 230.

mentos officiaes dos respectivos tempos; nas vozes da Imprensa, e n'esse pregão universal, com que as cem boccas da Fama tem levado a noticia d'ellas a todos os angulos da Terra: e se achão hoje resumidas, e devidamente representadas n'esse soberbo, e magnifico Brazão d'Armas, de que tenho de fallar em um dos capitulos seguintes; o qual será sempre um padrão indelevel da sua gloria, que ha-de attestar ás geraçoens por vir a coragem, e o heroismo nunca visto, com que a geração presente — estes briosos filhos do «Trabalho», imitando, ou antes excedendo em civismo, e amor patrio as geraçoens passadas, e dando-lhes uma severa lição de disciplina, souberão conquistar em cem batalhas os Foros, que lhes competem de homens livres.

Depois que o Senhor Rei D. Affonso 3.º fundou esta Villa pelos annos de 1255, que correspondem á éra de Christo — 1293, tambem lhe deu então Carta de Foral, para a equiparar ás Terras mais privilegiadas do Reino pelo grande apreço, e muita estimação, que fazia d'ella, e dos seus habitantes. Concedeu-lhe muitos foros, e izempçoens segundo os costumes d'aquelles tempos, como consta do mesmo Foral, que foi depois confirmado, e ampliado por El-Rei D. Diniz em 1326, e mais adiante por El-Rei D. Manoel em 1518. Estas Cartas de Foral achão-se archivadas no Cartorio da Camara Municipal da Cidade do Porto, e forão mandadas copiar dos respectivos authographos pela Camara Constitucional da mesma Cidade

em Vereação de 15 de Março de 1823, para serem impressas, como então forão, e levadas assim ao conhecimento do publico: e d'alli vierão os exemplares para o Archivo da Camara Municipal d'este Concelho depois da sua installação. Não escrevi aqui os seus conteúdos por serem demasiadamente extensos, e por não fazer esta obra inutilmente volumosa,

No mesmo Archivo está a Provisão, que D. João 2.º outhorgou aos habitantes da Cidade do Porto no anno de 1490; a qual foi depois confirmada, e novamente outhorgada em 1596 por Filippe 2.º de Hespanha, e 1.º de Portugal.

Está alli finalmente a Carta de lei de 5 Junho de 1822, sanccionada por El-Rei D. João 6.º, pela qual as Côrtes Geraes da Nação Portugueza, modificando as disposiçoens dos antigos Foraes, que se tornavão agora exoticas, e odiosas pela sua irregularidade, estabelecêram uma taxa certa e invariavel em todo o Reino para a cobrança das imposiçoens, ordenadas pelos ditos Foraes, favorecendo muito a propriedade, e a lavoura.

Aquelles privilegios, e izempçoens, que prescrevião os ditos Foraes, interessavão a todos os habitantes de Villa Nova de Gaya; porém as honras, mercês, e preeminencias, que constão das mencionadas Provisoens, dizião respeito só e exclusivamente aos moradores do Concelho de Villa Nova, que as fruião conjuntamente com os habitantes da Cidade do Porto pela circumstancia de se honrar este Concelho com o titulo de «Termo Velho da Cidade», como fica já declarado no

§ 1.º do addit. ao cap. 7.º Ora como aquellas regalias erão notavelmente honrosas, e muito distinctas, e igualavão estes Cidadãos aos Cidadãos da Côrte, será curioso transcrever aqui na sua integra as citadas Provisoens, que as conferião, e cujo theor é o seguinte:

D. João por graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, etc.

A todos os Corregedores, Ouvidores, Juizes, Justiças, e outros quaesquer Officiaes, e pessoas de nossos Reinos, a que o conhecimento d'isto por qualquer guiza, que seja pertencer, e esta nossa Carta, ou treslado d'ella em publica fórma, por authoridade de Justiça fôr mostrada, saude; sabede, que esguardando nós aos muitos, e estremados serviços, que sempre os Reis passados recebêrão, e Nós recebidos temos, da nossa mui nobre, e leal Cidade do Porto, e Cidadãos d'ella, com muita lealdade, e fidelidade, e conhecendo d'elles o amor com que nos desejão servir, e esperamos, que sempre sirvão, e não menos do que sempre fizerão, e por ella, e por o que a Nós convém fazermos aos taes Vassallos, e por innobrecimento da dita Cidade, e querendo-lhes fazer graça e mercê, temos por bem, e privilegiamos todos os Cidadãos, que ora são em a dita Cidade, e ao diante forem, e queremos, e nos apraz, que d'aqui em diante para sempre sejão privilegiados, e que elles não sejão mettidos a tormentos por nenhuns maleficios que tenhão feitos, commettidos, e commetterem, e fizerem d'aqui em

diante, salvo feitos, e d'aquellas qualidades, e nos modos em que o devem ser, e são os fidalgos de nossos Reinos, e Senhorios, e isso mesmo não possão ser prezos por nenhuns crimes sómente sobre suas homenagens, e assi como o são, e devem ser os sobreditos fidalgos. Outro si queremos, e nos paz, que possão trazer, e tragão por todos os nossos Reinos, e Senhorios, quaes e quantas armas lhes prouver de noite, e de dia assi offensivas, como defensivas, posto que em algumas Cidades, e Villas, especialmente tenhamos defezo, ou defendamos, que as não tragão. Outro si queremos, e nos praz, «que hajão, e gozem de todas as graças, liberdades, e privilegios, que são, e temos dado a nossa Cidade de Lisboa», reservando, que não possão andar em bestas muares; porque não havemos por nosso serviço, nem bem do Reino andarem n'ellas. Outro si queremos, que todos os seus cazeiros, amos, mordomos, lavradores encabeçados, que estiverem, e lavrarem suas proprias herdades, cazaes encabeçados, e todos os outros, que com elles continuadamente viverem, não sejam constrangidos para haverem de servir em guerras, nem outras idas por mar, nem por terra, onde gente mandemos, sómente com elles ditos Cidadãos, quando suas pessoas nos forem servir. Outro si queremos, que não pousem com elles, nem lhes tomem suas cazas de moradas, adegas, nem cavallariças, nem suas bestas de sella, nem d'albarda, nem outra nenhuma cousa de seu, contra suas vontades, e lhes catem, e guardem muito inteiramente suas cazas, e

hajão em ellas, e fóra d'ellas todas as liberdades, que antigamente havião «os Infançoens, e Ricos Homens». E porém mandamos a todos os Corregedores, Ouvidores, Juizes, e Justiças, Alcaides, e Meirinhos, e a quaesquer outros Officiaes, e pessoas, a que esta nossa Carta fôr mostrada, e o conhecimento pertencer, que lhes cumprão, e guardem assi, e tão cumpridamente como em ella é conteúdo, porque nossa mercê é, que lhes seja guardada, sob pena de seis mil soldos, para nós, qualquer que lhes contra ella fôr em parte, ou em todo os pagar, os quaes mandamos ao nosso Almoxarife, ou recebedor de cada um logar d'essa Correição, que os arrecade, e receba para Nós de qualquer pessoa, ou pessoas, que lhes contra esta nossa Carta forem, e mandamos ao Escrivão do Almoxarife, que os ponha sobre elle em receita, para Nós havermos a elles boa arrecadação, sob pena de os pagarem ambos em dobro de suas cazas. Dada em a nossa Cidade d'Evora no primeiro dia do mez de Junho. Gil Fernandes a fez, anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil quatrocentos e noventa annos.

Pedindo-me os Juizes, Vereadores, e Procurador da dita Cidade do Porto, e Procurador dos Mesteres d'ella, que lhes confirmasse esta Carta, e visto seu requerimento, querendo-lhes fazer graça, e mercê, tenho por bem e lh'a confirmo, e hei por confirmada, e mando que se cumpra, e guarde inteiramente, assi, e da maneira que nella se contém, e por firmeza de

todo lhes mandei dar esta minha carta por mim assignada, e sellada do meu sello de chumbo pendente. Dada na Cidade de Lisboa aos 4 dias do mez de Novembro de 1596 »

Na communhão politica, e social daquellas graças, e regalias os Cidadãos de Villa Nova de Gaya faziam causa commum com os Cidadãos da Cidade do Porto pela união territorial, e administrativa destes dois Povos: e desta circunstancia veiu a letra da Canção, ou Hymno patriotico, que se cantou nesta Villa por occasião dos magnificos festejos publicos, que os Villa-Novenses, dando expansão ao seu regozijo, e sentimentos liberaes, fizerão aqui no anno de 1826 por motivo da outhorga da Carta Constitucional; e a dita letra dizia assim:

Ao Porto enlaçada em dôce união,
Villa Nova jura a Constituição.

E para provar, que os Villa-Novenses tinhão parte naquellas regalias, bastará saber-se, que elles entravão «respectivamente» na fruição dos cargos publicos, e electivos daquella Cidade, isto é, na Vereação da Camara, na Almotaçaria, nos Mesteres da Caza dos 24 etc.: e nas Procissoens, e Funcçoens publicas, que o Senado da Camara era obrigado antigamente a fazer, e acompanhar em commemoração das epochas mais notaveis da Monarchia, tambem aquelles erão chamados, e admittidos ao portamento das insignias principaes, e das Varas do Palio.

E ainda mais: o Povo desta Villa gozava de grande favor no que toca aos tributos, e direitos banaes daquelles tempos; porquanto os Negociantes daqui erão isemptos do pagamento de siza pelo transporte de suas mercadorias na Cidade do Porto; assim como todo o povo della o era tambem pela compra, ou venda de qualquer objecto, ou fazenda, com tanto que essa viesse para dentro dos limites da mesma Villa.

E finalmente o Cabido, e a Mitra da Sé do Porto, que erão os que utilizavão com os rendimentos daquelle imposto por uma posse antiquissima, nunca poderam estabelecer dentro da Villa, nem nas suas vizinhanças cazinha para a arrecadação da dita siza, como algumas vezes pertenderam fazer subrepticiamente; mas de todas ellas forão repellidos, porque o Povo, forte no seu direito, expulsava violentamente os seus exactores.

Advirto porém, que pelo termo — esta Villa — no caso sugeito só se deve entender rigorosamente a demarcação e limites do Concelho de Villa Nova, e não toda a área de Villa Nova de Gaya.

Em quanto ás acçoens memoraveis, e Feitos gloriosos, que enobrecem esta Villa, e que os seus habitantes tem practicado em differentes epochas da Monarchia, era este o logar especialmente designado para a sua descripção; mas como tem vindo a proposito tocar neste importante assumpto em differentes pontos desta obra, poderia julgar-se por agora sufficiente-

mente desenvolvida, e bastaria só fazer menção d'alguns d'aquelles Illustres Patriotas, que se tem distinguido mais pela sua dedicação, e serviços. Porém aquelles serviços, que elles prestaram, principalmente na guerra da legitimidade a favor da Carta e Rainha, cuja causa defenderam sem trahir as suas convicçoens, sem oppressão, nem constrangimento algum, porque forão sempre estrenuos defensores das liberdades patrias, expondo-se a todos os sacrificios com generosa abnegação dos seus proprios interesses, e correndo a alistar-se em todas as crizes, sendo legalmente chamados, assim nos corpos de 1.ª linha, como nos batalhoens de voluntarios, o que mostraram logo desde o principio, compondo o Batalhão, que organizou aqui em 1828 o patriota Francisco Lopes Guimarães por ordem da Junta Provizoria, installada na Cidade do Porto para fazer manter a legitima auctoridade do Senhor D. Pedro 4.º, e de Sua Augusta Filha, depois Rainha dos Portuguezes, assim como as Instituiçoens Liberaes, que elle nos outhorgou espontaneamente no dia 29 d'Abril de 1826, por cuja causa o mesmo Batalhão se bateu nesse tempo na acção da Ponte da Barca com os rebeldes, que bem conheceram então a valentia deste Povo. Aquelles serviços, digo, são da maior transcendencia, e dignos da mais honrosa menção, assim pela sua importancia, como pelo sinistro das consequencias, que tiverão; porque em verdade nenhum outro Povo soffreu tanto como este, o que adiante se verá! e justo era, que aquelle, que deu o

« Nome » a Portugal, fosse tambem o primeiro, e o mais valente em sustentar a sua independencia, e liberdade ; e não menos em soffrer por tão nobre motivo, se tanto fosse mister ; pois o que se seguiu d'alli pelo máo successo da causa, ou por effeito dos impenetraveis segredos da Politica, foi — uns deixaram a patria, errantes nos paizes estranhos ; outros jazerem em ferros nas duras masmorras ; e muitos andarem homisiados, e foragidos por longo tempo, como succede ao assassino, ao malfeitor, até áquelle dia 8 de Julho de 1832 ! ! aquelle dia, que todos julgaram de paz e de ventura ; mas que não foi outra coisa mais que o preludio de novos, e dos mais duros trabalhos, que já mais se viram entre nós ! foi o signal do memorando assedio do Porto, cujos successos, pelo que toca a esta Villa, já ficão descriptos, ainda que succintamente, nos capitulos precedentes. Mas os ragos de heroismo, as proezas, e acçoens de valor, que os Villa-Novenses ahi practicaram, a sua coragem, e valentia nunca vista, resignados decedidamente a morrer, ou a ser livres — isso não está descripto, porque está fóra do alcance da minha penna : está só, e em miniatura a ideia geral do acontecimento, e he a quanto posso chegar.

Depois do levantamento do Cerco, e da restauração desta Villa, o celebre e heroico Batalhão dos Polacos da Serra, bem longe de lhe ser permittido algum descanço pelas longas fadigas, por que passára, foi antes inteirado das preciosas faltas, que infelizmente tinha recebido na defeza d'aquelle baluarte, com outros mancebos, que

anhelavão por partilhar as glorias deste brioso corpo ; e foi logo mobilisado, fazendo parte do Exercito, que percorreu, e pacificou todo o Reino deste o Norte até o Sul ; entrou em muitas batalhas ; e voltou por fim a esta Villa — á sua cara Patria, coberto de gloria, e dos imarseciveis louros, que hão-de eternizar o seu Nome, e as suas victorias. Ah ! mas he que estas perdem muito do seu valor, por se ter vertido para ellas o sangue dos irmãos !

Além de se inteirar aquelle corpo, organizaram-se mais tres Batalhoens no Concelho de Gaya, muito numerosos, e aguerridos, que se denominaram Batalhoens Provizorios. Do 1.º destes, que pertencia a estaVilla, foi dado o commando ao distincto Patriota o Illm.º José Vellozo da Cruz Junior, que pelos seus serviços foi feito Cavalleiro da Ordem de Torre e Espada. Estes Corpos serviram no seu districto até á completa pacificação do Reino, merecendo muitos louvores pela sua conducta.

Quando o Governo decretou em Dezembro de 1840 a medida geral preventiva de segurança publica para obstar á projectada invasão de Hespanha na regencia d'Espartero, tambem se mandou organizar nesta Villa um Batalhão, denominado —Batalhão Nacional de Caçadores da Serra do Pilar — do qual foi nomeado Coronel o Conselheiro Joaquim da Cunha Lima d'Oliveira Leal, por decreto de 26 do dito mez ; e por outro do dia 29 foi nomeado o quadro de toda Officialidade do Batalhão, que, excepto quatro individuos, foi toda escolhida entre os habitantes desta Villa,

mas aquelles mesmos quatro erão empregados aqui, e do Concelho. O sobredito Batalhão foi mandado reorganizar sob o commando do mesmo Coronel na occasião, e por motivo da restauração da Carta Constitucional, em 1842.

De todo o referido resulta, que os serviços patrioticos dos Villa-Novenses tem sido reclamados por todos os Governos legitimos do Reino; tem sido da mais reconhecida importancia em todas as crizes, e urgencias publicas; e tem produzido os gloriosos feitos, e as acçoens memoraveis, que ennobrecem esta Villa.

Para fundar esta gloria, que creou o «Renome», de que ella tanto se ufana, póde dizer-se, que todos os seus filhos tem contribuido; e além dos que ficão já notados, he de justiça, que recommende á consideração publica alguns mais, que se fazem dignos de todos os respeitos.

Aquelle cavalheiro, de quem ultimamente fallei, tem sido um cidadão benemerito, e muito prestante; e occupa na Historia desta Villa uma pagina muito distincta. — Honrado de todas as consideraçoens publicas, não o tem sido menos do Throno, que tem galardoado as suas virtudes. Tendo pertencido á Classe Commercial, promoveu com muito zêlo varios Estabelecimentos d'utilidade publica, sendo um destes a benemerita Associação Commercial da Cidade do Porto, em que teve a iniciativa, e de que foi Director por espaço de seis annos consecutivos, e Vice-Presidente no setimo. Tem desempenhado os cargos de todas as Companhias, e Associações Industriaes, ou Monetarias, que se tem fundado n'a-

quella Cidade, e de que elle se inscreveu socio ; e tem sido incançavel em promover os melhoramentos agricolas, preenchendo devidamente os encargos de Membro desta utilissima Sociedade. Foi Presidente da Camara Municipal do Concelho de Gaya ; Membro da Junta Geral do Districto ; fez-se digno da alta consideração e confiança do Governo para ser por duas vezes nomeado por elle Coronel dos Corpos de Voluntarios desta Villa ; e Secretario da Commissão do Thezouro do Porto. Foi creado Fidalgo Cavalheiro da Casa Real ; Commendador da Ordem de Christo ; Cavalleiro das Ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da Torre Espada ; foi agraciado com a Carta de Conselho; e por ultimo com as Honras de Coronel.

Depois de pagar á sua Patria, como bom cidadão, um pezado, mas espontaneo tributo nos relevantes serviços, que lhe prestou, este Illustre Villa-Novense se retirou da vida publica, e secular ; e abraçou o Sacerdocio como o estado, que mais se conforma com o seu caracter, em que sempre transluzio o amor da virtude : e praza ao Céo, que elle seja para os seus novos companheiros, e para todos um luminoso exemplo Evangelico, como o foi de probidade, e de civismo para os outros, que deixou.

São dignos de menção os Illm.os Pintos da Costa, Irmãos, a quem a Patria he devedora de importantes serviços seus, que tem recebido. Estes dois Villa-Novenses — José Pinto da Costa, e João Pinto da Costa, que pagaram com usura o seu tributo de sangue, aquelle assentando praça

no Regimento d'Infantaria n.º 6 da Cidade do Porto em 1822, e este no Batalhão Nacional de Voluntrrios desta Villa em 1828, mostraram já então a nobreza dos seus sentimentos, offerecendo os seus serviços ao partido Liberal, pelo qual tiverão n'esse tempo de deixar a patria, unidos aos seus camaradas. Voltando depois no Exercito Libertador, João Pinto da Costa veio com o commando de uma Companhia do Regimento de Voluntarios da Rainha, cujo corpo se organizou na Ilha 3.ª de todos os contingentes que alli se reuniram; e aquelle no seu corpo de linha. No cêrco do Porto, e em toda a campanha até á convenção de Evora Monte estes dois Patriotas se fizerão admirar pela sua bravura, e bons serviços, combatendo unidos pela mesma causa, que ainda então não conhecia fracçoens. Porem mais adiante nas dissençoens Constitucionaes seguiu cada um a sua bandeira conforme as affeições dos Chefes, ou as suas convicçoens—João Pinto da Costa, firme na sua crença politica, permaneceu do lado progressista, em quanto que seu irmão se uniu ao partido do Conde de Thomar. Este continuou no serviço, porque estava na situação; porém aquelle, sendo-lhe dada a sua demissão, passou pelas mais duras provaçoens, que só a sua honradez lhe deu forças para poder supportar com resignação; até que chegou a revolução do Minho em 1846, que ganhou logo o apoio da Cidade do Porto, aonde se installou uma Junta Provizoria, que deu direcção, e incremento áquelle movimento revolucionario, o qual por essa razão achou depois echo em todo o Reino. João Pinto

da Costa entrou no serviço da Junta ; e na Batalha de Torres Vedras, que se deu no dia 21 de Dezembro de 1846, foi tambem um desses Illustres Prizioneiros, que em numero de 31 passaram, á similhança do que succedeu aos melhores Homens da Grecia, e antiga Roma, pelo desgosto de soffrerem a pena do *ostracismo*, sendo desterrados para Angola a bordo do Brigue de guerra *Audaz*, em nome da mesma Soberana, a quem elles ainda ha bem pouco tempo tinhão elevado ao Throno á custa do seu sangue, e de tantos sacrificios! que scenas tão repugnantes! de um lado via-se o irmão contra irmão; que pouco antes erão tão amigos, e combateram unidos pela mesma causa; do outro lado estava a honra, e a rigidez dos principios, que resistiu ao vil interesse, e ás suggestoens dos partidos, galardoada agora com o exilio!! Ah! mal hajão os partidos.... José Pinto da Costa, depois destes successos, e por effeito delles detriorado na sua saude, succumbiu a um grave padecimento; e seu Irmão descança hoje das suas longas fadigas em beneficio da patria, no gôzo da sua reforma de Major do Exercito.

E supposto estes dois bravos divergiram nas opinioens, forão comtudo ambos iguaes no valor; e mereceram ambos serem condecorados, do mesmo modo — Cavalleiros das Ordens de Torre Espada, e de S. Bento d'Aviz.

Não deve ficar no olvido um Nome, que tambem se illustrou pelos seus feitos, e pela probidade do seu caracter — fallo do meu amigo o Illm.º Domingos Ribeiro da Fonseca. Este Villa-

Novense, que era filho de Pedro Ribeiro da Fonseca, homem de Negocio desta Villa, assentou praça voluntariamente no regimento d'infanteria n.º 6, movido do enthuziasmo, que produziram neste Povo as ideias liberaes, proclamadas na Cidade do Porto no dia 24 d'Agosto de 1820. Tinha já subido os Postos inferiores, quando occorreram os motivos para a emigração, que elle seguiu tambem em companhia dos seus camaradas. Quando se tractou no *Relvão* da organização do Exercito Libertador, foi elevado á Patente d'Alferes do seu Regimento por eleição, como o forão todos os outros, que gozavão as honras de Cadetes; e veio da Ilha 3.ª fazendo parte do mesmo Exercito. No Porto passou a Ajudante d'Ordens do General Barão de Villar de Turpim, e depois ao Batalhão de Caçadores n.º 3. No serviço do Cêrco portou-se como bom Militar, ainda que o estado da sua saude auxiliava pouco os seus bons desejos; e assim se forão agravando os seus padecimentos, até que terminaram os dias d'este eximio Patriota no Posto de Major.

Nas breves linhas, que deixo escriptas pago um tributo de respeitosa homenage á amizade, recommendando á consideração publica a memoria d'este Cavalheiro.

CAPIULO XII.

Continua a materia do capitulo antecedente.

ADDITAMENTO.

Eu poderia mencionar no cap. precedente outros muitos Villa-Novenses, como recommendaveis por seus feitos d'armas; mas será bastante o que fica dito para dar uma ideia do seu patriotismo e valor, e de como se tem conduzido no serviço da Patria em quanto á Milicia: e demais, como não são só esses Cidadãos, os que a illustrão, e se fazem por isso benemeritos della; mas tambem aquelles, que prestão serviços, que respeitão á econo-

mia administrativa, e tendem á bòa ordem da Sociedade em geral, produzindo a segurança publica, e o bem estar domestico, é justo que tambem dê noticia d'alguns, que se tem distinguido por serviços desta ordem, e merecem por elles ser recommendados á posteridade; e esta noticia será tambem conveniente, para servir de estimulo a outros, a fim de que, velando pelo bem publico, sejão exactos na observancia dos deveres d'aquelles Cargos, que a Providencia lhes tem confiado. Assim o recommendão os Estatutos da Universidade de Coimbra no L. 1.º T. 4.º cap. 7.º § 1.º, onde diz = Louvor, e honra, que se dá aos benemeritos, animão aos outros a iguaes progressos.

Ora seguindo a ordem chronologica dos factos desta especie, devo fazer menção em primeiro logar (e seja-me isso licito) de um cidadão, que supposto não seja natural desta Villa, porque o é da freguezia de Pedrozo deste Concelho, é comtudo oriundo della por sua Avó materna, que era natural d'aqui — fallo do Snr. Antonio Rodrigues dos Santos, fallecido no dia 3 de Janeiro de 1851, e do qual eu sou filho. Este cidadão entrou no serviço publico, sendo eleito Ouvidor do Concelho de Villa Nova em Dezembro de 1820, e serviu este Cargo desde o 1.º de Janeiro de 1821 até meado de Novembro de 1822. Desempenhou as suas funcçoens com muita honra, intelligencia, e acerto; deu provas sufficientes do seu caracter recto e justiceiro; foi rigorozo

na observancia das posturas, e regulamentos policiaes, que o pouco zêlo dos seus antecessores tinha deixado cahir em desuso; cumpriu diligencias de muita importancia, mesmo pela occorrencia da nova ordem de coisas, sendo uma d'aquellas a apprehensão de uma *Fabrica de moeda falsa*, que lhe foi denunciada na casa mais proxima á Igreja de Santa Marinha junto ao Campanario, e a qual elle surprehendeu em laboração, e capturou os seus auctores, que não forão então tão felizes pelos seus actos criminozos, como o costumão ser actualmente. Teve a honra de presidir á primeira Meza eleitoral, que se installou nesta Villa para a eleição dos Representantes da Nação Portugueza, que desde Abril de 1698 nunca mais se tinhão reunido em Côrtes; e então tambem os Villa-Novenses concorreram com o seu voto para aquelle illustrado Congresso Nacional, que em numero de 133 Deputados se reuniu na Cidade de Lisboa no memorando dia 26 de Janeiro de 1821, e do qual colhemos os doces fructos das leis, que promulgou, cheias de sabedoria e equidade, e cujos beneficios em todas se conhecem, mas com especialidade nas duas — a extincção do odioso Tribunal da Inquisição, e a liberdade da Imprensa.

Este cidadão occupou muitas vezes o Cargo d'Almotacel, conhecendo-se de todas ellas melhoramento na ordem publica. Foi nomeado pela Camara da Cidade do Porto Recebedor das Decimas e Novos Impostos da freguezia de Santa

Marinha desta Villa, cujo emprego serviu desde o anno de 1826 até 1833, e tambem Thezoureiro das mesmas Decimas, e Impostos do Concelho de Gaya, ao que satisfez igualmente desde o anno de 1828 até 1831 — serviço publico, que n'aquelles tempos era oneroso e gratuito, e no qual elle ficou credor da Fazenda. Foi Patriota por convicção ; e em razão dos seus sentimentos abandonou espontaneamente a sua casa, e passou com a sua familia para a Cidade do Porto no dia 8 de Setembro de 1832, aonde se conservou até o levantamento do cêrco. Alli não esteve ocioso do serviço publico, mas cuidou da cobrança das ditas Decimas dos collectados, moradores na Cidade, que tem propriedades nesta freguezia, auxiliando assim as urgencias do Thezouro. Então teve a honra de appresentar pessoalmente a Sua Magestade Imperial um projecto para o alargamento da Rua Direita desta Villa, indicando para o custeamento da obra o rendimento da Ponte, que devia duplicar durante a mesma ; e teve a satisfação de vêr, que o seu pensamento fôra bem acolhido por Sua Magestade, que se dignou dizer-lhe, que o tomava na sua alta consideração para tempo opportuno.

E' bem certo, que as commoçoens politicas costumão quasi sempre affectar o respeito devido ás leis ; e como fossem por isso menos acatadas as Posturas, e regulamentos da Camara em perjuizo do bem publico, ella promoveu em 1838 a eleição do Juiz Eleito, e

lhe rogou, que acceitasse este Cargo, para pôr as coisas no seu estado normal. O primeiro acto da sua jurisdicção foi com a mesma Camara, á qual requisitou, que fizesse apromptar os Padroens necessarios para o afferimento dos pezos, e medidas; ao que ella logo satisfez: e lhe indicou tambem os individuos para este mister. que ella tambem approvou, e encartou. Em 1840 foi novamente instado pela mesma Camara, e por muitas pessoas respeitaveis desta Villa, para que acceitasse o referido Cargo, porque assim o exigia o bem publico, e entre as requisiçoens, que lhe fez, foi uma = que fizesse, com que os homens do serviço braçal se alistassem na Companhia da Bomba, que a mesma Camara acabava de estabelecer para acudir aos incendios, visto que recusavão annuir ao seu chamamento: e elle fez logo intimar a todos os que estavão nas circunstancias d'aquelle serviço, os quaes vierão, e promptamente obedeceram ao seu convite pelo prestigio, que tinha entre o povo, que respeitava nelle o seu caracter de rectidão e justiça.

Depois do Cerco foi encarregado do arrolamento dos bens, e cobrança dos rendimentos, pertencentes a alguns individuos, proprietarios nesta freguezia, que se tinhão retirado por desaffectos á Rainha, e ás Instituiçoens liberaes; foi nomeado Membro da Commissão Liquidataria do Concelho de Gaya; da Junta do langamento das Decimas; da derrama para as Congruas dos Parochos, e d'outras Commissoens mais do serviço publico.

Nas coisas da Igreja foi tambem um cidadão prestante — a Irmandade das Almas desta freguezia deve muito ao seu zêlo, e não menos a Confraria do Santissimo, á qual prestou bons serviços, como Juiz Eleito, obrigando os almocreves a pagar-lhe o direito da Canadage nos termos da Provisão Regia, que lhe garante o exclusivo das suas Medidas.

A sua conducta no desempenho dos Cargos, e Commissoens, que serviu, foi exemplarissima, sem ter outras ambiçoens mais que o desejo de ser util ao bem publico, do qual foi sempre muito sollicito; e mereceu por isso os maiores encomios das Authoridades superiores na expressão de varios documentos, que o attestão, e dos quaes para prova juntarei o seguinte:

« Ao Presidente da Assemblea Eleitoral de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya. A' Illustrissima Camara Constitucional foi presente o auto da Eleição dessa Parochial Igreja de Santa Marinha do Concelho de Villa Nova de Gaya, e Termo Velho da Cidade do Porto, sobre o qual fica de intelligencia; esperando de V. S.ª, que como Ouvidor haja de participar a seu successor queira comparecer nos Paços do Concelho para prestar o devido juramento. Estou auctorisado, para em nome da Illm.ª Camara lhe agradecer o zêlo, actividade, e intelligencia, como se ha conduzido n'aquella Eleição: e antecipadamente participar-lhe, que ao seu successor ella vocalmente exprimirá os sentimentos, que a animão, tanto para com V. S.ª, como para com elle. Deos Guarde a V.

S.ª Porto em Camara de 8 de Novembro de 1822. Illm.º Snr. Antonio Rodrigues dos Santos, Presidente da Assemblea Eleitoral de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya. Thomaz da Silva Ferraz — Presidente, Antonio Ferreira Velho, Antonio Ribeiro Braga, Antonio Alexandre Rodrigues d'Oliveira, Arnaldo Vanzeller, Manoel Alves da Cruz, Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, João da Silva Brandão, Joaquim José de Sá Passos. »

Além dos serviços já referidos, tambem são dignos de menção os que prestou á Nação no tempo da Guerra Peninsular, e em outras epochas como Militar; porque serviu no Posto de Tenente do Facho, cumprindo varias diligencias, e commissoens de responsabilidade, para bem da causa publica.

Tambem devo fazer menção de um cavalheiro, que supposto não é natural desta Villa, recebeu aqui as primeiras noçoens da vida; foi habitante della muitos annos; é um grande proprietario seu, e serviu já algum tempo de Juiz de Paz desta freguezia. E' este o Illm.º Manoel Pereira Guimaraens e Silva, a quem esta Villa deve ser grata, como elle o é á memoria de um Villa-Novense, que dispoz de uma avultada fortuna em seu beneficio. Além de ter sido um grande bemfeitor da Igreja de Santa Marinha desta Villa, servindo com muito zêlo e devoção os Cargos de Mezario da Confraria do Santissimo Sacramento, emprestou, sendo Juiz da mesma Confraria no anno de 1841, a avultada quantia de quatro contos de réis

para a magnifica obra, e reforma geral, que elle promoveu, e se fez na dita Igreja, que se achava então em estado de grande ruina: e ainda que já recebeu a referida quantia pelo cofre da Confraria, foi comtudo em prestaçoens, e nada quiz dos seus juros, que lhe erão devidos pela mora. Esta acção é muito meritoria, digna de louvor, e da gratidão dos Villa-Novenses. Por isso não duvidei fallar della, tributandolhe um testemunho de reconhecimento, que, ainda que publico, é comtudo sincero, e sem a menor intenção de querer offender a modestia deste bom cavalheiro, que se interessa pelo culto, e esplendor da Igreja; e tem prestado aquelle, e outros valiosos serviços a esta Villa.

Recommendar agora á consideração publica os Membros, de que se compunha a Camara Municipal deste Concelho, tanto do anno de 1841, como do outro de 1850, deve ser conceituado por todos como um acto de rigorosa justiça, como um dever de gratidão, e como um signal de respeitosa deferencia, devido áquelles Illustres Cavalheiros, que se fizerão dignos da mais especial menção — os primeiros pela iniciativa do grandioso pensamento, que tiverão, de innobrecer esta Villa com um Brazão d'Armas, para eternizar por meio delle a memoria dos heroicos Feitos dos briosos Filhos da mesma Villa. Mas não foi só isso, o que elles então pediram; porque na representação, que sobre este objecto endereçaram a Sua Magestade a Senhora D. Maria 2.ª em

data de 26 de Fevereiro d'aquelle anno, levavão elles mais adiante a sua honrosa ambição — pediram além d'aquelle glorioso Brazão a elevação de Villa Nova de Gaya á sua antiga cathegoria de Cidade com os epithetos de «Muito Nobre, Sempre Leal, e Antiquissima Cidade de Gaya». Porém demasiada pareceu esta supplica, ou antes a tolheram mesquinhas invejas. . . E os segundos, possuidos do mesmo santo amor da Patria, são igualmente recommendaveis pelo zêlo, e solicitude, com que porfiando n'aquelle nobre empenho, procuraram depois obter a mesma distincção, e mercê, sobre a qual formalizaram uma nova representação, modificando a primeira, e a dirigiram ao Throno em data de 28 de Dezembro de 1850. Forão nesta mais felizes, do que aquelles; porque alcançaram o Brazão d'Armas, com que se honra hoje Villa Nova de Gaya.

Bastaria só este relevantissimo serviço, para illustrar grandemente a memoria d'aquelles Cavalheiros, que assaz mostraram deste modo a nobreza dos seus sentimentos. Mas alem disso ordenaram, durante as suas administraçoens, muitos melhoramentos materiaes, com que dotaram esta Villa, e Concelho, e que são bem conhecidos de todos.

Na apreciação dos melhoramentos, que se tem operado nesta Villa, o mais importante é sem duvida alguma o alargamento da Rua Direita, e cabe por isso a maior gloria ao benemerito Cidadão, que tem presidido ás Municipalidades de 1846, 52, 53, 54, 55, 58,

59, e 60, e que tem promovido esta utilissima obra, da quál resulta grande aformozeamento á Villa, e tambem muita commodidade, e vantagem ao transito publico. No empenho porém desta obra nota-se mais o zêlo, e amor patrio, com que este distincto Villa-Novense dezeja conservar a importancia desta Villa, chamando a concorrencia do povo pelo centro della, para entreter assim o giro do seu commercio, e dar por meio delle valor ás propriedades; visto que *alguns estranhos, ou egoistas* o pertendem desviar por outra via para fins particulares com o falso pretexto de utilidade publica.

Nas successivas reeleiçoens, em que aquelle Illustre Cavalheiro tem sido chamado á gerencia dos negocios do Municipio, se mostra com evidencia a conta, em que elle tem os interesses desta Villa, e Concelho sem que seja precizo mais para recommendar á consideração publica, e aos respeitos da posteridade o seu merito transcendente por motivo dos bons serviços, que tem prestado á sua patria.

Cumpre tambem referir aqui uma circumstancia muito honrosa, que já por duas vezes se tem dado com o mesmo, como Presidente da Camara — he esta a gloria de ter accompanhado Suas Magestades no transito deste Concelho até á margem esquerda do Douro, vindo de visita á Cidade do Porto: a primeira foi á Senhora D. Maria 2.ª no dia 29 de Abril de 1852, quando esta Augusta Senhora veio pela segunda vez áquella Cidade em companhia de seu Augusto Marido o Senhor D. Fernando, e de seus

Filhos, o Principe D. Pedro, e o Infante D. Luiz: e a segunda ao Senhor D. Pedro 5.º, que veio igualmente pela segunda vez á mesma Cidade no dia 20 de Novembro deste anno de 1860 em companhia de seus Irmãos os Serenissimos Infantes D. Luiz, Duque do Porto, e D. João Duque de Beja. Sua Magestade o Senhor D. Pedro 5.º fez saber previamente á Camara deste Concelho, que tencionava almoçar no alto da Bandeira desta Villa; e em vista das Reaes ordens o Exm.º Presidente da Camara mandou preparar um magnifico almoço, que fez servir ao mesmo Augusto Senhor na casa do Illm.º Diogo José de Macedo por ser a melhor d'aquella localidade; e teve a honra de ser convidado pelo mesmo Senhor para assistir ao almoço.

Na sua volta para Lisboa no dia 26 do referido mez de Novembro foi segunda vez obsequiado com um esplendido lunch, do qual pouco se serviu, no mesmo sitio da Bandeira em casa do Illm.º Antonio Carneiro Guimaraens.

CAPITULO XIII.

ADDITAMENTO.

Do Brazão d'Armas, com que se honra Villa Nova de Gaya.

A falta, que sentia esta Villa, de um Brazão d'Armas, que commemorasse indefinidamente os Feitos gloriosos dos seus briosos Filhos; e que servisse tambem de poderoso estimulo aos vindouros, para sustentarem com igual valor, se tanto fôr necessario, os fóros, que lhes competem d'homens livres, e que aquelles lhes tem legado, comprados com o avultado preço de seu sangue, foi justa, e sabiamente avaliada pelos benemeritos cidadãos,

de que se compunha a Camara Municipal do Concelho de Gaya dos annos de 1841, e 1850.

Muitas Cidades, Villas, e Povoaçoens deste Reino se ufanavão já de um distinctivo igual; e se examinarmos os motivos, por que lhes forão conferidos, conheceremos, que esses ficão muito áquem dos que Villa Nova de Gaya gloriosamente appresenta; pois nenhuma dellas póde competir com esta Villa na apreciação dos illustres motivos, e pomposos titulos, que abonão a sua Nobreza.

Nos attributos heraldicos d'aquelle Brazão se descrevem não só as acçoens d'heroismo, e de valentia nunca vista, practicadas pelos presentes na conquista das liberdades patrias, que foi sem duvida a maior empreza, e a mais gloriosa, por que tem passado o nosso Paiz, mas tambem todas as outras, que os nossos avoengos prestaram em eras mais remotas na defeza da Patria, e em serviço de seus Monarchas: e se vê tambem symbolisados alli o — *Nome*, e *Renome* — circumstancia singular! que Portugal derivou desta Povoação, e com que a Fama tem sustentado a noticia do valor d'aquellas acçoens, levando o conhecimento dellas a todos os Povos do mundo.

Para fixar pois em um padrão eterno, e indelevel o credito, e a certeza d'aquellas preciosas noticias, poupando-as ás alteraçoens da tradicção, a Camara Municipal do Concelho de Gaya teve o nobre e generoso pensamento de levantar um monumento eterno aos vindouros « *Statuere posteris æternum monumentum* »

como disse Cicero, e por isso dirigiu no anno de 1841 uma representação a Sua Magestade, na qual pedia não só a concessão de um Brazão d'Armas, que perpetuasse a memoria d'aquelles feitos admiraveis, mas tambem a elevação desta Villa á cathegoria de Cidade, cuja consideração lhe compete pelas razoens alli apontadas. Mas sendo menos feliz na sua supplica, foi esta renovada depois pela outra Camara de 1850 por meio de uma segunda representação, na qual foi attendida, e era concebida nos termos seguintes:

SENHORA:

« A Camara Municipal do Concelho de Gaya, zeloza da recuperação dos direitos e prerogativas da sua Metropole, vem respeitosamente sollicitar a Vossa Magestade Fidelissima a concessão d'um Brazão d'Armas na fórma, que abaixo se declara. Villa Nova de Gaya contando para mais de — 2:000 fogos, que encerrão quasi 500 — Eleitores, e 100 elegiveis para todos os cargos electivos; guardando dentro em sí o riquissimo depozito dos generosos Vinhos do Douro no valor de 30 a 40 milhoens de cruzados, e além de tudo isto, capital d'um Concelho de perto de 12:000 fogos, que pagão quasi 20 contos de reis de Decima, distincta pela sua remota antiguidade, e pela parte importante, que tem tomado em accontecimentos memoraveis, de que alguma vez resultou a salvação da Patria, julga-se com direito ao deferimento da sua supplica. He hoje um axioma historico —

que o primitivo local da Cidade do Porto foi em Gaya, e que d'alli passou para a margem opposta, onde actualmente a vemos, por circumstancias que muitos conjecturaram, e ignoramos nós, quem acertou. Esta verdade, que distinctos Escriptores pertenderam offuscar, jazeu por longos annos involvida em tão complicada variedade de opinioens, que chegou a parecer duvidosa.. Hoje porém o doutissimo Conselheiro João Pedro Ribeiro nos seus novos Additamentos ás Dissertaçoens Chronologicas, e Criticas sobre a Historia, e Jurisprudencia Ecclesiastica, e Civil de Portugal — põem a questão na mais brilhante evidencia. Diz alli este eruditissimo Antiquario que ao Tomo 4.º parte 1.ª se deve accrescentar a paginas 23 «que já no seculo 5.º figurava uma povoação com o nome de Portucale» assaz se prova ser neste logar, mas fica indefinida a sua situação. Ella ao menos no seculo 10.ª estava situada ao Sul do Douro; tanto se evidenceia em uma clausula da amplissima doação feita na era 950 por D. Ordonho 2.º de Leão ao Bispo de Coimbra D. Gosmado, que se retirava para o Mosteiro de Crestuma, aonde o mesmo Rei o veio visitar, elhe fez a doação. Acha-se no livro preto da Sé de Coimbra folio 39.º Entre outros territorios especifica: *Villa de Portugale quomodo dividit eum Villa de Mahamude, et inde per montem termino de Coliinbrianos usque in Galesia*: Temos por tanto (continúa o mesmo sabio) a povoação de Portugal, ou Porto no seculo 10.º, não ao Norte, mas ao Sul do Douro,

confinando pelo Nascente com Mafamude, pelo Poente com Coimbroens, sitios ainda hoje bem conhecidos, e por tanto reduzido á Gaya actual, antiga Cale. A' face d'este documento se póde retificar o que os nossos Escriptores, e estrangeiros tem escripto ácerca desta povoação, que deu seu nome ao nosso Reino.

Se a clareza de tão valioso argumento he susceptivel de mais prova, aponte-se tambem a auctoridade de Santo Athanazio, em uns fragmentos de seus escriptos, encontrados pelo Padre Bartholomeu André d'Olivensa, da Companhia de Jezus, Lente de Theologia no seu Collegio d Alcalá, o qual hindo por Provincial de Sardenha, deparou com elles n'uma livraria d'aquella Ilha, e em outra de Aragão; dos quaes faz menção o Licenciado Gaspar Alvares Louzada, Escrivão da Torre do Tombo, que diz, os houvera do Padre Hyeronimo de la Higuera, e abona sua authenticidade, por terem passado das proprias mãos de Santo Athanazio para as do referido Padre.

Nelles diz aquelle Santo, que conhecera S. Pedro feito primeiro Bispo de Braga pelo Apostolo S. Thiago na era de Christo de 40 ou 41 nos principios do Imperio de Caligula, e depois accrescenta: *Hic vir apostolicus* (S. Pedro de Rates) *acceptis a Santo Jacobo institutionibus apostolicis, evangelio, et ordine Missae ac celebratione Sacramentorum, venit Bracharam. Epistolas apostolico plenas spiritu scripsit ad Ecclesias, in quibus Episcopos instituit, ut Iriensem, Amphilochensem, Portuensem, ubi*

Sanctum Bazilium condiscipulum posuit (cui illo per martirium sublato, successit in Sede Bracharensi) Epiphanins in Tudensi. Destes fragmentos se vê que S. Bazilio foi o 1.º Bispo do Porto, e como esta Cidade ao Norte do Douro ainda não existia, pois só seculos depois foi edificada pelos Suevos, he claro, e he essa a opinião do erudito D. Rodrigo da Cunha — que S. Bazilio foi Bispo do Porto, não na sua actual situação, mas em Gaya, ou Portugale, onde originariamente existiu.

Fica por tanto fóra de toda a duvida, que a moderna Gaya foi uma Cidade antiquissima, chamada *Portugale*, e tanto mais antiga, que a do Porto, quanto em Gaya nasceu esta importantissima Cidade de Portugal, e que o foi só muitos seculos depois d'aquella. Não referimos aqui as remotissimas fundaçoens, que lhe dá João Lesseo, Frei Bernardo de Brito, e outros; poderião por excessivos alcunhal-os de fabulosos. O Itinerario d'Atonino Pio, que governava o Imperio Romano pelos annos 160 de Christo, faz menção de Gaya (Calem) na paragem, em que hoje a vemos, e he este um evidente signal, de que n'aquelle tempo já era uma povoação importante, e notavel, e por consequencia muito anteriormente edificada. Cabe-lhe a ella uma distincção, que não compete a nenhuma terra de Portugal, de ser ella quem deu origem ao nome de todo o Reino.

D. Affonso 3.º chama-lhe continuadamente «*meam Villa de Gaya, e Sedis Portucalensis*» no Foral, que lhe deu em 1293, em que lhe

concede, e dá todos os fóros, privilegios, e izempçoens, com que n'aquelles tempos se galardoavão as terras, que mais merecião; Foral garantido successivamente em 1326, e 1518 pelos Senhores Reis D. Diniz, e D. Manoel, abrangendo os Senhorios de Gaya — grande, e pequena, o Solar dos Condes de Valladares, e dos Morgados de Villar, e outros muitos mais, que não mencionamos por não enfadar a quem ler. Villa Nova de Gaya considerada, e distinguida desde 1293 pelos Augustos Antecessores de Vossa Magestade mostrou-se constantemente digna dos favores com que a ennobreceram, e já em nossos dias teve uma parte, talvez a principal, na lucta com o uzurpador do Throno de Vossa Magestade. Sem os exforços dos Gayenses na Serra que por seu valor e coragem mereceram do sempre chorado Pai de Vossa Magestade o epitheto de « Polacos », sem esse inaudito exemplo de constancia, e valentia Portugal gemeria ainda debaixo do jugo, que por tanto tempo o esmagou. E os prejuizos soffridos nesse tempo pelos Gayenses forão por ventura maiores, e mais consideraveis do que os soffridos no Porto.

Sendo pois a arte do Brazão aquella, que o Concenso Historico do Mundo tem consagrado á commemoração perpetua das acçoens dos Reinos, Povoaçoens, Individuos, e Corporaçoens, e os Cidadãos da Villa e do Concelho de Gaya, como participantes dos relevantissimos serviços prestados á Patria, e a Vossa Magestade, ou como herdeiros da gloria das acçoens de herois-

mo practicadas por seus Avoengos, julgão-se merecedores de que Vossa Magestade se digne mandar, que por seu Rei d'Armas « Portugal » seja levantado um Escudo d'Armas, para com elle Vossa Magestade galardoar a antiquissima Villa de Cale, estendida e conhecida hoje como Cabeça de Concelho, e Villa Nova de Gaya.

Para memorandum dos attributos heraldicos mais salientes, em referencia ao que fica mencionado, subordinados porém ás Ordens de Vossa Magestade, e aos preceitos universaes da sciencia d'Armaria; a Camara toma a liberdade de annexar um apontamento no incluso desenho:

Um Escudo partido: no lado *direito* sobre *campo d'ouro* (recordando o rio, que junto corre) *um Castello antigo*, caracterizado com a insiguia designativa das Legioens Romanas entre as suas ameias, como um dos pontos mencionados no Itinerario Antonino. No lado *esquerdo em campo de purpura* (allusivo ao sangue derramado na proxima lucta contra a uzurpação) *uma fortaleza com zimborio* a commemorar aquelle do Templo da Serra do Pilar, em que os bravos Voluntarios Villa-Novenses se encerraram, e defenderam com a *Bandeira das côres Nacionaes Constitucionaes* triunfante sempre aos repetidos assaltos, com que debalde a pertendião derribar.

No centro e meio do Escudo um escudete de azul, circumdando em letras brancas a legenda « *Mea Villa de Gaya* » perpetuará as palavras expressas do Senhor Rei D. Affonso 3.º no

Foral por elle decretado em 1293. As Armas Reaes deste Excelso Monarcha, e as do seu sinete, como se achão em os antigos documentos, serão engastadas neste escudète. Uma corôa mural parece o timbre appropriado a este escudo; e para côr local da legenda popular do sitio e Castello de Gaya, sahirá do centro desta corôa um guerreiro armado embocando uma bozina, simbolizando o Principe Ramiro, quando libertou sua esposa Gaya, roubada pelo Regulo Alboazar.

O Escudo he circumdado por uma fita branca, em que se lê como divisa em letras azues «*Nome*, e *Renome*» alludindo ao nome, que Portugal derivou do Porto de Cale, e ao renome, com quem a fama de seu valor tem sido sustentada.

Por todos estes motivos, e pela innata inclinação, que Vossa Magestade Fidelissima sempre tem mostrado para attender supplicas, fundadas em justiça, espera a Camara vêr sua pêrtenção lisongeiramente deferida com a concessão da Graça implorada.

Deus Guarde a preciosa vida de Vossa Magestade Fidelissima, como todos os bons Portuguezes hão mister. Villa Nova de Gaya em Camara aos 28 de Dezembro de 1850:

Anthero Albano da Silveira Pinto
Presidente.
Narcizo Antonio de Brito
Fiscal.
José Agostinho d'Almeida

Antonio Joaquim Borges de Castro
Bento Leite dos Santos
Sebastião da Silva Couto
José d'Araujo Pereira Pinto.»

Em presença deste importante documento nada mais se faz precizo para mostrar os titulos da nobreza, que compete a esta Villa. A auctoridade dos mais abalizados Escriptores nacionaes, e estrangeiros, em que está fundado, prova de sobejo os direitos, que lhe assistem, á maior consideração pela sua remota antiguidade, pelos seus relevantissimos serviços, e por outras circumstancias, que lhe são especiaes, e que nenhum outro Povo póde exhibir em seu abono.

CAPITULO XIV.

ADDITAMENTO.

Dos soffrimentos, e provaçoens, por que passaram os Villa-Novenses.

Eu disse, que por motivo da guerra da legitimidade, e pelo precedente da uzurpação nenhum outro Povo deste Reino soffreu tanto, como os Villa-Novenses; e disse-o tambem ao Throno a Camara Municipal do Concelho de Gaya em 1850: e isto he verdade. O amor dos Villa-Novenses pelas instituiçoens liberaes nunca pôde entrar em duvida, porque foi sempre bem conhecido; nem elles terião prestado serviços de tão alta monta, se fossem compellidos a esse

fim: mas d'ahi mesmo he que veio, o serem elles tão profundamente feridos pelos que sustentavão o partido contrario. Já vimos em parte do que fica escripto, como forão gravissimos os prejuizos, que soffreram em seus bens, que tudo ficou desmoronado, e rôto; mas estes mesmos estragos forão mais obra de malvadez, do que effeitos da guerra: e para prova disso veja-se que já antes elles tinhão sido atrozmente perseguidos pelos agentes da uzurpação.

O Martyrologio Patriotico, feito pela Alçada, que veio mandada á Cidade do Porto pelo decreto de 14 de Julho de 1828, contém um grande numero de pessoas desta Villa, que forão perseguidas por ella, mas além destas houverão outras muitas, que de diversos modos soffreram pelo mesmo motivo.

Na relação seguinte vão mencionados os que estiverão prezos nas Cadeias da Relação por ordem da Alçada, com designação do tempo de prizão, e destinos, que tiverão; os ausentes, que forão citados por cartas d'editos da mesma Alçada; e outros, que soffreram, mas não forão alli pronunciados:

Prezos nas Cadeias da Relação.

Antonio Feliciano Rodrigues, Piloto, entrou em 17 d'Outubro de 1828; foi removido para o Castello de S. João da Foz em 19 de Junho de 1829 por ordem da

Alçada; voltou para as Cadeias da Relação em 22 do mesmo mez. Em 10 de Fevereiro de 1830 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto, e de direito. Em 3 de Março do mesmo anno se julgou expiada qualquer imputação com a dilatada prizão, que tinha soffrido, devendo appresentar-se ao Delegado da Policia para ser vigiado; e foi solto em 11 do mesmo mez.

Antonio Monteiro Alvarenga, Negociante, entrou em 30 d'Agosto de 1828. Foi removido para a Casa Pia do Porto em 24 d'Abril de 1829, por ordem d'Alçada. Não consta, se foi sentenciado, nem tão pouco, quando foi solto; porque n'aquella prizão não havia livro d'assentos.

Antonio Pinto das Neves, Ourives, entrou em 3 de Fevereiro de 1829. Em 3 de Fevereiro de 1830 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito. Em 26 de Março do mesmo anno se lhe julgou expiada qualquer imputação, ficando sujeito á vigilancia do Delegado da Policia: e foi solto em 27 do mesmo mez.

Antonio Rodrigues de Senna, Escrivão, e Tabellião, entrou em 25 de Junho de 1829. Em 16 de Janeiro de 1830 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e

de direito. Em 14 de Junho foi condemnado em 6 mezes de reclusão na Praça de Peniche sobre o tempo da prizão, que tinha soffrido; inhabilidade perpetua para servir officios de Justiça, ou Fazenda, e 20$000 rs. para as despezas d'Alçada. Em 17 de Setembro forão-lhe desprezados os embargos, com que se oppoz á condemnação; porém não obstante isto foi solto em 15 de Dezembro do mesmo anno por ordem d'Alçada.

Felix Caetano, Ferrador, entrou em 30 de Janeiro de 1829. Em 17 de Novembro de 1831 foi removido para as Cadeias de Lamego por ordem da Alçada.

Francisco Coelho dos Santos, Medidor d'Azeite, entrou em 25 de Junho de 1829. Em 5 de Fevereiro de 1830 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito. Não consta, quando foi sentenciado. Em 17 de Setembro forão-lhe regeitados os embargos, com que se oppoz á condemnação de um anno de reclusão na Praça de Monção, e 20$000 rs. para as despezas d'Alçada: por isso em 27 de Março de 1831 foi remettido para a dita Praça.

Francisco Fernandes, Alfaiate, entrou em 6 de Janeiro de 1829. Em 11 de Fevereiro

de 1831 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito. Em 3 d'Agosto foi condemnado em 3 annos de degredo para as Ilhas de Cabo Verde, e em 50$000 rs. para as despezas d'Alçada. No 1.º de Fevereiro de 1832 forão-lhe desprezados os embargos, com que se oppoz á condemnação. Em 11 de Março do mesmo anno foi remettido por terra para Lisboa, afim de hir de lá para o seu destino.

Francisco José Soares Sacoto, Ferreiro, entrou em 30 d'Outubro de 1828. Em 25 de Janeiro de 1832 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito. Não consta, que fosse sentenciado; entretanto esteve na cadeia até 9 de Julho de 1832, em que foi solto pela entrada do Exercito Libertador.

Francisco de Carvalho, Soldado d'Infanteria n.º 24, entrou em 3 de Junho de 1832. Veio prezo de Bragança. Não consta, se foi sentenciado; entretanto esteve na cadeia até 9 de Julho de 1832, em que foi solto pela entrada do Exercito Libertador.

José Mendes Lopes de Carvalho, Ferrador, entrou em 24 de Julho de 1829. Em 6 de Agosto de 1830 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito.

*

Em 26 de Janeiro de 1831 foi condemnado em 1 anno de reclusão na Villa de Castello Rodrigo, e em — 20$000 reis para as despezas d'Alçada. Não consta, se embargou; mas em 9 de Março do mesmo anno foi remettido para a dita Villa.

Rafael Lourenço, Barqueiro, entrou em 14 de Dezembro de 1828. Em 19 de Maio de 1830 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito. Em 21 de Julho se lhe julgou expiada a culpa com a prizão, que soffreu, e foi solto em 29 do mesmo mez e anno.

Ausentes, que forão citados por cartas d'editos d'Alçada.

Agostinho José Gomes, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Antonio Pinto Gonçalves Junior, citado por editos em 22 de Janeiro de 1822. Emigrou, e consta, que falleceu.

Antonio Pinto da Costa, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Antonio de Souza Maia, citado por editos em 2 d'Abril de 1830. Esteve homisiado

até á entrada do Exercito Libertador nesta Villa.

Antonio Monteiro Alvarenga Jober, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Retirou-se para o Brazil, e não voltou mais.

Antonio d'Oliveira Tau, Negociante, citado por editos em 2 d'Abril de 1830. Emigrou; e voltou depois que veio o Exercito Libertador, do qual não fez parte. Foi official do Regimento de Melicias da Feira.

Antonio Domingues, Alfaiate, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Esteve homisiado até á entrada do Exercito Libertador; porém foi tenazmente perseguido pelos agentes da uzurpação. Alistou-se logo no Batalhão dos Polacos da Serra do Pilar; dentro d'aquelle baluarte prestou grandes serviços á causa da liberdade: e accompanhou o Batalhão até á pacificação do Reino. Hoje he Escrivão do Juiz Eleito da freguesia de Santa Marinha desta Villa.

Campos Souza, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Constantino Alves Pinto Villar, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Emigrou; e fez parte do

Exercito Libertador. No Cêrco do Porto prestou mui relevantes serviços á causa da liberdade, pela qual toda a sua casa, e familia soffreram muito. Acabada a lucta, deixou o serviço sendo então official de Caçadores 3.

Daniel Fernandes Reis, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Emigrou, e tambem fez parte do Exercito Libertador no Regimento de Voluntarios da Rainha.

Domingos Marques das Neves, Barbeiro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.
Esteve humisiado.

Domingos Martins Ferro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Esteve humisiado. Depois do Cêrco foi condecorado pelos seus serviços cavalleiro da Ordem de Torre e Espada: do valor, lealdade, e merito e se applicou á agencia de Corretor de Vinhos, em que adquirio grandes creditos, e fortuna.

Domingos Moreira Dias, Retrozeiro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Em 11 de Fevereiro de 1831 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito, defendido por seu filho José Moreira Dias. Não consta, se foi sentenciado.

Fabião Francisco, (1) citado por editos em 22 do Janeiro de 1829.

Francisco Vellozo da Cruz, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Foi citado outra vez por carta d'editos de 25 de Setembro de 1830. Emigrou com seus Irmãos, quando completava o seu 3.º anno Medico na Universidade de Coimbra.

Francisco Christovão da Cunha Lima, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Foi citado outra vez por carta d'editos de 2 d'Abril de 1830. Emigrou, mas não esteve na Ilha Terceira, nem fez parte do Exercito Libertador. No Cêrco do Porto foi Tenente do 2.º Batalhão Provisorio; e depois delle passou no mesmo posto ao 1.º Batalhão Provisorio desta Villa.

Francisco Antonio d'Amorim, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Francisco Fernandes Adão, Tanoeiro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Francisco Lopes Guimaraens, Professor de primeiras letras, citado por editos em 23 de Dezembro de 1828. Este distincto Patriota, conhecido n'aquelle tempo pelo

(1) Penso, que ha erro na collocação destes nomes; mas he assim que se achão escriptos no original.

nome de *Tenente Lopes*, por ter sido anteriormente Tenente do Regimento de Melicias do Porto, organizou em 1828 nesta Villa um Batalhão de Voluntarios, que fizerão serviços á causa da liberdade. No dia 3 de Julho do mesmo anno emigrou com o Exercito Constitucional do Porto para a Galliza, aonde entrou no dia 8, e d'alli para Inglaterra, e depois para a Ilha Terceira. Fez parte do Exercito Libertador, como Capitão de uma Companhia do Regimento de Voluntarios da Rainha, a cuja Patente foi promovido alli, tanto pelos conhecimentos, que tinha já do serviço Militar, como por todas as consideraçoens d'honra, e probidade, que fazião a baze, e ornamento de seu caracter. Este cavalheiro portou-se sempre, assim no Cêrco, como em toda a campanha como um official bravo e distincto. Depois que se dissolveu o seu Regimento, foi nomeado Commandante do Corpo da Guarda Municipal da Cidade do Porto na Patente de Major ; e desempenhou as funcçoens desta commissão de tal modo, que poderá ser por alguem imitado, mas por ninguem excedido. Sendo substituido em 1837 nesta commandancia, foi addido ao 3.º Batalhão de Veteranos n'aquelle mesmo Posto. Em 1846 prestou-se ao serviço da Junta, como Patriota que era, pois em sua vida publica nunca teve mais que

uma só côr politica, e foi nomeado por ella Governador da Fortaleza da Serra do Pilar, cujas fortificaçoens reformou, e augmentou grandemente. Em tempo tinha pertencido nesta Villa á classe do Commercio ; mas por motivos supervenientes applicou-se depois ao Magisterio de Ensino Primario, cujo mester desempenhou com toda a dignidade, e aproveitamento de seus discipulos. Em fim tendo cumprido digna e devidamente as obrigaçoens de bom cidadão, prestando esta longa serie de serviços á patria, e á liberdade, pelos quaes mereceu ser condecorado Cavalleiro das Ordens da Torre Espada, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, passou a receber na mansão dos Justos o verdadeiro premio das suas virtudes no dia 18 de Abril de 1860. *Omnibus, qui patriam servarint, adjuverint, auxerint, certum esse in coelo definitum locum, ubi beati oevo sempiterno fruuntur.* He como se expressa Cicero, fallando dos bons servidores da Nação.

Francisco José Soares, Caixeiro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Tambem emigrou ; esteve na Ilha 3.ª ; e voltou no Exercito Libertador, como praça do Regimento de Voluntarios da Rainha.

João Alves dos Santos, citado por editos em 2 de Abril de 1830.

João Fernandes Reis, Tanoeiro, citado por editos em 14 d'Abril de 1830. Emigrou conjunctamente com seu irmão Daniel, e seu cunhado João Pinto da Costa; e voltou da Ilha 3.ª fazendo parte do Exercito Libertador no regimento de Voluntarios da Rainha. Sua Mãi D. Maria Fernandes Reis, senhora muito respeitavel, e virtuosa, passou muitos incommodos e desgostos por motivo da ausencia, e constitucionalismo de seus Filhos.

João Pinto da Costa, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Foi citado outra vez por carta d'editos de 2 d'Abril de 1830. Em logar competente fica mencionado o merito deste cavalheiro.

Joaquim Vellozo da Cruz, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Fica mencionado igualmente nos logares competentes.

Joaquim Funileiro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Joaquim da Silva, citado por editos em 14 d'Abril de 1830.

Joaquim Telles, Caixeiro, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

Joaquim da Silva Lima, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Era filho de

Manoel do Torrão. Emigrou com o Exercito Constitucional, e foi um dos 7:500 Bravos, que desembarcaram no Mindello. No Cêrco do Porto passou do Regimento de Voluntarios da Rainha em que veio, para o Esquadrão de Lanceiros, que se organizou alli; e dando sempre em ambas as armas as mais claras provas de seu genio audacioso, e guerreiro, este valente moço foi victima do seu arrojo em um dos combates do referido Cêrco; mas vendendo caro a sua vida.

José Pinto Gonçalves, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Esteve homisiado algum tempo; mas receando ser prezo, pela perseguição, que lhe fazião, emigrou para Inglaterra, donde voltou depois do Cêrco.

José Vellozo da Cruz Junior, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Emigrou com seus Irmãos.

José Pinto da Costa, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Já fica mencionado no logar competente.

José Alves Pinto Villar, Bacharel, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Emigrou.

José Christovão da Cunha Lima, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Emi-

grou, mas não esteve na Ilha 3.ª, nem fez parte do Exercito Libertador. Foi Capitão do 2.º Batalhão Provizorio da Cidade do Porto durante o Cêrco; e depois deste passou no mesmo posto ao 1.º Batalhão Provizorio, que se organizou nesta Villa. Falleceu no Rio de Janeiro

José Dias Pereira, Albardeiro, citado por editos em 16 d'Agosto de 1830. Em 19 de Janeiro 1831 forão-lhe assignados 5 dias para dizer de facto e de direito, defendido por sua mulher. Não consta, se foi sentenciado.

José Fernandes da Cruz, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

José Monteiro, filho de Joaquim Monteiro, citado por editos em 14 d'Abril de 1830.

José Monteiro Alvarenga, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Esteve homisiado, e morreu dos padecimentos, que adquiriu com a sua reclusão.

José Pedro Cardozo, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Emigrou; mas não esteve na Ilha Terceira, nem pertenceu ao Exercito Libertador. Alistou-se em 1828 no 1.º Batalhão desta Villa; e depois do Cêrco foi tambem Official do

1.º Batalhão Provizorio, que se organizou aqui, e de que foi Commandante seu primo José Vellozo da Cruz Junior.

José Pereira da Costa, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Retirou-se para o Rio de Janeiro, e falleceu alli na profissão do Commercio, tendo sido aqui Mestre Tanoeiro.

José Pinto Estrellado, citado por editos em 25 de Setembro de 1830. Esteve homisiado.

José Rodrigues Constancio, citado por editos em 25 de Setembro de 1830.

José Vellozo da Cruz, Negociante — citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Este Patriota esteve homisiado até á entrada do Exercito Libertador nesta Villa; soffreu um rigoroso sequestro em toda a sua casa, e a mais acintosa perseguição, que se póde imaginar. Foi Capitão do Regimento de Milicias do Porto, e Vereador da Camara Municipal deste Concelho. Falleceu na Cidade do Porto no dia 16 de Março de 1850.

Lopo Antonio da Silva Basto, Negociante, citado por editos em 28 de Setembro de 1830.

Lucas d'Almeida, Tamanqueiro, citado por editos em 28 de Setembro de 1830.

Manoel Vellozo da Cruz, Negociante, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Emigrou com seus Irmãos, e falleceu em França.

Manoel Alves Ferreira Pinto Villar, Negociante, citado por editos em 28 de Setembro de 1830. Esta Familia, bem como a dos Vellozos da Cruz, fez-se muito notavel pelo seu patriotismo, e por esse motivo teve de passar, como aquella, por uma serie de incommodos, e de soffrimentos incalculaveis. Todos os seus bens forão confiscados. Estiverão emigrados o Manoel, o José, o Nicolau, e o Constantino; e o Antonio, que residia na sua casa do Douro, foi prezo para a cadeia de Villa Real; veio d'alli em 21 de Julho de 1829 para as cadeias da Relação, e em 17 de Novembro de 1831 foi removido para as de Lamego por ordem da Alçada. Seu Pai esteve homisiado; sua Mãi soffreu grandes incommodos na sua casa do Douro, da qual chegou a ser expulsa; e sua Mana D. Ismenia, para se poupar a insultos, recolheu-se no convento das Donas de Corpus Christi desta Villa! Na volta da emigração dois fizeram parte do Exercito Libertador — o Constantino,

como já disse, e o Nicolau, como Official Superior de um Batalhão Francez. Este bravo Patriota, que era Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e foi sempre prompto, e o primeiro na defeza da liberdade Constitucional, tambem se prestou ao serviço da Junta em 1846, e no dia 30 de Junho de 47, em que entrou na Cidade do Porto o exercito Hespanhol, commandado por D. Manoel de la Concha, para o fim de soffucar a revolução, que já estava prestes a invadir com as suas tropas a capital do Reino, querendo aquelle Patriota reprimir na rua das Hortas proximo á sua casa alguns exaltados do partido contrario, que já se amotinavão com a entrada d'aquelle exercito, foi desgraçadamente acutilado por uma das patrulhas da cavallaria dá mesma Junta, que percorrião as ruas da Cidade, para manter a tranquilidade publica; e não o poderam reconhecer, nem respeitaram por estar vestido á paizana. Morreu pouco depois d'aquelles ferimentos, victima do seu extraordinario civismo.

Manoel José da Costa Faria, Negociante, citado por editos em 28 de Setembro de 1830. Retirou-se para o Rio de Janeiro.

Manoel Lucas, Soldado da Bomba, citado por

editos em 28 de Setembro de 1830. Esteve homisiado.

Manoel Moreira Coutinho, Proprietario, citado por editos em 28 de Setembro de 1830. Retirou-se para o Rio de Janeiro.

Manoel Duarte « *do Paulos* » Mestre Sapateiro, citado por editos em 28 de Setembro de 1830. Esteve homisiado até á entrada do Exercito Libertador nesta Villa ; porém em todo este tempo foi perseguido muitas vezes, e em algumas teve de usar da força, como em caso desesperado, para poder escapar á prizão. Alistou-se logo no Batalhão dos Polacos, e foi um dos bravos, que defenderam o Baluarte da Serra do Pilar. Os seus serviços alli forão iguaes aos seus anteriores soffrimentos, e proprios de um verdadeiro patriota.

Manoel Rodrigues de Senna, Escrivão, e Tabellião, citado por editos em 22 de Janeiro de 1829. Este patriota era filho de Bernardino Rodrigues de Senna, que tinha sido tambem Escrivão, e Tabellião desta Villa, e Concelho de Gaya ; já em 1828 tinha pertencido ao Batalhão de Voluntarios Villa-Novenses, e accompanhou o Exercito Constitucional até á Ilha Terceira. Voltou d'alli no Regimento de Voluntarios da Rainha. Infe-

lizmente não sobreviveu á causa, em que se tinha empenhado; e em um dos combates do Cêrco do Porto perdeu a Patria este Filho dedicado, e benemerito, que sacrificou a sua vida por ella, e cujo ardor nos combates era igual ao seu patriotismo.

Pedro Guedes do Nascimento, Tanoeiro, citado por editos em 14 d'Abril de 1830. Esteve algum tempo homisiado; mas depois emigrou para a Inglaterra, e de lá passou para a Ilha Terceira a partilhar a gloria, ou os infortunios dos seus correligionarios politicos, a quem a Patria negava o seu solo, dominada pela tyrania. Alistado no Regimento de Voluntarios da Rainha, foi elevado ao Posto de Sargento, e sempre estimado dos seus camaradas; porque em verdade elle não foi um simples emigrado, mas sim um verdadeiro amigo do systema, a que se votára, e dos companheiros, a quem seguia — nem perdas, nem ambiçoens o tinhão levado alli. Sem querer offender a sua modestia, posso affirmar, porque o sei, em abôno do que fica dito: que além dos casos, em que acudia particularmente ás precisoens de muitos, sentia com grande magoa as occasioens, em que se não fazia pagamento regular, e em uma dellas, em que definitivamente se não pôde verificar

por falta de meios, pôz logo do seu dinheiro o necessario á disposição do seu Capitão para effectuar o pagamento da sua companhia, o que lhe foi acceite, e de muito louvor. Antes da emigração tinha sido um dos Mesteres da Casa dos 24, que era uma especie de Junta, presidida pelo Juiz do Povo, que zelava os interesses deste, e era muito respeitada, e attendida nas suas representaçoens no antigo regimen. Foi sempre muito notavel o seu zêlo pela ordem publica; e he esse o verdadeiro caracter do bom patriota. Goza actualmente o beneficio da sua reforma n'aquelle Posto, e reside nesta Villa, donde he natural.

Pedro de Souza Cardozo, Estudante da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, citado por editos em 14 d'Abril de 1830. Esteve algum tempo homisiado; mas depois retirou-se para o Imperio do Brazil, e não voltou mais.

Bernardino Pinto Gonçalves, citado por editos em 28 de Setembro de 1830.

Rodrigo Francisco Rios, citado por editos em 28 de Setembro de 1830. Retirou-se para o Imperio do Brazil; porém apenas soube, que os Constitucionaes emigrados se tinhão passado da Inglaterra,

e França para a Ilha Terceira, veio logo para alli unir-se a elles, e ahi se conservou até á sahida na Expedição Libertadora. Fez parte della no serviço da Marinha desde o seu embarque até o fim da lucta: no entretanto pouco tempo depois da sua chegada a Portugal adoeceu, e tornou para a Ilha a tractar da sua saude. Logo que se achou restabelecido, voltou ao serviço da Esquadra; assistiu ao Cêrco de Lisboa, e á restauração das differentes Povoaçoens do littoral ao Norte do Reino. Depois disto deixou o serviço, e passou á vida civil, sem mais recompensa do que a gloria de ter servido a Patria, como bom Villa-Novense.

Alguns, que soffreram pelo mesmo motivo; mas não forão pronunciados pela Alçada.

D. Manoel Bento Rodrigues, Cardeal Patriarcha de Lisboa — esteve homisiado até á entrada do Exercito Libertador nesta Villa; mas em todo aquelle longo periodo foi muito perseguido, e soffreu gravissimos incommodos.

Antonio Pereira de Brito Azevedo Homem, Coronel do Regimento d'Infanteria n.º 23. Este Patriota foi prezo para o Castello

d'Estremoz; e em 1833 soffreu martyrio, sendo morto a golpes de machado juntamente com os seus companheiros de prizão!

Francisco José d'Almeida—Mestre Tanoeiro da Companhia dos Vinhos. Foi Capitão da Companhia de Granadeiros do Regimento de Melicias da Feira. Emigrou para Inglaterra, donde voltou depois, mas não fez parte do Exercito Libertador. Era o Pai da Baroneza do Corvo.

José Pereira da Silva Leite de Berredo, Coronel do Exercito n'aquelle tempo. Esteve homisiado todo o tempo que durou o governo de D. Miguel, para evitar os mesmos incommodos, ou talvez peores do que os que já tinha soffrido em tempo de D. João 6.º.

José Correa de Mattos, Boticario. Esteve emigrado na Ilha Terceira, e voltou no Exercito Libertador, como praça do Regimento de Voluntarios da Rainha. Este patriota foi um dos onze Prezos politicos, que estiverão encerrados em o mez de Maio de 1846 no Castello de S. João da Foz por causa, ou como preventivo da revolução do Minho, e por ordem despotica de José Bernardo da Silva Cabral, que veio de Lisboa, munido de poderes discricionarios para suffocar a revo-

lução, mas teve de fugir, para não ficar esmagado sob o seu pezo.

Antonio da Rocha Leão Junior. Foi Voluntario do Batalhão, que se organizou nesta Villa no anno de 1828; e por essa causa se retirou para o Rio de Janeiro, donde não voltou mais. Era Filho do Illm.º Antonio da Rocha Leão, Cavalleiro da Ordem de Christo, que foi Capitão das Ordenanças desta freguezia de Santa Marinha; e foi tambem o Presidente da primeira Commissão Municipal, nomeada pela Prefeitura na inauguração deste Municipio, e algumas vezes Vereador por eleição—era mestre Tanoeiro, e foi bem quisto de todos pela sua probidade. Falleceu no dia 3 d'Outubro de 1854.

José Rodrigues Cantarino. Tambem emigrou para a Ilha Terceira, e fez parte do Exercito Libertador no Regimento de Voluntarios da Rainha. No Cêrco do Porto satisfez como um bom Patriota, e continuou no serviço até á conclusão da guerra. Depois que se dissolveu o seu Regimento, foi nomeado Capitão do Batalhão dos Polacos da Serra, em cujo Posto serviu até se dissolver pela segunda vez este Batalhão. Tambem foi um dos onze Prezos politicos, que estiverão no Castello de S. João da Foz em o mez de Maio de 1846, sendo-lhe muito honroso este successo, porque faz notoria a cer-

teza dos seus sentimentos patrioticos, pelos quaes foi condecorado Cavalleiro da Ordem de Torre Espada.

Francisco da Silva Linhares, Presbitero, foi muito conhecido pela sua sciencia e affeição ao Liberalismo, por cuja causa soffreu muito, e se definhou intempestivamente, vendo os embaraços, que os desaffectos oppunhão aos progressos d'aquelle systema. Foi-lhe tambem motivo, para nunca poder obter do Bispo desta Dioceze D. João de Magalhaens Avellar boas informaçoens, para ser despachado Abbade, como pertendia, sendo aliàs muito digno de maiores consideraçoens.

Henrique Coelho Bragante, Estudante de Cirurgia. Alistou-se em 1828 no Batalhão Academico do Porto. Emigrou para Inglaterra, e morreu na emigração.

José Pereira Caxêta, Boticario, esteve homisiado algum tempo; mas, aggravando-se-lhe os padecimentos, de que soffria, em consequencia da sua reclusão, morreu pouco tempo depois.

Antonio Agostinho do Nascimento, querendo evitar a perseguição, que via practicar com os seus amigos, retirou-se para o Imperio do Brazil; e morreu alli.

Ahi temos uma galeria de Homens Illustres pelos seus feitos, e pelos seus soffrimentos, que não duvidaram sacrificar-se ao bem e á liberdade da sua Patria; e que souberão conquistar á custa dos mais duros trabalhos os respeitos, e a admiração da posteridade, que os hade saüdar sempre com o mais justo applauso, reconhecendo nelles o valor dos seus relevantes serviços.

CAPITULO XV.

ADDITAMENTO.

Da Consideração publica dos Villa-Novenses.

De tudo, o que fica referido se infere por uma consequencia necessaria, que os Villa-Novenses forão sempre tidos na maior consideração publica, sendo chamados ao serviço do Estado, como bons Cidadãos, e occupando nelle cargos de grande importancia, como se vê em todo o decurso desta obra: e actualmente se dá a mesma circumstancia do bom conceito, que merecem, porque muitos delles se achão exercendo hoje varios Empregos, e Commissoens,

que comprehendem as differentes secçoens da Administração publica desde a mais alta jerarchia até á ultima classe da Sociedade. E para mostrar, que não ha exaggeração, mas só a verdade no que digo a tal respeito, juntarei a seguinte :

Relação dos Villa-Novenses, que exercem Empregos nos differentes ramos do Serviço publico.

D. Manoel Bento Rodrigues. Cardeal Patriarcha de Lisboa — Capellão Mor da Casa Real — Digno Par do Reino.

D. Anna de S. José Abreu — Mestra do Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança da Cidade do Porto. Esta dignissima Villa-Novense quiz tambem illustrar o seu sexo, como o fizerão outras muitas nos tempos passados, concorrendo com os seus avantajados conhecimentos para a instrucção da mocidade. Esta virtuosa Senhora, que póde ser capitulada um modello do amor filial pelos desvelos, e caridade, com que tractou, e amparou seu Pai até os ultimos momentos da vida, e morrendo elle em provecta idade, era filha do meu bom amigo o Snr. Manoel José de Abreu, que foi um honrado Negociante desta Villa, e que tambem se retirou para dentro da Cidade do Porto

no dia 8 de Setembro de 1832, abandonando a sua casa, que foi roubada, e destruida, como forão todas as outras, e ficando por esse motivo reduzido a circumstancias muito desfavoraveis. Porém aquella Senhora, que assim parecia desamparada de familia, e de fortuna, não o estava comtudo do Céo, que quiz premiar-lhe as suas virtudes; porque em um momento de maior tribulação lhe suggeriu a ideia de se applicar ao nobre, e muito honroso mester do Magisterio; e requereu á Meza da Santa Casa da Mizericordia o logar de Mestra d'aquelle Recolhimento. Sendo appresentado o seu requerimento, foi tão bem recebido por alguns dos Mezarios, que tinhão conhecimento da supplicante, e de seu Pai, que apezar de hir desaccompanhado totalmente de recommendação prévia, foi logo bem defferido, e de tal modo, que um delles disse « que não só votava pelo bom despacho, mas que tomava sobre si toda a responsabilidade e fiança, que a requerente era obrigada a prestar na forma dos Estatutos d'aquella Casa! » Oh! quanto vale a virtude! Não declaro o nome deste Cavalheiro por não offender a sua modestia; por quanto fóra d'aquelle recinto desviou de si a applicação d'aquellas notaveis palavras, e se recusou formalmente a acceitar os agradecimentos devidos. Oh-

tido finalmente o emprego, entrou aquella Senhora no Recolhimento no dia 13 de Outubro de 1850.

Joaquim Vellozo da Cruz — do Conselho de Sua Magestade — Presidente da Junta Geral do Districto, e da Camara Municipal do Concelho de Gaya — Fiscal do Recolhimento das Meninas Desamparadas da Cidade do Porto.

José Vellozo da Cruz — Thezoureiro da Alfandega.

Francisco Vellozo da Cruz — Lente da 7.ª Cadeira da Eschola Medico-Cirurgica.

José Alves d'Oliveira — Director da Companhia de Mineração « Harmonia. »

Thomaz Ribeiro dos Santos — foi Consul Geral de Portugal nos Estados-Unidos d'America; e he actualmente Consul na Provincia do Pará do Imperio do Brazil.

Domingos Ribeiro dos Santos Junior — 2.º Secretario da Associação Protectora da Creche de S. Vicente de Paulo no Porto.

Francisco Fabião de Mendonça — Verificador da Alfandega.

Joaquim Eduardo Salgado — Recebedor das Decimas desta Villa, e Concelho de Gaya.

Antonio Theodoro Salgado — Ajudante do Fiel da Thezouraria do Contracto do Tabaco.

Manoel Barboza Marau — Aspirante de 1.ª classe d'Alfandega.

José Fernandes da Cunha — Guarda dos Armazens d'Alfandega.

José Cardozo Villa Nova — Aspirante de 1.ª classe da Repartição de Fazenda do Districto do Porto.

Custodio José Gonçalves — Vice-Consul dos Estados Unidos d'America em Villa Nova de Gaya.

Antonio Gonçalves da Silva — Vice-Consul da França em Villa Nova de Gaya.

Antonio Martins Vianna — Empregado da Companhia dos Vinhos.

Manoel Nepomuceno — Guarda do Laboratorio da Academia Polytechnica do Porto.

Manoel José dos Santos Villa Nova — Escrivão do 1.º Districto Criminal da Comarca do Porto.

Ricardo Eduardo de Faria Alvarenga — Escrivão de Direito da Comarca de Barcellos.

Manoel Alvares dos Santos — Contador da Comarca de Baião.

José d'Amorim Alvarenga — Amanuense da Camara Municipal do Concelho de Gaya.

Eduardo d'Oliveira Basto — Amanuense da dita Camara.

Eduardo Augusto Guedes d'Oliveira e Silva — Amanuense da dita Camara.

Antonio Domingues — Escrivão do Juiz Eleito da freguezia de Santa Marinha desta Villa.

José Joaquim dos Santos — Regedor de Parochia, e Escrivão do Juiz de Paz da dita freguezia.

Antonio Joaquim Alves Mourão — Official de Diligencias da Repartição Central do Governo Civil.

João Tavares Branco — Chaveiro do Aljube da Cidade do Porto.

Manoel Pinto d'Almeida — Zelador da Camara Municipal da Cidade do Porto.

Manoel Monteiro — Carteiro da Administração do Correio.

CAPITULO XVI.

Da Igreja de Santa Marinha, 1.ª Matriz do Villa Nova de Gaya; e da solemnissima Funcção, que se celebrou nella em cção de Graças pela Gloriosa Restauração de Portugal.

No centro desta grande Villa, ou para dizer melhor, desta parte Meridional da Cidade, está situada a Matriz de Santa Marinha, fundação do mesmo Monarcha o Senhor D. Affonso 3.º, que havia fundado Villa Nova de Gaya. Depois da ultima reedificação he esta Igreja na classe das Parochias a mais extensa da Cidade depois da Cathedral, e goza entre outras a prerogativa de ter o Santissimo Sacramento exposto em Lausperenne todos os Domingos do anno. Superfluo será expôr aqui

a descripção ichnographica desta Igreja, bem como a abundancia, e riqueza dos seus Paramentos, a copia de prata, de que a despojaram os infieis (1) e a pompa, com que se celebrão nella todas as Funcçoens, principalmente as de Circumcisão, Semana Santa, Invenção da Cruz, e Corpo de Deus; porque além de serem factos bem viziveis e notorios, tudo isto se deduz da piedade, e religião, que caracterizão os Villa-Novenses.

Um exemplo bem terminante desta verdade é o que agora nos dá o magnanimo João de Souza Monteiro, Capitão da 1.ª Companhia da 5.ª Brigada desta Cidade, primeiro, e unico movel da grande solemnidade, que vai descrever-se, e um dos vassallos mais distinctos pela adhesão, e fidelidade, que conserva ao seu Principe. (2) Pensando este digno Portuguez no abysmo de calamidades, em que toda a Nação

(1) Só a Cruz, e os seis castiçaes de banqueta do Altar mór, pezavão perto de 600 marcos de prata, que importaram com o feitio em mais de doze mil cruzados; e a esta proporção erão as alampadas, lanternas, varas de Paleo, e vazos sagrados; sem fallar no ornato do famoso andor do Senhor Jezus, que felizmente escapou á rapacidade franceza, e se tem pelo mais rico da cidade toda. Para substituir os ditos castiçaes, mandou a Meza encommendar outros, os quaes, ainda que de madeira dourada, são tão elegantemente fabricados, que importaram, segundo ouvi, em mais de — 600$000 rs. —

(2) O devoto, de que se falla, nem he já capitão, por se haverem extincto as Brigadas, nem passa ao presente por auctor da Festa, como melhor se expenderá em uma das seguintes notas.

hia precipitar-se, se a Mão do Todo-Poderoso a não sustivesse ; estas reiteradas, e serias reflexoens, segundadas pelos exemplos de varias Corporaçoens Portuenses, que pela mesma causa renderam ao Altissimo as mais solemnes Graças, (3) taes estimulos produziram em seu generozo animo, que cheio todo de uma nobre emulação, protestou logo imital-as, quando não podesse excedel-as.

Penetrado pois destes piedosos sentimentos, e querendo dar um publico testemunho, tanto do seu reconhecimento ao Excelso pelo incomparavel beneficio da nossa Restauração, como do filial amor, que consagra ao seu Principe, e a toda a Sua Augusta Familia, determinou celebrar á sua custa no Domingo, que se contavão 11 de Dezembro, uma solemnissima Festividade, em que plenamente se desenvolvessem todos os seus vastos designios : e para que nada faltasse do que podesse contribuir ao seu total complemento, deu com a precisa antecipação as ordens mais positivas, para que sem attenção e difficuldades, a trabalhos, ou a despezas, fosse tudo o mais selecto, o mais rico, o mais magnifico. Em consequencia destas ordens forão logo solicitados não só os Oradores mais insignes, mas

(3) O Exm.º e Revm.º Prelado, o Illm.º Senado da Camara, a Illm.ª Junta da Companhia do Alto-Douro, e o Nobilissimo Corpo Militar, em que se incluiram todos os Officiaes de graduação superior, que neste tempo se achavão no Porto, a cuja testa se via o mesmo Governador Interino das Armas, o Brigadeiro — Caetano José Vaz Parreiras.

*

tambem os professores mais aptos para o desempenho das differentes partes, de que havia de compôr-se aquelle todo, tanto pelo que respeitava á belleza e magnificencia da armação, como á selecção e excellencia da Orchestra, á perfeição e bom gosto das pinturas, á invenção, e escolha das allegorias poeticas, etc.

Era impossivel com taes preludios deixasse a Funcção de ser completa, e a experiencia o comprovou. Ella se annunciou na vespera ao meio dia por entre repetidos vivas, repiques de sinos, e muito fogo do ar: o que junto a um grande numero de bandeiras de cores, e naçoens differentes, collocadas em mastros ao longo do caes, e muito principalmente á lembrança do objecto, que motivava estes solemnes cultos, tudo erão incentivos fortes para o mais justificado prazer. A' noite além dos costumados repiques, e fogo do ar, perseverou desde as 7 horas até á meia noite em um vistoso palanque levantado na praia toda a Musica do Regimento de Infanteria n.º 6, aonde com applauso dos expectadores se tocaram muitas e excellentes peças, e entre ellas varios solos de clarinete de grande difficuldade, primorosamente executados por Antonio Heller, Bohemio de Nação, e Mestre da Muzica do mesmo Regimento. Houve tambem por toda a extensão da praia uma vistosa, e brilhante illuminação, cuja claridade junta á dos muitos barris, que na mesma praia ardião, á copia de bandeiras, que no alto dos mastros tremulavão, á grata harmonia da mencionada musica, e á multidão de pessoas, que giravão a

gozar estes diversos objectos, tudo servia de lizonja aos dous mais nobres sentidos.

No dia seguinte, que era Domingo, e se contavão 11 de Dezembro de 1808, se patenteou aquelle vasto Templo, tão rica e exquizitamente adornado, e offerecendo aos expectadores uma perspectiva tão grata, e tão magestosa, que suspensos os olhos na contemplação do que vião, ficavão por grande espaço como extaticos no gozo de tanta belleza. Eu não me intrometterei a descrever circumstanciadamente a perfeição, e a delicadeza, com que tudo se achava disposto; porque o mesmo pezo do assumpto me opprime, e esteriliza de expressoens, que dignamente o desempenhem. Direi por tanto genericamente, que a Igreja se achava toda forrada de damascos, setins, e sedas preciosas de todas as côres, distribuidas com agradavel symetria, e guarnecidas de galoens de prata, e ouro, que formavão varios e elegantes debuxos, já de vazos, já de raphaellas, já de piramides, já de flores; não havendo em toda ella um só palmo, tanto pelo tecto, como pelos lados, que não estivesse custosa, e elegantemente ornado.

Todavia para satisfação d'aquellas pessoas, que não poderam gozar tão soberba armação, apontarei com o possivel laconismo algumas particularidades della, que possão interessar mais a sua curiosidade. Para superar varios obstaculos, que se oppunhão á sua perfeição, trabalharam muitos dias antes um grande numero de carpinteiros, já na construcção de uma formoza varanda, para accrescentar os dous core-

tos da musica ; já na de um pulpito ficticio em correspondencia do unico, que na Igreja havia; já na de um novo e elevado throno, que accommodasse maior numero de luzes ; já na de varias columnas, e obeliscos, e outras muitas peças indispensaveis ; já finalmente na de toda a fachada exterior da Capella mór, que por conter a parte mais interessante da armação, merece ser descripta circumstanciadamente.

Julgando-se curta a dita Capella mór para accomodação dos individuos, que nella devião figurar, e mui alto o arco da mesma para caber sobre elle o ornato, que se lhe destinava, accrescentaram-se áquella dez palmos de comprido, formando-se no cruzeiro um grande tapamento de madeira, que occupava toda a altura, e largura da igreja, e nelle se abriu outro arco mais diminuto, e capaz de receber o ornato projectado. Encostada pois a este tapamento he que se formou a nobre, e soberba architectura, de que passo a dar uma tosca ideia.

Estribava-se esta em quatro formosas columnas da ordem corynthia, firmadas sobre bellos pedestaes magnificamente ornados, entre os quaes se achava o sobredito arco, guarnecido com duas preciosas cortinas de veludo carmezim, forradas de setim branco, e semeado de estrellas de ouro, que fazião a mais agradavel perspectiva. Entre as ditas columnas se admiravão duas elegantes figuras de mulher ; a saber : da parte do Norte a figura da Fé, representada em uma nobre Matrona com os olhos vendados, vestida de roupas compridas , tendo na mão

direita um calix, e na esquerda uma cruz, com a qual, e com um pé calcava a herezia, que debaixo da forma de um horrendo monstro se desgrenhava, e mordia de raiva. Debaixo da dita figura, cuja allusão he bem perceptivel, se lia esta quadra, que foi produzida com todas as seguintes por um grande Genio da Cidade do Porto, e dos mais favorecidos das Musas. (4)

Armado de punhal nefando Filho
Quiz entre affagos lacerar-me o peito;
O Céo, donde nasci, falsou-lhe o golpe,
Jaz o monstro a meus pés, quasi desfeito.

Do lado opposto se via em correspondencia a figura da Historia, indicada n'uma mulher esbelta, e elegante, com um gesto lindo, e risonho, vestida de Nympha, e em acção de voar, tendo na mão direita uma penna, e na esquerda um livro, em que figurava escrever o facto heroico dos Portuenses, como melhor se deduz do seguinte quarteto, que do pé della pendia:

Teu nome, ó Porto Heroico, a gloria tua
Em ouro as Filhas da Memoria escrevem;
Terás a vida, que tiver o Mundo,
Que os annos contra ti já não se atrevem.

(4) O Bacharel João Carlos Leitão, Provedor dos Residuos de Angra, e de todas as Ilhas dos Açores, com predicamento de primeiro banco, e auctor de varias obras impressas de Poezia, que tem merecido um applauso geral. Taes são: o Poema intitulado o Verdadeiro Grande, e duas Odes — uma em obsequio do Brigadeiro João Manoel Mariz, e outra offerecida aos Generaes Inglezes, que cooperaram para a nossa feliz Restauração.

Sobre os capiteis das referidas columnas, a um e outro lado do dito arco, se estribavão duas pequenas cimalhas, por cima das quaes se achavão retratadas: de uma parte a batalha do Vimeiro, e da outra a da Roliça, ou Columbeira. Esta se representava em um bello painel de sete palmos em quadro, no qual com a maior propriedade possivel se vião desenhadas as phalanges, as bandeiras, os canhoens, vomitando fogo, o encarniçamento do combate, o campo juncado de cadaveres, a retirada dos inimigos, e a topographia do sitio, tal qual a descreve o Leal Portuguez no supplemento ao n.º 9 do anno de 1809. Por baixo se lia esta bem significante quadra:

Teu nome já voou á eternidade,
Serás sempre famosa, ó Columbeira,
Dirá vindoura idade, ao vêr teus campos:
« O Gallo aqui cedeu a vez primeira. »

Na cimalha correspendente da parte do Norte estava collocado outro quadro de igual tamanho, não menos notavel, que o antecedente, no qual com a mesma claridade se demonstrava a celebre batalha do Vimeiro, e por baixo della se vião os seguintes versos:

Vimeiro, ás armas de Britania, e Porto
Em ti das aguia morre o bando infausto;
Teu nome será charo sempre aos Lusos,
Mas á França ha-de ser sempre molesto.

Por cima das cimalhas, que cobrião os ditos paineis, achão-se duas figuras assaz vis-

tosas, e interessantes; a saber: da parte do Sul a figura de Lysia, designada em uma mulher amargurada, e afflicta, vestida de guerreira; mas toda desarmada tendo uma posição curvada, os cabellos desgrenhados, e cahido por terra o symbolo, que a caracteriza, que são as Armas de Lisboa. Ao lado tinha dous tenros filhos, figurados em dous meninos igualmente chorosos, que atracando com as mãos os vestidos de Lysia, indicavão pedir-lhe soccorro, o qual a magoada Lysia virada para o Porto, mostrava supplicar-lhe com a maior impaciencia. Desta bella figura, que estava n'uma actitude a mais tocante, e dolorosa, pendia um bem expressivo quarteto:

Eis em ferros, em pranto meus filhinhos ..
Livra-os da morte, ó Porto generoso;
Se a gloria cantas de salvar a C'rôa,
Salva-lhe agora o berço desditoso.

No lado, que correspondia da parte do Norte, apparecia a figura do Porto representada n'um gentil, e valeroso guerreiro, vestido todo de armadura, tendo arvorada na mão esquerda a bandeira da mesma Cidade, chamada o *Estoque*, e na direita empunhava uma grande espada com varias coroas de louros embraçadas, para coroar os que elle enviava em soccorro de Lysia. Seguião-se tambem os Genios Portuenses, igualmente armados, mostrando-se cheios de contentamento por irem a soccorrer Lysia; e tanto esta, como o seu restaurador, o Porto tinhão por detraz muitos tropheos, e insignias bellicas, que as fazião insinuar sobre maneira aos expectadores.

Por baixo da figura do Porto se lia em resposta a Lysia este bello quarteto, não menos significativo, que o antecedente:

Foi raio tua voz, que estalou n'alma;
Meu ferro estragador te leva a vida;
Desterra o susto, que serás, qual foste,
Sempre do mar Princeza obedecida.

Entre as ditas figuras, e por cima do arco da Capella mór apparecia um notavel grupo com as figuras seguintes. No mais elevado do dito arco se via um grande painel ovado, de oito palmos de alto com a Real Effigie do Principe Regente Nosso Senhor, cujo retrato era o mais semelhante ao original de quantos havião apparecido em funcçoens taes. Do lado direito estava a figura da Fidelidade, symbolisada em uma formosa Matrona, recostada sobre o remate do arco, sustentando com a mão direita a Real Effigie, e pondo com a esquerda uma corôa de louro sobre a cabeça do nosso amado Principe, estava vestida á Grega, com roupas compridas, e com um livro fechado junto ao peito, como indicando a fidelidade nata de todos os Portuguezes para com os seus Soberanos. Pendente desta bella figura sahia o seguinte lemma:

Em vivo esmalte o coração adorna
Dos Lusos natural fidelidade;
João Primeiro o diga, o Quarto, o Sexto:
Do Sceptro em raios salta esta verdade.

Do lado esquerdo se achava tambem recostada a figura do Valor Nacional, decifrada

n'um voleroso guerreiro, revestido d'armas brancas, capacete na cabeça, e com todos os caracteres de um verdadeiro filho de Marte: com a mão direita fazia acção de coroar tambem de louros o Principe Regente Nosso Senhor, e com a esquerda atracava uma grande lança, tendo por baixo estes versos:

Nas veias inda dos briosos Lusos
Arde o valor, que ao Throno Affonso erguêra,
A espada, que inundou de sangue a Ourique,
Hoje de novo a Lysia soccorrêra.

Cobria este grupo de figuras uma grande e formosa cimalha, sobre a qual repousava um bellissimo timpano, em que se achavão reclinadas as figuras do Tempo, e da nossa Monarchia; esta da parte do Sul, representada em uma nobre Matrona, sustentando o Sceptro, e a Corôa Lusitana; aquelle symbolisado em um venerando ancião, com barbas longas, e com foice, e azas, signaes caracteristicos da mesma figura. No fecho, ou remate do timpano se vião as Armas Reaes de Portugal, sustentadas por dous alados Genios; um destes segurava com uma mão as ditas Armas, e com a outra um clarim; com o qual publicava a nossa feliz Restauração; e o outro, que era o da parte do Norte, sustentava com a mão esquerda as Reaes Quinas, e com a dextra uma palma, significativa da Victoria.

Todas as pinturas acima descriptas forão felizmente concebidas, e ainda melhor desempenhadas por João Baptista Ribeiro, natural de

Villa Real, que sendo ainda alumno da Aula de Dezenho na Real Academia desta Cidade, logra já creditos de Professor habil, e tem obtido successivos premios. (5)

Os Altares estavão todos ornados á Romana, e cobertos de doceis de setim branco, guarnecidos de preciosas franjas e galoens, e todos com excellentes frontaes de seda e ouro. Junto ao Cruzeiro se via de cada lado um nobre e elegante obelisco, ornado de muitos tropheus, e bandeiras á imitação dos que na Igreja da Graça fizera collocar a Illm.ª Junta da Companhia e ambos por conseguinte de excellente invento e arquitetura. No que estava da parte do Norte se lia em bellos caracteres a seguinte epigraphe :

Porto 18 de Junho de 1808.

No que lhe correspondia da parte do Sul se via esta :

Lisboa 15 de Setembro de 1808.

Lembrança bem analoga, e feliz ; mas que o seria muito mais ainda, se estes obelicos, assim como erão de sedas, fossem construidos de mar-

(5) Em attenção ao merecimento deste habil professor, e ao sublime conceito que delle faz o Publico, o promoveu a Illm.ª Junta da Companhia do Alto-Douro a Lente substituto da mesma Aula de Desenho, cujo emprego actualmente occupa com tanto applauso como utilidade dos seus alumnos.

more, e collocados nas praças mais amplas de Lisboa, e Porto, para perpetuarem as gloriosas epochas, em que estas duas Capitaes se restauraram. (6)

Vião-se finalmente por todo o corpo da Igreja, e Capella mór muitos e preciosos lustres de crystal de 6, 8, e 10 velas cada um, que pelo brilhante da materia, pelo exquisito do feitio, e pela symetria, com que estavão dis-

(6) Sem fallar na celeberrima pyramide, uma das sete antigas maravilhas, que para deposito das cinzas de Mausolo fez erigir em Alicarnaso sua esposa Artemiza; nem nas que se observão no Egypto, de que a maior tem, segundo Comeirás, 600 pés de cada face, e 480 de altura perpendicular; ainda hoje vemos em Roma as prodigiosas columnas de Trajano, e de Antonino de 140 pés d'altura, e ambas construidas de marmore, para perpetuarem a memoria d'aquelles grandes Imperadores; outra em Londres de 200 pés de elevação para monumento do incendio, que soffreu aquella capital no anno de 1666; outra em Alexandria de 114 pés d'altura em honra do Grande Pompeo; a famosa Estatua de S. Carlos Borromeu em Arona de 100 pés de alto com o seu pedestal; etc.

Inflamados com estes exemplos alguns Portuenses, mais conspicuos, entre os quaes sobresahem por suas luzes, e serviços patrioticos os ex-Vereadores Bernardo de Mello Vieira da Silva e Menezes, Fidalgo da Casa Real, e Cavalleiro das Ordens de Christo e da Torre Espada, e Thomaz da Silva Ferraz, tambem Fidalgo da Casa Real, e Commendador na Ordem de Christo, resolveram unanimemente, para eterna memoria da Restauração do Porto erigir nelle um soberbo obelisco, que se chegasse a obter a approvação do Governo, e a executar-se conforme a planta, seria um Monumento o mais expressivo, tanto do heroismo do seu Rertaurador, como da gratidão dos seus naturaes.

postos, contribuião notavelmente para a belleza desta armação. e lhe prestavão um realce, uma graça inexprimiveis.

Deveu-se este engenhoso e soberbo artefacto ao delicado gosto e curiosidade de José Ferreira Borges, natural do Porto, e director, que tambem foi das estupendas armações, que pelo mesmo fausto motivo mandaram fazer o Exm.º Prelado, o Illm.º Senado da Camara, e a Illm.ª Junta da Companhia do Alto-Douro.

Ao apparato d'armação, correspondeu o do concurso, que sem duvida foi um dos mais numerosos, e brilhantes. Nelle se incluião Ecclesiasticos caracterisados, Religiosos de todas as Ordens, respeitaveis Magistrados, Fidalgos da Casa Real, Commendadores, e Cavalleiros das Ordens Militares, Cidadãos do Porto, ou para dizer melhor da Companhia Civica da mesma Cidade, vestidos com os seus uniformes, e um extraordinario Congresso de povo, tanto de Villa Nova, como das circumvisinhanças, que a fama, e a curiosidade havião attrahido.

A Musica foi estrondosa, e em tudo proporcionada á grandeza da funcção; porquanto além dos professores nacionaes, que no Porto havia de mais nome, forão igualmente convocados os melhores cantores, e instrumentistas Italianos do Real Theatro de S. João da mesma Cidade, sendo preciso accrescentar aos dous coretos da Igreja uma especie de varanda intermedia, que os ligava um ao outro para poderem caber todos commodamente.

Serião 10 horas, ou pouco mais, quando a sobredita Orchestra annunciou o principio d'aquella grande solemnidade, executando com transporte de todos os ouvintes a famosa symphonia intitulada *da Restauração*, composta por Antonio da Silva Leite, Mestre da Capella da Cathedral do Porto, e natural da mesma Cidade, assaz conhecido por seus talentos, e por suas composiçoens n'aquella divina arte. Acabada a symphonia, expoz-se o Santissimo Sacramento sobre um bem illuminado, e magestoso Throno, forrado todo de branco, e guarnecido com galoens de ouro, e se deu principio á Missa solemne, que celebrou com a maior pompa e gravidade o Reverendo Antonio José Pereira de Souza, meretissimo Vigario d'aquella Igreja, acolytado por seus dous coadjutores, todos riquissimamente paramentados.

Além destes assistiram mais ao Altar dous Mestres de ceremonias, vestidos de roquetes, e aos lados da Capella mór seis Sacerdotes paramentados com excellentes capas de seda d'ouro e mais seis Sacerdotes assistentes, outros seis cantores, e dous cereaes, todos com os seus roquetes, além d'outros muitos Ecclesiasticos seculares, e regulares, e pessoas de maior graduação, que na mesma Capella mór se acharam, que tudo infundia ao mesmo tempo um santo terror, e magestade. Toda a musica desta Missa, que he de uma melodia a mais pathetica e sublime, foi producção de Alexandre José Peres, natural da Cidade do Porto, e compositor insigne.

Durante a Missa, tocaram maravilhosamente

excellentes solos os melhores instrumentistas da referida orchestra, como foi o reverendo José d'Oliveira, nascido nos suburbios do Porto, um solo de flauta; outro de oboé José Ferlendis, Musico que foi da capella Real, e Italiano de nação; e outros de rebeca João Liberali, tambem Italiano, e primeiro Violino do Real Theatro de S. João. Igualmente cantaram com o costumado mimo varios sólos, e duetos o sobredito Mestre da Capella Antonio Joaquim da Silva Leite, insigne basso; Antonio Joaquim, natural de Lisboa, e excellente tiple; Roque Jeronymo Montenegro, tambem tiple; e Miguel Schira, e Paulo Bóscoli — este primeiro bufo, e aquelle primeiro tenor do mesmo Real Theatro, e todos tres da nação Italiana.

Finalisada que foi a Missa, tocou com igual prazer, que admiração dos circumstantes um excellente sólo de trompa Ingleza o celebre professor José Ferlendis, já nomeado; depois do qual recitou o Rvm.º Padre M. Fr. Antonio de Jezus Maria Amorim, Monge Benedictino, e natural do Porto, uma admiravel oração gratulatoria, tão exornada de eloquencia, tão revestida de erudição, e tão analoga ao soberano objecto, de que se tractava, que os louvores, que n'outras occasioens derrama a lisonja, erão nesta um digno tributo, e uma justa homenagem, rendida ao merecimento.

Depois que se concluiu o sermão, foi uma grande parte dos assistentes conduzida a uma espaçosa casa, na qual em duas grandes mezas de mais de sessenta talheres deu o sobredito

capitão, auctor da festa (7) um explendido jantar a muitas das pessoas mais conspicuas, que havião concorrido, e principalmente áquellas, que por morarem distantes da dita Igreja, não podião tornar a ella sem grave incommodo. Sem encarecer a profusão, e variedade das iguarias e bebidas exquisitas, que alli se prodigalisaram, nem a satisfação, que inspirava nos convidados aquelle por tantos titulos agradavel espectaculo, direi sómente (e com prazer!) que com a mesma ternura e saudade, que costuma produzir nos amantes filhos a lembrança do caro pai, quando delle vivem privados, assim aquella luzida assembleia, recordando-se a cada momento do seu Augusto e Presado Principe, lhe dirigia affectuosas e frequentes saudes, e a toda a sua Real Familia, a que logo se seguião outras, dirigidas aos Soberanos das duas Naçoens alliadas, e outras finalmente a todos os bons patriotas, e verdadeiros Portuguezes.

Restituidos de novo á Igreja ás 3 horas e meia da tarde, rompeu com igual prazer a grande Orchestra, executando varias peças de musica escolhidas, entre as quaes se fez principalmente applaudir um admiravel sólo do

(7) Ainda que este fiel patriota não passe hoje por auctor da Festa, e só sim como caixa de uma sociedade de anonymos, que á sua custa a celebraram, como depois me advertiram varias pessoas de credito: todavia, como não possa contar com segurança sobre a veracidade destes informes, e seja obrigação do Historiador ser circunspecto, e imparcial, eu não apoiarei como infalliveis estas vozes, apezar da probabilidade, que ha, de serem bem fundadas.

rebeca, executado por João de Paiva, natural de Santo Thyrso de Riba d'Ave. Immediatamente ao dito sólo se procedeu ao segundo sermão, que depois de dizer-se, que fôra recitado pelo Rev. P. Fr. João do Rosario Carvalho, tambem Monge Benedictino, e Orador bem conhecido por sua grande facundia, fica sendo superfluo todo o elogio, que a elle possa tributar-se.

Concluido o sermão, que finalizou ás Ave-Marias, distribuiram-se pelas pessoas assistentes ao Te-Deum mais de 300 tochas, cujas luzes unidas ás do throno, lustres, tocheiras, altares, e ás que allumiavão os dous grandes córos da musica, fazião todas um computo, quasi innumeravel. Logo depois o Rev. Vigario, já mencionado, assistido de todos os sobreditos Sacerdotes, e mais paramentados de capas, outros vestidos de roquetes, e promiscuamente de todas as classes de pessoas, que enchião aquelle grande Templo, entoou o solemne Te-Deum, a que logo correspondeu toda a musica, tanto vocal, como instrumental, que o desempenhou com toda a dexteridade, e primor da sua parte, com assombro e satisfação da parte dos que o gozavão.

Findo o Te-Deum, que tambem era composição do celebre Portuense Alexandre José Pires, lançou o Rev. Vigario a benção com o Divinissimo Sacramento a todo aquelle luzido concurso, que se retirou em fim ás 7 horas da noite, completamente satisfeito e saudoso.

Deste modo pois se terminou uma Solemnidade, que tanto pela grandeza do seu objecto, como pela magnificencia, com que se executou, fará sempre uma saudosa epocha nos fastos d'aquella Villa; e servirá de um honroso padrão á memoria do seu auctor: uma Solemnidade, que exceptuando a que celebrou a Illm.ª Junta da Companhia (8) deverá pôr-se de nivel com as maiores, que pelo mesmo fausto motivo se celebraram: uma solemnidade em fim tão pomposa e brilhante, quanto o objecto della foi heroico, e glorioso; podendo sem hyperbole affirmar-se que será tão difficil

(8) Na grandiosa funcção celebrada no Real Collegio de Nossa Senhora da Graça pelo Provedor e Deputados da Illm.ª Junta da Companhia Geral do Alto-Douro, importou somente a armação da Igreja na quantia de 1:700$000 rs. metalicos, que pelo cambio então corrente equivalia a 2:000$000 rs. na forma e a esta proporção foi a Musica, a illuminação etc.

Devo porem confessar em quanto a esta ultima, que não foi comparavel á que pelo mesmo fausto motivo expoz na Caza da Camara o Illm.º Senado nas tres memoraveis noites de 11, 12, e 13 de Outubro de 1808, a qual se compunha de mais de vinte mil lumes, collocados em vidros de cores differentes, e distribuidos symetricamente por uma galeria tão vasta, tão magestosa, tão guarnecida de porticos, de varandas, de estatuas, de pyramides, de pinturas allegoricas, de producçoens poeticas, etc. que todo este vistoso artefacto montou a uma grande somma de mil cruzados. Quem melhor quizer instruir-se nos detalhes d'esta illuminação (a mais soberba certamente que já mais o Porto vira) leia o supplemento ao n.º 16 do Leal Portuguez do dito anno, aonde seu auctor a descreve com a clareza e elegancia, que lhe são proprias.

*

de ser excedida, como o jubilo, que nos resultou da nossa feliz Restauração.

Todavia, se podesse haver ainda outro jubilo, que devesse rivalizal-o, e talvez excedel-o, seria apparecer um dia nas praias Portuenses o nosso Inclyto e Amado Principe, para consolar, qual terno pai, a seus saudozos e caros filhos (9) e pizar com suas Reaes plantas uma terra, em que primeiro fôra legalmente acclamado, como obsequio devido aos serviços de um povo, que lhe salvou a Corôa, restabeleceu o Sceptro, e regenerou a Monarchia. (10)

(9) He tão proprio dos Portuguezes reputarem como pais a seus Principes, que até alguns Soberanos estrangeiros o tem confessado apezar seu. Huma foi a Rainha Catholica D. Izabel, á qual aconselhando alguns dos seus, que fizesse guerra aos Portuguezes, respondeu "*que haremos si essos son hijos de sus Reyes, y los mios vassalos?*" E D. João 1.º de Castella, aos que se admiravão de que 36:000 Castelhanos succumbissem em Aljubarrota a 10;000 Portuguezes, replicava "*Como es possivel, que sea vencido um padre de dez mil hijos?*" Macedo Flores d'Hespanha cap. 13 f. 150; e muitos outros.

(10) Assim o affirma, alem da voz geral o A. das Reflexoens contra o Correio Brazilience no n.º 2 pag. 51. e no n.º 3 pag. 86; assim o assevera José Accurcio das Neves na sua excellente Historia da invasão dos Francezes — T. 3.º pag. 187; assim o confessaram os Governadores do Reino na carta, que dirigiram ao nosso Exm.º Prelado (hoje Patriarcha Eleito, e um dos mesmos Governadores) no dia 20 de Setembro de 1808; e assim o reconheceu finalmente o nosso mesmo Soberano na que enviou do Rio de Janeiro ao Juiz do Povo da Cidade do Porto em 3 de Janeiro de 1808; e principalmente nas que dirigiu

Vêr-se-hia então, o que já mais se havia notado neste Paiz: as tres Provincias Septemtrionaes todas convulsas, e n'uma agitação geral; despovoarem-se de habitantes as cidades, o villas; os rusticos abandonarem os seus cam-

no Clero, e Camara da mesma Cidade com data de 13 de Maio de 1813; de todas as quaes por serem um monumento o mais irrefragavel da conducta heroica dos Portuenses nas mais gloriosas epochas da Monarchia, appresentarei a qui as suas copias.

1.ª *para o Clero:*

Illm.° e Revm.° Snr. em Christo Padre Patriarcha Eleito de Lisboa, do meu Conselho. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar como áquelle que muito prezo e amo. Propondo-me honrar os meus fieis vassallos, que mais se distinguiram na memoravel Restauração dos meos Reinos, não podia deixar de lembrar me do generoso esforço, com que o Clero secular, e Regular da Diocese do Porto destruiu as maquinaçoens urdidas pelo governo Francez, para usurpar a minha soberania, e com heroico e louvavel exemplo se reuniu ao Povo, para restaurar o Throno de uma monarchia, que por tantos seculos se tem conservado com gloria: e tendo elle dado em tão gloriosa e nobre empreza as mais assignaladas provas de lealdade, e pura fidelidade, resolvi-me a mandar esta carta, que fareis ler no Cabido d'aquella Cathedral, e a mandareis registrar nos livros da Camara Ecclesiastica, para ser em todo o tempo um publico testemunho da consideração, que me merece o Clero d'aquella Diocezе, e da justiça, que faço aos seus leaes e honrados sentimentos. O que me pareceu participar-vos, para que assim o tenhaes entendido, e façaes executar. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1813.

Principe

pos; os pastores os seus apriscos; e todos finalmente os seus lares, para virem ao Porto vêr um soberano, que faz como Tito, as delicias dos seus Povos, e a cuja resolução heroica deveu a propria salvação, e a de sua

Para o Illm.º e Revm.º em Christo Padre Patriarcha Eleito de Lisboa.

2.ª *para a Camara*;

Juiz Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade do Porto. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Propondo-me honrar os meus fieis vassallos, que mais se distinguiram na memoravel Restauração dos meus Reinos, não podia deixar de lembrar-me do generoso esforço, com que os habitantes d'essa Cidade em tão perigosas e criticas circumstancias, dando o mais heroico e louvavel exemplo de valor e lealdade se levantaram todos reunidos em um só corpo, para reivindicar os sagrados e inalienaveis direitos da minha soberania, e restaurar uma Monarchia, que por tantos seculos se tem conservado com gloria: e merecendo tão nobre e illustre empreza ser assignalada com um publico testemunho, que recorde na posteridade a honra, valor, e fidelidade, com que esse Povo imitou aos seus Maiores nas mais gloriosas epochas da Monarchia: Sou servido ordenar, que ás Armas d'essa Cidade se accrescente sobre cada uma das duas Torres um Braço armado, sustentando uma Bandeira das Armas Reaes, e outro uma Espada enramada de louro: O que me pareceu participar-vos, para que assim o tenhaes entendido, e façaes executar. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1813.

Principe

Para o Juiz de Fóra, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade do Porto.

Augusta Familia; um soberano, o primeiro, que zombou de Bonaparte, e de seus cavilosos planos, desenganando assim ao Mundo, de que era um Pseudo-Omnipotente; um Soberano, o primeiro entre os da sua jerarchia, que

3.ª *para o Juiz do Povo;*

(Desta carta Regia por ser mais extensa, transcreverei somente o exordio, e o fim).

Muito honrado Juiz do Povo da minha Cidade do Porto: Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Foi-me presente a que me escrevestes; e os sentimentos do Povo, que exprimistes, me forão sobre maneira agradaveis; tanto mais que acabavão de constar na minha real presença todos os gloriosos esforços, por cujo meio elle havia sacudido o jugo tyranico dos Francezes, e havia proclamado aquella paternal soberania que por sete seculos fez a felicidade da Nação.... Com muita satisfação minha vi a vossa petição, para que vá residir entre vós, como prova do vosso affecto; e se a mesma não póde ser attendida em toda a sua extensão, ao menos espero com o favor do Céo, que poderei ir vêr-vos, e dar-vos provas do muito affecto, que tenho á um tão leal Povo. Assim o tenhaes entendido, e façaes conhecer a todo o meu bom Povo. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Janeiro de 1809.

Principe

Para o muito Honrado Juiz do Povo da Minha Cidade do Porto.

Os mesmos testemunhos de amor, e gratidão. que elle deu ao Clero, e Povo do Porto, havia já conferido á Camara da mesma Cidade no anno de 1804, quando em attenção á nobreza dos seus individuos, e aos relevantes serviços da mesma Camara, determinou,

corajosamente passou, e repassou o equinocial, e ambos os Tropicos; um Soberano, que depois de 13 immediatos Predecessores seos, era tambem o primeiro, que vizitava a dita Cidade, desde o anno de 1502, em que nella entrára o Senhor Rei D. Manoel; (11) Soberano finalmente, cujo nome fará a mais gloriosa epocha nos annaes do Orbe, e se constituirá recommendavel até á mais remota posteridade.

Ah! Queira o Céo piedoso, que depois de uma noite tão longa, e tormentosa, nos amanheça este dia ameno, e risonho, dia suspirado por toda a Nação, e sobretudo pelos

que ella tivesse o tractamento de Senhoria, como se vê do regio alvará de 13 de Maio do dito anno, que por não ser vulgar, traslado aqui: "Eu o Principe Regente faço saber aos que este alvará virem, que attendendo á representação, e consideração da Camara da Cidade do Porto, a segunda do Reino, e as circumstancias das pessoas, que n'ella costumão servir; e querendo dar-lhes um testemunho manifesto, e perpetuo da singular estimação, que d'ella faço, e do quanto são por mim acceitos os seus serviços, e demonstraçoens de lealdade, e amor á minha real pessoa, e á causa publica, como louvavelmente tem practicado, e confio continua a practicar: Hei por bem por estes respeitos, e para honrar a mesma Camara, fazer-lhe Graça e Mercê do Titulo de "Illustrissima" e do tractamento de "Senhoria" etc" Que expressoens tão gratis, e tão obrigatorias!

(11) Achando-se o Senhor Rei D. Manoel na Cidade do Porto por occasião da romagem, que fizera a pé a S. Thiago no anno de 1502, mandou n'ella construir a Arca de prata, em que se guardão as Reliquias de S. Pantaleão Padroeiro da mesma Cidade em observancia do testamento, com que falle-

nobres e leaes Portuenses! Elles o esperão com a maior impaciencia, não só para gozarem de uma scena tão grata, e tão tocante, mas porque já a esse tempo (está mui proxima essa epocha) haverá succedido a Napoleão, o que aconteceu no seculo 13.º a outro tyrano, como elle, tambem Napoleão como elle, e até antecessor delle no dominio de Milão, o qual com muitos dos seus parentes foi morto por Othão, Arcebispo da mesma cidade, e chefe da facção dos Viscontis. (12)

ADDITAMENTO.

Já vimos, que Villa Nova de Gaya se compõe de duas freguezias, cujas Matrizes são:

cêra seu Primo antecessor o Senhor D. João 2.º, o qual assim o havia disposto a instancias de sua Irmaa Santa Joanna. Cat. dos Bispos do Porto. — P. 2.ª cap. 32; e Flos Sanctorum reform. de Fr. Diogo do Rosario — na vida do mesmo Santo Martyr.

(12) Deste outro Napoleão, muito menos conhecido, que o actual, mas incomparavelmente mais illustre de linhagem por ser da nobilissima familia dos Torrianos de Milão, nos dá conta Mexia, Auctor coetaneo dos Imperadores Maximiliano, e Carlos 5.º na sua Silva de varia lição pagina 5.ª e cap. 2.º, e Pinkerton em sua Geographia, no articulo de Milão, como Ducado.

Não he este ainda o unico Napoleão, de que a Historia nos fornece noticia; pois na vida de S. Domingos se lê: que de tres mortos, que o Santo resuscitára, fôra um chamado Napoleão, o qual era sobrinho do Cardeal Estefanio de Fossa Nova, e havia morrido de uma quéda, que dera, correndo a cavallo — Veja-se entre outros o P. Rebadeneira, o qual no seu Flos Sanctorum T. 2.º pag. 345 refere com a maior individuação este portentoso milagre.

a de Santa Marinha; e a de S. Christovão de Mafamude. Esta, que he situada em parte semi-rural, era até 1833 apresentada pelo Papa 8 mezes do anno, e 4 pelos Conegos Regrantes de St.º Agostinho do Mosteiro da Serra do Pilar. Vagando no tempo destes, costumava ser provido nelle algum Padre da Ordem, o qual não obstante isso tinha o direito do regresso ao convento, querendo deixar o beneficio. — He de bôa fabrica, e bem situada; e tem sido desde aquelle anno muito melhorada interiormente com bons altares á moderna, e outras obras muito uteis, e de grande valor, promovidas, e pagas pelo povo da freguezia, ou para melhor dizer por alguns do povo, e entre estes tem o primeiro logar Diogo José de Macedo — Tem adro fechado; mas, sendo este insufficiente para o enterramento, fizerão ha pouco tempo junto a elle um bom cemiterio. — He parochiada actualmente pelo Reverendissimo Antonio da Silva — Abbade collado em 16 de Julho de 1845 — Tem o titulo d'Abbadia com um bom passal, e residencia; porém o Parocho habita fóra della no logar de St.º Ovidio em casas proprias pelo estado de ruina, em que aquella se acha — he muito mais antiga que a Igreja.

A outra, que he a Igreja de St.ª Marinha, he situada no centro do antigo Concelho de Villa Nova, o qual já descrevi — em sitio baixo, e perto do rio, que por isso mesmo algumas vezes a tem invadido nas grandes enchentes; como acaba d'accontecer nesta ultima de 1860.

Era apresentada pelo Cabido da Sé do Porto; e o Parocho della teve sempre o titulo de *Vigario*; porém o actual, que he o Reverendissimo José Alves Pereira da Fonceca —Abbade collado em 25 de Junho de 1853, o mudou para o de *Abbade*; em razão de vir transferido d'outra freguezia, onde tinha este mesmo titulo. — Até 1760 teve residencia, e passal, que era a quinta do Choupêlo; mas nesse tempo foi emprazado por José d'Azevedo, desta Villa ao mesmo Cabido, para edificar nelle as propriedades, que são hoje dos herdeiros de Pedro Leite de Mello com obrigação do pagamento de um fôro ao Parocho da freguezia. — A fundação desta Igreja data da fundação da mesma Villa; mas tem sido reformada por varias vezes, e a ultima foi no anno de 1841, como consta de uma inscripção, que se lê á entrada da porta principal na parte inferior do coreto; e diz assim:

« Sendo reedificada esta Igreja pelos cuidados da Meza da Confraria do Santissimo Sacramento, foi Administrador das obras o seu Juiz Manoel Pereira Guimaraens e Silva, sendo coadjuvado na despeza pelo cofre da Confraria, pelos Mordomos seus companheiros, e por varios comparochianos, celebrando-se depois da sua conclusão a 1.ª Festividade solemne em acção de Graças aos 26 de Dezembro de 1841. »

Esta Igreja tem a Confraria do Santissimo

Sacramento, na qual se inscrevem como Irmãos as pessoas mais qualificadas da freguezia, e quando lhes toca, servem com muita devoção os cargos de Juiz, Escrivão, Thezoureiro, e Mordomos, cujos gastos são bastante avultados, se fazem todas as Funcçoens. — Esta Confraria era antigamente bem dotada; e os seus rendimentos consistião em Foros, que recebe annualmente no valor de 90$000 rs; no Direito da Canadage, que andava arrendado por 3 a 4 mil cruzados, e uma pipa d'Azeite por tempo de 2 annos; e nos Juros do capital de 4:000$000 rs. na lei, que lhe forão deixados em 1824 pelo bemfeitor Joaquim Gonçalves da Costa, que foi Negociante nesta Villa. Porém desde que o commercio do Azeite passou desta Villa para a Cidade do Porto, isto he desde 1833, estes rendimentos diminuiram grandemente; porque aquelle Direito foi-se reduzindo a ponto de estar hoje arrendado por 200$000 rs. e huma pipa d'azeite pelo mesmo tempo de 2 annos; e em quanto aos Juros d'aquelle capital, são só provenientes da parte metalica depois da extincção do papel moeda — Aquelle Direito da Canadage começou em tempo immemorial como uma devoção, mas depois se constituiu em preceito, auctorizado pela Provizão seguinte:

« D Maria por graça de Deos Rainha de Portugal e dos Algarves d'aquem, e d'além mar em Africa Senhora de Guine etc. Faço saber aos que esta minha Provizão de con-

firmação virem, que a Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya em frente da Cidade do Porto me representou, que o devoto e piedoso Jacome Pires deixára no anno de 1579 para as despezas do sagrado culto do Senhor o direito exclusivo, que tinha de alugar um Taxo de cobre, que era, e tinha sido depois afferido annualmente pelo Padrão da Camara da mesma Cidade do Porto, para se medir todo o azeite, que viesse de fóra, dando um quartilho por cada carga, uma canada por cada pipa, de que tinha na falta de titulo que se perdêra na innundação certificada nos documentos, que offerecia, e os titulos de innunciativa, que se provavão de certidoens, uma posse immemorial, inconcussa pela lei do Reino, era titulo valido, e superabundante. E porque o Povo, e particularmente os Commerciantes erão muito contentes da dita medida certa, e permanente, e ser piissima, e necessaria a applicação deste direito ao sagrado culto do Senhor, que era de utilidade publica, reconhecida na legislatura da amortização dos Corpos de mão morta, entre os quaes forão dispensadas as Corporaçoens do Senhor. Pelo que me pedia, lhe fizesse mercê mandar passar Provizão de confirmação da immemoriavel posse, em que se achava do referido direito, e impondo-se pena aos transgressores. E visto seu requerimento, e informação, que se houve do Corregedor da Comarca do Porto, ouvindo os Fiscaes da Camara da mesma Cidade, e a ex-

posição das Justiças, Nobreza, e Povo dos dois Concelhos de Gaya, e resposta do Procurador da minha Real Corôa, e se mostrar serem as medidas da Confraria as mais exactas — ao que tendo consideração, e ao mais que me foi presente em consulta da Meza do Dezembargo do Paço, e ser muito digno da minha real grandeza, e piedade o objecto da supplica : Hei por bem fazer-lhe mercê á Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya de lhe confirmar, como por esta confirmo, e hei por confirmado o privilegio exclusivo, e posse immemorial, em que se acha de possuir, e administrar o Legado, que lhe deixou Jacome Pires, de alugar um Taxo para se medir todo o azeite, que viesse de fóra, percebendo de aluguer da medida um quartilho por cada carga, e uma canada por cada pipa, sem embargo de qualquer lei, ou ordenação em contrario. E será a Irmandade supplicante obrigada a ter as medidas necessarias afferidas, que ficarão sugeitas ás correiçoens dos Almotacés. E para que se não practiquem transgressoens a este privilegio, ficará a cargo dos mesmos Almotacés dos referidos Concelhos, examinarem nas correiçoens, se se mede o azeite por outras medidas, impondo a pena aos transgressores, que se costuma impôr aos que medem por medidas sem o competente aferimento, dando appellação e recurso para a Audiencia de Revistas do Juizo da Provedoria da mesma Comarca, ficando tambem debaixo da inspecção della velar, que

as ditas medidas se conservem exactas, e que hajão as sufficientes para a expedição da medição; e o decidir quaesquer disputas, que a este respeito se originarem. E mando, que esta Provizão se cumpra, e guarde muito inteiramente, como nella se contém, e declara; e que seu effeito haja de durar mais de um e muitos annos sem embargo da Ordenação em contrario; e se registará nos livros da Camara, e nos da Provedoria da Comarca, para a todo o tempo constar, que eu assim o houve por bem. Do que pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregaram ao Thezoureiro delles a f. 179 do L.º da sua receita; e se registou o conhecimento em forma no L.º 39 do registo geral a f. 113.

A Rainha nossa senhora o mandou por seu especial mandado pelos Ministros abaixo assignados, do seu concelho, e seus Dezembargadores do Paço. André Antonio d'Almeida a fez em Lisboa aos 27 de Maio de 1783. Desta quatro centos e oitenta reis, d'assignar oito centos reis.

José Frederico Ludovino a fez escrever; seguem-se os sêllos, registos, e assignaturas. »

Já se vê deste documento tanto a origem, como a auctorisação, que teve o Direito da Canadage do azeite, que a Confraria do Santissimo Sacramento da freguezia da Santa Marinha desta Villa possue ha muitos annos, e o qual apezar de ser da especie dos *banaes* foi sempre respeitado, e garantido por todos

os Governos, como he justo, attenta a santidade da sua applicação, e que tão util, e necessario se torna para a manutenção do Sagrado Lausperenne, que se expõe nesta Igreja em todos os Domingos do anno, instituido pela mesma Confraria no dia 18 d'Abril de 1790.

Tem mais a Irmandade das Almas, na qual se inscrevião antigamente como Irmãos todas as familias da freguezia, e ainda mesmo as pessoas mais graduadas da Villa, que se prestavão de bom grado ao zêlo piedoso, com que esta Irmandade dá sepultura a todos os necessitados, que fallecem dentro dos limites da freguezia, ou affogados, que apparecem nesta margem do rio: e he para sentir, que a primeira classe não tenha actualmente tanta devoção com esta Irmandade, sendo tão louvavel e tão religioso o fim da sua instituição. He Juiz nato desta Irmandade o Parocho da freguezia.

Eu disse a folhas 156, fallando dos Estabelecimentos de caridade, que nesta Villa não havia nenhum para o tractamento de doentes, e só um para o enterramento de pobres, ou affogados; e que este era a referida Irmandade das Almas. Porem a tal respeito devo fazer menção das Sociedades de beneficencia, e soccorros mutuos, que tambem ha nesta Villa, e que no caso de doença prestão aos seus socios os soccorros, que prescrevem os seus estatutos. Actualmente ha duas — uma, que se denomina *Sociedade Laboriosa*, he prezidida pelo Illm.° Manoel Francisco Rodrigues; e da outra, cha-

mada *de Beneficencia* he Presidente o Illm.° Francisco Ferreira da Silva Fragateiro. Praza aos Céos, que prosperem para gloria, e utilidade dos habitantes desta Villa.

E tem finalmente a Devoção do Senhor Jezus, que he uma reunião de Mordomos, que servem por um anno, e he presidida por um chefe, que tem o titulo de « Caixa » ; e são estes os que satisfazem todos os gastos das suas funcçoens, que são avultados, porque não tem nenhum rendimento certo. Não obstante isso nunca faltou, quem acceitasse este religioso encargo ; porque o culto desta Sagrada Imagem foi em todo o tempo o objecto mais querido, e que mereceu a maior predilecção e amor do Povo desta Villa em reconhecimento dos inapreciaveis beneficios, e altas mercês, com que tão visivelmente tem sido favorecido pela Misericordia Divina em muitas occasioens de calamidades publicas, recorrendo a ella pela mediação desta Milagrosa Imagem ; como aconteceu no anno de 1420, em que teve principio a magestosa Procissão do dia 3 de Maio, estatuida por um voto solemne de nossos Maiores, que se vião flagellados por uma terrivel peste, que assolava então esta Villa, e da qual forão salvos por aquelle meio. E se mostrou tambem, alem doutras occasioens, no dia 1.° de Novembro de 1755, em que a mesma Villa foi milagrosamente preservada dos desastrosos effeitos do grande e memoravel terremoto, que destruio a maior parte do Reino ; e os seos habitantes alcançaram este assignalado beneficio, prostrando-se cheios de

reconhecimento e humildade na augusta presença daquella Soberana Imagem do Senhor Jezus, que lhes valeu no meio de tão espantosa catastrophe! Daqui vem a Festividade, que se costuma fazer nesta Igreja no dia 1.º de Novembro, consagrada ao mesmo Senhor em memoria, e como um testemunho eterno d'amor e gratidão por uma tão extraordinaria mercê.

Da magestosa pompa, com que os nossos antepassados costumavão solemnizar estes dias tão memoraveis nos annaes desta Villa, lhes veio o epitheto de — magnificos em suas funcçoens; e se mostra tambem nos termos mais expressivos a extensão do seu reconhecimento pelos beneficios alcançados por meio desta Preciosa Imagem. Mas, com que magoa o digo! este fervor tem diminuido. Aquella solemne Procissão — uma divida sagrada contrahida por nossos Pays, deixou de ser um facto presente, e passou ao dominio da Historia. Até 1832 era quasi regular; porem depois das turbulencias da guerra a primeira que se fez, foi no dia 6 de Maio de 1849. — Os Villa-Novenses tiverão então o ineffavel prazer de tornar a vêr no seu carro de triunfo a Imagem do Divino Salvador, que tantas vezes os tem defendido da voracidade da tormenta. Foi uma festa grande, e magestosa — os mesmos Papeis publicos a celebraram pela festa mais estrondosa, e mais concorrida, que se tem visto nos nossos dias! De certo nunca veio a esta Villa tanto povo; mas não era só o povo, eram os caracteres principaes do povo — o Bispo, o Governador Civil, as Auctoridades, os Estrangeiros,

emfim toda a Grandeza da Cidade, e circumvizinhanças. Foi um dia grande, e o mais solemne nesta Villa.

A segunda, e ultima, que se tem feito até hoje, foi no dia 5 de Maio de 1850. Esta foi porem a mais infeliz de que ha memoria. Alguem da Meza, ou dos Festeiros teve a lembrança de addicionar um andor, que precedesse o do Senhor Jezus, e representasse a Santa Helena — a inventora da Cruz nas ruinas de Jeruzalem; porém esta ideia foi mal recebida do Céo (assim se póde suppôr) porque apenas a Procissão tinha acabado de sahir da Igreja das Religiosas de Corpus Christi, descarregou sobre ella uma torrente de chuva tão desabrida, que desordenou completamente toda a ordem processional: cada um tomou depois, como pôde, o caminho da Igreja; e foi grande o prejuizo recebido na deterioração das alfaias.

Da pompa, com que se celebrava naquelles tempos esta grande Festa, á inferioridade presente vai uma differença immensa, e tão grande, como o mesmo espaço, que medeia entre ambas as epochas. Huma descripção exacta, que corrobore a ideia vaga da sua preterita grandeza, deve merecer a approvação de todos aquelles, que amão do coração o culto desta Sagrada Imagem. Para satisfazer este desejo, vou transcrever a descripção das Festas, que se fizerão em Villa Nova de Gaya no dia 3 de Maio de 1739, cuja relação nos legou o Illm.° D. João Theotonio d'Almeida da Familia do Conde das Galvêas, que se explica nos termos seguintes:

*

«Foi esta Milagrosa Imagem collocada na Igreja Matriz desta Villa no anno 1420, que esta mesma Villa se achava opprimida com o horroroso castigo da peste, em que tudo erão estragos nas vidas, sem que nenhuma escapasse deste contagioso mal, nem serem do mesmo Senhor acceitas as suas deprecadas supplicas. Revelou o mesmo Deos, que os castigava, a uma serva sua, Religiosa no Convento de Jezus da Ordem Dominicana, situado nesta mesma Villa = que levando este Senhor em procissão pelas ruas, logo cessaria a sua justiça, e se applacaria este contagio = Determinado o Povo a valer-se dos auxilios de Deos revelados á sua serva, dispozeram uma notavel Procissão de penitencia, para o que todos se disposeram, e offerecendo ao Altissimo Senhor em sacrificio os coraçoens contrictos e arrependidos das culpas commettidas: no mesmo instante que o Senhor sahio em procissão, se aclararam os Ceos dos malignos vapores, com que opprimião aos viventes, reduzindo-os a cadaveres, e todos os que se achavão feridos desta pestilencia, no mesmo instante se viram sanos da infermidade, que os tinha deplorados: e o que até aquelle tempo forão deprecaçoens de penitencia, ao recolher da procissão, forão acçoens de graças: e gratificados a tanta mizericordia fizerão solemne voto de sempre em dia da Cruz de Maio celebrarem, e offerecerem festivos applausos a esta Sagrada Imagem, que conservão com a maior decencia, e culto; todas as sextas feiras do anno este Senhor se mostra tão accompanhado de luzes, que

bem se póde dizer está o Céo na terra; canta-se-lhe Missa de muitos instrumentos muzicos accompanhada com sermão, em que os Oradores explicão as grandezas daquella Magestade, e os prodigios das suas Mizericordias.

Pelas 3 horas da tarde no Domingo 27 de Abril se dispôz o levantarem o mastro, primeiro signal do seu triunfo; era este de grande altura, e bem pintado. Principiou a funcção por dous Ayduques; compunhão-se estes, vestidos d'armas brancas, capacetes na cabeça com plumas, e na mão com as insignias da sua occupação: a estes se seguia a Serpe, e sendo este bicho horroroso, até na imaginação, não vinha desagradavel aos olhos. Seguia-se S. Jorge com uma lança na mão, triunfando deste espantoso monstro: na sua escolta vinhão seis figuras de pé, vestidas á mourisca com bem ornados turbantes: a ellas se seguião o Alferes, e Pagem do Santo, montados em formosos cavallos, bem ataviados, e ellas custosamente vestidos, trazendo o Alferes na mão a bandeira, que depois se havia de pôr no mastro, sendo as suas armas uma cruz, e as cinco Chagas: a estes se seguia uma dança mourisca, bem vestida. Logo vinha um terno de Trombetas, vestidos de encarnado apassamanados de prata; quatro Charamelleiros á cortezãa com cocares de plumas brancas, montados em quatro cavallos; quatro Timballeiros, e varias gaitas de folle; e no fim seis gigantes de estremada grandeza, bem vestidos, fazendo suas galantarias agradaveis ao povo. Correram a praça; e depois forão ao sitio, onde estava o mastro,

que se levantou ao som de clarins, e timballes, e uma grande descarga de artilharia, e bombas. No dia de 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, e 6.ª sempre de noite houve luminarias, e descarga de artilharia.

No sabbado á noite, quando o Céo se amortalha em nuvens, a luz se sepulta em trevas, e a noite se derrama em sombras, appareceu este rio Douro, coberto de embarcaçoens, todas luminosamente enriquecidas de custosas luminarias, a que fazia correspondencia á Cidade, e toda esta Villa; porque as suas janellas se vião tambem de artificiosas luzes adornadas, que a vigilancia dos Mordomos da Festa prevenio, dando a cada um dos moradores para cada janella duas duzias de vellas.

Logo appareceram seis barcas de artificios de fogo com soberbas arvores do mesmo, que de si lançavão tão galantes fructos de fogo de diversas castas, que ainda que as não gostava o 3.º sentido, erão de grande recreação ao 1.º Dispozeram estas uma naval batalha com tão repetidos incendios, estrondos, e galantarias daquella arte, despedindo de si tanto chuveiro de lagrimas, e exhalaçoens de estrellas, que depois de 3 horas de combate sentiram, os que a presenciavam, com saudade a auzencia daquellas lagrimas, e a brevidade daquella contenda, e foi a primeira vez que vi desejar lagrimas, e apetecer disputas: todo este districto de uma e outra parte do rio se via coberto de barris de fogo com ardentes luminarias, e tudo o que em realidade erão sombras, na representação erão luzes.

Seguio-se-lhe uma grandiosa, e bem or-

nada encamizada de vinte figuras de cavallo, que a acompanhavão — trombetas, timbales, e mais instrumentos bellicos. Hião estas tão custosamente vestidas, tão magnificamente ornadas, que tudo o que se via, era ouro e prata, e tão luzida, que parece, a cada uma tinha prestado o Sol os seos raios para o brilhante: os cavallos com custosas clinas, e todos os mais jaezes á mesma proporção enriquecidos. Levavão todos tochas acezas na mão, e os accompanhavão oitenta criados de pé com archotes de cêra, vestidos cada quatro com differente ornato, que correspondia á ideia de seos amos que cada um á porfia intentavão levar na sua libré a primazia. O Capitão, e Alferes levavão espadas nuas nas mãos; se podéra caber no possivel o seu ornato, excedia muito aos demais; elevadissimos cocazes de plumas, que cada um levava no chapeo, que agaloado de custosa bordadura d'ouro, e prezillas de diamantes, que lançavão de si tão brilhantes luzes, que podião desluzir as do mais fino carbunculo.

O Alferes, que era o sempre discreto, politico, e douto o Dr. Manoel Gonçalves da Cunha, desta Villa, com toda a mais comitiva fez frente á janella, donde eu estava, e deu principio a uma oratoria, que me dedicou, tão cheia de elevados discursos, tão discreta, tão douta e tão plausivel, não so como obra do seu elevado engenho, mas como parte do seu grande talento, em que se via uma torrente admiravel de conceitos, que suspendião. He este heroe dignissimo do titulo mais elevado da poezia, por ser grande o numero

de versos liricos, que tem escripto, donde se vê uma torrente de doçura e suavidade — *Scribit enim, et quidem utraque lingua lirica doctissima; mira illis dulcedo, mira suavitas:* a que eu respondi, agradecendo com o costume da Côrte em semelhantes funcçoens, a que se seguiram os vivas, e acclamaçoens do povo, que era sem numero o que se via por estas praias, e janellas. Pelas 11 horas da noite se deu fim a este festejo maritimo, e terrestre com uma grande descarga de artilharia e bombas.

Recolhidos assim para dar principio a culto mais sagrado, na manhã do Domingo 3 de Maio se preparou a Festa da Igreja; estava esta custosamente armada, e querer descrever-lhe a sua magnificencia, mais seria vituperio, que louvor, por não caber na expressão tanta grandeza. Entrou-se á Missa, que exposto o Senhor no lado, donde sahiram os Sacramentos por aquella porta, que o odio mais deshumano abrio á violencia de uma lança, se desentranha a mizericordia do mesmo logar, em que podéra tomar a peitos a justiça; e vingando-se de nós, ou em deixarnos mais ingratos com os excessos dos beneficios, ou em vêr-nos convencidos com a multidão dos favores. Foi cantada pelo Rev. Vigario desta Villa D. Manoel Caetano de Mello com quatro coros de muzica, tão bem ajustados nas vozes, e instrumentos, que não havia mais que ouvir, e sim muito que admirar. As ceremonias todas ao rigor do Ceremonial Romano, com quatro assistentes com capas de asperges, e todo o ornato riquissimo. Foi orador deste dia o Rev.

D. Manoel da Espectação, da Sagrada Congregação dos Conegos Regrantes de St.º Agostinho, que discorreu com tanto acerto, novidade, e sciencia em o elevado dos pensamentos, em o ajustado das provas, e delicadeza dos conceitos, que parecia tinha resuscitado o Padre Vieira, ou nelle estava um verdadeiro original do seu retrato; e o titulo do *non plus ultra* está nelle todo propriedades.

Acabadas as ceremonias deste culto a Deos dedicado, se recolheram os Festeiros, e o primeiro Mordomo desta Irmandade o Capitão Miguel José de Moura, assistente nesta Villa, pessoa de conhecida nobreza, e pelas acçoens digno dos maiores applausos, para se eternizarem nas azas da fama, deu neste dia um magnifico banquete com tanta variedade de cobertas de varios guizados, e dôces, que ainda que os assistentes, que erão sem numero, se multiplicassem, nunca as mezas se verião dissipadas.

Elle foi o auctor deste festivo culto, e ainda que são muitos mais os Mordomos, que chegão ao numero de 15, e concorrem cada um com vinte moedas, fóra as esmolas dos de fóra, que não são menos de 5, elle excedeu tanto na sua despeza, que mais gasto fez só, que todos juntos.

Pelas 3 horas da tarde se deu principio á Procissão; e primeiro que relate o magnifico della, quero expressar o ornato das suas ruas.

Estavão as por onde havia de passar a Procissão, todas bem ornadas de ricas colchas, e admiraveis cortinados; as janellas tão povoadas das lindezas das Senhoras desta terra, e das

muitas, que da Cidade correram, que seria offender-lhes as formozuras, querer decifrar-lhes as bellezas.

Estava formado em um largo da Villa um jardim, cujo jardim era uma abreviada côrte da mais alegre Primavera, donde está depositada toda a louçania das maiores recreaçoens, e amenidades.

Dividião-no em espaço quadro artificiosos canteiros com tão matizadas flores, as quaes erão vistosas caçoulas de Flora, que recendião, como vegetativeis aromas. Alli a rosa coroada fragrancia dos prados, engraçada magestade das flores, com o odorifero carmi da sua gala se fazia agradavel atractivo da vista, e suave lizonja do olfato. Alli estava o cravo, a quem o corte de uma purpura declarou por Monarcha da florida côrte; vestia por entre verdes matizes o ambar, que se occulta nas suas roupas. Alli o jasmin nevado, esmaltadas plantas, respirava suavidades, quando desabrochava de todo os seos prateados candores. As violetas, tanto mais superiores na estimação, quanto mais humildes no nascimento; emfim todas as flores, que lizonjeão com a vista, e delicião com o cheiro, formavão do Jardim um novo Calecut de aromas, e um labirinto vario de aprazivéis coloridos.

No meio havia uma fonte de singular artificio, cercada de outras quatro fontes, não menos artificiosas, e em igual parallelo; estas, abertos os seos registos, lançavão de si copiosos chuveiros de cristal, com tanta suavidade, que ao som do seu murmurio podéra adormecer o mes-

mo Argos. Tambem artificiosamente entre copados platanos tinhão introduzido varios muzicos volativeis, entre tanta muzica e fragrancia não podião divizar os sentidos, se erão fragrantes as aves, se erão canoras as flores. Cercavão o Jardim em roda algumas estatuas de jovens, nymphas, e deidades fabulosas Aqui Narcizo espalhando-se nos cristaes da fonte, se desvanecia com a sua belleza transformada agora em pedra, e não flor. Alli o formoso, e infeliz Adonis seguia com a lança a raivosa fera, pela qual a sua Venus depois o chorou: morto, e podia agora imaginal-o vivo. Acolá Diana castigava os atrevimentos de Antion, convertendo em veado, a quem intentou vêl-a como bruto. Em outro logar estavão as tres Deosas, e Paris, juiz arbitro da contenda, com que entre si disputavão as maiorias da formozura. Deste modo se ornava o Jardim com as figuras todas perfeitas pela arte, e bem collocadas pela ideia.

Em outro sitio tambem aprazivel, e bem ornado se via uma figura, que significava a immovel Virtude: tinha esta na mão direita um venablo, e na esquerda uma espada, a seos pés a figura da Fortuna, desprezando as honras, e dignidades, e riquezas humanas, como indignas de sua magestosa generozidade, tendo-se a si só por amplissimo premio de si mesma com esta letra :

Ipsa quidem virtus prætium sibi.

E ao redor della estavão suas mais nobres especies ; que são : a Piedade, a Religião, a Jus-

tiça, a Prudencia, a Fortaleza, a Magnanimidade, e a Temperança. Destas seis virtudes, como principaes nascem todas as demais, que são innumeraveis; como dos sete vicios capitaes nascem infinitos vicios: e a grandéza, e formozura daquellas obriga a que as amem, e sigão o amor da virtude, e o aborrecimento dos vicios: e era o que representava este emblema, tambem com esta letra:

Virtus inconcussa
Virtus repulsæ nescia sordidae
Incontaminatis fulgit honoribus,
Nec sumit, aut ponit secureis
Arbitrio popularis auræ.

E com outra que dizia:

Populus nam stultus honores
Saepe dat indignis, et famæ servit ineptus:
Et stupet in titulis, et imaginibus.

Em outra rua se via, não menos ornada a Sciencia, aperfeiçoando a natureza Estava esta figura da Sciencia vestida de armas brancas, capacete na cabeça com cocar de plumas brancas, e roupas encarnadas; na mão direita uma grande vara; a qual uma mulher com quatro peitos, que significa a Natureza, mãy fecunda de todas as creaturas humanas, vestida pobremente, porque se contenta com pouco (por isso mesmo lhe chamara eu rica) pois lhe sobra tudo, o que não ha mister, em summo modo humilde e honesta, offerecia a Minerva um menino nu, e necessitado, com só as simples armas, que sua

mãy lhe deu, sem saber o uso dellas. Estava posto de joelhos, e com instincto natural — com esta letra :

Quia omnis homo naturaliter desiderat scire.

Postas as mãos, e levantadas a Deos, pedindo-lhe com ancias e ternuras lhe dê seu favor, e remedeie sua ignorancia. A deosa com aspecto benevolo, e formozura grave, estendendo a mão, mostrava, que a alentava com brandura, e animava com affabilidade ; e que fortificando-lhe o coração, o recebia por seu pupillo, e com a mesma acção mostrava, que promettia á mãy de cuidar da sua educação. (Ditosos aquelles, que na tenra idade levantão as mãos ao Céo, pedindo a Deos sua graça, e o dom de sabedoria.) Tambem tinha esta letra :

Naturam Minerva perficit.

e outra, que dizia :

Fortes creantur fortibus, et bonis,
Et in Juveneis, est in Equis patrum
Virtus : nec imbellem feroces
Progenerant Aquilae columbam.

Doctrina sed vim promovet insitam
Rectique cultus pectora roborant ;
Utcumque defuere mores
Dedecorant bene nata culpa.

Na praça se via outra scena com mais empenho d'arte, architectada com magnifica ideia, em que se via, e propunha aos olhos em bem

ornada figura, significando, que a verdadeira virtude he fugir dos vicios, com esta letra :

Vitium fugere virtus est.

e tambem com outra :

Virtus est vitium fugere :
Et sapientia prima stultitia carrisse.

No fim se descobria em outro campo largo um formoso paraizo, donde sahião quatro rios, que ao meu parecer serião aquelles, de que falla St.º Ambrozio, e entende pelos quatro rios de Zoroastres outras tantas virtudes : Sabedoria, Justiça, Fortaleza, e Temperança : eu os decifro assim :

O Ganges, que illustra suas correntes, e enobrece suas praias com ramos de ouro, e fundos de preciosas pedras, significava em a Prudencia o valor do entendimento, a vivacidade do Espirito, e explendor da Alma.

O Nilo que banha o Egipto, he corrente cópia da detida Temperança, com a qual o incentivo dos deleites, e o vivo ardor das delicias, como submergido em cristal se restringe, e se apaga, e dá profundo cauce da propria utilissima Temperança e se espargem por todo o Egipto d'alma os fecundos caudaes das outras virtudes.

O Tigre, que he o mais veloz de todos os rios, symboliza a Fortaleza ; a qual corre valerosamente com admiravel constancia, imperiosa corrente, e vencedor som, derrubando os vicios, que se lhe oppôem, e submergindo os impedimentos, que o estorvão.

O Eufrates he claro symbolo da Justiça; porque a este rio se lhe attribue a numerosa producção, a fecundidade, e abundancia; e assim mesmo he a Justiça; porque della sahem para o humano commercio fecunda abundancia de seguridades, e abundante socego de fructos; e se attendemos a distribuição, que mais util fertilidade para o adorno da Republica, que os espinhos do castigo, e as flores dos premios? Isto mesmo pouco differente com mais largueza o tracta Plinio em as allegorias da Ley; donde diz, que beom, que significa o peito, e corresponde ao Nilo, se toma por symbolo da Fortaleza; e o Tigre, que banha os campos dos Assirios, symboliza a Temperança em os immoderados desejos, que são intractaveis, e rebeldes, como ferozes Tigres.

Assim se ornava toda a circumferencia por onde havia de encaminhar-se a Procissão; a qual pelas 3 horas da tarde no Domingo 3 de Maio, em que este Povo, como dito está, festeja a Jezus Crucificado.

Deu-se-lhe principio com terno de timbales, trombetas, e charamellas, todos bem vestidos, apassamados de prata: a estes se seguião seis Ayduques, vestidos de armas brancas com capacetes de plumas, e bandas verdes com as suas insignias na mão; logo a Serpe; S. Jorge; e muitas danças bem vestidas, e ornadas; seis Gigantes, como já disse.

Primeira Figura: um Anjo vestido com bizarría com um custoso peitilho de diamantes, a cavallo em um formozo cavallo, e bem

ataviado, apparecendo, e avizando em sonhos a Santa Helena, que busque a Santa Cruz; na mão direita uma vara dourada em figura de cruz com esta letra:

Ecce Angelus Domini apparuit in somniis, ei dicens, Math. 1 *n.º* 20. *Tolle virgam tuam. Exod.* 7 *n.º* 9. *Crucem designat virga Aaron laurit, vel virga.*

Segunda Figura: Santa Helena, May do Imperador Constantino Magno, tambem a cavallo, vestida como Imperatriz, corôa na cabeça, sceptro na mão, procura, como a Magdalena no Sepulchro, o logar aonde em Jeruzalem estava sepultada a Santa Cruz, com esta letra:

Qui quærit, invenit. Luc. 11 *n.º* 10. *Amissam olim Christi Crucem invenisse hodie se, gaudet Helena triumphat. Ex P. Andreia Bruner Societ. Jesus.*

Terceira Figura: a Constancia na forma de donzella, vestida moderadamente, mas com gravidade, a pé, cançada, e opprimida com os instrumentos de cavar, que levava na mão, mostrava-se animada a desenterrar a Santa Cruz com esta letra:

Bajulans sibi Crucem. Joan. 19 *n.º* 17. *Omnia suffert.* 1 *ad Corinth* 13 *n.º* 7 *ut non evacuatur Crux Christi. ad Corinth.* 1 *n.º* 17.

Quarta Figura: o Zêlo, vestido do encarnado, e roupas flamantes, com espada nua na mão, e a cavallo, cujos jaezes representavão fogo, fulminando a destruição da torpe Venus, cuja estatua se tinha erigido no logar, onde estava a Santa Cruz com esta letra:

Zelavi super iniquos. Inimicus Crucis Christi. Psalm. 72 *n.º* 3 *ad Galatas* 3 *n.º* 18 *Auferte Deos alienos de medio vestris. Jezue* 24 *n.º* 23.

Quinta Figura: Venus engraçadamente vestida, a pé, como vencida, e quebrantada chorava a sua desgraça, occultando os seus enfeites, que levava na mão. Diante desta figura hião quatro meninos lindos, que representavão quatro Cupidos com vendas nos olhos, arcos quebrados, flexas sem pontas nas mãos, cordas aos pescoços em signal de vencidos, com esta letra:

Ergo craavantum est escandalum crucis, Ad Galat. 5 *n.º* 11. *Infame veneris stabulum statuaque dejícitur. Ex P. Brunís Socíet. Jezu.*

Sexta Figura: a Esperança hia formosissimamente vestida de verde, e coberta de diamantes, e esmeraldas, montada em um formoso cavallo, cujos jaezes erão todos de veludo verde, bordados de ouro; levava na mão uma ancora, confiando em Deos achar a Santa Cruz, que finalmente descobre, e amostra sobre a ancora, com esta letra :

Spero autem in Domino Jezu, ad Philipp. 2 *n.º* 19. *O crux ave spes unica Paschale, quae fers gaudium. Ex hymno Eccles.*

Setima Figura: Jeruzalem, magestosa matrona, gravemente vestida, alegre, e a pé; le-

vava uma bandeira branca, tendo no meio uma Cruz vermelha, ondeando-a com suavidade, e applauso festival, com esta letra:

Laetamina cum Heruzalem, et exultate. Isai 66 *v.* 10. *Mihi autem abiit gloriari nisi in cruce D. N. Jezu Christi; ad Galath* 6 *n.º* 11.

Oitava Figura: a Religião, era uma donzella, muito engraçada, vestida de branco, montada em um formoso cavallo, ajaezado de tella branca, e prata com um insensario na mão, dando culto ao verdadeiro Deos, e adorando a Santa Cruz, com esta letra:

Nos adoramus, quod scimus. Joan. 4 *n.º* 22. *Tuam Crucem adoramus, Domine. Ex Eccles.*

Nona Figura: o Rio Douro, era um varão agigantado, vestido ao ceruleo, verde negro com limos, apé, abria a Santa Cruz seu peito, levava na mão um castello, semelhante ao desta barra, o qual tinha em cima uma Cruz, e mostrava estar fundado sobre a agoa, e se offerece a levar animoso a Santa Cruz, com esta letra:

Fortitudinem meam ad te custodiam. Psalm 58 *n.º* 10. *Divinissimam Crucem humeris meis, impone... Domine. Ex D. Bernardo serm. de Passio. Domini.*

Decima Figura: Villa Nova de Gaya, erão duas formosissimas donzellas, e vinhão proporcionalmente vestidas, com galhardia, apé, juntas, a par de si levavam ambas uma Cruz dourada: hião com os rostos alegres, mostrando os motivos dos seus jubilos, com esta letra:

Nos autem gloriari oportet in Cruce Domini Nostre Jesu Christi, ad Galat. 5 *n.º* 11 *et ex Ecclis. Inventa Crucis festa recolimus. Ex Ecclesi.*

Decima primeira Figura: seis Anjos, hião estes mui alegres, e summamente bem vestidos ao celeste, apé, com cruzes douradas nas mãos, cantando os louvores da Santa Cruz, e do Senhor, que nella por nós tanto soffreu, com esta letra:

Gloria in altissimis Deo. Luc. 2 *n.º* 14. *Crucem Sanctam subiit qui infernum confregit. Ex Eccles. Hoc signum Crucis erit in Coelo. Ex Eccles.*

Decima segunda Figura: Macario, Patriarcha de Jeruzalem, magestosamente vestido de Pontifical, acavallo, o qual era n'isso pombo, custosamente ajaezado, com gualdrapa de glacé branca, e prata, mui rica, levava na mão a Santa Cruz resuscitada; diante levava um quatro de muzica, e instrumentos, bem vestidos, com esta letra:

*

Laetamini in Domino, et exultate. Psalm. 35 n.º 12. Vexila Regis prodent. Fulget Crucis mysterium. Ex Hymn. Eccles.

Seguia-se um carro triumphal, tão magnificamente ornado, e com tal ideia fabricado, que bem parecia, se tinha empenhado o artista na sua perfeição; occupava dentro de si dous coros de muzica com muitos instrumentos de rebecas, rabecoens, trombetas, aboazes, arpas, e violas, que fazião suave, e gostosa serenata. Hião os musicos vestidos angelicamente, tão lustrosos, tão cheios de diamantes, que parecia se tinha despojado as minas de todo o seu precioso, para que estas figuras brilhassem; e era tanto o seu luzimento, e resplendor, que punha impedimento á vista. Cantavão estas Glorias a Deos, e promettião paz aos homens com esta letra:

Bonae voluntatis pax hominibus.

Seguião-se andores; sendo o primeiro o Archanjo S. Miguel, S. Sebastião, S. Braz, S. João, e a Senhora do Rosario; tão ricos, tão galantes, e tão cheios de flores, que fazião um attractivo á vista, e um iman aos sentidos.

Em penultimo logar vinha a Sagrada Imagem de Christo Crucificado tão devota, tão temente, que o mais impedernido coração, pondo-lhe os olhos, não poderia deixar de estilar por elles a mesma alma em suspiros. O andor, em que vinha, era custosamente ornado; trazia

um setial, em que encostava a Cruz, de tissu de ouro encarnado, e uma banda, ou toalha, do mesmo tissu, mas muito mais rico, toda franjada d'ouro, e borlas do mesmo: nas cinco chagas se via, não como representação, mas como se fôra realidade, vertendo o sangue, o qual conservou a vida de tantos, que ás portas da morte se vião.

Vida he o Soberano Sangue, porque são saudaveis feridas crescidos elementos da alma, e cinco elevados sentidos da immortalidade. São elementos, e são o mais puro de todos, donde arde em cinco estrellas toda a esphera do fogo, que consome as culpas, e accende a perdida luz das mizericordias. Cinco tórridas Zonas, habitaveis provincias do amor, cujas dilatadas purpureas vendas cingem todos os termos do mundo, e do Céo, desde a cabeça de Adão até os pés e cabeça de Christo. Zonas outra vez, ou vendas do amor, não para tapar a vista aos olhos, se não para dar mais superiores luzes á vista.

São o elemento da terra, porque tem sahido dellas as flores das Virgens, as plantas dos Martyres, e os fructos dos Confessores; e em cinco rios do Céo cifrão abreviados os quatro rios do Paraizo.

São ar, porque encheram todo o vazio da Natureza com o immenso e Divino preço; todos os vazios da impossibilidade do homem com a abundante satisfação de um Deus. São ar, que refrigeram os espiritos, alento, que anima as respiraçoens, e sem elle nenhum

justo póde viver, nenhum voar, e nada merecer.

São agoa, porque correm para um remedio, e lavão meu horror, sustenta sobre a profundidade de seus merecimentos esta não, carregada de culpas, conduzindo-a com seguridade ao porto do perdão, produzem nas suas ondas as perolas das lagrimas, satisfazem a sêde da penitencia, e qualificão as promessas do Baptismo.

E passando aos Sentidos — são as cinco Veneraveis Chagas a vista, porque a dão; e porque o profundo amor, que como cego não póde ser juiz de côres, he véo, que fica castigado e morto por aquellas cores vivas. São olhos sempre abertos, por onde nos vê Deos com olhos de piedade. São ouvidos do Soberano Juiz, nunca cerrados ás lastimas, porque pelas suas aberturas entrão já soccorridos os rogos das nossas mizerias, e os clamores dos nossos trabalhos: porque com generosa contraposição, assim como he surda a morte, em aquellas rasgadas portas he toda ouvidos a vida. São o gosto: pelo soberano gosto d'aquelle diffuso nectar, que faz participantes da Divindade aos homens, e convida para a meza de Deus aos justos. Maná, que sabe a tudo, o que he clemencia; porque cifrou as pennas da pomba em aquellas purpureas linhas, tudo o que sabe, e tudo o que quer. São o olfato, pelo que se compadecem os cravos da sua purpura com as reaes fragrancias, que esparge sua mizericordia.

São o tacto, por serem os cinco dedos, por onde passão, e distribuem todas as liberalidades da immensa mão, dedos de incendido amor, que assim lhe canta a Igreja: *Dextra Dei tu digitis.* Dedos feitos ao torno, e promptos a chuver piedades, e a conceder beneficios. Sangue da terra he o cristal em as veias dos rios, para dar alimento ás plantas. Cristal é o sangue do homem em as veias para dar alimento á vida: por isso ambas as cousas unidas, christal, e sangue sahiram do peito de Christo, para dar vida ao homem, e ao mundo tão efficazmente, que aquelle liquido explendor encheu de luzes todas as sombras de uma cegueira, e póde satisfazer previstamente toda a ultima, e nobre cubiça de um ladrão com o thezouro do Paraizo; mas que muito, se é o Divino Sangue coral, que engastou preciosos por redimidos com seu immenso valor os erros do homem. Ao intento fabricou um devoto este soneto:

Esse aunque en mar de gracias produzido:
Coral entre mis horrores engastado;
En ondas de tormentos seya forgado,
Y en golfos de mizerias seya tenido.

Yo en verde campo todo culpa é sido,
El todo pena enbulto ensangrentado,
Agama la verguença colorado;
O buelva me el temor descolorido.

O ranco, que a esse tronco dás abraços;

Tronco soy, á tu estirpe no desdises:
Si en ti me ingieres con suaves laços.

Fructos de amor te rendere felices
Y basta tu Cielo creceran mis braços
Si plantas em mi pecho tus raizes.

Oh! Soberano Sangue, não póde correr tanto a minha veia para os teus applausos, como a da tua mizericordia para os meus remedios.

Finalizava a Procissão a Cruz do Santo Lenho debaixo de um rico paleo, que levavão seis Cavalleiros do Habito de Christo com seus mantos vestidos. E assim se finalizou este dia com repetidas descargas de artilheria dos navios, e forte.

Na 2.ª feira de tarde houve variedade de danças por toda esta praça, bem vestidas e destras, e outras á mourisca, não menos ornadas; e varias pélas com o mesmo ornato, que fizerão a tarde divertida e vistosa.

Na 3.ª feira houve uma boa comedia, boa muzica, divertidos bailes, e graciosos entremezes, que ao povo agradaram.

Na 4.ª feira ao som de timballes e trombetas appareceram varios volantins, que na corda bamba fizerão varias cabriolas, bem destros, e na maroma não menos artificiosos.

Na 5.ª feira repetiram estes mesmos no tablado varios entremezes, e tantas destrezas de sua arte, que ao povo pareceram não naturaes, mas artificiaes.

Na 6.ª feira se fez outra comedia bem agradavel, e não menos applaudida. Em todos estes dias se via este sitio tão povoado de concurso de gente, que seria impossivel o numeral-o: muitos cavalheiros desta cidade, de Braga, e Guimarães, que vierão a este festejo todos custosamente vestidos, e á porfia na grandeza do seu ornato, e não poderia distinguir-se, qual delles levava a maioria no adorno das suas pessoas. porque em cada um se via uma grande singularidade, não só na eleição dos vestidos, como no enriquecido dos bordados. No adorno das senhoras não fallo neste dia, porque o reservo para os que se seguem.

No sabbado se determinou combater o castello, que se tinha fabricado por ideia do capitão de Granadeiros deste Regimento Manoel de Freitas, com trincheiras, muralhas, revelins, meias luas, e torre, custosamente bem feito, por ser elle perito, curioso, e mestre na arte de engenheiro; estava guarnecido de muita artilharia, e todos os mais petrechos necessarios para semelhantes funcçoens, e defenças.

Pelas 4 horas da tarde appareceram neste rio Douro 300 homens vestidos á mourisca, tão apropriados no traje, que á vista dos nacionaes não poderia distinguir-se, se erão Catholicos os mouros, se erão mouros os Catholicos; que tal era a propriedade, com que se vião vestidos, que o original parecia retrato, e o retrato original. Dezembarcaram nesta praia com o seu Rei, e Rainha, vestidos estes ao

seu uso, mas magnificamente, com singulares turbantes, e tudo a mesma singularidade. Accompanhavão ao Rei oito creados, tambem custosamente vestidos ao seu uso, e com alfanges na mão. A Rainha acompanhavão doze mouros, tambem ao seu costume bem ataviados, com adufos, e pandeiros lhe vinhão fazendo seus costumados festejos; e dando uma volta nesta praça formados em duas allas se embarcaram parte delles em tres das seis gallés, que os festeiros tinhão mandado fabricar para este festejo, bem pintadas, e bem apropriadas; e os mais se recolheram ao forte.

Logo appareceu o Regimento de Infantaria desta Cidade, que marchando em batalha, se encaminhou ao forte, acampando-se em sitio accommodado para a empreza; e destacando a companhia de Granadeiros a prezidiar o sitio para se formarem as batarias da artilharia, se encontraram com outra companhia dos sitiados, que impedindo-lhe o passo, tiverão seu choque, e os obrigaram a retirar-se, porque do forte vierão novas partidas, que engrossando-lhe o pequeno corpo das que tinhão avançadas, foi preciso aos combatentes a retirada: mas soccorridos de uns destacamentos, que do grosso dos combatentes vierão a soccorrel-os, voltaram sobre elles tão animosos, que não valendo-lhes aos sitiados todo o esforço das suas armas, e a muita artilharia, com que os opprimia o forte, que até as mesmas matronas mouriscas se empenhavão na disputa, como valerosos soldados; depois de profiada contenda

se retiraram os sitiados com perda de seis mouros, que ficaram captivos; e os combatentes ficaram senhores do campo; donde logo os gastadores levantaram de faxina uma bataria de artilharia em competente sitio para a empreza; cavalgadas as peças, e começando a disparar contra a muralha, davão na sua ruina felizes esperanças para a victoria.

Furiosos os sitiados, fizerão uma sahida do forte com a maior parte da sua guarnição, e tão vigorosamente investiram os ataques, que o mesmo foi emprehender a acção, que conseguir a victoria; e pondo em acellerada retirada os combatentes, ficaram senhores da artilharia, e arruinando as batarias com alaridos mouriscos, e festivos applausos das matronas, que em danças, e festejos davão ao seu Rei, e Rainha os parabens da felicidade.

Neste tempo sahiram as outras tres gallés, ornadas do Valor Portuguez, e chocando com as tres dos mouros, que á capa os esperavão, pendenciaram com tanto valor, e destreza militar, que por muito tempo esteve duvidosa a victoria. Destroçados se retiraram os Catholicos com bastante perda nas gallés, ficando senhores os mouros da empreza, e amparados da artilharia do seu forte. A ruina, que experimentaram os rebatidos, se reedificou com brevidade. Todo este rio se via coberto de embarcaçoens, bem empavezadas, de estrangeiras, e varias pessoas, que vinhão vêr estas contendas, que o fazião bem vistozo, e contadas pela mesma curiosidade, passaram de tresentas e cincoenta.

Não socegados os Catholicos, cujo nome Portuguez se vê com as qualificadas testemunhas dos seus progressos de tão alentados espiritos em muitos padroens, devidamente edificados ás suas memorias: não se satisfazendo os seus heroicos coraçoens com menos gloria do que um milagre, se disposerão para novo assalto; e foi tão rigoroso, e precipitado, que apenas investiram as destroçadas baterias, quando logo as presidiaram, ficando senhores do mesmo esforço, que os offendia, que encaminhado para os offensivos, serviu de triumpho, o que até alli tinha sido estrago. Recolhidos ao seu quartel os combatentes sem perigo de vidas, porque o Rey, a quem servem, foi servido conservar-lhas.

Chegada a noite, que coberta com o escuro manto das suas trevas, tendo já em berços de cristal adormecido o sol; valendo-se os sitiados das suas sombras, fizerão uma sahida, que não sendo esperada dos combatentes, lhes causa, senão medo, confuzão; e com tão acellerada furia investiram as suas linhas, que lhe romperam as do centro; acudiram os officiaes com a sua costumada destreza, e valor Portuguez, que a não o serem, o parecião, e formando de novo os destroçados, fizerão pôr em retirada aos do forte; mas com perda de vinte soldados prizioneiros.

No Domingo 10 de Maio amanheceu o dia tão funebre, tempestuoso, e chuvoso, que parecia, se alagava a terra com segundo diluvio; prognostico infallivel, de que até os elementos se conspiravão, para fazer guerra aos

inimigos da Fé: durou até á 1 hora depois do meio dia esta horrorosa tempestade; quando serenando-se os ares, e acabada a tormenta, sahiu mais luzido o sol, enchendo-se de alegria os campos, e de alvoroço os combatentes.

Vião-se pelas ornadas janellas tantos animados soes na formozura, que vestindo-se dos seus brilhantes raios, tambem infundião nos animados espiritos novos motivos de valor, e não sei, se diga, se mais affectuosos, que obrigados, cada um se animava para a empreza (que não ha duvida, que *el amor hace valientes*) começou a jogar a artilharia de parte a parte com bastante estrago de ambas, fazendo mais estrago aos inimigos as muitas bombas, e granadas, que lhe lançavão, que elles não correspondião menos vigorosos. Ordenou-se aos Engenheiros, que minassem o forte por differentes partes, o que conseguido, se determinou um assalto geral por mar, e terra com tanto fogo de uma, e outra parte, que se não via, e ouvia mais, que relampagos, estrondo, e fumo Marcharam os combatentes com tanto valor, e forma militar, que já se podia esperar o bom successo da victoria. Opprimidos por mar os Mahometanos, se retiraram a soccorrel-os os que occupavão as gallés, porque tambem as Catholicas os perseguião. Derão fogo a uma das minas, que em tres partes se tinhão fabricado, e rebentando aquella sulfurea massa, fez um grande destroço na muralha. E como os festeiros empenhados, em que toda esta fabrica não parecesse acaso, e só sim naturalidade, fizerão estas minas tão verdadei-

ramente edificadas, que abertas na rocha, donde estava formado o forte; quando rebentou a primeira, lançou para o ar tão grandes pedaços de pedras, e em tanta quantidade, que sem que pareça encarecimento da historia, mas sim prodigio de milagre, forão mais de seis carradas de pedra, que estalando primeiramente á parte do mar, não causou estrago nos sitiados, mais que uns pequenos estilhaços das mesmas pedras, que feriram na cabeça a dous dos que estavão nas muralhas; e a terceira mina, que para a parte da terra estava fabricada, e atacada com duas arrobas de polvora, foi o mesmo Senhor, a quem com devotos coraçoens festejavão, servido, não pegasse o fogo nella; ainda que a profia dos que esta incumbencia tinhão, lho repetiram duas, e tres vezes, que a ter effeito, não só perigarião muitas vidas, mas tambem se arruinarião muitas casas; mas quiz a Magestade Soberana impedir esta ruina, suprimindo a este elemento a sua voracidade, para que não experimentassem, os que com tão devota elevação o louvão, desgraças; ao mesmo tempo que lhe offerecião cultos.

Este é o orvalho matutino, que na concha do peito de Christo se torna em perolas preciosas; estes os ultimos despojos, que das batalhas do mundo se tirão; mas as mizericordias de Jezus Crucificado as reduz a insignias de victoria para trofeos das suas aras: estas as taboas dos naufragios, que escapadas do mar do seculo para memoria do milagre, no templo de Deus se devem pendurar.

Vendo os Catholicos, que a ruina da mu-

ralha lhes dava logar ao assalto, investiram a brecha, tão animosos os da terra, como empenhados os do mar; subiram por ella, como gateando, e mais parecião passaros, que voavão, que homens, que subião. Os Mahometanos em repetidos alaridos invocavão o seu Deus, e com barbara furia, querião antes reduzir-se a cadaveres, que a serem captivos: e assim se defendião profiosos. Entrados na primeira muralha os Portuguezes, a desampararam, e retirados ao interior do Castello, se defendião, lançando delle abaixo muitos artificios de fogo, que muito opprimião aos soldados; estes determinados a perder antes as vidas com a espada nas cabeças dos Mahometanos, que a pé fixo padecerem estragos nas vidas, investiram a porta com tal valor, que obrigados os infieis, fizerão uma chamada, e entraram em capitulaçoens; e celebradas, sahiram pela brecha com as suas armas, e balla em boca; formados, para ao depois entregarem as armas, e ficarem prizioneiros de guerra. Isto assim executado, chegaram ao meio desta praça formados, aonde tambem o estava o Regimento Catholico, e diante de um bem armado altar, que tinha arvorada a Santa Cruz, e nella Christo Crucificado, alli despojados das suas armas, as sacrificaram ao Verdadeiro Deus, e prostrados por terra, em multiplicadas vozes lhe deram as graças todos. E eu tambem, Senhor, vos rogo, que rasgueis com as armas da Vossa Cruz, e com o fuzil do vosso amor as entranhas daquelles penedos tão rebeldes, que não confessão, e abração a Vossa Ley, para

que não sómente dos seus olhos possão nascer rios, mas tambem dos seus coraçoens corra um mar de lavaredas. Tomai posse, Senhor, d'aquellas perdidas almas, pois nessa Cruz tendes o titulo; não consintaes, que deixe hoje o seu engano o direito de vossa graça pelo avesso da sua cegueira; a justiça do Vosso Sangue pela trapaça deste mundo; obrai nos inimigos, o que hoje aqui praticão os retratos.

E se deu fim com este dia a estes festivos cultos com triplicadas descargas de artilheria, e mosquetaria; que custou aos festeiros só de polvora 48 arrobas, e de feitio sómente de vestir as figuras destes festejos 40 moedas.

Bem quizera eu satisfazer ao promettido de descrever a singularidade, o attractivo, e o formozo, com que as janellas deste sitio se vião enriquecidas; mas parece-me, se offenderá a formozura, sendo chronista de bellezas. servindo mais de vituperal-as, que de engrandecel-as, por não caber no meu discurso tão elevada comprehensão: assim me resolvo a imitar Hypocrates, deos do silencio, a quem os antigos pintavão com o dedo na boca. A mercê se ampliará sempre, confessando desta festividade o singular. »

Tal he a descripção, que nos deixou desta admiravel funcção o Illm.º D. João Theotonio d'Almeida, Neto do Conde das Galvêas — varão illustre pelo seu nascimento, e pela sua erudição, que assaz se manifesta em todo o

decurso da sua obra; pois não só no estillo appropriado, em que nos expõem tão minuciosamente todas as circunstancias desta estrondosa festividade; mas tambem nos termos, cheios da unção evangelica, com que nos mostra a ternura e piedade do seu coração, exhortando-nos com o seu exemplo ao amor de Deus, e á veneração desta Preciosissima Imagem do Senhor Jezus, nos dá bem a conhecer, que exerceu practicamente todos os estados da vida social; porque alem de ter sido homem casado, foi tambem Militar, e Ecclesiastico; e em cada uma destas classes foi um perfeito modello de todas as virtudes Christãs, e sociaes. Receba pois este cavalheiro illustre um testemunho publico da nossa gratidão, expressada na admiração, que faço das suas virtudes, pelo zêlo, com que nos conservou a memoria destas funcçoens, por onde nos transmitte a noticia da religiosidade de nossos Maiores, engrandecida com os seus applausos naquelle precioso thezouro.

Mostra-se alli, quão grande era a magnificencia, e a magestosa pompa, com que elles costumavão solemnizar os cultos religiosos desta Sagrada Imagem, que temos a felicidade de possuir nesta Villa por nosso Patrono, e Advogado — *In dubiis bonum consilium, in adversitatibus magnum solatium* — he o que encontramos nesta Soberana Imagem — o conhecimento do verdadeiro caminho da vida, e o remedio de todas as adversidades; porque a Piedade Divina tem collocado nella o Throno das suas Clemencias para remedio e consolação dos

seus devotos. Assim se tem mostrado em todas as calamidades publicas, no meio das quaes nos tem soccorrido sempre com os effluvios do seu Divino amor, com as ineffaveis graças da sua Mizericordia infinita. He por estes justos motivos que os nossos antepassados observavão religiosamente o seu voto, confessando a sua gratidão pelos beneficios recebidos: e praza aos Céos, que aquelle fervor religioso, tão digno de todos os louvores, e que tanto os caracterizou, a ponto de lhes obter o epitheto de — magnificos —, se não apague em nós — em nós, que nos prezamos de ser a muitos respeitos imitadores das suas virtudes.

Mas tambem a nosso respeito milita aquelle dever de gratidão, e humildade; pois ainda não vai longe a epocha — foi no anno de 1850 — em que tambem nós ameaçados pela *febre amarella*, que devastou algumas povoaçoens deste Reino, recorremos á Mizericordia Divina por medeação desta Devotissima Imagem, que veio em Procissão solemne de penitencia pelas ruas desta Villa no dia 29 de Junho daquelle anno; e sendo benignamente acolhida do Céo esta humilde e religiosa deprecação, alcançamos a singular mercê de não sentirmos os terriveis efficitos daquelle flagello, que affligiu bastante os habitantes da Cidade do Porto, aonde pelo mesmo motivo já antes as Ordens 3.as tinhão feito iguaes Procissoens de penitencia, — a de S. Francisco no dia 19, e a de Nossa Senhora do Carmo no dia 21 daquelle mez. He bem certo, que o Senhor nun-

ca deixou de attender a oração dos humildes — *Respexit in orationem humilium*: por isso seja por todos louvado eternamente — *Omnis spiritus laudet Dominum*; assim nos ensina o Rey Profeta nos Psalm — 101 v. 18, e 150 v. 6.

CAPITULO XVII.

Ultimos successos do anno de 1860, occorridos nesta Villa.

He sem questão, que o clima desta Villa he bastante saudavel, não obstante ser muito frio; e sem que seja necessario produzir outras provas em abono desta circunstancia tão favoravel, que ella goza, bastará dizer, que se dá aqui frequentes vezes o facto da longevidade; e isto não he só nas pessoas, que dispôem de meios para sua commodidade e bom tractamento, mas sim em todas as classes do povo, como acaba de succeder:

Vivia nesta Villa uma mulher, chamada Catharina, viuva ha mais de 20 annos de João de S. Bento por appellido o *Fagote*, trabalhador, e medidor d'azeite: ella occupava-se em assedar linho; era cuidadosa no trabalho, e bem regulada no seu modo de viver, ao qual correspondeu bem a sua morte; porque falleceu placidamente no dia 4 de Dezembro de 1860, de idade de 106 annos no gôzo de todas as suas faculdades, menos da vista, que ha pouco tempo tinha perdido.

Tambem falleceu no dia 22 de Dezembro de 1860 o Reverendo Gualter da Piedade Queiroz, mas não de tanta idade. Era natural desta Villa, isto he, do povo de Gaya; foi da Ordem dos Agostinhos calçados, e conventual do collegio de S. Lourenço do Porto — Em 1818 impetrou da Santa Sé uma bulla da secularização; mas antes de a obter foi ao Rio de Janeiro liquidar uma herança de Manoel Guerner. Quando voltou tinha chegado a bulla; e no estado de Sacerdote secular applicou-se á Industria. Estabeleceu no sitio do Cavaco uma Fabrica de cal de sociedade com Manoel Alves Souto, mas pouco tempo conservou esta Fabrica, e sociedade. Depois disso estabeleceu em Gaya na mesma casa, onde nascêra, uma Fabrica de Louça, a qual transferio depois para o monte da Furada. Junto a esta Fabrica edificou uma Capella em honra de Santo Antonio, na mente de ser sepultado alli; mas tendo sahido da Fabrica por motivo de demandas, que lhe moveram, habitava no Can-

dal, e fallecendo alli, foi sepultado no Cemiterio da Ordem 3.ª de S. Francisco.

Fechou o anno na ordem dos acontecimentos um dos mais espantosos, que se tem visto entre nós — foi a 3.ª cheia do anno de 1860, que deve marcar na Historia uma epocha muito memoravel entre os successos d'esta especie.

Logo depois do S. Miguel começaram a haver muitas chuvas, e produziram uma cheia no principio de Novembro, mas esta nem foi grande, nem duradoura. As chuvas continuaram, e veio a 2.ª cheia, cuja maior altura foi no dia 9 de Dezembro — esta foi maior que a 1.ª, e a agoa chegou á fonte da Volta; mas não causou grandes estragos nem em geral, nem em quanto a esta Villa: no entretanto ha males, que produzem bens; e assim aconteceu n'esta occasião ao Constructor de navios Manoel da Costa Bahia — tinha este no estaleiro um navio novo, e já prompto para hir á agoa, mas faltava fazer-lhe a carreira; foi logo suspenso pela cheia, e d'este modo poupou-lhe mais de setenta mil reis, que tinha de gastar n'aquella obra.

Passaram-se alguns dias, mas poucos, em que houve sol, e muita neve; e começaram depois a cahir de novo as chuvas, ainda que mais brandas, e sem que parecesse, que virião a fazer grande enchente no rio: não obstante isso a agoa começou a crescer tão repentinamente, e de tal modo desde as 7 até ás 11 horas da noite do dia 24, que na manhã do dia

25 tinha o rio mais sete palmos de altura, e já esta cheia excedia a marca da 2 ª; notando porém que o temporal começou a ser desabrido, e as chuvas muito copiosas do dia 23 por diante, acompanhadas de terriveis trovões, e espantosas ventanias, que fizeram aquella noite uma das mais medonhas, que se tem visto; e até cahiram alguns raios, mas felizmente não produziram consequencias funestas. Na manhã do dia 25 o Intendente da Marinha mandou retirar para a amarração do Cavaco 5 embarcações, que estavão no quadro d'Alfandega, e forão com os ferros a rasto, e os pannos largos, para serem impellidas para cima pelo vento, que soprava rijamente da barra, e não serem arrebatadas pela corrente, mas irem assim descendo mais devagar: todas as mais começaram a segurar-se. O rio continuou a crescer, e a sua maior altura foi no dia 28; subio então um palmo acima da cheia de 1788, e tres palmos acima da de 1823; a sua corrente era excessivamente violenta — fazia 14 milhas por hora, e n'uma espantosa, e desordenada voragem de cachoeiras, e continuados redomoinhos arrastava quanto encontrasse — barcos, moveis, armações de casas, arvores, ramadas, gados, pipas, madeiras, arrebatava tudo a que a agoa podesse chegar: tal era a sua violencia! O rio appresentava então um expectaculo verdadeiramente medonho, e sublime; parecia querer devorar tudo! Até a Ponte Pensil esteve ameaçada; faltava apenas um metro para ser lavada pela agoa do rio.

A respeito d'este grande acontecimento disse com muita graça um curioso no periodico *Amigo do Povo* de 29 de Dezembro o seguinte :

«A lua cheia deu-nos uma cheia formidavelmente cheia ; que á bocca cheia fez dizer os velhos, que se não lembravão d'outra tal.

«Effectivamente o Douro appresentou todo o seu poder, e é assim que elle mais parece proferir a estrophe d'um poeta, que sumio toda a sua poesia n'uma papeleta de visconde.

«Eu sou nobre potentado,
De velhos caudaes o rei ;
Por esses valles, e montes
Ninguem ousa dar-me a lei :
Co'a minha grossa corrente
Orgulhoso, independente
Um negro sulco fremente,
Pelas Hespanhas tracei.

«O impeto da corrente he imponente, e o velho Douro parece já aspirar a partir a ponte pensil, e avivar na ideia o pensamento antigo :

«Essa cadeia de ferro,
Que o Porto á Serra estendeu,
Se quiz, guindou-a bem alto,
E em seios a prendeu ;
Que se ma roça pela fronte,
Eu feroz, qual Acheronte,
A arremessára defronte
— Té o Brazil, que sei eu !

«Oxalá, que a frescura do tempo lhe abrande a imaginação, e o demorado proposito, porque pensar na prolongação d'um tal estado de cousas he sentir o coração confrangido por uma serie de calamidades horrorosas.

«Os navios vacillando entre a ancora, e a corrente; os vapores fumegando de fornalhas accesas para sustentarem melhor a torrente; a ponte ameaçada pelas agoas crescentes: estas arrastando atraz de si tudo o que se lhes oppoz; o gazometro innundado, e deixando-nos no meio das ruas, como nas trevas das noites do seculo passado; os pequenos barcos vogando á mercê da voragem; eis os pontos tristemente salientes d'esse expectaculo, que um chronista do seculo ultimo disse em relação ao mesmo Douro, que horrorisa os animos dos que se mostrão impavidos nos maiores perigos.»

E foi assim. O rio no Ouro innundou o gazometro, de maneira que algumas noites não houve illuminação na Cidade — tambem entrou na Igreja de S Pedro de Miragaya, e no Forte da Porta Nobre, e cobrio as bicas da fonte da Ribeira á entrada da rua Nova de S. João. Todos os navios, que se achavão dentro do porto, soffreram estragos de maior, ou menor importancia, alem d'alguns que foram pela barra fóra, e se perderam de todo, e d'outros, que tambem desgarraram da amarração, mas ficaram encalhados dentro do porto. D'aquelles contão-se o hiate *Alliança*, que encalhou em frente de Mathosinhos, e foi desfeito pelas on-

das; a barca *Linda Russiana,* da qual parte do casco veio ter depois á praia dos banhos em S. João da Foz; o hiate *Fé,* que ha pouco tinha chegado de New-Castle, e ainda estava carregado, foi encalhar na praia do Senhor de Mathosinhos, e ahi se desfez ; a escuna succa *Hadrig,* que ainda tinha a bordo parte da carga, e levou quatro homens da tripulação, tambem foi desfeita pelo mar; porém os homens forão salvos—era uma scena a mais tocante vêr estes quatro infelizes sobre o convez do navio virados para terra e com as mãos levantadas implorando soccorro ! e não o pediram em vão; pois á vista d'isto tractou-se logo de pôr a nado o Salva-vidas, tripulado por 15 homens dos mais ousados d'aquelle serviço, e porque todos se prestavão, se escolheram d'entre elles

João Francisco Moreira,
João Poveiro,
Joaquim Pantaleão,
José Quelhas,
Antonio Pereira,
Joaquim Agostinho,
Manoel José,
Domingos da Carlota,
Vicente da Carlota,
Joaquim Barreiro,
Os Dous Pastores,
Jacintho do Bicho,
Guerra, e Calouro.

Com effeito, o barco largou, accompanhado das bençãos de um immenso concurso de povo, que se via

agglomerado sobre a praia com os olhos fitos n'aquelles quatro naufragos, e agora n'estes quinze esforçados benemeritos, que desprezando as suas proprias vidas, corrião prestes a soccorrer os seus irmãos! O barco não sahio pela barra ; mas foi levado pela areia, e posto a nado ao norte do Castello. O povo seguia depois com a vista o movimento do barco, e aguardava anciozo o feliz resultado d'esta empreza. Ora eis-aqui está o verdadeiro amor de Deos, porque he accompanhado do amor do proximo; pois

Si quis dixerit, quoniam diligo Deum, et fratrem suum oderit, mendax est:

ménte o que disser, que ama a Deos, se abórrece o seu irmão.

Foi tambem munido de um cabo de vaivem para qualquer eventualidade; mas como este lhe difficultasse o andamento com o pezo, que fazia, ou o obrigasse a soçobrar, largou o cabo de mão, para assim poder cortar com mais facilidade a furia das ondas, que umas vezes o sumião de todo, outras vezes o guindavão por sobre o seu cume, levantando-o até ás nuvens. Aquella manobra causou grande susto em terra, logo que foi sentida, porque entenderam, que o barco tinha perdido o cabo, e não que o tivesse largado. Antes porém que o barco partisse, olhando para o navio, notou-se, que o grupo dos quatro tinha diminuido, porque um d'elles, por menos corajoso, tinha descido para o porão, como se soube depois, mas de terra com signaes

lhes recommendaram, que tivessem animo, e esperassem o soccorro. Depois d'isso o barco foi seguindo, até que por fim chegou ao navio, que demandava; e prolongando-se com elle, recebeu um cabo de bordo para o attracar, e de caminho os quatro infelizes, que se passaram para elle. Apenas entrados, virou logo no bordo de terra, e vencendo as mais duras difficuldades, (porque a vontade do homem é muito efficaz!) entrou pela barra dentro, e chegou felizmente á praia.

Saltando todos em terra, forão logo cercados por uma multidão innumeravel, que os recebeu com o maior contentamento e alegria — em uns se admirava a coragem, e n'outros se lastimava o infortunio; e foi nessa occasião que se passou alli uma scena a mais pathetica, e a mais tocante, que jámais se tem visto. — Estes quatro naufragos prostrados em terra, a quererem mostrar a sua gratidão, e á mingoa de expressoens por ignorarem a lingoa, usaram de signaes significativos do seu reconhecimento; e então cheios de docilidade e ternura beijavão o barco, abraçavão os remeiros, e assim com as mãos, como com a cabeça agradecião áquelle povo civilisado e bemfazejo, tão assignalado beneficio, que acabavão de receber! Forão levados depois para o Asylo do salva-vidas, e soccorridos ahi de roupas, de mantimentos, e de tudo o mais necessario em taes conflictos.

E finalmente a galera *Flor do Porto* quebrou as amarraçoens, como succedeu aos outros; virou de quilha para o ar, e garrou assim pela

barra fóra; mas ainda se não sabe, aonde foi ter, ou despedaçar-se.

Alem daquelles, mais alguns se perderam, mas ficaram encalhados dentro da barra, como forão —a galera *Cidade do Porto*, que já estava carregada de todo, e prompta para sahir, e ficou encalhada na insula do Ouro; a *Subtil* 3.ª tambem encalhou em Sobreiras; a *Saudade* em S. Payo junto ao Lazareto; a *Temeraria* ficou em cima do caes encostada á Barreira do Cavaco; e outros mais em differentes sitios. Em fim não ficou navio nenhum, como já disse, que não recebesse avaria de mais ou menos valor. E em quanto a embarcaçoens pequenas do serviço do rio tambem se perdeu grande numero dellas de todas as lotaçoens.

Nesta Villa conheceu-se do mesmo modo a grande differença, que esta cheia fez da outra, que occorreu no anno de 1823; porque na actual a agoa chegou na Rua Direita á casa, que foi de Joaquim Gonçalves da Costa, chamado o Espadeiro no sitio dos Ferradores; chegou quasi ao fim da viella de França, e tambem ao rez da solleira da porta principal da Igreja de Santa Marinha; entrou na Igreja pela 2.ª porta travessa, que está junto do altar de Nossa Senhora da Conceição, e dentro della subiu á altura do degrau do arco cruzeiro. Nestas circunstancias resolveu-se tirar da Igreja o Santissimo Sacramento; e com effeito no dia 28 pelas 11 horas da manhã o Reverendo Abbade com o acompanhamento preciso levou o Senhor para a Capella de S. Roque, como já succedeu no anno de

1739; não foi porém pela Rua Direita, porque o rio cobria uma grande parte da Rua do Sacramento, por onde tinha de passar; mas foi por dentro da propriedade do Terreirinho, e passou desta para a outra que foi de José de Oliveira Tau por uma porta, que communica as duas propriedades, e sahiu pela 2.ª para a dita Capella, aonde ficou collocado, e aonde esteve por espaço de 4 dias, isto he, desde a manhã do dia 28 de Dezembro até a manhã do dia 1.º de Janeiro seguinte; e alli se fizerão tambem as Preces publicas *pro tempore* nos dias 30, 31, e 1.º de Janeiro, ordenadas pelo Ex.º Vigario Capitular.

A cheia entrou igualmente na igreja das Religiosas de Corpus Christi, e nos dormitorios do convento da parte do rio; assim como na Capella de Nossa Senhora da Piedade, na qual chegou ao 1.º degrau do throno. Causou grandes estragos em algumas casas antigas da Praia; e tambem destroçou muito o arvoredo da alameda. Demoliu um telheiro fechado na frente do armazem do Van-Zeller, e em Gaya demoliu outro junto ao oratorio do Senhor da Boapassage. Levantou grandes porçoens do ladrilho do caes quasi até Valle de Piedade. Deitou por terra todo o muro da quinta do Cavaco da banda do rio. Deu consideraveis prejuizos em fazendas a todas as pessoas, em cujas casas ella entrou, por se não poderem acautellar em consequencia da celeridade, com que subiu, e tambem por supporem, que ella não subiria a tanta altura. Finalmente depositou enormesissimos

montoens d'areia em ambas as margens do rio.

Desde a meia noite do referido dia 28 a agoa começou a descer progressivamente, e no ultimo de Dezembro já estava abaixo do meio da Praia, continuando sempre na vazante até ficar no seu leito natural.

CAPITULO XVIII:

O dia 1.º de Janeiro de 1861 em Villa Nova de Gaya.

Segundo o plano, que eu tinha adoptado para a confecção desta obra, ella não devia exceder o ultimo dia do anno de 1860; porém ficaria incompleta, e sem merecimento, (se algum tem) se eu me esquecesse da notavel circunstancia, de que o Senhor estava fóra da sua Igreja; e deixasse de descrever a solemnidade, com que se practicou o acto da sua trasladação, feita no dia 1.º de Janeiro de 1861. Foi esta funcção um acto verdadei-

ramente religioso, digno de especial menção, e que mereceu os louvores não só do Reverendissimo Parocho, que teve occasião de presenciar, e conhecer devidamente os sentimentos religiosos, que adornão o coração deste Povo, e em attenção aos quaes se dignou dirigir-lhe um eloquente discurso de agradecimento, e louvor; mas tambem de todas as pessoas, que se acharam presentes ao mesmo acto, e erão estranhas a esta Villa.

Com effeito, em vista da progressiva vazante da cheia, bem como da feliz mudança, que o tempo hia fazendo para melhor desde o dia 29 em diante, resolveu o Reverendissimo Parocho no dia 30, que no 1.º de Janeiro, depois de cantadas as Préces, se fizesse a trasladação do Santissimo Sacramento para a Igreja de Santa Marinha. Em consequencia disso a Meza da Confraria deu logo as ordens precisas para este effeito; e naquelle dia, e hora determinada, reunidas todas as partes na sobredita capella, e largo de S. Roque, começou a desfilar o prestito processional pelas 10 horas da manhã na forma seguinte: Vinha na frente a Cruz da Confraria, e seguia-se a esta um grandissimo numero de pessoas, revestidas d'Opas vermelhas; apoz estes vinha a Companhia dos Bombeiros desta Villa, fardados com o seu uniforme; e em 3.º logar muitas pessoas do povo, vestidas decentemente, mas sem Opas, como vinhão os Bombeiros, e todos com tochas accezas na mão, formando désde o principio duas alas muito extensas. Seguia-se a

Meza da Confraria, e depois della um côro de quatro Musicos, entoando os canticos sagrados ao Senhor, que vinha nas mãos do Reverendissimo Abbade debaixo do Pallio, cujas varas erão portadas pelos cavalheiros mais distinctos da Villa, assim como as alanternas que o rodeavão; atraz do Pallio vinha o Exmo Administrador do Concelho com a vara de Juiz da Confraria, e depois desta uma banda marcial de onze figuras, tocando varias peças de musica; e fechava o prestito a Força da Guarda Municipal desta Villa, e uma multidão innumeravel de povo.

A Procissão veio descendo nesta ordem com todo o vagar, e gravidade até o sitio da volta á entrada da Rua Direita; e como a Rua de Baixo estava então intransitavel por causa do muito lôdo que lhe ficou da mesma cheia, a Procissão virou para cima pela mesma Rua, e seguiu pela do Sacramento para a Igreja. Todas as ruas do transito estavão alcatifadas de flores; as janellas adornadas de preciosos damascos; o povo ostentando as suas galas festivas; o tempo abrilhantado com um sol claro e radiante, que o alumiava, dando um esmalte muito saliente a esta Festividade solemne, e tão singular; o contentamento e alegria, que se divisava no semblante de todos, mostrando a devoção, que animava os seus coraçoens, bem como o ineffavel prazer, que sentião não só porque a Mizericordia Divina se dignára acolher benignamente as suas humildes, e fervorosas supplicas, serenando a tempestade, que tanto os contristára, mas tambem por verem, que o Senhor hia ser restituido ao seu mages-

toso Tabernaculo. E era justo, que os christãos se não mostrassem neste acto inferiores aos Israelitas no amor de Deus, e nos respeitos devidos á Religião; pois, se estes festejaram, como diz a Escriptura, com tanto applauso, e luzimento de galas a trasladação da Arca do Testamento da casa de Obededon, aonde estava, para a de David em Jeruzalem, onde este lhe preparou um logar mais decente, e mais decoroso, em que fabricou um sumptuoso Tabernaculo, para a collocar, com quanta mais razão não devião os Christãos solemnisar este acto e mostrar por todas as maneiras a alegria dos seus coraçoens na trasladação da Arca Viva do Testamento Novo, pois he Christo a Verdadeira Arca do Testamento — *Christus est vera Arca Testamenti?!* — porque, supposto vinha de um logar tambem sagrado, he comtudo menos decente, e menos proprio da Gloria immensa de tão Soberana Magestade.

Muita gente deixou de presenciar este acto procissional em razão de se dirigir para a Igreja a procurar logares; e teve razão; porque a concorrencia de povo foi alli tão grande, que mal cabia dentro della.

Logo que a Procissão se recolheu, o Reverendissimo Abbade collocou o Santissimo Sacramento sobre o altar da sua Capella, e depois de practicar ahi as ceremonias, e cantar as oraçoens na forma que ordena o Ritual, approximou-se da grade da dita Capella, e virando-se para o povo, fez um discurso extenso, e muito

ADDITAMENTO FINAL

Dos grandes e muito importantes acontecimentos, que tem occorrido no presente seculo 19.º, com referencia ao universo inteiro, á nação portugueza, e a Villa Nova de Gaya, até o principio do anno de 1881.

Artigo preliminar

Já passaram vinte annos, depois que publiquei a historia de Villa Nova de Gaya. São muitos os casos com relação a esta Villa, que durante este tempo se tem dado na ordem geral dos acontecimentos, e que poderiam ser objecto de larga escripta, se pretendesse fazer menção de todos, ou ainda da maior parte d'elles n'esta segunda edição; mas limitarei a referencia só a dois, os mais palpitantes, e de tão elevada importancia, que sinto não possuir a presciencia necessaria para os sublimar á altura magestosa do seu objecto. O primeiro d'elles interessa o universo inteiro; o segundo toda a nação portugueza; e ambos a nossa cara patria Villa Nova de Gaya, como veremos em seguida.

Da origem dos caminhos de ferro, a mais alta novidade do seculo 19.º

É hoje quasi universal a viação accelerada pelo systema de caminhos de ferro. Esta tão alta novidade dos tempos modernos, que fez desapparecer as distancias, que reune os povos, como visinhos, desconhecendo já os longes dos tempos antigos, e desejando todos anciosa-

mente este novo meio de viação, que recebem, saudando-o sempre com os mais festivos applausos, é devida ao engenhoso talento do insigne inglez George Stephenson, notavel pela sua espantosa actividade, e inventor d'estes caminhos, que realisou a applicação do vapor ao transporte de passageiros e mercadorias.

Coube a este a gloria de colher no grandioso desenvolvimento da sciencia a magestosa ideia, que no seculo presente tem assombrado o universo ! Todas as nações, o mundo inteiro, recebeu com o mais pronunciado enthusiasmo tão luminosa invenção. É talvez a primeira d'essas concepções fundamentaes da nossa idade, de que fala aquella intelligencia previlegiada — Emilio Castellar, o principe dos oradores, quando diz—que estas promettem aspectos novos á arte, como os tem dado á sciencia, assim que passam da região, onde brilha a luz das ideias para as regiões, onde arde o calor do sentimento e da vida.

Dos caminhos de ferro na America ingleza

Com effeito no desenvolvimento d'este glorioso certamen, em que vemos hoje empenhados todos os povos, são os Estados-Unidos da America, quem leva a palma, e marcha na vanguarda do progresso; pois já no dia 1.º de janeiro de 1879 se viam alli cortados 131:682 kilometros de caminhos de ferro, cuja obra levou 49 annos a realisar, tendo começado em 1831: foi então que se inaugurou o primeiro caminho de tracção com locomotiva, era o Rail Road, chamado de Mohawk, e Hunsond, cujo comprimento orçava por 17 kilometros.

Agora estão em projecto novas vias ferreas na extensão de —24:135 kilometros, comprimento, quasi igual ao da rede de toda a Russia, excede quasi o duplo da

rede italiana, e é inferior á britannica apenas 4:800 kilometros. Tal é a energia d'este povo!

D'este povo, digo, que tendo vivido sob o jugo da soberba ingleza, conseguio por fim saccudil-o em 1776, assignando-se no dia 4 de julho d'aquelle anno os tratados de paz, que declararam livres os Estados-Unidos da America, que tão corajosamente tinham pugnado pela sua independencia e liberdade, limitados a principio ás suas proprias forças, e auxiliados depois pela França, Hespanha, e Hollanda.

Dos caminhos de ferro no Mexico—norte americano

Tambem o Mexico se não fez esperar muito para mostrar a sua actividade na exploração d'este systema de viação; pois no dia 23 de janeiro de 1873 o primeiro trem regular percorre já toda a linha ferrea n'aquella região; e traz actualmente 14 linhas em construcção, com 25:000 operarios.

É para notar, como aquelles povos da America, uns após outros, se desenvolvem, para entrar, como nações livres, no convivio universal; repellem com a plenitude das suas forças a vassallagem, que os ligava á velha Europa, e se declaram estados independentes.

Assim o Mexico—norte americano, este paiz, que é atravessado pelas altas montanhas, que continuam as cordilheiras da America do Sul, foi conquistado por Fernando Cortez em 1520, e forneceu immenso ouro e prata á Hespanha, se declarou estado independente em 1824; e com a victoria, que ganhou ultimamente na grande batalha de Tampico ás tropas de Fernando VII em 1829, e com a qual assegurou a sua independencia, se constituio em republica confederativa, com uma população do

oito milhões de habitantes, metade indigenas, e ametade mulatos, ou mestiços, com um governo de duas camaras —senadores, e deputados, e um presidente eleito de quatro em quatro annos.

Dos caminhos de ferro em Portugal

A nós tambem nos tocou por seu turno emprehender aquelle importante melhoramento, inaugurando-se no dia 16 de setembro de 1857, anniversario natalicio do snr. D. Pedro V— o muito amado — a primeira via ferrea, na qual cursaram de Lisboa ao Carregado seis carruagens a vapor de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, que sahiram da estação de Santa Apolonia ao Poço do Bispo, Olivaes, Sacavem, Povoa, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Castanheira, e Carregado, percurso de 30 kilometros — 6 leguas, em cujo lapso se gastaram 221 minutos — 58 para ida, 93 para volta, e 70 para descanço dos passageiros no Carregado, e Villa Franca — total 3 horas e 41 minutos.

Isto porém não foi mais que um ensaio; e só mais tarde é que se tractou de dar impulso ao desenvolvimento definitivo da viação publica, por aquelle systema.

Começou este pela exploração da via ferrea, que ligou as duas capitaes Lisboa, e Porto; e foi Villa Nova de Gaya, quem prestou o espaço necessario para levantar a ultima estação n'este trajecto entre as duas cidades. Tem esta o nome de estação das Devesas, porque está edificada na quinta do mesmo nome, e que se honra hoje com o titulo de viscondado, conferido ao seu proprietario o ex.mo Antonio Joaquim Borges de Castro, deputado ás côrtes pelo concelho de Gaya na legislatura actual; e, é aquella situada justamente no ponto, onde as tropas de D. Miguel levantaram em 1832 uma

grande bateria, que causou á cidade do Porto, consideraveis estragos durante o cerco.

Tinham corrido com presteza os trabalhos da exploração d'esta linha não obstante as pessimas condições, que o solo exhibia em partes de alagadiço, e pantanoso desde Aveiro para o norte, cuja circumstancia deu grandes prejuizos a alguns empreiteiros: e no dia 30 de junho de 1863 expedio d'aqui o primeiro comboio d'experiencia, que cursou até Estarreja. Concluida a linha, sahio depois para Lisboa o primeiro comboio regular no dia 7 de julho de 1864, continuando assim este movimento sem interrupção, e com bastante felicidade.

Ora, como as novas explorações para as linhas ferreas do Douro, e Minho hiam sendo já muito demoradas, pois só se abriram á circulação em 1875, depois de concluida a estação do Pinheiro,e mais moroso parecia ainda o entroncamento da via ferrea do sul com a do norte, começou a desenvolver-se junto da estação das Devesas a edificação de muitas e excellentes propriedades, que hiam dando ao sitio o aspecto de uma pequena cidade, pelos muitos estabelecimentos, que em seguida se organisavam para hospedarias, cafés, fazendas, e outros misteres da vida. Este augmento, e respectivas circumstancias deu incentivo a alguem, que lucrava com a innovação, e lhe dava por isso todo o impulso, para conceber a triste, mas estulta ideia de fomentar a decadencia da Villa, entregando-a á acção do tempo, e negando-lhe qualquer melhoramento e todos os reparos municipaes, de que ella carecesse; porèm felizmente foi tudo baldado empenho; porque apenas a linha ferrea do sul, que parava nas Devesas, se ligou com a do norte na estação do Pinheiro, começou logo a diminuir aquelle grande movimento, que se notava alli, seguindo para o Porto, tudo o que para lá se destinava, ficando nas Devesas só aquillo que lhe dizia respeito.

A grande rasão, que havia d'embaraço e demora para aquella ligação, era a falta da ponte, que se projectava sobre o Douro, e que chegou quasi a parecer, que seria obra impraticavel; porém, não succedeu assim: e realisou-se finalmente em principios de novembro de 1877 aquella empresa monumental, admiravel, a mais gigantesca, que até hoje se conhece n'este genero — a ponte metallica D. Maria Pia! Firma-se ella nos dois pontos mais notaveis, e modernamente mais historicos do nosso paiz — o Porto, e a Serra do Pilar em Villa Nova de Gaya, estes dois gigantes tão ricos nas suas tradições, nas suas glorias!.. É de tão alta importancia este objecto, que desejando eu descrevel-o aqui, resolvi, para lhe não alterar o sentido, reproduzir só e fielmente o texto da descripção, que então se publicou no dia solemne da sua inauguração; e é concebido nos termos seguintes :

Do notavel enthusiasmo, que houve na grande festa da inauguração, e benção da ponte metallica D. Maria Pia

PORTO, 4 DE NOVEMBRO DE 1877

Semilhante na grandesa ao arco d'alliança, que atravessa o espaço em dias de tempestade, o prodigio do saber humano acaba de alevantar d'uma á outra margem do nosso formoso Douro esse passadiço enorme, que vai ligar as terras, e os povos no grandioso abraço do progresso.

Despovoam-se as cidades, e as villas, para assistir á grande festa.

As locomotivas rasgam os espessos pinheiraes, e atravessam as duras entranhas da terra, para conduzir á

cidade laboriosa os convivas, que hão-de assistir ao baptismo da grande obra.

Coalha-se o rio de barcos; e os escarpados rochedos, que outr'ora soffreram os tremendos abalos d'artilheria, cobrem-se hoje com as bandeiras da festa.

Confundem-se no claro azul do espaço os gritos do enthusiasmo.

São pequenos de mais os peitos para conter os corações jubilosos.

As mãos rijas e calosas dos operarios acabam de depôr os malhos, que ajudaram a erigir o monumento.

As intelligencias repousam depois da grande fadiga.

O Ministro de Deus abençôa, o rei contempla, e o povo admira.

Quasi que se envergonha a naturesa !..

O Porto junta hoje á sua historia a mais gloriosa pagina da sua vida.

Salvè, ó cidade invicta, salvè !

Descripção circumstanciada da ponte, e engenharia

Damos em seguida a descripção d'esta obra gigantesca, que está attestando, quanto póde, a tenacidade dos homens sinceramente devotados ao engrandecimento do paiz.

Disposição geral

Esta ponte é formada por um grande taboleiro de 354^{m}375 de comprido, dividido em tres grandes porções, tendo o taboleiro lateral (da parte da cidade) 137^{m}700; o central 51^{m}480; e o da parte da Serra 170^{m}075; o que falta para preencher o total do comprimento do tabolei-

ro, vai nos dois intervallos que ha entre elles de 0,60 cada um, attendendo á dilatação do ferro.

Toda esta massa enorme formada por elegantes e solidas cruzetas de Santo André, de ferro batido, assenta sobre um systema misto de cinco pilares em tudo identicos ao systema do taboleiro, e em um immenso arco que tem 160^{m} de luz, 62 d'altura, desde a superficie do rio na occasião da maré baixa até ao seu extradorso, com mais dous pilares sobre si um de cada lado.

Partindo do Porto, a distancia entre o estribo e o eixo do 1.º pilar é de 36^{m}875; d'aqui ao eixo do 2.º 37^{m}375; ao do 3.º 28^{m}750. Aqui findam os pilares da parte do Porto; e o taboleiro vai firmar-se na parte superior do arco á distancia de 28^{m}750; seguem se 52^{m}, em que o extradorso do arco se liga intimamente com o taboleiro, tendo uns 10^{m}, em que o proprio arco serve de leito á via; continua o taboleiro, na extensão de 28^{m}750 até ao eixo do 1.º pilar da parte da Serra; d'aqui ao eixo do seguinte ha um espaço de 28^{m}750; d'aqui ao do 3.º pilar 37^{m}375; d'este ao do 4.º 37^{m}375; e, finalmente, d'qui até ao estribo do lado da Serra 36^{m}875.

A nascença do arco, que tem 15^{m} de largura, apoia-se sobre fortissimos encontros d'alvenaria á altura de 13^{m}088; isto é, 1^{m}270 mais elevado do que a ponte, onde chegaram as aguas na cheia de 1860.

A altura dos cinco pilares é de 35^{m}970 para o 1.º hindo da cidade; de 42^{m}935 para o 2.º; 42^{m}935 para o 3.º; 29^{m}006 para o 4.º; e 15^{m}078 para o 5.º

Os dois mais altos medem na base 11^{m}000 sobre 4^{m}080, e na parte superior 3^{m}095 sobre 3^{m}010. Ha ainda um varandim de resguardo, que corre dos lados, e ao longo do toboleiro, havendo d'um ao outro 4^{m}500.

Montagem

Se a concepção d'esta obra gigantesca, e por todos os motivos digna das attenções dos homens mais distinctos na materia é verdadeiramente assombrosa, e admiravel, não é menos a montagem, que em tudo se apartou da antiga rutina; impraticavel n'este caso por immensas rasões; e seguio um systema inteiramente novo.

Feitos os fundamentos d'alvenaria, e assentes sobre elles os pilares, construio-se o taboleiro, principiando estes trabalhos simultaneamente do lado do Porto, e da Serra.

Collocada a primeira parte sobre os primeiros pilares, ahi ficou assente sobre um machinismo proprio para o ajudar a correr, logo que houvesse assentada maior porção, e assim successivamente, até que, passando sobre os dois grandes pilares, chegou ao ponto em que deveria collocar-se o seguinte pilar sobre o arco. Aqui cessou a montagem do taboleiro para principiar o arco.

Nos primeiros lanços foi facil o trabalho. Mas, logo que excedeu uma certa extensão, o centro de gravidade, cahindo muito fóra da base, obrigou a usar de cabos e escóras para o sustentar na posição conveniente. Á medida que os trabalhos augmentavam, assim appareciam as difficuldades; mas por tal fórma se houveram os distinctos engenheiros, a quem foi commettida tamanha empresa, que conseguiram superal-as, suspendendo toda aquella molle immensa por meio de cabos d'aço, que prendiam a parte construida do arco á parte superior dos pilares, e ao taboleiro, que foi convenientemente preparado, a fim de que não cedesse ao peso.

E seguindo este meio tanto mais difficil de pôr em pratica, quanto mais avançavam as obras, assim chega-

ram a fechar a parte inferior do arco, e em seguida a parte superior.

Logo continuou a montagem do taboleiro, e a dos pilares sobre o arco, fazendo correr aquelle, assim que foi possivel; até que no dia 28 d'outubro correu até ao ponto, em que devia ficar definitivamente.

Seguiu-se-lhe a collocação do varandim, e depois o assentamento da via, e ligaram os dois extremos do fio telegraphico.

Experiencias

No dia 30 d'outubro teve logar a primeira experiencia.

Duas machinas chegaram até ao sitio do terceiro pilar, ficando em seguida para engatar uns vaganetes carregados de rails e balastro.

O resultado foi o mais satisfactorio possivel, pois que sobrecarregada por este enorme peso de 120:000 kilogrammas, exceptuando o das machinas, que é de 128 toneladas metricas, a ponte apenas desceu 16 milimetros, voltando sensivelmente ao seu estado natural, quando as machinas retiraram.

Seguio-se no dia immediato a experiencia de toda a ponte, o que mais confirmou a sua solidez. Ás 10 horas e 20 minutos passou pela ponte um comboio tirado pela machina n.º 126, arrastando 16 vagons, carregados de cal, e o respectivo forgão, representando um peso de 286 toneladas.

Esta foi a experiencia de velocidade. A machina percorreu rapidamente toda a distancia sem algum incidente, deixando verdadeiramente maravilhadas as pessoas, que o presenciaram.

Este comboio seguiu até á estação do Pinheiro, voltando pouco depois, e percorrendo toda a distancia d'alli á estação das Devesas, sem a minima occorrencia de sagradavel.

Perto do meio dia vieram as duas machinas Marão n.º 15, e Gerez n.º 16 com os competentes forgões, representando um peso total de 120 toneladas; 35 minutos depois vieram juntar-se-lhes as machinas Estrella n.º 17, e Tamel n.º 18, cujo peso sendo igual ao das outras duas machinas perfaz uma totalidade de 256 toneladas, ou 4:100 kilos por metro linear.

A flecha accusou aproximadamente uma oscillação de 28 milimetros, em quanto alli se conservaram as machinas, que foi no vâm n.º 3 do lado do Porto.

Verificada esta mesma experiencia no vâm n.º 4, a flecha apresentou apenas a oscillação de 20^{m} e 5 milimetros.

As machinas conservaram-se alli desde as 2 horas e 25 minutos até ás 4 h. e 23 m., passando depois a fazer a 2.ª prova no vâm n.º 3 do lado do sul ou da Serra.

Aqui deu a flecha 23^{m} e 2 milimetros.

D'estas quatro experiencias, concluio-se, que a flecha vacillava entre 20 e 25 milimetros; e assim terminaram as provas n'este dia.

No 1.º de novembro foi carregado o arco, e o resultado foi, como era d'esperar, das experiencias já feitas.

D'esta maneira se levou o trabalho de exame, sendo finalmente carregada com o mesmissimo peso de 1,460000 kil., dando sempre as melhores provas da sua solidissima construcção.

Noticias geraes

O peso total da ponte é de 1:600,000 k., correspondendo só ao arco 640,000 k.

O numero d'operarios, empregados na montagem, e assentamento da parte de ferro foi de 150 por dia.

O projecto da ponte deve-se aos distinctos engenhei-

ros constructores Mr. Gustave Eiffel, e seu socio Mr. Seyrig.

O systema de montagem do grande arco pertence a Mr. Emilie Nouguir, engenheiro em chefe da casa Eiffel & C.ª, e sob sua direcção foi executada por Mr. Marcel Angevere, engenheiro da mesma casa.

O encarregado dos desenhos das diversas peças foi Mr. Gustave Amelieu.

Director e representante da casa Mr. Joseph Colliu.

Contra-mestres Campagorau, e Destandau.

Os chefes Ouvriers da casa, ao serviço da ponte, foram—Mrs. Lacau, Marciel, e Diozed. Guarda d'armazem Mr. Theodore Brousse. Mr. Sauvestre, arquitecto da casa veio expressamente de Paris, para fazer uma aquarella da ponte, para ser offerecida a Sua Magestade no dia da inauguração.

Por parte de Portugal tomaram parte na execução d'estas obras, os ex.mos snrs.:

Manoel Affonso Espergueira, engenheiro director da Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes.

Pedro Ignacio Lopes, engenheiro director dos trabalhos da 5.ª secção dos caminhos de ferro do norte e leste.

Basto, engenheiro sub-director dos mesmos trabalhos.

Os membros da Junta consultiva d'obras publicas, encarregados por parte do governo de assistir ás experiencias da ponte, foram os engenheiros, os ex.mos snrs.: João Chrisostomo d'Andrade e Souza, João Joaquim de Mattos, e Candido Xavier Cordeiro.

Ahi fica descripto esse vulto engente, e magestoso; da naturesa d'aquelles, que pela sua qualidade e grandesa ennobrecem, e fazem explendidmente notoria a terra

que os possue; e só resta notar para credito e bom conceito da sua effectividade, que o tunnel sob a Serra do Pilar, que conduz á ponte, offereceu duvidas; porém, sendo reparadas, como foram logo em seguida, considera-se agora em condições de segurança, e felizmente nada tem havido de sinistro.

De grandes obras feitas, e em projecto para o melhoramento geral do paiz

O que se tem feito até aqui, não é o todo, mas talvez a melhor e a maior parte do importante ramo de melhoramentos materiaes do paiz. Estes porém continuam a desenvolver-se em todas as provincias do reino, porque tem achado sempre o apoio dos diversos governos, qualquer que seja a sua politica.

A cidade do Porto tem enderessado com a mais reiterada insistencia as suas instancias sobre dois pontos, que considera, como fontes de futuras e grandes vantagens, e vem a ser: o porto d'abrigo de Leixões, e o caminho de ferro do Douro até á Barca d'Alva a entroncar com o caminho de ferro de Salamanca.

Quanto a este suscitaram-se duvidas, cuja solução dependia do governo hespanhol; mas felizmente se aplanaram, mediante a muita importancia, e respeitabilidade do nosso actual embaixador junto d'aquella côrte o ex.mo Conde do Casal Ribeiro, que tudo conseguio, de maneira que se tractará de dar principio ao referido caminho, que tem de seguir da estação do Pinheiro.

Em quanto porém ao outro ainda nada se resolveu definitivamente; que é indispensavel este melhoramento, é de primeira intuição, ninguem o duvida ; no modo de o realisar, são muito encontradas as opiniões.

O porto d'abrigo de Leixões no seu primeiro ponto de vista suspende a decisão do governo, e com razão;

porque o seu custo é immensamente grande, é assustador! No entretanto o governo tem todo o empenho em condescender com as instancias do povo portuense, que considera credor de todos os respeitos, e aquellas essencialmente uteis, e até muito necessarias ao bem geral do paiz. Para prova das boas intenções, de que se acha animado, ordenou a nomeação d'uma commissão composta dos engenheiros John Cood, Filho, e Affonso Joaquim Nogueira Soares, para estudar o estado da barra, e respectivas circumstancias, e em face d'ellas levantar um plano dos melhoramentos, de que ella fôr susceptivel, como se deseja.

Aquelle estudo preliminar já terminou; segue-se agora a confecção do plano como trabalhos de gabinete.

Ordenou tambem o lançamento da ponte metallica sobre o Douro em substituição da actual ponte pensil, cuja duração se considera já muito além da que se lhe deveria suppôr; e que pelo governo civil se abrisse concurso a offertas para a sua construcção; o que este fez cumprir, e no dia 12 de novembro se abriram as propostas apresentadas em numero de 10 sobre esta obra.

Ora eis-aqui o que se acha já feito, e em expectativa no grande plano de melhoramentos, do que tanto carecia o paiz, pela sua immediata utilidade; pela applicação que faz d'um numero immenso de braços, que na falta d'aquelles teriam de procurar emprego fóra da patria; e pela respeitosa consideração, a que nos elevamos no convivio universal, como propugnadores dos grandes principios da civilisação moderna, para cujo desenvolvimento contribue poderosamente o novo systema de viação, que já vai tomando entre nós tão largas proporções, que nos faz esperar em breve a rêde completa, que desejamos; e conhecerá o mundo inteiro, que o povo portuguez do seculo 19 é animado ainda dos mesmos brios, que tanto celebrisaram os nossos maiores, como ha pou-

co lhe mostramos no seguinte successo, que echoou em todo o universo.

Do tricentenario do immortal Luiz de Camões, a maior gloria lyrica do nome portuguez

Desde uma era muito remota pesava já uma tremenda responsabilidade sobre a nação portugueza; porque um filho seu, por acaso o mais illustre, o mais benemerito, e verdadeiramente credor do mais sublimado respeito jazia olvidado no seio da patria ! e era tanto mais palpitante essa responsabilidade, quanto mais justificada era a certeza da divida perante o consenso universal.

É certo, porém, que cada geração é designada pela paixão mais dominante, que a caracterisa; e sendo a actual pela cultura e amor da sciencia, que tanto a illustra, e leva ao conhecimento da recta rasão e da verdade, resultou d'ahi, que a geração presente, attentando com a mais respeitosa circumspecção n'aquella importantissima falta, tomou sobre si toda a responsabilidade em caso tão momentoso; e foi de tal modo espansiva a satisfação, que lhe prestou, que nos incita a proclamar com o mais puro, com o mais corajoso enthusiasmo:

Solveu-se aquella divida immensa ! Está satisfeito o crédor !.. Sim, já está satisfeito ; porém trezentos annos se hiam quasi passando com o volver dos tempos, sem que durante esse tão longo periodo se tivesse levantado uma voz, mais ou menos auctorisada, que clamasse á nação portugueza : que um grande homem — Luiz de Camões, a quem ella devia o mais radiante, o mais luminoso padrão das suas glorias, esse genio extraordinario, tão talentoso e inspirado, que nos paizes estranhos

exitou sempre com o seu livro de ouro a admiração dos homens mais notaveis, mais imminentes da sciencia,jazia entre nós, na sua cara patria, que tanto amou, olvidado, no pó e no indifferentismo geral!! Ah! mas chegou finalmente um dia, e determina-se reparar esta falta immensa.

Tocou a nós, á geração presente dar plena satisfação a este dever sagrado, a este instante compromisso de honra, e do brio nacional: e com effeito n'esse glorioso dia 10 de junho de 1880, que será sempre memoravel nos annaes da patria, o paiz inteiro, dominado do mais puro sentimento de reconhecimento e gratidão consagra ao heroe a solemnidade mais imponente,mais grandiosa, que jámais se vio! e podemos felizmente orgulhar-nos do modo explendoroso, e tão espansivo, com que toda a nação portugueza, movida por um impulso unanime, verdadeiramente patriotico, e espontaneo, sem reserva, ou excepção alguma, respondeu a tão nobre convite; sim, nem uma lingua deixou de proclamar—Grande e muito illustre a Luiz de Camões!

Verificou-se então na realisação d'esta festa admiravel, a mais esplendida, e democratica, que até o presente se ostentou entre nós, aquella verdadeira soberania, chamada iniciativa individual, que nas sociedades modernas constitue a primeira dignidade do homem, e se resume n'esse principio imminentemente juridico e positivo—todos por cada um, e cada um por todos.—

Das grandes festas, que por aquelle motivo o Club Musical Villanovense promoveu n'esta Villa, addicionando-lhes circumstancias, que as tornam beneficas, e memoraveis sem limite.

Ora não obstante ter-se mostrado já, no que fica exposto, como foi geral a manifestação publica, que todo o paiz desenvolveu nas grandes festas nacionaes por tão nobre e augusto motivo, seja-me licito tambem consignar aqui uma menção honrosa d'applauso aos meus concidadãos, com os quaes me congratulo, pela parte tão notavel e enthusiastica, com que se distinguiram, associando-se ao appêllo geral, e concorrendo com o seu espontaneo e avultado contingente, que a benemerita direcção do Club Musical Villanovense promoveu, desempenhando esta honrosa missão tão dignamente, como era d'esperar do seu brioso e distincto patriotismo; e cujos actos me impõem um dever de gratidão perante a historia de registar aqui os nomes de tão prestantes cavalheiros, que são: Presidente d'assembléa geral, Dr. Arthur Ferreira de Macedo; dito da direcção, Antonio Joaquim Soares Gonçalves; thesoureiro, José Maria Ferrão; secretario, Alfredo José Ferreira; directores, Antonio Rodrigues de Araujo, José Joaquim Pereira, Eduardo Magalhães, Thomaz Cardoso Junior.

Além dos festejos publicos, que promoveram d'embandeiramento, illuminações, fogo, e musicas, que se ostentaram com pompa e muita profusão por espaço de tres dias, confórme a pratica actual, estatuiram providencias, que revelam com a maior clareza a illustração, e notavel patriotismo, com que se honram; e estas se tornarão pela sua especie largamente beneficas, e memoraveis.

Instituiram um premio annual de 20$000 réis, para

ser conferido em sessão solemne no domingo immediato ao dia 10 de junho de cada anno, ao alumno, ou alumna das aulas do concelho de Gaya, que melhor classificação alcançar no exame d'instrucção primaria, feito no Lyceu Nacional do Porto.

Para maior estimulo, o alumno além d'este premio pecuniario, receberá tambem um exemplar dos *Luziadas* do cantor das nossas glorias, offerta dos corpos gerentes do mesmo Club, e um diploma, em que se declarem os motivos, por que o alumno foi premiado.

Sim, são dignos dos maiores elogios pela ideia feliz, que tiveram, assignalando o tricentenario do grande epico portuguez, com a instituição d'este elevado premio, para estimular a mocidade á applicação do estudo por este meio enthusiastico, e perduravel.

Fez mais o patriotico Club; requereu, e obteve da camara municipal d'esta Villa e concelho, que a nova rua, que conduz da do General Torres á Gervide, e se chamava rua nova da Serra do Pilar, se denominasse d'agora em diante—Rua de Luiz de Camões,—para o que offereceu as lapides de ferro fundido, que foram collocadas nos pontos convenientes com a assistencia da mesma camara, dos corpos gerentes do Club, da commissão dos festejos, e d'outras muitas pessoas, sendo este acto saudado com repetidas girandolas de foguetes: feliz lembrança! que assim disperta a curiosidade do povo, e especialmente da mocidade, quando transita por aquella extensa avenida a indagar, quem era essa entidade, que se honrava com aquelle nome tão fallado, tão sympathico, e laureado de Luiz de Camões...

Foi em fim alçado solemnemente n'esse mesmo dia 10 de junho o busto do Grande Homem no logar de honra na sala das sessões; e inaugurada tambem a bibliotheca do Club, que se vê encimada com o retracto do muito illustre, e muito benemerito Alexandre Herculano, esse

genio robusto e talentoso, que com a vasta erudicção do seu espirito fazia a honra e a gloria da nossa idade; esse homem, cujo nome se tinha tornado tão brilhante, tão celebre, e respeitado, que em 1871 gosou a elevada honra de ser obsequiado com a attenciosa e cordial visita do Imperador do Brazil D. Pedro 2.º, na sua propria casa em Santarem; como nos tempos antigos succedeu a Deogenes, filosopho grego, que tambem foi visitado por Alexandre Magno, rei da Macedonea, o principe mais famoso do seu tempo (morreu em 19 de agosto–ha 2:204 annos, isto é, 324 antes da era Christã) que desejava conhecer a Deogenes, que se tinha tornado muito celebre em toda a Asia, pelas suas doutrinas do mais completo desprezo, que fazia de tudo, que parecesse commodidades da vida; e tão austero se portou com Alexandre, que nada absolutamente lhe acceitou da sua liberalidade; e só lhe pediu, que lhe não tirasse aquillo, que lhe não podia dar, que era o sol, de que o privava por estar diante d'elle.

Moralisemos agora:

Se a abnegação do superfluo é uma virtude, era mal comprehendida por Deogenes; por que tractava com desprezo e arrogancia, o que devia praticar com respeito e humildade, que é o caracter da virtude, como lhe notou Platão, seu contemporaneo, e tambem filosopho, homem muito rico e faustoso.

Certo dia Platão deu um grande banquete; convidou para elle todos os filosofos do seu tempo, e tambem a Diogenes. Quando este entrou, e viu os salões de Platão cobertos de ricas tapessarias, hia arrastando por sobre ellas os sapatões, enlameados, que calçava. Vendo isto Platão, disse-lhe com ar menos benigno: *oh! Deogenes, quid agis?* oh! Deogenes, que fazes? *Calco Platanis fastum,* calco a soberba de Platão, respondeu Deogenes; disse-lhe então Platão — *calcas, sed alio fastu,* calcas, mas com outra soberba. D'aqui se conclue, que aquella

abnegação em Deogenes não era virtude, mas sim vaidade ou soberba, como lhe notou Platão; porque a virtude é benigna, é tolerante, não se ensoberbece, não tem invejas, não conhece emulações, não é vaidosa, não procede contra a boa rasão, é sempre humilde.

Porém, acima de tudo isto está o conselho, que o Divino Mestre, Jesus Christo nos dá no Evangelho — *Discite a me, quia mitis sum, et humilis corde, et invemietis requiem animabus vestris — S. Matheus, cap. 11 v. 29* — aprendei de mim, que sou manso, e humilde do coração, e achareis descanço para as vossas almas.

A humildade !? sim, é esta a virtude, que Elle nos ensina, e recommenda com mais empenho, e tanto, que Elle mesmo se nos offerece como exemplo, n'aquellas palavras — *Discite a me* — aprendei de mim ; e o mostrou praticamente em todos os actos de sua Santissima vida sobre a terra desde o Presepio até o Calvario.

Dos grandes melhoramentos materiaes, que Villa Nova de Gaya recebeu durante a municipalidade, presidida pelo benemerito Diogo Leite Pereira de Mello.

Quanto á nossa Villa, tornando ao assumpto material da historia (é força dizel-o) soffreu muito; esteve votada ao abandono sob o regimem de certos desaffeiçoados ; no entretanto esse periodo teve a sua transição, e succedeu-lhe depois uma nova era, que a fez remoçar.

A municipalidade do ultimo biennio, presidida pelo muito benemerito Diogo Leite Pereira de Mello realisou então obras muito importantes. Este cavalheiro, tão inspirado do amor patrio foi vivamente sentido, quando a sorte o apontou para a exclusão ; por que muito se desejava, que elle continuasse a exercer aquelle cargo, que

sempre desempenhou com tanta dignidade; poróm foi forçoso ceder ás prescripções do codigo administractivo, e instrucções de 30 de setembro de 1879, que dispunham o contrario. No entretanto os Villanovenses não deixaram de prestar-lhe um testemunho authentico da sua gratidão, que o jornal a *Voz do Povo,* de 11 de novembro de 1879 publicou nos termos seguintes:

A S. Ex.ª o Snr. Diogo Leite Pereira de Mello:

Se a sorte determinasse só o justo, e a verdade dos factos, era justo tambem, que só por ella regulassemos as nossas acções; mas acontece o contrario, e dá-se este caso na presente exclusão, que ella acaba de proclamar a respeito da presidencia municipal.

Tem sido muitas as vereações, que desde a inauguração do concelho de Gaya tem administrado os negocios municipaes; e muitos tambem os cavalheiros, que tem exercido o importante cargo da sua presidencia; mas ouso affirmar, (por que os factos o provam) que nenhum até hoje tem desempenhado tão digna e proficuamente, como V. Ex.ª este pesado encargo.

Todo o concelho de Gaya louva a V. Ex.ª pelos melhoramentos, que recebeu, uns remediando os grandes estragos, a que a intemperie dos tempos deu causa; outros ampliando a commodidade e a melhor viação publica, prestando sempre attenção a quaesquer reclamações, e dirigindo tudo com aquella sizudez, e escrupulosa vigilancia, que V. Ex.ª sempre lhes dispensou, isto em quanto a todo o concelho; e a respeito da nossa Villa? a respeito de Villa Nova de Gaya? d'esta terra tão antiga, tão illustre, como lhes mostrei na sua historia, e que ousaram querer votará destruição! Ah! mas veio V. Ex.ª, e fez logo suspender a carreira de retrocesso, em que ella se despenhava. A synopse dos im-

portantes melhoramentos, que ella recebeu, ha-de mostrar ao porvir, o quanto lhe foi grandiosa a sua presidencia; e por fim o glorioso pendão, com que V. Ex.ª se dignou brindar Villa Nova de Gaya, e esta camara, faz-nos dizer, testemunhando a nossa gratidão:

Foi offerta do muito benemerito
Diogo Leite Pereira de Mello.

Do desenvolvimento, que se tem dado n'esta Villa á grande e civilisadora ideia d' associações de beneficencia e soccorros mutuos; da existencia de um estabelecimento typographico; e da saliencia de zelo, que mostra no desempenho das obrigações a seu cargo o commandante da Companhia d'incendios.

A folhas 352 e 353 d'esta obra ficam já mencionadas as associações de beneficencia, e soccorros mutuos, que então se estabeleceram n'esta Villa, e que mediante uma limitada percentagem semanal, prestam aos seus socios, no caso de doença, os soccorros prescriptos nos seus estatutos.

Temos porém a observar, que esta ideia humanitaria, e altamente civilisadora tem lançado profundas raizes no coração dos povos; por toda a parte se organisam associações d'este genero, e actualmente já se contam aqui cinco para o mesmo fim, que são:

Associação Villanovense—Fé, Esperança, e Caridade, fundada em 1859; estacionou algum tempo; mas com a reforma, que fez nos seus estatutos, desenvolveu mais as suas operações.

Montepio-Progresso Villanovense, fundado no dia

1.º de janeiro de 1874 com a denominação de Montepio dos Bombeiros, conta hoje 600 socios em actividade.

Associação Humanitaria de soccorros Villanovense, fundada em outubro de 1875; só recebe no seu gremio individuos, residentes na Villa, e conta 250 associados.

Monte-pio de soccorros mutuos para ambos os sexos, fundado em 30 de dezembro de 1877, e conta de ambos 600 socios.

E ha mais finalmente a Associação Beneficente dos Artistas de Mafamude, fundada em 11 d'agosto de 1872, que regula a sua força activa por 200 individuos.

Tambem na rua da Bandeira n.º 235 da freguezia de Mafamude, está estabelecida a typographia Villanovense, de que é proprietario Manoel Pinto dos Reis.

Todas estas circumstancias tornam muito louvavel, e bem saliente a illustração do nosso povo, que se não poupa a exforços para se elevar á altura da sua dignidade.

Na ordem do serviço publico tambem se nota aqui uma entidade, que, no meu conceito, merece ser mencionada, como exemplo, para estimulo d'algum outro, que por acaso seja menos zeloso; fallo do benemerito Eduardo da Costa Santos, commandante actual da Companhia d'incendios. Este cidadão, e nosso patricio tem desenvolvido n'aquelle ramo de serviço, aliaz tão arduo, uma intelligencia, que não é vulgar, uma actividade tão energica, que parece, se não encontra n'aquelle coração benigno, e muito conciliador; mas é por estes mesmos meios que elle tem conseguido fazer de individuos na maior parte rudes, homens denodados, prestimosos, cidadãos, insinuando-lhes no coração o brio, e los da probidade: bem haja quem assim procede

---

Noticia dos individuos, que occupam actualmente as diversas secções do serviço publico

Ora, já que fallei no serviço publico, vem a proposito dar tambem aqui noticia dos individuos, a cujo cargo se acham recommendadas actualmente as differentes secções do mesmo, e são os seguintes :

Camara municipal

Presidente — Caetano de Mello Menezes e Castro.
Vice-presidente — João Thomaz Cardozo.
Fiscal — José Antonio Junior.
Vereador — Augusto Cezar Soares.
» — José Francisco Pereira.
» — Bernardino Joaquim d'Azevedo.
» — Joaquim José d'Almeida.
Escrivão — Dr. Antonio Rodrigues Rib.º dos Santos.

Administração

Administrador — Dr. Antonio Joaquim dos Reis Castro Portugal.
Escrivão — Manoel Carneiro Pinto.
Regedor — Narciso Alberto da Silva Magalhães, de Santa Marinha.
» — José Francisco da Silva Castro, de Mafamude.

Fazenda

Recebedor — Dr. Alvaro de Paiva Faria Leite Brandão.
Escrivão — Manuel de Castro Borges.

ECCLESIASTICA

Parocho — Antonio João Iria Carvalhal, de Santa Marinha.
» — José Maria Sant'Anna Silva, de Mafamude

MILITAR

Governador da Fortaleza da Serra do Pilar—O coronel reformado Domingos da Costa Ribeiro.

Noticia da cheia, que sobreveio ao rio Douro no mez de janeiro de 1881

Ha tambem a mencionar aqui um d'aquelles casos, de que se fez larga descripção no cap. 6.º, additamento a fl. 111 e seguintes; é a cheia, que no mez de janeiro do corrente anno de 1881 sobreveio ao nosso Douro, e cujas agoas engrossaram por tres vezes o volume ordinario do seu leito.

A terceira d'estas foi de bastante altura; chegou a agoa no dia 30 ao meio da rua Direita, e da viella de França, e ás escadas do Jardim de Santa Marinha; porém, felizmente, não causou desgraças, nem prejuizos de avultado valor. O unico e mais consideravel foi a perda do vapor Bismark, que garrou pela barra fóra por lhe ter arrebentado, com a furiosa corrente das aguas uma amarra, que o segurava; e foi perder-se na praia de banhos, chamada dos Inglezes, mas houve ainda a vantagem de não levar nenhum de 5 homens, que tinha a bordo, e que se poderam salvar, passando para uma barca, que estava proxima, quando largou.

Das experiencias publicas, que uma agencia commercial e agricola, ha pouco estabelecida no Porto, pertende fazer nos campos da Serra do Pilar, para o ensino prático d'instrumentos aperfeiçoados pela sciencia para uso da agricultura.

Nos primeiros dias de março publicou o *Commercio do Porto,* a seguinte noticia:

EXPERIENCIAS D'UTENSILIOS AGRICOLAS

«Os snrs. Blanc & C.ª, proprietarios da agencia commercial, e agricola, recentemente estabelecida n'esta cidade—Porto—com o fim de propagarem o conhecimento prático de varias machinas francezas, e material proprio para a pequena agricultura, resolveram fazer varios domingos, quando o tempo o permittir, experiencias publicas de todos esses utensilios, de modo que os cultivadores possam ajuizar cabalmente da sua utilidade.

«Reputamos essencialmente uteis e vantajosas estas lições para os lavradores, e para os artistas, que vem supprir a grande falta, que aqui ha d'escólas proprias, que o Porto não possue.»

E eu além de o reputar muito util e vantajoso pela rasão dada, que é o ensinamento prático d'utensilios, aperfeiçoados pela sciencia, e que os nossos não conhecem ainda, considero-o digno de ser transcripto, e publicado n'este logar pela importancia, que liga á nossa terra, que foi honrada sempre com o magnifico titulo de povo activo, e muito laborioso.

Dos museus particulares, que ha em Villa Nova de Gaya, e que são propriedade dos snrs. Marciano do Carmo Martins Vianna d'Azuaga, e Narcizo Teixeira Martins Ferro.

Ha sempre motivo de satisfação para nós, se temos occasião d'apontar a existencia de qualquer objecto, de que possa advir algum interesse á sociedade; assim como incorremos na devida censura, se deixamos de o fazer, havendo nós noticia d'elle.

Fallo do importante museu do snr. Marciano do Carmo Martins Vianna d'Azuaga, digno empregado da estação das Devezas. Não sou eu o primeiro a dar esta noticia; é o *Commercio do Porto,* quem tem prestado as columnas do seu jornal a alguns amadores, que apreciando devidamente o seu elevado merito, tem endereçado justos e bem merecidos encomios áquelle illustrado colleccionador, que se torna muito digno da consideração publica pelo aturado empenho, com que deve ter luctado para reunir um thesouro já tão avultado de riquezas naturaes, e producções da arte, que com a maior franqueza e boa vontade presta á visita, e ao exame de qual quer, que o solicite.

A ultima descripção, que aquelle jornal nos deu em julho 21 do anno de 1880, desenvolve com muita pericia e lucidez as partes d'este conjuncto; e me dispensa por isso de fazer aqui repetições, com que nada se adianta para o bom conceito d'esta preciosidade, que por si mesma se recommenda, e muito mais pela circumstancia de ser propriedade d'um só individuo, e não d'algum corpo collectivo, ou repartição publica.

Tocarei porém só em alguns pontos, que escaparam ao minucioso e esclarecido exame d'aquelle observador, que tão competente se mostra na materia; como por

exemplo — o Òstro, que alli se vê tambem : era a concha, ou casco d'algum cetaceo, ou mesmo qualquer fragmento do barro, ou d'outra materia dura, na qual antigamente em Athenas, capital da Grecia, e mesmo na antiga Roma se costumava escrever a sentença d'exilio, ou degredo, a que davam o nome d'ostracismo, contra qualquer cidadão, de quem temessem o poder ou ambição.

Verificava-se a pronuncia por meio d'uma votação geral, sem fórma de processo, e com um numero de votos nunca inferior a seis mil. O tempo do ostracismo devia durar dez annos. Foi instituido por Clistone em 509, antes da era Christã depois da queda dos Pecistratides. O ostracismo nada tinha de infamante ; foram victimas d'elle os homens mais importantes da Grecia, como Melchiades, Themistocles, Aristides, Ceinon, Thocidides, e outros, os mais notaveis d'aquelle povo tão zeloso dos seus direitos, e da sua liberdade.

Foi abolido finalmente depois das condemnações do indigno Hyperbolo, que parecia têl-o subjugado.

Tambem ha a notar um manuscripto de 500 e tantas paginas, com o titulo de *Pratica d'Arithemetica*, dividida em 6 tractados, por Domingos de Lima e Mello, de Vianna do Castello, em 1755. Vianna do Castello, desde sempre tem levado vantagem a muitas terras do reino na posse de professores mais habilitados em calligraphia, e contabilidade, como succede ainda hoje.

Tambem possue em pintura objectos de muito valor artistico, como é a Conceição, obra de Raphael Ximene, pintor de Carlos 3.º d'Hespanha; e tambem

Um quadro, que é na verdade digno da mais séria attenção, é admiravel — representa a Virgem com o Menino Deus nos braços, e a S. José! deve considerarse muito feliz o artista, que effectuou tão expressivo e tão delicado trabalho; ou foi inspirado, ou guiado por mão

occulta. Vê-se alli a Divindade, e se vê tambem a santidade sublime d'aquelles dous seres escolhidos *ab eterno* para a grande obra da redempção—Maria, de quem nasceu Jesus; José Esposo de Maria! *Maria, de qua natus est Jezus—S. João, cap. 21; Joseph virum Mariæ —S. Matheus, cap. 1 n.º 16.* São os elogios mais sublimes, mais eloquentes, que o Evangelho podia exhibir d'estas duas creaturas, cujos corações, enrequecidos com um mar immenso de bençãos encerram o summo grau das perfeições! e alli se deixam ver n'aquelle magestoso aspecto, tão nobre e augusto, pela mão do artista, que realisou este eterno principio—é nos homens a cara espelho da alma!

Além do museu, acima referido, que pertence ao snr. Azuaga, ha mais outro, que é propriedade do meu amigo, e nosso estimado patricio o snr. Narcizo Teixeira Martins Ferro.

É este egualmente muito digno d'attenção; porque conta já um extenso numero de grupos, que asseveram com evidencia o bom gosto, e a predisposição, que tem para o estudo o seu proprietario, reunindo variadissimos objectos, a que sabe dar o justo e verdadeiro apreço, competentemente escolhidos, e assaz notaveis pelas suas respectivas especies, e valor intrinseco, e que bem mostram os exforços, que deve ter envidado, para organisar este conjunto, que se encaminha a gosar as honras de um completo museu, regularmente colleccionado.

Qualquer dos grupos offerece ao exame do observador intelligente curioso ensejo para largas considerações, tanto no que respeita ás multiplices producções da natureza, como ás bellezas e obras d'arte, resultados da intelligencia.

A collecção numismatica consta de varias moedas d'ouro, prata e cobre desde o seculo 13, do reinado de D. Diniz até o presente. É de bastante valor, porque em alguns d'aquelles reinados é ella quasi completa. Tem em ouro a moeda de S. Vicente, denominada o Calvario, e cujo carecteristico é uma cruz singela com a parte inferior da haste mais comprida que os braços, e bem proporcionada; é de D. João 3.º, no principio logo do seculo 16; valia 1$000 rs., e foi cunhada por lei de 10 de junho de 1555. Tambem faz parte da collecção um grande numero de medalhas d'aquelles mesmos metaes, muito historicas, de primoroso trabalho artistico, differentes datas e especies, sendo uma d'ellas da epocha dos Templarios; e diversas moedas da India. É tudo bem notavel pelo seu bello estado de conservação.

Excita a curiosidade a interessante collecção d'ovos de volateis, que alli se vê; consta de 56 especies nacionaes, e estrangeiras; e é tão variada em volumes, o que designa a corpulencia respectiva dos especimens, desde o minimo até o maximo, como especificada no colorido, e suas fórmas.

Está alli tambem representada a mineralogia; e supposto não seja em larga escala, é comtudo bem escolhida.

É grande, porém, uma outra, que pertence ao reino animal; e se compõem de insectos, reptis, e cobras de differentes pontos da terra; como são: a cobra de *cipó,* ou a *boitiapó;* a cobra de *coraes,* ou a *ibiboboca;* a cobra de *duas cabeças,* ou a *ibyara;* a cobra de *veado, coboia, ou cobra boi,* a que chamam tambem a *giboia, e boiguacú;* a *cobra verde,* ou *a boiobi;* a cobra de *cascavel, ou a boicininga;* e a cobra de *capello,* que é oriunda na India, e aquellas do Brazil, onde são conhecidas pelo segundo nome.

Não faltam aqui as antigas armas, com que os nossos valentes trouxeram outr'ora á obediencia aquelles

nomadas e selvagens, que na Asia, Africa, e America recusavam, rebeldes, os beneficios da civilisação; e bem differentes eram ellas das que se usam, e empregam hoje no serviço militar, e arte da guerra.

Tem finalmente outras muitas curiosidades, que seria enfadonho especificar, sendo bastante o exposto, para dar uma ideia da importancia d'este valioso thesouro, que confere ao seu proprietario, bem como o outro ao precedente, o justo direito, que tem á consideração publica pelo levantamento d'estas magnificas exposições, que inspiram o amor da sciencia, e que lhes tem custado grandes fadigas, e avultadas quantias no proveito da illustração, e bem geral.

Do resultado, que as grandes festas nacionaes de 10 de junho de 1880 produziram no animo dos homens illustrados do universo; e do modo como estes, vindo em seguida a Portugal, foram recebidos, e tractados desde o ingresso até o regresso em Lisboa, em Braga, e no Porto, do que levaram as mais gratas e saudosas recordações.

Eu disse, que aquella grande, e extraordinaria manifestação publica de respeito, que toda a nação portugueza prestou n'esse memoravel dia 10 de junho de 1880 ao seu laureado e talentoso heroe, echoou em todo o universo; e com effeito não se fez esperar muito o resultado, que ella devia produzir no animo dos homens mais notaveis da sciencia em todos os paizes.

Por modestia nos consideramos pequenos: mas não

é esse o conceito, em que somos graduados no consenso universal.

A historia, que é o archivo fiel da vida das nações, lá guarda com a devida veneração para conhecimento de todo o porvir, o que foram os nossos maiores; o zelo extraordinario, que desenvolveram para trazer á razão, ao conhecimento do justo aquellas innumeras multidões de nomadas e selvagens, que enchiam os vastos certões da Asia, da Africa, e America; as guerras, que sustentaram com elles, quando rebeldes; o grande numero de templos, que fundaram para o culto da religião e propagação da fé; as fortalezas, que levantaram para a segurança propria, e respeito do nome portuguez; em fim todos esses grandes e admiraveis exforços, que com inaudita coragem envidaram por mar, e por terra, para erigir o magestoso edificio da civilisação, a cuja sombra aquelles se deviam acolher, para assim poderem constituir nação, patria, e familia no convivio universal; foi esta a tarefa da primeira idade.

Seguio-se depois a segunda. Teve ella por objecto a cultura das letras e o desenvolvimento das sciencias em todos os ramos do seu vasto dominio. Na historia appareceram os mais denodados campeões lyricos e prosadores. Para ella era vastissima a materia, que lhes tinham preparado as navegações, e conquistas da primeira idade; as admiraveis descobertas do velho e novo mundo; as perigosissimas explorações, que se practicaram atravez dos immensos sertões; tudo em fim quanto de bom e de mau nos conta a historia.

Nas sciencias surgiram tambem os mais egregios e abalisados talentos, que produziram os conceituosos tractados, que ainda hoje se guardam, e consultam com respeitosa veneração nos casos mais graves e duvidosos; esses grandes classicos, chamados por anthonomasia os quinhentistas, essa tão illustrada pleyade, a cujo numero

e edade pertenceu tambem o nosso Epico Heroe, e que assombraram o mundo com as admiraveis producções da sua intelligencia, de tal modo, que tem sido sempre muito procurados pelos estranhos com grande empenho, e por preços muito elevados.

Tudo isto existe ainda, e fundou um venerando conceito, que jámais se apagará; antes se reforça sempre com novos, e muitos escriptos de subido e peregrino valor, que provam a fecundidade dos nossos talentosos, que prezam tanto as sciencias.

E avivados agora estes gloriosos precedentes por aquelle notavel e tão estrondoso accontecimento, que todo o povo portuguez, unido como uma só familia dentro e fóra do paiz ostentou com tanta magnificencia n'aquelle memoravel dia 10 de junho de 1880, fizeram conhecer ás nações, que este povo no seculo 19 é animado ainda dos mesmos sentimentos d'honra e pondonor, que tanto celebrizaram os nossos antepassados: e determinam em seguida os seus litteratos mais notaveis honrar-nos com a sua vizita, e tractar em conferencia na nossa capital das questões mais complicadas da sciencia.

Tinham apenas decorrido tres mezes, quando elles começaram a chegar uns após outros a Lisboa, vindos de diversas procedencias. São recebidos alli com todas as demonstrações publicas da mais cordeal e respeitosa deferencia; e tractados sempre até o seu regresso com as maneiras mais expressivas do verdadeiro e sincero cavalheirismo.

Reunidos aos nossos em congresso, abriram sessões publicas, para discutir os pontos mais graves e escuros das sciencias modernas. Mostraram alli os nossos litteratos tão elevada proficencia, que aquelles lhes reconheceram a altura de saber, que tinham attingido, declarando, que a instrucção publica se via aqui desenvolvida em grande escala, e aproveitamento; e que isso mesmo

se traduzia da cordura do nosso povo, da liberdade d'imprensa, de que gosavamos, e de toda a ordem publica em geral: e terminou a discussão com a seguinte conclusão difinitiva; com o veredictum seguinte, honrosissimo para os nossos sabios, que são as glorias da patria, e que tanto illustram o nome portugez!

« Em todo o caso a sciencia portugueza auctorisou-se no conceito dos anthropologistas estrangeiros pela gravidade das suas memorias academicas; pela palavra convicta dos seus apostolos; e pela eloquencia das provas geologicas, e anthropologicas, em que escoraram as suas revelações. »

Foram tratados em Lisboa com summa distincção, e honrarias pela Academia Real das sciencias, e pela Camara Municipal, recebendo d'esta um esplendido banquete, que lhes offereceu na sala do risco do arsenal da marinha, e em que se fizeram reciprocamente os brindes mais sympathicos, mais significativos, e enthusiasticos, que se póde imaginar. Para prova d'esta asserção, e ornamento d'este limitado trabalho referirei o texto d'alguns, que exhibem o testemunho mais publico, e accentuado da altura, em que se vê graduado o conceito do nome portuguez no consenso universal, como já acima fica ponderado: e foi feito o primeiro brinde pelo sr. Rosa Araujo, presidente da camara, com o seguinte discurso:

A municipalidade Lisbonense felicita-se por saudar os membros reunidos dos dois congressos internacionaes, o anthropologico, e o litterario, por haverem escolhido este anno a nossa cidade para séde das suas doutas assembléas. Este municipio está ha seculos acostumado a secundar todos os progressos das sciencias, e das letras. A renascença dos estudos em Portugal começou dentro dos nossos muros, e a capital politica da nação portugueza, que igualmente foi a sua capital intellectual, seguiu sempre com interesse crescente, e applaudiu com enthu-

siasmo sincero todas as reformas relativas ao melhoramento moral pelo desenvolvimento da intelligencia. Ao visitardes successivamente tantas cidades justamente afamadas, decerto vos anima o duplo pensamento de multiplicar os vossos pontos d'observação, e affirmar a communidade dos espiritos, que é o penhor principal da alliança dos povos. Escolhestes Lisboa, como uma d'essas gloriosas estações do vosso luminoso transito. Lembrastes-vos, de que esta filha do Tejo enviou as suas frotas a mares desconhecidos em nome da civilasação ao serviço dos maiores intereses humanos; notastes, que esta terra da gloria antiga era igualmente a terra da jovem liberdade; ella vol-o agradece reconhecida; e por ella, e com ella eu vos digo « obrigado! » os nossos reis, como outros chefes d'outros estados, honraram-se tomando logar nas vossas fileiras. Vemol-o com alegria; e os corpos populares, que nós representamos, entendem, que rodear a corôa d'estes louros pacificos, emblema de um accordo universal é fazer d'ella uso digno. Trazeis-nos de longe, e de paizes diversos o brilho de nomes illustres, o beneficio de nobres trabalhos; e desejamos, que leveis da nossa cidade a lembrança da cordealidade mais franca:

Bebo, senhores, á prosperidade de associações, que interessam o mundo no successo de esforços, que pertencem a todos.

Seguiu-se o decano da imprensa A. Rodrigues Sampaio, e disse:

A imprensa portugueza sauda cordeal e fraternalmente os membros reunidos dos dois congressos, anthropologico, e litterario; a imprensa é o orgão natural dos esforços da intelligencia universal.

E' raro achar tantas illustrações reunidas. Enthusiasma-nos, e vangloria-nos este facto. As profundas investigações da sciencia, as grandes questões litterarias tem um ponto de convergencia commum; é que, cada uma

na esphera da sua acção, ellas tractam igualmente de melhoria, e de progresso. A imprensa registra, como deve, não só ensinamentos do passado, como aspirações do futuro. O uso dos congressos tende a converter as riquezas de cada nação em patrimonio da humanidade. Cada qual lhe dá a sua parte, e todos d'ellas aproveitam. Haverá cousa mais bella, maior, mais sincera, e mais francamente fraternal! Estas peregrinações, que visitam alternativamente os diversos paizes, acham n'elles costumes differentes. Conhecemo-nos, mas de longe; apreciamo-nos melhor de perto. E' mais uma vantagem d'estas reuniões, e não a menos consideravel, estudo vivo, em que se corrige, o que a tradicção escripta póde ter de insufficiente. Bebo, pois, á crescente prosperidade, e ao completo exito d'estas associações nomadas, geradas do espirito collectivo, e que vão por toda a parte buscando tudo saber; e faço-o, repito, em nome da imprensa—d'esta curiosidade sempre dispertada, á qual não é indifferente accontecimento algum, d'esta pagina sempre aberta, em que toda a cousa util deixa o seu traço.

O snr. Luiz Vlbach, presidente do congresso litterario de Lisboa: agradece em nome do congresso a honrosa hospitalidade, que Lisboa lhe fez, e quanto á imprensa, esta soberana, que concede a soberania aos reis, e aos povos, sensibilisam-o as palavras do decano do jornalismo portuguez, em que se reflecte o calor d'este impulso progressivo, que ha-de dar a Portugal o seu verdadeiro logar, que lhe compete no mundo moderno, porque não sabe, que se possa levar mais longe o amor da liberdade, o sentimento da solidariedade internacional na obra da civilisação; se todos os paizes assim procedessem, a obra da associação litteraria, de que elle é representante, estaria feita: esta cidade consagra-lhe o principio fundamental no amor, que consagra aos outros. Os congressistas levarão no coração a imagem cara de

Lisboa, da sua liberdade, e da sua hospitalidade a animal-os no proseguimento da sua missão. Bebo á cidade em nome do congresso, e das nações n'elle representadas.

Referiu-se á estada da esquadra franceza no Tejo, estuario digno das maiores armadas, e d'onde haviam partido as primeiras expedições da civilisação, e onde estavam navios de todas as nações; o canhão francez saudou Lisboa em nome de Pariz; as duas cidades se confundem hoje n'um todo d'harmonia e de luz, a liberdade. Iremos dizer a Paris, quanto a amam em Lisboa, como agora dizemos em Lisboa, quanto a ama Paris.

O snr. vice-presidente da municipalidade, Dr. Camara: comprazia-se de poder felicitar-se na presença da esquadra franceza no Tejo, e de poder por feliz coincidencia saudal-a n'esta sala, onde se ensinava a sciencia de navegação. Bebia á prosperidade da marinha franceza, e á da marinha de todas as nações, que visitavam o porto de Lisboa.

O snr. Ploix, presidente da sociedade de Anthropologia de Paris: Agradeceu a Lisboa a sua hospitalidade, ao povo, ao municipio, ao governo, ao rei, á imprensa. O congresso achou aqui além de valiosos elementos de estudo, o affecto de um povo generoso. Portugal, e a França são duas nações irmãs, da raça latina, e que ambas gosaram cedo o beneficio da civilisação; fomos grandes no passado, trabalhemos pelo futuro; a communidade das ideias, a confraternisação nas sciencias, e nas letras é a força principal, o amor da sciencia, o proveito da humanidade; o elemento, em que deve actuar.

O snr. Barros Gomes, ministro da fazenda: Vê brilhantemente representadas no congresso outras nações, que, como a nação latina a França, largamente tem contribuido para os progressos das sciencias, para o desenvolvimento da civilisação, a Inglaterra pelo snr. Evan, a Suecia pelo snr. Hildebrand, a Allemanha pelos snrs.

Virchow, e Schaafphansen & C.ª Bebo, pois, pelos paizes germanicos, e por todos os que não tiveram ainda uma saudação especial.

O snr. Henry Martin brindou com palavras as mais sympathicas, filhas do coração, e ditadas por uma alma pura, que se eleva na aureola dos mais nobres sentimentos, e diz: Bebo á nação portugueza; e á sua hospitaleira imprensa, e litteratura, que tão grandiosamente vem de celebrar o centenario do seu grande Camões, a este bom povo, a esta maravilhosa cidade, que recebe a todos por modo tão galante, tão liberal, tão amigo. Ao affastar-me de Lisboa, levarei uma tristeza sem fim, porque estou velho, e cançado, é a de não poder tornar a vêl-a. Digo, o que sinto por esta terra. Nada ha mais bello; creio não ter igual no mundo; foi uma surpresa, não a esperava. Vim aprender. E' mais bella que Napoles. Os accidentes do seu solo, as suas montanhas, dispostas n'um panorama tão pittoresco, tão vivo, e tão variado, mesclado d'arvoredo, que surge gracioso por cima da cidade, encontrou a sua alma de velho artista. Não se sabe, onde ella começa, nem onde acaba, porque se confunde a terra, o rio, o céo, e o oceano. Não ha nada mais bello que Lisboa. Por todos os titulos este povo tem direito á nossa sympathia, porque faz parte importante da Europa, e sabe honral-a. Aqui ha uma liberdade franca, de que toda a gente gosa, desde o rei até o ultimo do povo. A imprensa é livre em todas as manifestações. As associações operarias são cheias de cordura, de bondade, de illustração, achando no trabalho pacifico a recompensa da sua virtude. De tudo levarei lembranças saudosas e indestructivas.

O snr. visconde de S. Januario: Devia, como membro mais novo do governo, agradecer as palavras sympathicas do snr. Henri Martin a Portugal. E' agradavel vêr reunidos tantos homens notaveis pelo talento, e pelo

saber para resolverem problemas tão importantes para a historia, como são os que se referem ás edades prehistoricas, tractar questões de tanto alcance, como são as que se referem aos progressos da litteratura. Effectivamente, não nos ficamos enervados no justo orgulho das nossas glorias passadas; esforçamo-nos por acompanhar os outros povos na via de todos os progressos; por isso nos enchem de gloria estas illustres assembléas. Concluiu, bebendo ás prosperidades das nações representadas.

O snr. Consiglieri Pedrozo: Sauda em nome do curso superior de letras, de que é professor, os sabios alli reunidos, e que alli representam a sciencia moderna, que são os seus mestres, os seus mais effectivos amigos, affirmando-lhes, que n'essa escóla ha uma geração, que estuda, e trabalha, e segue a evolução scientifica, que essas grandes officinas do saber, chamadas a França, Allemanha, etc., vão produzindo dia a dia. Bebo aos sabios de todas as nações.

O snr. Quatrefages: não póde ficar callado perante este brinde. Sente não vêr a seu lado o joven professor, porque queria apertar-lhe a mão pelas suas nobres palavras; e incital-o a proseguir em procura da verdade, que é a missão da sciencia. No dia, em que se julgarem com justiça as cousas, e os homens, n'esse dia a fraternidade universal será conquistada. Até lá todos os trabalhadores da sciencia andarão em lucta. Concluiu por saudar em nome d'elles a mocidade scientifica d'esta terra; que tão grande contingente deve á civilisação do mundo. Cita os nomes de Camões, Gama, e Albuquerque; e, encerra a saudação em termos affectuosissimos.

Depois de tudo isto parte dos Congressistas em numero de 29 vêm de Lisboa a vizitar a provincia do Minho, e os pontos concernentes á sciencia, como a Citanea de Briteiros, e outros, que fazem o objecto dos seus estudos, e é riqueza propria d'aquelle solo. Sahindo de

Braga, volveram á cidade do Porto, aonde chegaram no dia 2 d'Outubro pelas 6 horas da tarde. Era uma luzidissima pleyade de sabios, que tendo-se reunido de diversas nacionalidades nos vinham honrar com a sua vizita, e foram recebidos aqui pela parte scientifica, auctoritaria, consular, official, commerciante, e tudo quanto ha de mais nobre, e mais distincto n'esta historica, e tão heroica cidade do modo como este povo costuma praticar, e portar-se para comtudo quanto é grande, illustre, e mais respeitavel.

Desde o seu ingresso aqui foram obsequiados pela Sociedade de Instrucção, que dirigiu, e satisfez todo o necessario a tal respeito, sendo-lhes servido um esplendido jantar no Grande Hotel do Porto, devidido em duas mezas, que continham 32 talheres, e se prolongou até ás 10 horas e meia da noite. Depois foram d'alli para o salão Gil Vicente do Palacio de Crystal, que estava adornado, e repleto de tudo quanto aqui ha de mais cavalheiroso e mais distincto nas diversas corporações scientificas, litterarias, corpo consular, auctoridades, medicos, direcções de bancos, companhias, associações, etc.

A galeria estava completamente coroada de senhoras com riquissimas toilettes ; tudo emfim tão luzido e tão esplendido, que ostentava a mais perfeita correspondencia — o brilhantismo da festa com a grandeza do objecto, a grandeza do objecto com o brilhantismo da festa.

Honraram o livro dos visitantes da sociedade de Instrucção com os seus respeitaveis nomes nobiliarios, o scientificos do mesmo modo, que tinham já manifestado a nobreza dos seus sentimentos nos brindes, com que se congratularam durante o banquete.

O Snr. Villa Nova escreveu o seguinte: Juan Villa Nova y Piera, delegado del gobierno espanol, no tiene palavras para espressar á la ciudad de Oporto, su pro-

funda gratitud por el recibimiento, que se ha dignado hacer al congresso anthropologico.

A snr.ª condessa de Beausach tambem compareceu.

Depois da inscripção, o mr. Henri Martin tomou a palavra, e fez um breve discurso em francez, e disse nos termos do seu tão grato e mavioso estilo: que os membros do congresso anthropologico tinham acabado de percorrer um dos mais bellos paizes do mundo.

O Minho tinha uma vegetação incomparavel, um bello céo, um sol esplendido, panoramas rizonhos, que se succedem com um encanto adornavel.

Elles, os membros do congresso, por amor da sciencia tinham visitado a Citanea sob um sol ardente. Viram alli vestigios numerosos de tres civilisações, pelo menos: encontraram a passagem dos romanos, e dos celtas; depararam com esculturas, que lhes excitou vivamente a curiosidade.

Os congressistas hiam penhorados pela amabilidade, com que tem sido recebidos; saberão dizer ás diversas nacionalidades, a que pertencem, que existe em Portugal, na cidade do Porto um povo sympathico. A gratidão d'elles seria eterna. O illustre historiador e sabio terminou, dando um viva ao Porto, e a Portugal.

O snr. Dr. Ayres de Gouveia disse, que o Porto se devia ufanar com a visita dos sabios congressistas, que na sua peregrinação scientifica andavam por toda a parte animando ao estudo; e concluiu, dando tres vivas aos membros do congresso, que foram correspondidos por toda a sala.

Depois de gosarem de todos os actos da grande e magnifica funcção, que lhes estava destinada dentro e fóra do palacio, e que terminou com o bouqet final, que se queimou á meia noite, sahiram para o hotel.

No dia seguinte, depois de visitarem de manhã os

pontos principaes, e alguns edificios publicos da cidade, regressaram a Lisboa em comboio especial.

Felicitamos os illustres congressistas, a quem tributamos os mais puros e cordiaes respeitos pela honrosa vizita, com que distinguiram a nossa cara patria; e pela elevada consideração, em que graduaram a illustração, e o nome portuguez.

Ennumeremos tambem aqui finalmente o resultado seguinte d'entre os mais preciosos, que nos legou o congresso litterario:

Henry Martin — esse sabio tão affectuoso, e tão sympathico.

Pagés — o amigo devotado da instrucção popular, fonte da civilisação.

Mario Proth — esse trabalhador corajoso, no mesmo sentido.

Villa Nova — distincto palcontologista, o enthusiasta fervente de Cervantes.

Friedman — o inspirado poeta allemão — são os que tem escripto a respeito de Portugal as impressões mais lisongeiras para a nossa patria.

Da legenda popular do sitio e castello de Gaya, o ultimo dos attributos heraldicos do Brazão d'armas d'esta Villa.

Conclusão:

E' pratica encimar com um ramo a cornija de qualquer grande edificio em construcção, para indicar assim a conclusão da obra: eu, seguindo o exemplo, levantei aqui o mesmo emblema, não, porque esta seja tambem grande, mas sim porque está concluida.

Recommendo porém, que elle seja examinado com respeitosa attenção; porque a mimosa flôr de 148 petalas, que o compõem, foi colhida no magnifico e opulento jardim do immortal Garret: é a recordação de um facto antiquissimo da nossa historia, allusivo á legenda popular do sitio e castello de Gaya, e tambem um e o derradeiro dos attributos heraldicos do glorioso Brazão d'armas d'esta Villa; que aquelle eximio poeta cantou um verso rimado, e lhe deu o romantico nome de

MIRA-GAYA

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura, tão formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrellas d'oiro
Quem n'as poderá contar?

Quantas folhas ha no bosque,
Arêas quantas no mar?
Em tantas letras se escreve,
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
N'essas letras decifrar!
Que a lêr no livro de Deus
Nem anjo póde atinar.

Bem lêdo está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar:
Um pêrro bruxo judio
Foi causa d'elle a roubar.

Disse-lhe, que pelos astros
Bem lhe podia affirmar,
Que Zahara, a flôr da belleza
Lhe devia de tocar.

E o rei veio de cilada
D'alêm do Douro passar
E furtou a linda moira.
A irmã d'Alboazar.

A' melhor, que é terra sua
E está na beira do mar
Se acolheu com sua dama
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
Não se póde consolar;
Deixal-a por essa moira,
Deixal-a em tal dezar!

E a noite é escura, cerrada,
Noite negra sem luar...
Ella sosinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

—Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pezar,
Em que te errei d'alma, ou corpo,
Que fiz para tal penar?

Diz, que é formosa essa moira,
Que te soube enfeitiçar...
Mas tu dizias-me d'antes,
Que eu era bella sem par.

Que é moça na flor da vida...
Eu se ainda bem sei contar,
Ha tres que tinha vinte annos,
Fil-os depois de casar.

Diz, que tem os olhos pretos,
D'estes, que sabem mandar...
Os meus são azues, coitados!
Não sabem, senão chorar.

Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaya... que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ella a flor não torna a achar.

Oh! quem podéra ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fôra já direita
A esse moiro Alboazar...

Palavras não erão ditas,
Os olhos foi a baixar,
Muitos vultos acercados
Ao palacio viu estar.

Peronella, Peronella,
Creada do meu mandar,
Que vultos serão aquelles
Que por alli vejo andar!

Peronella não responde;
Que havia d'ella fallar?
Ricas peitas d'oiro e joias
A tinham feito callar.

A rainha, que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sete moiros cavalleiros
A foram logo cercar.

Soltam pregas d'um turbante,
A bôcca lhe vão tapar:
Tres a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Creados de sua casa,
Ninguem veio a seu chamar,
Ou peitados, ou captivos
Não n'a podem resgatar.

São sete os moiros, que entraram,
Sete os estão a guardar;
Não fallam nem uns, nem outros,
E prestes a cavalgar.

Só um, que d'arção a toma,
Parece nos outros mandar...
Juntos juntos, certos certos,
Galopa, a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar;
Pelos montes trote largo
Pelos valles a desfilar.

—Nos ribeiros, peitos n'agoa
Chape chape a vadear— !
Nas defezas dos valados
Up! salto—e a galgar!

Vae o dia alvorocendo,
Estão á beira do mar;
Que rio é este tão fundo,
Que n'elle bem desaguar?

A bôcca já tinha livre,
Mas não acertou fallar
A pasmada da rainha...
Cuida ainda de sonhar!

Rio Douro, Rio Douro,
Rio de mau navegar,
Dize-me, essas tuas aguas
Aonde as foste buscar.

Dir-te-hei a perola fina,
Aonde eu a fui roubar.
Ribeiras correm ao rio,
O rio corre a la mar.

Quem me roubou minha joia,
Sua joia lhe foi roubar...
O moiro, que assim cantava,
Gaya, que estava a mirar..

Quanto o mais mirares, Gaya,
Mais formoso o has-de achar
—Que de bárcos que alli vem!
—Barcos que nos vêm buscar,
—Que lindo castello aquelle!
—É o do moiro Alboazar.

CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, Rei Ramiro
Rei de muito mau pezar,
Ruins fadas te fadaram,
Ma signa te farão dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cobiçar!..
Zahara flôr dos teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha, que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morta de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles
Douro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E elles mansinho a remar!

Cozeram-se com a terra
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros
Mal se pódem divisar

Um homem saltou na praia:
Onde irá n'aquelle andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vae a rezar.

Inda a nevoa tolda o rio,
O sol já vem a rasgar
Pela encosta do castello
Vae um romeiro a cantar:

—Santiago de Galliza
Longe fica o vosso altar:
Peregrino, que lá chegue,
Não sabe, se ha-de voltar.

Na encosta do castello
Uma fonte está a manar;
Donzella, que está na fonte
Poz-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,
A jarra cheia a deitar;
—Bemdito sejaes, romeiro,
E o vosso dôce cantar!

Por estas terras de moiros
É maravilha d'azar,
Ouvir cantigas tão santas,
Cantigas do meu criar.

Sete padres as cantavam
Á roda d'um bento altar,
Outros sete respondiam
No côro de salmear.

Entre vespera e completas
E os sinos a repicar;
Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!

E as rezas d'estes moiros
Ao demo as quizera eu dar!
Ouvireis ora o romeiro
Resposta, que lhe foi dar:

Deus vos mantenha, donzella,
E o vosso cortez fallar:
Por estas terras de moiros
Quem tal soubera de achar!

Por vossa tenção, donzella,
Uma reza hei-de rezar
Aqui ao pé d'esta fonte,
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que sêde de matar!
Que Deus vos salve, donzella,
Se aqui me deixaes sentar.

—Sênte-se o bom do romeiro,
Sênte-se a descançar;
Fresca é a fonte, dôce a agua,
Tem virtude singular.

—D'outra não bebe a rainha,
Que aqui m'a manda buscar
Por manhanzinha bem cêdo
Antes do sol aquentar.

—Dôce agua deve de ser,
De virtude singular:
Dae-me vós uma vez d'ella,
Que me quero consolar.

—Bêba o peregrino, bêba
Por esta fonte real,
Cantaro de prata virgem
Tem mais valor que oiro tal!

—Dona Gaya, que diria,
Que faria Alboazar,
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?...

Inda era noite fechada,
—Meu senhor foi a caçar,
Maus javardos o detenham,
Que é bem ruim de aturar.

—Minha senhora, coitada,
Essa não tem que fallar:
Quem já teve fontes d'oiro,
Prata não sabe zelar.

—Pois um recado donzella,
Agora lhe heis de levar:
Que o romeiro christão
Lhe deseja de fallar.

Da parte de um que é já morto,
Que morreu por seu pezar,
Que á hora da sua morte
Este annel lhe quiz mandar!

Tirou o annel do dedo,
E na jarra o foi deitar:
Quando ella beber da agua,
No annel ha-de attentar.

Foi-se d'alli a donzella,
Hia morta por fallar:
—Anda cá, ó Peronella
Creada do meu mandar.

Tua ama morrendo á sêde,
E tu na fonte a folgar?—
—Folgar, não folguei, senhora,
Mas deixae-me adormentar.

Que a moira vida, que levo,
Já não n'a posso aturar.
Ai terra da minha terra,
Ai melhor da beira mar!

Aquella sim que era vida,
Aquillo, que era folgar!
E em santo temor de Deus,
Não aqui n'este peccar!

—Cal-te, cal-te, Peronella,
Não me queiras attentar,
Que eu a viver entre moiros,
Me não vim por meu gostar:

Mas já tenho perdoado
A quem lá me foi roubar,
Que antes escrava contente,
Do que rainha a chorar.

Forte christandade aquella,
Bom era aquelle reinar!
Viver só, desamparada,
Vêr a moira em meu logar!..

Lembrava-lhe a sua offensa,
Está-lhe o sangue a queimar,
Na agua fria da fonte
A sêde quiz apagar

A fonte de prata virgem
A' bocca foi a levar,
As ricas pedras do annel
No fundo viu a brilhar.

—Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder d'entro n'agua,
E ella fria de nevar.

Senhora, co'esses feitiços
Me tomára eu embruxar!
Foi um bemdito romeiro,
Que á fonte fui encontrar.

Que ahi deitou esse annel
Para prova singular
De um recado, que vos trouce,
Com que muito heis-de folgar!

—Venha já esse romeiro,
Que lhe quero já fallar:
Embaixador deve ser
Quem traz presente real.

CANTIGA TERCEIRA

—Por Deus vos digo romeiro,
Que vos queiraes levantar;
Minhas mãos não são reliquias,
Basta de tanto beijar!

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhas quiz largar;
Os beijos uns sobre os outros,
Que era um nunca acabar.

Já a enfadar-se a rainha,
Vio que entrava a soluçar,
E as lagrimas quatro a quatro,
Nas mãos sentia rolar.

—Que tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pezar?
Diga-me lá suas pennas,
Se lhas posso aliviar!

—Minhas pennas não são minhas,
Que aos mortos morre o pennar;
Mas a vida que eu perdi,
Em vós podia encontrar.

Minhas pennas não são minhas
Senão vossas, mal pezar!
Que uma rainha christã
Feita em moira vem achar...

—Romeiro não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar,
Do que fui, já me não lembro,
O que sou, não me é dezar.

Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o peccar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe hade tomar!

Pois não espereis, senhora
Por Deus, que póde tardar;
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandai-o já castigar!

Em pé está Dom Ramiro
Já não ha que disfarçar;
Aquellas barbas tão brancas
Cahiram de um empuxar.

O bordão, e a esclavina
A terra foram parar:
Não ha vêr mais gentilezes
De meneio, e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles,
Com que o ella está a mirar!
Quem passou já tranzes d'alma
Como ella está a passar?

Um tremor, que não é medo,
Um sorrizo d'enfiar,
Vergonha, que não é pejo,
Faces, que ardem sem córar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar,
Como ondas, que vão, e vem
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar;
Assim perdoa elle, e vive,
Ella não—que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar,
Que entre tantos pensamentos
Em Gaya estão a pullar.

Logo depois a vaidade,
O gosto de triumphar
N'um coração, que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
C'os seus no monte a caçar,
Ella só n'aquella torre...
Prudencia dissimular!

Abre a bocca a um sorrizo
Dôce e triste—de matar!
Tempera a chama dos olhos,
Abafa-a por mais queimar.

Poz na bocca aquelle encanto,
Que, ou minta ou não, é fatal,
E com o inferno no seio
Falla o céo no seu fallar.

Já os amargos queixumes
Se embrandecem no chorar,
Em sua propria justiça
Com arte finge affroixar.

Protesta a bocca a verdade:
—Que não hade perdoar...
Mas a verdade dos labios,
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
Alli se estava a humilhar,
Supplica, roga, promette...
Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina
Se ouvio ao longe a tocar...
A rainha mal podia
O seu prazer disfarçar.

Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar,
Depressa n'este aposento...
Ou já me vereis matar.

Mal a chave deu tres voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirava a mão da cotta,
Que o rei moiro vinha a entrar.

—Tristes novas, minha Gaya,
Novas de muito pezar!
Primeira vez em trez annos
Que me succede este azar!..

Toquei a minha bozina,
A's portas antes d'entrar,
E não correste ás ameias
Para me vêr, e saudar!

Muito mal fizeste, amiga,
Em tão mal me costumar;
Não sei agora, o que fazes
Em me querer emendar!..

No coração da rainha
Batalha se estão a dar
Os mais estranhos affectos,
Que nunca se hão de encontrar.

O que foi, o que é agora...
E a ambição de reinar...
O amor, que tem ao moiro,
E o gosto de se vingar...

Vencem amor, e vingança,
Deviam de triumphar;
Que era em peito de mulher
Que a batalha se foi dar

Novas tenho, e grandes novas,
Amigo, para vos dar;
Tomai esta chave, e abride,
Vereis, se são de pezar!

Com que ancia elle abrio a porta,
Vista que foi encontrar...
Palavras, que alli disseram,
Não nas saberei contar.

Que foi um bramir de ventos,
Um bater d'aguas no mar,
Um confundir céo, e terra,
Querer-se o mundo acabar!

Vereis por fim o rei moiro,
Que sentença veio a dar:
Perdeste a honra, christão;
Vida quero-ta deixar.

De uma vez que me roubaste,
Muito bem me fiz pagar;
D'esta basta-me a vergonha,
Para de ti me vingar.

Sentia-se El-rei Ramiro
De despeito devorar:
Com ar contricto e affligido
Assim lhe foi a fallar:

—Grandes foram meus peccados,
Poderozo Alboazar;
E taes que a mercê da vida
De ti não posso acceitar.

Eu não vim ao teu castello,
Senão só por me entregar;
Para receber a morte,
Que tu me quizeres dar.

Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um santo confessor,
A quem me fui confessar.

E mais me disse, e mandou,
E assim to quero rogar,
Que, pois foi publica a offensa,
Publico seja o penar.

Que ahi n'essa praça d'armas
Tua gente faças juntar;
Ahi diante de todos
A vida quero acabar.

Tangendo n'esta bozina,
Tangendo até rebentar;
Que digam todos, que isto virem.
E lhes fique de alembrar:

Grande foi o seu peccado,
No mundo andou a orar;
Mas a sua penitencia
Mais alto som veio a dar...

Quizera o bom do moiro
Por força alli perdoar;
Mas a perra da rainha
Jurou de á morte o levar!...

Veis na praça do castello
Toda a moirama à ajuntar,
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas legoas á roda
Revoava o bozinar.

Se ouvirão nas galés,
Que deixou á beira mar?
Decerto ouviram que um grito,
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

Santiago!.. cerra, cerra!
Santiago, e a matar!
Abertas estão as portas
Da torre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar,
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar.

De um tropel de leonezes
Já portas a dentro a entrar,
Deixa a bozina Ramiro,
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr, nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou captivo,
Já o castello está a queimar;
A's galés com seu despôjo
Se foram logo a embarcar.

—Voga, rema! d'além Douro
A' pressa, á pressa a passar,
Que já oiço alli na praia
Cavallos a relinchar

Bandeiras são de Leão,
Que lá vejo tremular.
Voga, voga, que além Douro
E' terra nossa!.. A remar!

D'aqui é moirama cerrada
Até Coimbra, e Thomar.
Voga, rema, e d'além Douro!
D'aquem não ha que fiar.

A' popa vae Dom Ramiro,
De sua galé real,
Leva a rainha á direita,
Como quem a quer honrar.

Ella muda, os olhos baixos
Leva n'agua... sem olhar,
E como quem de outras vistas
Se quer só desafrontar.

Ou Dom Ramiro fugia,
Ou não vem n'isso a attentar
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar d'Alboazar;
Gaya levantou os olhos
Triste se poz a mirar.

As lagrimas uma a uma
Lhe estavam a desfiar
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olha El-rei para Gaya,
Não se póde mais callar;
Cuidava o bom do marido,
Que era remorso, ou pezar.

Do mau termo atraiçoado,
Que com elle fôra usar,
Quando o entregou ao moiro
Tão só para se vingar.

Com a voz internecida
Assim lhe foi a fallar:
—Que tens Gaya...minha Gaya?
Ora pois! não mais chorar.

Que o feito é feito!..—E bemfeito!—
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora nuns prantos,
Que parecia estallar.

E bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
A' lei de bom cavalleiro,
Para de um rei se contar!

A' falsa-fé o mataste...
Quem a vida que quiz dar!
A' traição...que d'outro modo
Não és homem para tal,

Mattaste o mais bello moiro,
Mais gentil, mais para amar,
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

Proguntas-me, porque choro!..
Traidor rei, que hei de chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu poder vim parar.

Proguntas-me, o que miro!
Traidor rei, que hei de mirar?
As torres d'aquelle alcaçar,
Que ainda estão a fumegar.

Se fui alli tão ditosa,
Se alli soube, o que era amar;
Se alli me fica alma e vida...
Traidor rei, que hei-de eu mirar?

—Pois mira, Gaya! E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
Mira Gaya, que esses olhos
Não terão mais que mirar.

Foi-lhe a cabeça d'um talho,
E com o pé, sem olhar,
Borda fóra empuxa o corpo...
O Douro que os leve ao mar!

Do estranho caso inda agora
Memoria está a durar,
Gaya é o nome do castello,
Que alli Gaya fez queimar.

E d'alem Douro essa praia,
Onde o barco hia aproar,
Quando bradou—Mira—Gaya!
O rei que a quiz degollar.

Ainda hoje está dizendo
Na tradicção popular
Que o nome tem—Mira Gaya
D'aquelle fatal mirar.

INDEX

DO

QUE SE CONTÉM NOS 18 CAPITULOS,

E

ADDITAMENTOS DESTA OBRA.

Introducção por Manoel Rodrigues dos Santos. 5
Dedicatoria pelo mesmo.. 13
» por J. A. Monteiro d'Azevedo ... 17
Advertencia Preliminar pelo mesmo 21

CAPITULO 1.º

Situação, e limites de Villa Nova de Gaya; quem foi o seu Fundador, e em que anno. 25

1.º ADDITAMENTO.

As causas, que motivaram a substituição da Ponte do rio Douro. 26
Para que fim mandou D. Affonso 3.º fazer nesta Villa a descarga, e despacho das mercadorias 27

2.º ADDITAMENTO.

Como acabou o antiquissimo Castello de Gaya. 29
Quem é hoje o possuidor do terreno 32

CAPITULO 2.º

Das Freguezias de Villa Nova de Gaya, dos seus Conventos, e casas de oração ... 33

ADDITAMENTO.

O que é hoje a Freguezia de S. Christovão de Mafamude; e do estado actual dos Conventos desta Villa 36
Do Convento das Donas de Corpus Christi ... 37
» da Serra do Pilar, e do que houve nelle durante a guerra de 1832... ... 38
Do Convento de Val de Piedade, e como elle acabou 41
Do Convento d'Oliveira do Douro 48
Do Hospicio do Senhor d'Alem. 49
Da Capella do Senhor do Padrão 50
» do Bom Jezus de Gaya 52
» de S. Marcos 53
» de N. Senhora do Castello... ... 54
» de N. Senhora da Piedade, chamada do Castello... 55
Da Capella do Senhor do Calvario 55
» de S. Lourenço 55
» de N. Senhora da Piedade, chamada d'Areia 56
Da Capella de S. Roque. 57
» de S. Bartholomeu... 57
» do Terreirinho 58
» do Choupello 58
» do Senhor da Vera Cruz 59
» de Santa Barbora... 60
» do Senhor de Mathozinhos. ... 60
» das Alminhas do Escuro 60

CAPITULO 3.º

Dos Estabelecimentos, e Escholas de Instrucção publica; das Casas, e mais Propriedades. 63

ADDITAMENTO.

Do estado de ruina, a que ficou reduzida Villa Nova de Gaya por causa da guerra de 1832. 66
Do augmento da edificação d'armazens depois do anno de 1833, e a razão porque se acha hoje vazia grande parte delles 69

CAPITULO 4.º

Das Fontes, Ruas, e Praças de Villa Nova de Gaya; do rio Douro, que a banha, assim como das quintas, que augmentão grandemente a sua belleza, e fazem o recreio e utilidade dos seus habitantes 75

ADDITAMENTO.

Das 32 Fontes publicas, que Villa Nova de Gaya possue actualmente — seus nomes, e collocaçoens 78
Dos melhoramentos, que convem fazer-se em algumas 80
Do alargamento da Rua Direita; e do subsidio de 1:600$000 réis, que a Camara recebe annualmente para esta obra 84
Do passeio d'arvoredo na Praia, e a razão porque se fez esta obra 86
Da nova estrada da Ponte ao alto da Bandeira, e do verdadeiro motivo, ou fim, para que se emprehendeu esta obra... 87
D'algumas obras, muito interessantes, que convem fazer-se junto á Igreja de Santa Marinha 88

Das obras para o melhoramento da Barra do rio Douro, e do grande accontecimento, que lhe fez dar principio 90
D'algumas quintas mais notaveis, e da sua economia em geral 94

CAPITULO 5.°

Da Ponte do rio Douro, que liga Villa Nova de Gaya com a Cidade do Porto, e da sua População 99

1.° ADDITAMENTO.

Quem foi o General Wellington, e quando morreu 100

2.° ADDITAMENTO.

Da Ponte Pensil, e de todas as circunstancias, que lhe dizem respeito desde a sua construcção 104
Da População, e das causas, que tem obstado ao seu progresso 110

CAPITULO 6.°

ADDITAMENTO.

Das Inundaçoens mais notaveis, que tem sobrevindo ao rio Douro. 111
Descrevem-se mais ou menos circunstanciadamente as cheias de:
1526, 1585, 1596, 1625 113
1727 ... ... 114 e 118
1729 114
1739 ... ... 114 e 119
1774 ... . 114 e 128

1779, 1788 114
1768 125
1769 127
1799 128
1821 129
1823, 1829 137
1837 138
1843, 1855 — duas 139
1856 — duas, 1858 140
Do caracter, e bons serviços do Ex.mo João Paulino Vieira, Intendente da Marinha... 140

CAPITULO 7.º

Dos Estabelecimentos, e Repartiçoens do Serviço Publico 143

ADDITAMENTO.

O que era antigamente Villa Nova de Gaya — sua divisão, e limites 144
Das Auctoridades, que região antigamente estes Concelhos 145
Do Pelourinho do antigo Concelho de Villa Nova. 146
Dos Empregados Fiscaes. 146
Da installação da Camara Municipal, e das tentativas para a sua suppressão ... 148 e 151
Mappa das Freguezias, Oragos, Fogos, e População do Concelho de Gaya 150
Da origem do nome *Torne, ou Torna-meeiros*... 151
Da residencia do Pessoal Administrativo ... 153
Da estação da Bomba, e do seu regulamento... 153
Da Cadeia do Concelho, e da sua estreia ... 154
Outro caso d'estreia 155
Dos Estabelecimentos de caridade 156
Do serviço Postal 156
Do Matadouro dos gados; e do que a Camara Municipal da Cidade do Porto fez para obstar

a que o povo d'ali viesse comprar carne a esta Villa. 157
Da Illuminação Publica, e quem foi o primeiro Empregado deste serviço 159
Da Força militar, que mantem a segurança publica desta Villa 160
Do Julgado Ordinario, que houve no Concelho de Gaya, e de que esta Villa foi cabeça. 160
Das differentes Auctoridades, que regem actualmente 160
Relação das Commissoens, e Camaras Municipaes, que tem funccionado no Concelho de Gaya desde a installação deste Concelho no anno de 1834 162
Relação dos Administradores, que tem funccionado no Concelho de Gaya. 169
Relação dos Juizes Ordinarios, e Sub-Delegados, que funccionaram no Concelho de Gaya até a extincção daquelle Juizo 179
Relação dos Regedores de Parochia, que tem servido na freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya 170
Relação dos Juizes Eleitos, que tem servido na freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya 171
Relação dos juizes de Paz, que tem servido na freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya. 171

Addição ao § 4.º do additamento ao capitulo 2.º

Da obra, que o Governo mandou fazer no Convento da Serra do Pilar 172
Da justa applicação, que o Governo devia dar a este edificio, condescendendo com os desejos dos Villa Novenses 172
Do que succedeu no mesmo Convento para a busca de um thezouro 173

CAPITULO 8.º

Dos Mesteres, e Agencia dos Villa Novenses... 175

ADDITAMENTO.

Das vantagens, e nobreza do trabalho.. ... 181
Questão de S. João Chrisostomo para mostrar as excellencias e necessidade do trabalho... 181
Do grande Commercio, que houve antigamente nesta Villa; e da primeira causa da sua decadencia 183
Da Industria, que faz actualmente o movimento laborioso desta Villa — Descrevem-se as Fabricas de Louça de:
João d'Araujo Lima 184
Joaquim Nunes da Cunha 184
Manoel Nunes da Cunha 185
Manoel José Soares 185
Padre Gualter da Piedade Queiroz 185
Gaspar Gonçalves de Castro 185
Felix d'Araujo 185
Fabricas de obras de Ferro de:
João Thomaz Cardozo 186
Joaquim Cardozo.. 186
Manoel Antonio da Costa Vianna 186
Martinho Pereira. 186
Anna Joaquina dos Santos 186
Viuva Rios & Filhos 186
Manoel Cardozo... 187
Thomaz Cardozo.. 187
José, e Manoel Rodrigues da Cruz 187
Manoel d'Azevedo 187
Antonio José da Rocha Marques. 187
Jeronimo d'Azevedo 187
Antonio Vilella 187
João Vilella 187
Antonio Gonçalves 187

João de Souza Maia 187
José Arrancada 187
Manoel Fernandes Arouca 187
Manoel d'Almeida 187
Fabrica Mecanica de Moagem, Pão, e Bolacha d'Eugenio Ferreira Pinto Basto 188
Fabrica de Cerveja de Forrester Irmãos ... 188
» de Vidro de uma Companhia Franceza. 189
» de Estamparia, e Tecidos de uma Companhia Ingleza 189
Fabrica de Tinto de Manoel Lucas 189
» de Distillação de José Joaquim Pereira. 189
» de Cortiça de :
Veiga & Filhos... 190
Carlos Brandão 190
João d'Almeida Romariz.. 190
Fabrica de Cola... 190
» de Tecidos de :
Maria Simão 190
José Simão, e d'outros... 190
Laboratorio d'escultura de João d'Affonceca Lapa. 190
Fabrica de Sabão do Visconde de Castro Silva. 190
Barcassa de Banhos de João Coelho d'Almeida. 191
Feira de Madeiras 191
Estaleiro para a construcção de Navios. ... 191
Theatro do Veiga 192
Da declinação, que soffreu a antiga preponderancia dos Mestres Tanoeiros.. 193
O que é o Commercio de Vinhos em relação a esta Villa; as vantagens, que offerece este local para a armazenagem dos mesmos; e a exportação, que se fez delles no anno economico de 1853 a 54 194
Mappa do Vinho, e Agoardente, que ficou existindo depois daquella exportação... ... 165
Nota se a importancia do movimento laborioso desta Villa pela quantidade do Vinho despachado no sobredito anno para consumo da

mesma, comparado com o que se despachou em igual periodo para a Cidade do Porto. 195
Da 2.ª causa da decadencia do Commercio desta Villa 196
Dos receios, que ha, de que se prepara com a nova estrada uma 3.ª causa para a decadencia do dito commercio 197

CAPITULO 9.º

Continua a materia do capitulo antecedente — acerca da Nobreza, e Distincção d'algumas Familias de Villa Nova de Gaya.. ... 199

ADDITAMENTO.

Descreve-se a Biographia, e Nobreza de:
José Pereira da Silva Leite de Berredo ... 200
Manoel Pereira Leite de Berredo 202
Fernando Leite Campello de Berredo 202
José Pereira de Brito Azevedo Homem. ... 203
Antonio Pereira de Brito Azevedo Homem ... 203
Francisco Pereira de Brito Azevedo Homem ... 204
Manoel Pereira Guedes... 204
Francisco de Brito Homem 204
Rodrigo Homem de Brito. 204
Luiz de Brito Homem 204
Alexandre Pereira de Brito 205
João José de Brito 205
Antonio Joaquim Guedes d'Oliveira e Silva ... 205
José Joaquim Guedes d'Oliveira e Silva ... 205
José Maria de Moura Coutinho de Lacerda Abreu de Lima 206
Descreve se a Biographia, e Distincção de:
Alves Soutos, Irmãos 207
Joaquim Vellozo da Cruz. 211
Salgados... 214
E outros mais 216

CAPITULO 10.º

Do caracter civil, politico, religioso, e scientifico dos Villa Novenses 217

ADDITAMENTO.

Faz-se menção de muitos, que floreceram em sciencia, e virtudes, como são:
João José Fernandes de Carvalho 225
Demetrio de Gouveia 225
João de Brito Cardozo... 225
Antonio Lopes 225
Francisco Rodrigues de Brito 225
Padre Francisco da Silva Linhares 225
José Alves Pinto Villar.. 225
D. José de Nossa Senhora da Boa Morte ... 226
D. Joaquim do Coração de Maria 226
D. José da Natividade.. 226
Fr. Domingos Ribeiro 226
Domingos Gomes Cardozo 227
João Gomes Cardozo Pereira 227
D. Anna Lourença dos Serafins da Encarnação. 227
D. Thereza Angelica de Jezus... 227
Miguel Gomes de Souza Cardozo. 227
Miguel Joaquim Gomes Cardozo.. 228
Padre Manoel Alvarez de Queiroz 228
Padre João Alvarez de Queiroz. 229
D. Anna Ignacia Alvarez de Queiroz 229
D. Joanna Ignacia 229
Antonio Alvarez de Queiroz 230
José Maria Alvarez de Queiroz.. 230
Henrique Alvarez de Queiroz 230
Antonio Joaquim Gomes Cardozo 231
Miguel Joaquim Gomes Cardozo. 231
Dr. Francisco de Salles Gomes Cardozo. ... 232
João d'Almeida Romariz.. 233
Manoel de Portugal Calhorda 234

Leopoldo de França 234
Manoel Rodrigues Pinheiro de Brito 234
Manoel José Ferreira Brandão... 235
Thomaz da Cunha Lima. 235
José Augusto Salgado 235
Faz-se menção de outros muitos, que ostentão hoje o seu grande merito nas regioens do saber; e são:
D. Manoel Bento Rodrigues 235
Joaquim Vellozo da Cruz 239
Thomaz Ribeiro dos Santos 239
João Correia Pacheco Pereira de Magalhaens ... 239
José Alves d'Oliveira 239
Gaspar da Cunha Lima... 239
Francisco Vellozo da Cruz 240
Antonio de Freitas Faria Salgado 240
Guilherme Augusto Guedes d'Amorim... ... 240
Manoel Nepomuceno 240
Antonio Rodrigues dos Santos... 240
Luiz Esteves da Costa 242
Francisco Pinto da Costa. 243
Arthur Napoleão.. 243
José Maria de Moura Coutinho Abreu de Lima... 245
José Rodrigues Pinheiro de Brito 245
D. Marcellina Candida Vianna... 246
D. Clara Emilia do Nascimento... 246
D. Ermeliuda de Freitas. 246

CAPITULO 11.º

Dos Foros, Privilegios, e Isençoens, que illustrão Villa Nova de Gaya; e das acçoens memoraveis, e feitos gloriosos, que a ennobrecem. 247

ADDITAMENTO.

Faz se menção da Carta de Foral, que D. Affonso 3.º deu a esta Villa por occasião da sua

fundação; e da confirmação, e ampliação, que lhe derão depois os Reis D. Diniz, e D. Manoel 250
Menciona-se a Provisão de D. João 2.º, outhorgada aos habitantes da Cidade do Porto, e confirmada por Filippe 2.º d'Hespanha, e 1.º de Portugal 251
E finalmente a Carta de Ley das Cortes Geraes, sancionada por D. João 6.º, que modificou as disposiçoens dos ditos Foraes, e fez extensivo a todo o Reino o beneficio das suas prescripçoens 251
Declara se a differença, que havia entre os habitantes de Villa Nova de Gaya, e os habitantes do Concelho de Villa Nova para o gozo daquellas regalias 251
Transcreve-se a Provisão de D. João 2.º, e de Filippe 2.º, ou 2.º de Portugal, que iguala os Cidadãos da Cidade do Porto aos Cidadãos da Côrte; de cuja mercê participavão tambem os habitantes do Concelho de Villa Nova pela união que fazião com os daquella Cidade 252
Dá se a razão, porque os sobreditos habitantes gozavão daquella distincção.. 255
Mostra se tambem a isenção, de que elles gozavão no que toca aos *direitos banaes* daquelles tempos 256
Que nesta Villa, ou Concelho de Villa Nova nunca houve cazinha para arrecadação do imposto de *Siza;* e que debalde a pertenderam estabelecer o Cabido, e Mitra da Sé do Porto. 256
Mencionão se os serviços patrioticos dos Villa Novenses 956
Igualmente os Corpos, que se tem organisado aqui em differentes epochas 258
E que todos os Villa Novenses tem coadjuvado para a gloria desta Villa 260

Dá-se conta d'outros cavalheiros, que se fazem mais recommendaveis; como são:
Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal... ... 260
João Pinto da Costa 261
José Pinto da Costa 261
Domingos Ribeiro da Fonseca 263

CAPITULO 12.º

Continua a materia do capitulo antecedente ... 265

ADDITAMENTO.

Faz se menção dos serviços civis d'alguns Cidadãos, mais notaveis; como são:
Antonio Rodrigues dos Santos 266
Manoel Pereira Guimaraens e Silva 271
Os Membros da Camara Municipal do Concelho de Gaya dos annos de 1841, e 1850. ... 272
Joaquim Vellozo da Cruz. 272

CAPITULO 13.º

ADDITAMENTO.

Do Brazão d'armas, com que se honra Villa Nova de Gaya 277
Representação, que a Camara Municipal do Concelho de Gaya dirigiu a Sua Magestade em 28 de Dezembro de 1850 a pedir a concessão daquelle Brazão 279

CAPITULO 14.º

ADDITAMENTO.

Dos soffrimentos, e provaçoens, por que passaram os Villa Novenses 387

Affirma-se que nenhum povo deste Reino soffreu tanto, como os Villa Novenses por causa da usurpação, e da guerra, que se lhe seguiu, chamada da — legitimidade. 287
Prezos nas Cadeias da Relação... 288
Ausentes, que forão citados por cartas d'editos d'Alçada 292
Alguns, que soffreram pelo mesmo motivo, mas não forão pronunciados pela Alçada ... 307

CAPITULO 15.º

ADDITAMENTO.

Da consideração publica dos Villa Novenses ... 313
Relação dos Villa Novenses, que exercem Empregos nos differentes ramos do serviço publico. 314

CAPITULO 16.º

Da Igreja de Santa Marinha, 1.ª Matriz de Villa Nova de Gaia; e da solemnissima Funcção, que se celebrou nella em acção de Graças pela Gloriosa Restauração de Portugal. 321

ADDITAMENTO.

Da Igreja de S. Christovão de Mafamude, 2.ª Matriz de Villa Nova de Gaya 345
Da Igreja de Santa Marinha, 1.ª Matriz ... 346
Da Inscripção, que refere a ultima reedificação desta Igreja... 347
Da Confraria do Santissimo Sacramento.. ... 347
Da Provisão Regia, que auctorizou a Confraria a receber o direito da *Canadage do Azeite*... 348
Da Irmandade das Almas 352

Das Sociedades de Beneficencia, e soccorros mutuos.. 352
Da Devoção do Senhor Jezus, e da origem que tiverão as Festividades, que se celebrão n'esta Igreja, dedicadas ao mesmo Senhor ... 353
Em que dia se fez a primeira Procissão das Cruzes depois do cerco do Porto 354
Em que dia se fez a ultima até hoje... ... 355
Nota-se, que era demasiadamente grande a pompa, com que se celebrava a solemnidade desta Procissão nos tempos antigos 355
Descreve se em prova do referido, e muito circunstanciadamente a magestosa Festa, do dia 3 de Maio da 1739 356
Quem foi o A. desta descripção 384
Nota se, o quanto devem os Villa Novenses a Sagrada Imagem do Senhor Jesus: o fervor religioso, com que os nossos antepassados zelavão o seu culto; e a obrigação, em que estamos de os imitar... 385
Que este dever não é só transmittido, mas tambem directo pelos beneficios, que nós mesmos temos já recebido 386
Da Procissão de penitencia de 29 de Junho de 1850. 386

CAPITULO 17.

Ultimos successos do anno de 1860, occorridos nesta Villa... 389
Affirma-se, que o clima desta Villa é muito saudavel; e prova se esta asserção com um exemplo de longevidade 390
Do Reverendo Gualter da Piedade Queiroz ... 390
Relata-se minuciosamente a grande, e memoravel cheia do dia 28 de Dezembro, que fechou o anno na ordem dos accontecimentos 391

CAPITULO 18.º

O dia 1.º de Janeiro de 1861 em Villa Nova de Gaya 401
Descreve-se a solemnidade, com que se fez o acto da trasladação do Santissimo Sacramento — vindo da Capella de S. Roque para a Igreja de Santa Marinha 401

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 12 04 23 13 007 0